Serralves e o Vale do Ave
Contributos para um Roteiro de Paisagem

Maria Inês Veludo Peinado Ferreira Pinto
Mestrado em Arquitetura Paisagista
Departamento de Geociências e Ordenamento do Território

Orientador
Teresa Portela Marques, Arquiteta Paisagista, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

Coorientador
Pedro Nogueira, Arquiteto Paisagista, Fundação de Serralves

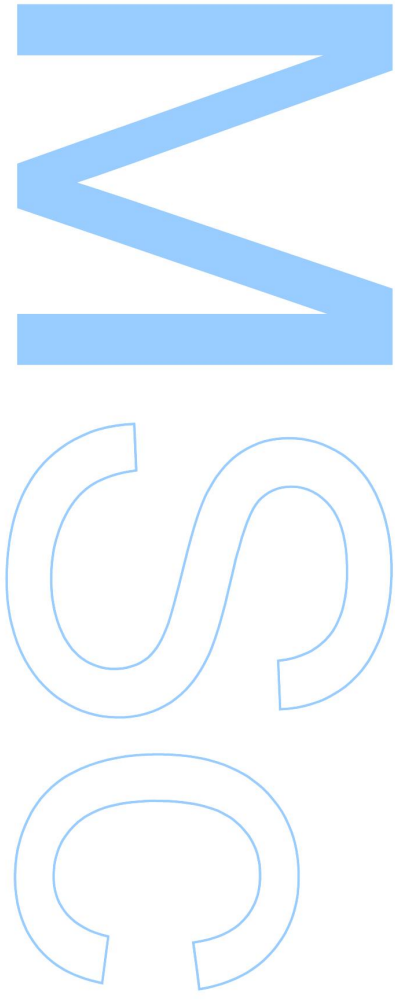
U.PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Todas as correções determinadas pelo júri, e só essas, foram efetuadas.

O Presidente do Júri,

Porto, _____/_____/_____



Agradecimentos

Em primeiro lugar, deixo um agradecimento à Profesora Teresa Marques, pelos comentários sinceros e pelo apoio e disponibilidade. Em segundo, agradeço ao arquiteto Pedro Nogueira, pelo acompanhamento e pela companhia ao longo dos seis meses de estágio, assim como pela sinceridade e pelo auxilio no desenvolvimento do trabalho.

Aos que me atenderam no Arquivo Municipal do Porto, na Biblioteca Municipal do Porto, na Mapoteca e Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e nos locais que tive a oportunidade de visitar um obrigada pela ajuda e pela disponibilidade ao longo do processo de pesquisa.

Aos meus pais, deixo um agradecimento muito especial por me terem dado a oportunidade de concluir os estudos até ao grau de Mestre, apoiando as minhas decisões e exigindo sempre dedicação e gosto pelo que fizesse. À minha irmã Mariana, um muito obrigada pelo carinho e apoio incondicional, sem o qual não conseguiria progredir na minha vida.

Aos meus amigos e colegas de curso, um muito obrigada pelos bons momentos e pelas conversas que nos fizeram crescer nesta preparação de cinco anos para uma vida diferente, mas não menos boa e com novos bons momentos e novas conversas.

Um obrigada muito querido ao Pedro Fernandes, companheiro inseparável que me apoiou e ajudou incondicionalmente, sempre com um grande sorriso.

"Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser. Que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver".

Amyr Klink (1955; pensador brasileiro)

Resumo e palavras-chave

Serralves é um ícone da cidade do Porto e uma atracão turística de elevado valor patrimonial, classificada como Monumento Nacional. O Museu de Arte Contemporânea, a Casa e o Parque fazem com que este espaço mantenha uma oferta cultural constante e variada, servindo diversos tipos de pessoas.

A área que hoje compõe a Fundação foi uma importante quinta de recreio da cidade, tendo sido casa de dois importantes industriais: Carlos Alberto Cabral e Delfim Ferreira. Cada uma com o seu percurso, estas duas figuras fizeram parte de famílias pioneiras na industrialização do Vale do Ave, dominando o mercado da industria têxtil entre meados do século XIX e século XX. Em 1845, é fundada a Fábrica de Fiação do Rio Vizela, em Negrelos, por um grupo de investidores do Porto, entre os quais António José Cabral, avô de Carlos Alberto Cabral. Esta fábrica marca o inicio da revolução industrial desta região. Em 1905, cinquenta anos depois, Narciso Ferreira, pai de Delfim Ferreira, funda a Empresa Têxtil Elétrica, em Caniços, a primeira fábrica movida a energia elétrica do país.

O objetivo a atingir neste trabalho foi a elaboração de um Roteiro de Paisagem, com base na temática Serralves e o Vale do Ave. Este roteiro assenta numa base de pesquisa do património destas duas famílias, tanto habitacional como empresarial. Deste património, foram seleccionados alguns pontos de interesse a visitar e que servem como pontos de ligação num passeio pelo Vale do Ave. Durante este passeio, pretende-se que a paisagem conte a história da industrialização deste Vale, tão marcante para as suas gentes e tão importante para a cidade do Porto.

Palavras-chave: Serralves; Porto; Vale do Rio Ave; Indústria têxtil; Património; Roteiro; Paisagem.

Abstract and keywords

Serralves is an icon of the city of Porto and a tourist attraction of high heritage value, classified as a National Monument. The Museum of Contemporary Art, the House and the Park allows this space to keep a constant and varied cultural offer, serving various types of people.

The area that today composes the Foundation was an important recreational farm in this city, having been home to two important industrials: Carlos Alberto Cabral and Delfim Ferreira. Each with their own route, these two figures were part of pioneering families in the industrialization of the River Ave's Valley, dominating the market of the textile industry between the mid-19th century and the mid-20th century. In 1845, it was founded the Fábrica de Fiação do Rio Vizela, in Negrelos, by a group of investors from Porto, including António José Cabral, Carlos Alberto Cabral's grandfather. This factory marks the beginning of the industrial revolution in this region. In 1905, fifty years later, Narciso Ferreira, father of Delfim Ferreira, founded the Empresa Têxtil Elétrica, the first electric-powered factory in the country.

The objective to be achieved in this work was the preparation of a Landscape Roadmap, based on the theme Serralves and the River Ave's Valley. This route is supported on a research based on the heritage of these two families. From this heritage, were selected a few points of interest to visit and that served as points of connection in a walk in the River Ave's Valley. During this tour, it is intended that the landscape tells the story of the industrialization of this Valley, so significant for its people and so important to the city of Porto.

Keywords: Serralves; Porto; River Ave's Valley; Textile industry; Heritage; Roadmap; Landscape.

Lista de quadros

Metodologia de Trabalho....4
Património Habitacional da família Cabral....17-18
Património Empresarial da família Cabral....18-19
Património Habitacional da família Ferreira....19-22
Património Empresarial da família Ferreira....22-25
Equipamentos sociais da responsabilidade da família Ferreira 25
Critérios de seleção dos pontos de interesse....28

Lista de figuras

Carlos Alberto Cabral.....8
Narciso Ferreira e a mulher com os 3 primeiros filhos.....9
Delfim Ferreira e a mulher.....9
Mapa das áreas de estudo: Porto e Vale do Ave.....11
Visualização 1: Recepção da Fábrica do Rio Vizela.....31
Visualização 2: Traseiras da Fábrica Sampaio, Ferreira & Lda – deck de observação do rio Ave.....32
Visualização 3: Entrada da Empresa Têxtil Elétrica.....32

Índice

1. Introdução

1.1. Temática | Objectivos....1-3

1.2. Metodologia de trabalho....3-4

1.3. Estrutura....4-5

2. Serralves e seus proprietários | Porto e Vale do Ave

2.1. Serralves – o Elo de ligação....7-8

2.2. Carlos Alberto Cabral | Delfim Ferreira....8-10

2.3. Áreas de estudo – Porto | Vale do Ave....10-15

2.4. Património da Família Cabral

2.4.1. Património Habitacional....16-18

2.4.2. Património Empresarial....18-19

2.5. Património da Família Ferreira

2.5.1. Património Habitacional....19-22

2.5.2. Património Empresarial....22-25

2.5.3. Equipamentos sociais....25

3. Proposta de um Roteiro de Paisagem....27-33

4. Conclusões e Recomendações....35

5. Referências Bibliográficas | Bibliografia | Fontes das imagens....37-52

Índice de Anexos

Anexo 1.....xv-xxv
Serralves

Anexo 2.....xxvii-xxx
Famílias Cabral e Ferreira

Anexo 3.....xxxiii-xxxviii
Vale do Ave

Anexo 4.....xli-xcv
Património da Família Cabral – Porto | Vale do Ave | Fora do Vale do Ave

Anexo 5.....xcvi-ccv
Património Família Ferreira – Porto | Vale do Ave | Fora do Vale do Ave

Anexo 6.....ccvii-ccviii
Famílias Cabral e Ferreira e o seu património industrial - Cronologia

Anexo 7.....ccix-ccx
Proposta

Anexo 8.....ccxi-ccxxiii
Biografias

Anexo 9.....ccxxi-ccxxiii
Eventos participados

1. Introdução

1.1. Temática e Objetivos

A Fundação de Serralves foi o local onde se proporcionou o desenvolvimento do estágio curricular de remate do mestrado em Arquitetura Paisagista, com o tema *Serralves e o Vale do Ave – Contributos para um Roteiro de Paisagem*. Esta instituição é atualmente um local de passagem obrigatória na cidade do Porto, pela sua importância patrimonial e oferta cultural, com o Museu de Arte Contemporânea, a Casa e o Parque. Neste sentido, tratou-se de um local privilegiado para a conclusão do percurso académico.

O tema deste trabalho de estágio, *Serralves e o Vale do Ave – Contributos para um Roteiro de Paisagem*, tem Serralves como "ponto de partida", não só pela sua relevância como pela importância das famílias Cabral e Ferreira, ambas ligadas a esta importante quinta de recreio. Assim, o estágio iniciou-se com um estudo sobre Serralves e as pessoas que aí viveram, seguido de um estudo sobre as suas relações com o Vale do Ave – paisagem onde a família Cabral, do Porto, instala os seus negócios e de onde era originária a família Ferreira, de Riba de Ave, que após erguer as suas primeiras fábricas monta escritórios no Porto. Percebeu-se então que a relação Porto / Vale do Ave assentava na industrialização deste vale entre meados do século XIX e meados do século XX por estas duas famílias. Destas indústrias foram feitas fortunas que permitiram a construção de quintas no Porto e no Ave e edifícios de escritórios muito interessantes. Encontrar este património foi um dos grandes objectivos deste trabalho, para a partir daí poder traçar um Roteiro de Paisagem, ou seja, utilizando o património encontrado criar um percurso desde a paisagem urbana do Porto até à região do Vale do Ave, uma paisagem que apesar de urbanizada nos centros urbanos, conserva uma beleza natural.

O vale do Ave constitui um território ocupado desde épocas pré-romanas, testemunho de uma duradoura e persistente relação do Homem com o meio. As características morfológicas desta região – rica em água, de solos férteis e que oferece bons locais estratégicos para a consolidação de povoados – permitiu à população o estabelecimento das suas casas e de fontes de rendimento.[1]

O rio Ave e os seus afluentes foram os grandes promotores do processo de industrialização deste vale, pois era já no final do século XIX um rio muito ocupado, pela necessidade de aproveitamento das suas águas por pequenos açudes e moinhos. Também nesta região já se fiava tradicionalmente o linho, pelo que as suas gentes tinham os conhecimentos necessários à adaptação a uma indústria têxtil que viria a dominar o Vale do Ave.

É numa paisagem rural e bucólica que as primeiras indústrias que se descentralizam do Porto para o Vale do Ave se vão instalar, sobrepondo-se à beleza deste lugar. Este facto relaciona-se com um espírito romântico de adoração da natureza e por um desejo de transformação da paisagem natural numa paisagem

humanizada e dominada pela tecnologia. “Estando a caçar naquele lugar dois dos futuros sócios da fábrica, um francês, Eugene Cauchoix e outro do Porto, António José Cabral ficaram eles encantados, pela beleza do lugar e com as condições naturais que oferecia. Este enamoramento pelo lugar, conjugado com as potencialidades do rio Vizela, outrora servido por inúmeras azenhas que percorriam as suas margens, levaram a que estes homens ponderassem o facto de aí estabelecer uma fábrica têxtil”.[2] Pode-se concluir, assim, que a passagem da indústria do Porto para o Vale do Ave, para além de pretender aproveitar os recursos naturais e a sabedoria da população em relação à fiação, foi também atraída pela beleza natural do Vale do Ave, comparativamente ao carácter cosmopolita do Porto.

As origens do turismo remontam à Grécia Antiga, mas é no século XVIII que as viagens culturais assumem importância, com a instituição da *Grand Tour,* uma viagem pela Europa feita pela aristocracia, maioritariamente francesa e inglesa, pelos grandes locais históricos, artísticos e naturais com propósitos educacionais. Por conseguinte, o património cultural é considerado um dos mais antigos elementos geradores de turismo, constituindo uma motivação para viajar.[3] Um roteiro é definido como uma descrição pormenorizada de uma viagem ou um itinerário. Como recurso turístico, pode ser considerado como uma estratégia que permite a compactação de recursos, pois oferece aos visitantes a possibilidade de aquisição de conhecimentos concentrados num determinado período de tempo através de um percurso e à entidade promotora uma gestão mais regrada ao disponibilizar os seus recursos em dias específicos, concentrando as pessoas interessadas em participar. “O recurso deve transformar-se em produto e é para isso que serve a elaboração de roteiros, para sistematizar um bem cultural”.[4] Neste caso particular, de *Serralves e o Vale do Ave*, sistematizar o património das Famílias Cabral e Ferreira num Roteiro pode ser uma nova forma de interacção do público com Serralves a incluir no plano de atividades da Fundação.

Assim, o objetivo a atingir no final do trabalho foi o de um Roteiro de Paisagem. Serralves foi o ponto de partida concetual para a realização de todo o trabalho, mas também o ponto de partida físico sugerido para o início do Roteiro. Este trabalho faz parte dos planos da Fundação de Serralves, que planeia a elaboração de um roteiro que relacione a instituição com a paisagem e a biodiversidade.

O Roteiro é uma estratégia para transmitir a história das duas famílias de industriais que passaram por Serralves, pois a Casa e o Parque não ilustram verdadeiramente a ambiente familiar que em tempos ali se viveu, nem a forma como a indústria se reflectiu nos espaços recreativos. Participando num Roteiro, real ou virtual, que permita conhecer as grandes fábricas erguidas por estas famílias (pioneiras a nível nacional) e as suas casas e jardins, o conhecimento e a percepção que se pode ganhar sobre estas pessoas é mais claro e profundo. Serão actividades fundamentais para quem quer ficar a conhecer um pouco mais sobre este importante monumento nacional.

Após uma revisão bibliográfica sobre Serralves, a sua história e evolução, e das famílias Cabral e Ferreira, identificaram-se os seguintes objectivos:

- Estudar a importância das famílias Cabral e Ferreira no desenvolvimento da indústria no Vale do Ave;
- Analisar a relação entre a cidade do Porto e o Vale do Ave, em relação às transformações causadas pela industrialização deste vale, a partir de meados do século XIX;
- Identificar o património destas famílias e descrever a sua história, evolução e principais características;
- Elaborar tabelas informativas para os locais com maior interesse paisagístico;
- Criar critérios para a escolha dos pontos a incluir num Roteiro, seleccionando-os posteriormente;
- Propor um Roteiro de Paisagem que inclua os pontos com maior interesse do ponto de vista da sua história, da sua qualidade estética e da sua inserção na paisagem.

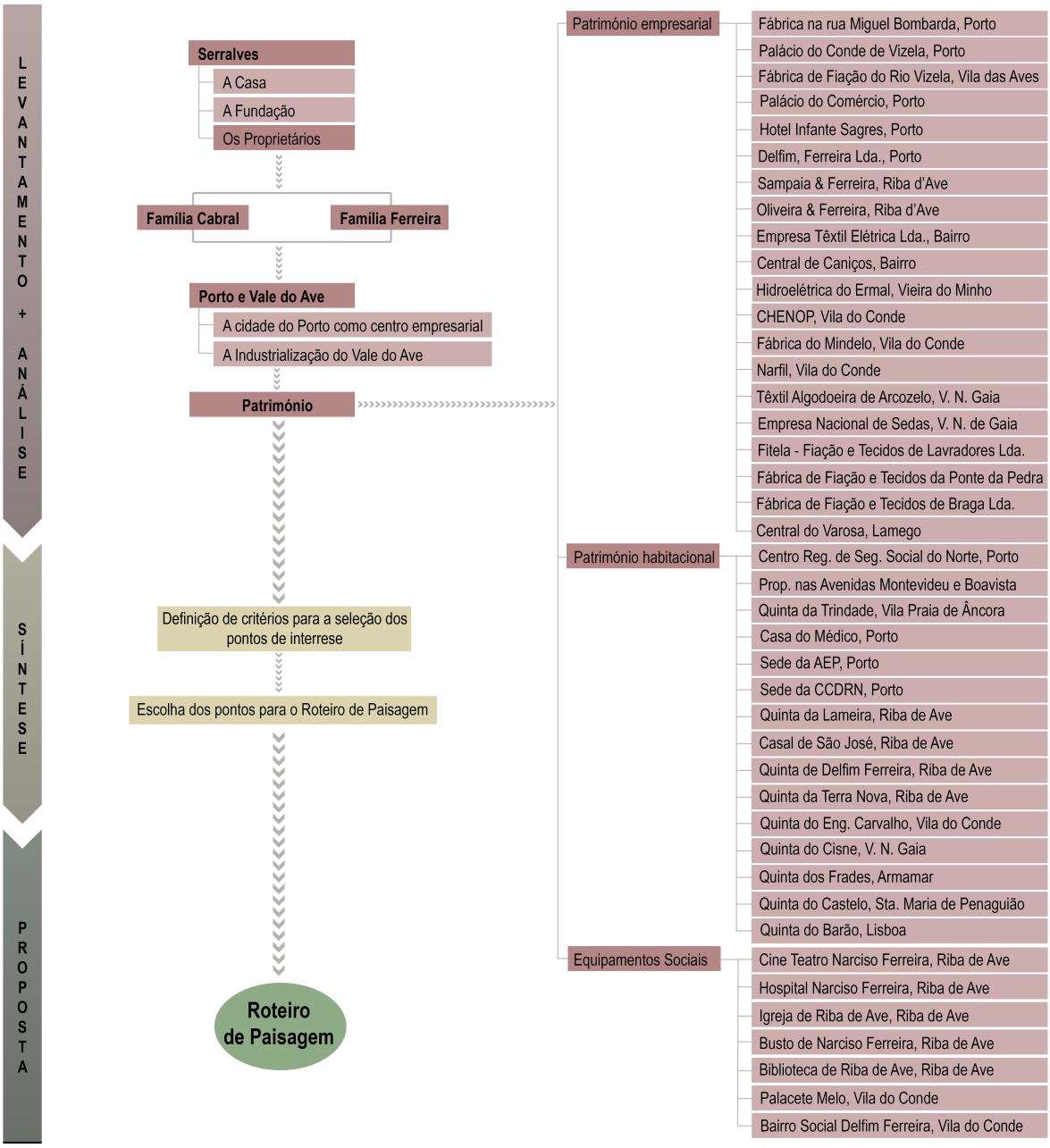
Durante o período de pesquisa surgiram algumas dificuldades, como a informação encontrar-se dispersa e, por vezes, difícil de encontrar. Para além disso, verificou-se uma discrepância de informação disponível para os diferentes locais inventariados. Durante a fase de visita aos locais, algumas quintas não abriram as suas portas, o que não permitiu a recolha de mais informação e a recolha fotográfica.

1.2. Metodologia de trabalho

A metodologia de trabalho assentou em três fases – Levantamento e Análise, Síntese e Proposta. Depois de estudar Serralves, a análise concentrou-se nas famílias Cabral e Ferreira desde a cidade do Porto até ao Vale do Ave, fazendo o levantamento do património a elas associado, paralelamente ao estudo do Vale do Ave em si mesmo e da sua relação com a indústria têxtil. Este estudo foi feito através de consultas bibliográficas, de visitas ao Arquivo Municipal do Porto e com visitas aos locais. Como resultado, foi possível inventariar o património destas famílias no Porto e Vale do Ave.

O contexto paisagístico a que os pontos de interesse estão associados é fundamental já que o roteiro pretendido é um Roteiro de Paisagem. Assim, as visitas e as recolhas fotográficas foram muito importantes para a compreensão desse contexto.

A última fase, Proposta, consistiu na elaboração de um Roteiro, desde a Fundação de Serralves - património de valor excecional, retrato de uma época e ponto comum às duas famílias em estudo - até ao Vale do Ave. Nesta fase, também se refletiu sobre algumas formas de adaptação das ruínas e memórias da indústria no Vale do Ave em novos espaços dinâmicos e que possam ser usufruídos, mas que permitam relembrar os tempos passados. Estes novos usos são, simultaneamente, uma forma de envolvimento das gerações atuais e uma preservação ativa das memórias das gerações contemporâneas do auge da industria têxtil no Vale do Ave. Pretendem-se adaptar espaços que possam divulgar o Turismo Industrial que esta região pode potenciar.



1.3. Estrutura

A estruturação deste resultado final, orienta-se pela metodologia do trabalho adoptada. A apresentação da fase de Levantamento e Análise inicia-se com Serralves e com Carlos Alberto Cabral e Delfim Ferreira. Para as áreas de estudo – Porto e Vale do Ave - faz-se uma referência às suas principais características e à sua

relação com a indústria. Na última parte deste capítulo, é apresentado o Património das duas famílias em estudo.

A fase de Síntese, incluída no capítulo 3 da Proposta, é composta pelos critérios de seleção dos pontos que compõem o Roteiro e pela escolha desses pontos. O Roteiro de Paisagem (proposta) contém uma componente escrita e ilustrada graficamente, por um mapa esquemático do percurso e três visualizações.

O capítulo 4 contém os comentários finais e uma reflexão crítica sobre o trabalho desenvolvido e, também, sobre a aprendizagem ao longo deste período. A Bibliografia está enumerada no capítulo 5.

Os Anexos incluem textos complementares e imagens importantes para compreender a informação tratada, assim como informação sobre os eventos participados ao longo do período de estágio. Para além disso, foi elaborado um anexo onde se encontram breves biografias sobre alguns dos projectistas abordados ao longo do trabalho.

O FotoDiário trata-se de um pequeno livro independente, onde se pretende fazer um relato gráfico da experiência em Serralves ao longo do meio ano de estágio.

2. Serralves e seus proprietários | Porto e Vale do Ave

2.1. Serralves – o elo de ligação

Conhecida como Quinta de Lordelo, este espaço era já referenciado na Carta Topográfica do Porto de Telles Ferreira (1892). Propriedade da família Cabral, possuía uma típica casa burguesa oitocentista, com o seu jardim romântico adjacente prolongado até ao lago a meia encosta.

Carlos Alberto Cabral herda a Quinta de Lordelo, em 1923, e dá inicio a um processo de compra e permuta que conduz ao seu alargamento até aos 18 hectares que a compõem atualmente, num processo de construção que se desenrola até à Primavera de 1941. O arquiteto portuense José Marques da Silva (consultar **Anexo 8** - Biografias) vai sintetizando os vários contributos e visões e acompanha tanto o projeto como a obra. [5]

As plantas de Jacques Gréber (consultar **Anexo 8** - Biografias) para a Quinta de Serralves datam de 1932 e prevêem uma valorização da quinta de recreio como um todo, através da adoção de conceitos de grande atualidade já aplicados nos seus trabalhos pela Europa e América do Norte, internacionalizando este espaço até ao presente.

Ao longo do grande eixo com 500 metros de comprimento e um desnível de 35 metros, que parte da Casa até ao Mata-Sete, vai-se sucedendo um conjunto de espaços com características formais e ecológicas distintas e é procurada a sua integração como um todo, desde o formalismo dos jardins envolventes à Casa aos terrenos de semeadura do Mata-Sete.

Serralves enquanto espaço de habitação, fruição e recreio foi criado longe do território de investimento e produção que gerou o capital para a sua construção – a Fábrica do Rio Vizela, em Vila das Aves.

Num cenário de pós-guerra e de inadaptação ao progresso industrial, Carlos Alberto Cabral é forçado a vender a sua propriedade, em 1953, a Delfim Ferreira, igualmente industrial do Norte de Portugal.

Em 1987, a propriedade é comprada aos seus herdeiros pelo Estado Português, com o objetivo de aí instalar o atual Museu de Arte Contemporânea. A Fundação de Serralves é uma instituição cultural de âmbito europeu ao serviço da comunidade nacional, com a missão de sensibilizar o público para a arte contemporânea e o ambiente, *através do Museu de Arte Contemporânea como centro pluridisciplinar, do Parque como património natural vocacionado para a educação e a animação ambientais e do Auditório como centro de reflexão e debate sobre a sociedade contemporânea*.[6] Consultar **Anexo 1** para mais informações sobre o Parque, a Casa, o Museu e a Fundação e para fotografias histórias.

Com a compra por Delfim Ferreira, este espaço passa a ser um ponto de encontro destas duas famílias importantes a nível nacional. Carlos Alberto foi o responsável pela sua construção e Delfim Ferreira pela sua

manutenção até à compra pelo Estado. No entanto, Serralves não é o único ponto comum entre Carlos Alberto e Delfim Ferreira, pois ambos partilhavam uma vida preenchida pela indústria do inicio do século XX.

2.2. Carlos Alberto Cabral | Delfim Ferreira

Tanto Carlos Alberto Cabral como Delfim Ferreira foram dois dos maiores industriais do norte de Portugal, durante a primeira metade do século XX, tendo herdado um património muito rico dos seus antecessores e possuindo uma visão moderna e além fronteiras.

A viver desde o inicio do século XIX no centro do Porto, a família Cabral desenvolveu uma fortuna considerável a partir de dinheiro vindo do Brasil e investido na indústria têxtil, a partir do ajuste matrimonial entre Diogo José Cabral Jr. e Raquel dos Reis (pais de Carlos Alberto Cabral), neta de João José dos Reis, I Conde de São Salvador de Matosinhos.

Serralves entra para a família Cabral por ajuste matrimonial de Diogo José Cabral, avô de Carlos Alberto Cabral com Maria Emília Magalhães. O filho de ambos, Diogo José Cabral Jr., é elevado a Conde de Vizela, em 1900, pelo Rei D. Carlos devido ao empenhamento demonstrado no desenvolvimento da Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela.



Após a morte do seu pai, em 1923, **Carlos Alberto Cabral**, 2º Conde de Vizela encarrega-se dos comandos da indústria da família e herda a propriedade de Serralves. Assim, o 2º Conde de Vizela inicia a construção da sua quinta de recreio, onde irá viver com a mulher, Blanche Daubin, desde do inicio da década de 1940 até 1953, ano da venda da propriedade a Delfim Ferreira. Carlos Alberto fazia parte da elite industrial pós Primeira Grande Guerra e aderiu às correntes artísticas que dominavam os anos 20 e 40 do século XX. Em 1925, visita a Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas em Paris, onde conhece, entre outros, Charles Siclis; Jacques Émile Ruhlmann; e Jacques Gréber (consultar **Anexo 8** - Biografias). "Carlos Alberto Cabral, Conde de Vizela, teria herdado compromisso e destino, como acontece com todos nós; no entanto, a eles associaria responsabilidade e uma preocupação outra: a beleza como companheira inseparável...".[7]

Narciso Ferreira, pai de Delfim Ferreira, nasceu em Pedome, freguesia de Famalicão. Casa-se, em 1882, com D. Rosa de Oliveira e após o seu casamento passa a viver no lugar da Casa Nova. Instalou na casa onde vivia dois teares, que entretanto se multiplicaram, cuja produção vendia em feiras e mercados no Norte do País.



Por volta de 1887, adquire um terreno na margem do Rio Ave, onde instala a primeira unidade fabril em 1890 com quarenta teares. Em 1896, constitui uma sociedade comercial denominada Sampaio, Ferreira & Lda (em Riba de Ave) com duzentos teares movidos por um açude construído no rio. Funda, em 1905, a Empresa Têxtil Eléctrica sendo a primeira fábrica no país que se movimenta a energia eléctrica, produzida por uma central hidráulica, no aproveitamento duma queda no Ave. Em 1909, Narciso Ferreira participa na fundação da empresa Oliveira, Ferreira & Lda, uma fábrica de fiação e tecelagem, destinada à manufactura exclusiva de telas cruas para estamparia e flanelas. Para além do seu lado empreendedor, Narciso Ferreira contribuiu para a formação da sua cidade, sendo responsável por diversas construções como o Posto da Guarda, a Escola Primária (1915) e o Hospital (1919). [8]



Delfim Ferreira, terceiro filho de Narciso Ferreira, estudou na Alemanha, na Escola de Reichemberg, com largas tradições num país de intensa e progressiva industrialização, completando o curso de Dirigente e Técnico Industrial. Foi casado com D. Sílvia Gomes Ferreira, com quem teve quatro filhos. [9]

Tal como o anterior proprietário de Serralves, herda e consolida o império têxtil que o seu pai Narciso Ferreira havia iniciado, sendo responsável pela expansão do património herdado, ampliando o ramo de atividades e de investimentos, nomeadamente aos sectores da construção civil e da exploração hidroeléctrica, o que lhe permitiu ultrapassar os constrangimentos de uma indústria em crise.

Com 23 anos e assistido pelo seu pai e irmãos José, Alfredo, Joaquim e Raúl, comparticipa na fundação e administração da firma Oliveira, Ferreira & Lda. Em 1922, vai viver para o Porto, onde lança os seus primeiros empreendimentos. A Delfim Ferreira se deve também a fundação das Fábricas de Fiação e Tecidos de Algodão, em Vila do Conde, e a Empresa Nacional de Sedas, em Vila Nova de Gaia.

Em 1933, colaborou na criação e desenvolvimento da Companhia Hidroeléctrica do Varosa, fixada na Hidroeléctrica do Ermal, em Vieira do Minho (onde se construiu a primeira barragem técnica do país). Colabora ainda na criação da Central Térmica de Apoio e Reserva dos Caniços (1928) que possibilitou o fornecimento de energia a 21 concelhos entre Lamego, Vila Real, Guimarães e Porto, e da Hidroelétrica do Ermal, vindo depois a fundir esta última com a Companhia Hidroelétrica do Varosa para a criação da CHENOP - Companhia Hidroeléctrica do Norte de Portugal, nacionalizada e integrada na EDP em 1975. Enquanto administrador da CHENOP, entre 1943 e 1960, esta empresa aumentou a distribuição de energia de 47,4 GWh para 243,4 GWh. [10]

Detentor da maior fortuna do País na década de 1950, foi um visionário que pretendera construir um

megacentro comercial no Porto na década de 1940, quando a palavra *shopping* ainda não fazia parte do léxico comum dos portugueses.

O Governo da Nação concedeu-lhe as comendas da Ordem de Cristo e Mérito Industrial e a Grã-cruz da mesma Ordem, sendo que o município de Vila do Conde também o agraciou com a Medalha de Ouro Municipal, elegendo-o primeiro cidadão honorário. [11]

Consultar **Anexo 2** para Genealogia das duas famílias e mais informações sobre os irmãos de Delfim Ferreira.

2.3. Áreas de estudo – Porto | Vale do Ave

"O fato de Carlos Alberto Cabral ter gerado a sua fortuna na indústria têxtil do Vale do Ave e aplicado as mais-valias no Porto fez com que os efeitos urbanos colaterais da sua atividade não se tenham sentido apenas em Serralves ou noutro lugar do Porto mas sim, também, no Vale do Ave. A casa de Serralves só existe impecável e impoluta porque os milhares de operários das fábricas de Carlos Alberto Cabral construíram as suas habitações num território difuso e distante. Essas construções assentaram numa estrutura agrícola cuja morfologia original não correspondia à pressão da indústria e da habitação operária. Ao luxo de Serralves correspondia um regime precário de exploração agrícola individual de complemento dos baixos rendimentos salariais. Esses desfasamentos entre produção e investimento, típico das sociedades capitalistas, permite-nos olhar para Serralves como se fosse uma mancha imaculada na cidade. A cidade espúria e desqualificada está longe".[12]

A área de estudo dividiu-se, essencialmente, entre o Porto e o Vale do Ave, já que foram os pólos onde viveram e trabalharam as famílias analisadas. Também se encontraram alguns locais de interesse fora do Vale do Ave, nomeadamente em Vila Praia de Âncora e no Douro, com interesse para o levantamento do património destas famílias apesar de não utilizáveis para o Roteiro, pela temática do mesmo.

No Porto, estudou-se a área do Castelo do Queijo até à Fundação de Serralves; da Rua Miguel Bombarda até á Torre dos Clérigos e Arca de Água, visto que estes foram os locais onde se ergueu o património das famílias em estudo.

No Vale do Ave, a análise recaiu principalmente nos concelhos de Famalicão (freguesias de Vila das Aves e Riba de Ave) e Vila do Conde (freguesia de Vila do Conde), pois foi nestes espaços que as duas famílias concentraram as suas habitações e empresas. A área considerada como Vale do Ave abrange os concelhos de Vila do Conde, Trofa, Santo Tirso, Vila Nova de Famalicão, Vizela, Guimarães, Póvoa de Lanhoso, Fafe e Vieira do Minho.

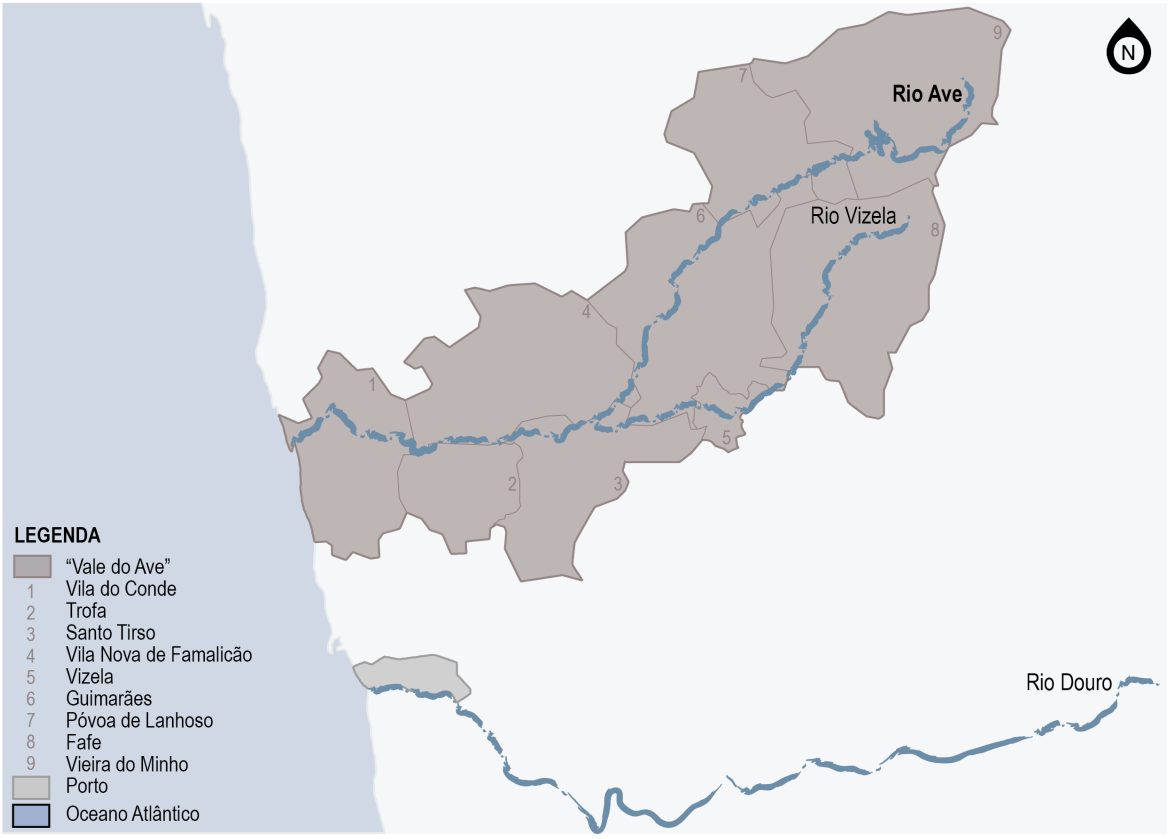


Figura 4 – Mapa das áreas de estudo: Porto e Vale do Ave (mapa sem escala). Fonte: a autora.

O **Porto** é um importante centro comercial e marítimo desde tempos remotos, pela sua localização privilegiada junto à foz do Rio Douro, representando um papel importante na circulação comercial, mantendo uma relação próxima com os centros industriais europeus.[13]

Acompanhando de forma tardia a Revolução Industrial Inglesa, em meados do século XIX, os industriais portuenses desenvolveram a consciência de que o algodão em rama ganhava cada vez mais importância nos mercados internacionais. Assim, "nos interstícios urbanos, começa a surgir uma proto-indústria mais complexa. (...) A cidade dobrava de dimensão em área e população activa. Este primeiro esforço de industrialização reflete-se num crescimento significativo da indústria e, consequentemente, na disseminação territorial das atividades industriais, alterando profundamente a morfologia da paisagem urbana portuense".[14]

A expansão industrial começa a ocupar a periferia da cidade, na procura de condições mais favoráveis à instalação das unidades industriais, modificando, por consequência, a estrutura social e económica da cidade. Entre outros setores, a industria têxtil destacou-se nesta revolução industrial portuense. Na viragem do século XVIII, existia um elevado número de oficinas de tecelagem no Porto, criando uma base para o que viria a ser o principal setor têxtil da região – o têxtil algodoeiro.

"Até à vitória definitiva do liberalismo, em 1834, eram poucas as inovações tecnológicas introduzidas na estrutura industrial da cidade do Porto (...)". [15] Depois desta data, num clima de pacificação política e de investimento em obras públicas, a indústria ganha uma nova força e multiplicam-se as unidades fabris.

"Até à vitória definitiva do liberalismo, em 1834, eram poucas as inovações tecnológicas introduzidas na estrutura industrial da cidade do Porto (...)". [15] Depois desta data, num clima de pacificação política e de investimento em obras públicas, a indústria ganha uma nova força e multiplicam-se as unidades fabris.
A produção e comércio têxtil dinamiza-se, principalmente a tecelagem de tecidos mistos (algodão e linho) e de algodão. Com este aumento significativo das unidades de tecelagem, começa a sentir-se a falta de fio e um aumento de matéria-prima, o que aumentava a dependência de mercados externos, principalmente de Inglaterra.
É neste ambiente propício que um grupo de investidores na sua maioria portuenses – entre os quais António José Cabral – decidem formar uma sociedade com o objetivo de produzir o fio de algodão, movida a energia hidráulica no Vale do Ave – a Fábrica de Fiação do Rio Vizela, fundada em 1845. Esta fábrica pode ser considerada como o símbolo da "penetração da organização empresarial capitalista no Vale do Ave, que inundou o mercado com o seu fio". [16] Tinha como metas produzir fio de algodão de várias qualidades capaz de concorrer com o fio importado e que respondesse à procura no mercado nacional, com uma produção suficiente para responder às necessidades da indústria de tecelagem da cidade do Porto e da Região Norte.
Este momento foi marcante na industrialização do Vale do Ave, que viria a modificar completamente a paisagem rural que anteriormente caracterizava esta região.

O **Vale do Ave** abrange 9 municípios: Fafe, Guimarães, Póvoa de Lanhoso, Santo Tirso, Trofa, Vieira do Minho, Vila Nova de Famalicão, Vizela e Vila do Conde. O Rio Ave nasce na Serra da Cabreira e percorre cerda de 100 km até desaguar em Vila do Conde. É uma região com uma forte influência atlântica, resultando num clima de temperaturas amenas, com pequenas amplitudes térmicas e forte pluviosidade. Assim, é caracterizada por invernos frescos, verões temperados e elevada precipitação. [17] Consultar **Anexo 3** para mais informações sobre o Vale do Ave.
O Rio Vizela, na margem esquerda, e o Rio Este, na margem direita, são os principais tributários do Rio Ave. As áreas drenadas por estes dois rios apresentam sistemas paisagísticos contrastantes. O Rio Vizela, que começa o seu percurso aos 700 metros de altitude, é caracterizado por quedas de água e rápidos, assim como pela implantação de diversas unidades industriais nas suas margens, utilizando a força motriz da sua água. O Rio Este, com uma nascente aos 300 metros de altitude na Serra do Carvalho, apresenta um caudal mais lento, tendo por isso uma ocupação agrícola nas suas margens.
O Vale do Ave divide-se em três grandes sub-regiões: o Alto Ave, o Médio Ave e o Baixo Ave. "Pode considerar-se que o Alto Ave integra os concelhos de Vieira do Minho, Póvoa de Lanhoso e Fafe; o Médio Ave os concelhos de Santo Tirso, Vila Nova de Famalicão e Guimarães; e o Baixo Ave o concelho de Vila do Conde. Com os municípios de Trofa e Vizela a serem criados em 1998, a partir das freguesias de Santo Tirso e Guimarães, respectivamente". [18]

No Alto Ave, caracterizado por zonas de montanha com picos de monte cobertos por vegetação rasteira, é onde se encontram os mais sofisticados sistemas de produção de energia, desde os sistemas de levadas e moinhos tradicionais até às barragens e centrais hidroelétricas. O Médio Ave é onde se encontra a maior concentração industrial, por possuir zonas planas nas margens dos rios, que permitia a instalação das unidades fabris e dos aproveitamentos hidráulicos. O Baixo Ave descreve-se como uma grande planície aluvial e com terrenos férteis, o que permite uma elevada rentabilidade agrícola.

"Estabelece-se assim um sistema composto por áreas portuárias e agrícolas, no Baixo Ave; unidades de produção industrial no Médio Ave e produção de energia elétrica no Alto Ave". [19]

O rio ave e os seus afluentes marcaram a implantação industrial, nos últimos séculos, devido às facilidades hídricas para produzir energia e abastecer com água os diferentes processos industriais. Na sua grande maioria, as fábricas vão localizar-se junto dos cursos de água, com o objetivo de aproveitarem a sua energia como força motriz. No entanto, dado que o Rio Ave e os seus afluentes têm um regime irregular, diminuindo muito de caudal durante o verão, todas elas dispunham de um motor de reserva, geralmente uma máquina a vapor.

Assim, a água foi um fator determinante na localização industrial no vale do Ave, verificando-se em alguns casos uma distribuição das unidades industriais ao longo das linhas de água.

A roda hidráulica começa a ser empregue a partir dos séculos XIV e XV, como motor de diversas instalações, adquirindo-se consciência da importância do aproveitamentos das força motriz resultante das quedas de água. Durante o século XVIII, aperfeiçoam-se as técnicas de produção e populariza-se ainda mais a utilização desta energia. As primeiras fábricas a instalarem-se no Vale do Ave recorreram a este tipo de produção de energia, tendo um papel pioneiro e inovador na industrialização da área.

Nos anos 50 do século XX, podiam-se classificar os aproveitamentos hidráulicos existentes em três grupos, de acordo com a sua natureza e função económica: os que se encontravam ligados à sobrevivência de uma economia tradicional (engenhos de linho e de serrar, lagares de azeite e rodas hidráulicas para rega), aqueles que sendo modernos conservavam características arcaicas (rodas hidráulicas proporcionando força motriz directa para o acionamento de fábricas e oficinas) e os que representavam as novas formas energéticas utilizadas pela indústria (centrais hidroelétricas).

A maior concentração de indústria têxtil encontra-se no médio Ave, na confluência do rio Vizela com o rio Ave, resultando num maior dinamismo na relação com os cursos de água aí existentes.

As actividades de fiação e tecelagem relacionam-se com a auto-suficiência da vida rural e surgem na região do Vale do Ave como complemento dos trabalhos agrícolas, essencialmente por parte das mulheres que aproveitavam o tempo livre do campo para transformar o linho ou a lã. A venda destes produtos era incentivada pela procura de fios e panos, desenvolvendo-se uma produção especializada, iniciando-se um circuito comerciante/intermediário, criando uma rede de produção assente em pequenas oficinas e no trabalho domiciliário.

A relação entre o Alto Ave e o Médio Ave, assim como a complementaridade das atividades da indústria e agricultura, foram-se adaptando às exigências e às diferentes fases de desenvolvimento industrial, marcando a paisagem de forma significativa. As atividades industriais e agrícolas estão intimamente relacionadas pela manutenção de economias de subsistência agrícola ligadas ao operariado industrial e pelo efeito aristocratizante da burguesia industrial (o investimento na agricultura é proporcional ao sucesso industrial). Este processo é o mesmo no caso dos jardins, já que os grandes industriais estão normalmente associados a uma grande casa.

A partir de 1870, começam a surgir infra-estruturas de acesso e atravessamento ferroviário, que aproximam a região do Vale do Ave da cidade do Porto, facilitando a importação de matéria-prima e o escoamento dos produtos acabados, o que conduz a um aumento das unidades industriais no Vale do Ave. Desta forma, a chegada do comboio veio reforçar a vocação industrial desta região.

A criação da Fábrica de Fiação do Rio Vizela foi o facto que alterou fortemente a atmosfera de trabalho deste vale. É durante o século XX que o quadro fabril do Vale do Ave se amplia, com a Empresa Têxtil Eléctrica, em Bairro (1905), e a Oliveira, Ferreira & Lda, em Riba de Ave (1909), ambas derivadas da Sampaio, Ferreira & Lda (1896), em Riba de Ave.

A introdução da hidroeletricidade é a grande inovação dessa altura, por adaptações de turbinas aos sistemas hidráulicos já existentes ou pela construção de centrais hidroeléctricas de raiz. A Empresa Têxtil Eléctrica foi a grande pioneira neste campo, tendo sido concebida desde o início para utilização da eletricidade, produzida a partir de uma pequena central instalada no Ave. Em 1909, Narciso Ferreira eletrificou as suas duas outras empresas de Riba de Ave - a Sampaio, Ferreira & Lda e a Oliveira, Ferreira & Lda - erguendo para isso a Central de Amieiro Galego, no rio Ave. Este mesmo grupo vai apostar na Central do Varosa (Lamego), transportando a energia para o Vale do Ave com central térmica de apoio em Caniços (Bairro), bem como criar a Hidroeléctrica do Ermal para, nos anos 40, procederem à fusão Varosa/Ermal, criando a CHENOP- Companhia Hidroeléctrica do Norte de Portugal.

Com o desenvolvimento da mecanização, a indústria no Vale do Ave vai evoluindo para uma mono especialização algodoeira, com tendência a seguir os cursos de água, só se desenvolvendo para os interiores campestres quando passou a dispor de outros recursos energéticos (motores a gás, o vapor e a eletricidade).

Com o final da 2ª Grande Guerra, verifica-se um clima favorável à reorganização industrial, sendo que a atitude governamental foi de criação de alguma modernização, permitindo a instalação de novas empresas, com máquinas novas, e ampliação de outras com o mesmo objetivo de modernização. Neste intervalo de tempo, a produção e a ocupação operária cresce e verifica-se uma sobre produção e uma dificuldade de escoamento interno, colocando em risco esta indústria. Verifica-se uma crise duradoura, em que muitas fábricas reduzem a sua produção e os seus dias de trabalho. Com a ampliação do mercado para o Ultramar e o estrangeiro, que em 1957 absorvia cerca de 20% da produção nacional, e a adesão de Portugal à EFTA

(*European Free Trade Association*), em 1958, dá-se um incentivo à modernização. Assim, na década de 50 algumas empresas do Vale do Ave acabam por se redimensionar, modernizar e diversificar.

Em 1998, foi criada a Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Ave, S.A. (ADRAVE) para funcionar como plataforma de cooperação entre os setores público e privado, a favor do desenvolvimento da NUT III - Ave. Está classificada como ADR, Agência de Desenvolvimento Regional. A ADRAVE tem como objeto promover a modernização de base económica, social e cultural do Vale do Ave, através da elaboração de estudos e do desenvolvimento de projetos, com um papel de agente dinamizador e incentivador de novas atividades na região.

O projeto "Rota do Património Industrial" do Vale do Ave está integrado numa série de operações, cujo principal fim é a proteção e a valorização do património cultural industrial desta região, de forma a garantir a sua persistência no tempo e uma possível fruição desses espaços. Este projeto tem enorme importância na disseminação de conhecimento e da memória coletiva de uma região com um passado industrial profundamente rico e marcante. A Rota Virtual do Património Industrial do Vale do Ave trata-se da recriação virtual deste espaço museológico e desafia a imaginação. Esta rota transmite aos visitantes toda a informação histórica, cultural e social necessária, bem como as características turísticas que no domínio do património industrial tornam o Vale do Ave uma região com um potencial de excelência turística crescente.

Atualmente, esta iniciativa não está a funcionar como medida dinamizadora de turismo industrial para a qual foi pensada, visto que não existem recursos para receber e informar os visitantes e não tem sido feita a devida dinamização. O projeto um *Roteiro de Paisagem – Serralves e o Vale do Ave* pode ser uma forma de dar uma nova vida a esta Rota, já que incluí pontos de visita comuns, servindo de divulgação desta medida.

Através de uma recolha por meios informáticos, consultas em bibliotecas, no Arquivo Municipal do Porto e no Instituto Marques da Silva, inventariou-se o património habitacional e industrial das famílias estudadas. O intervalo temporal foi definido entre a fundação da Fábrica de Fiação de Tecidos do Rio Vizela e a venda de Serralves a Delfim Ferreira, sendo referida também a unidade fabril que a família Cabral possuiu no Porto antes da fundação da Fábrica do Rio Vizela. Este intervalo não se alargou às gerações mais actuais, pela perda de contexto de uma época que se pretende retratar neste estudo: a industrialização do Vale do Ave a partir de meados do século XIX até meados do século XX. Nesta procura, houve uma atenção particular com a paisagem envolvente e com os acessos a estes espaços. Ao longo da pesquisa, percebeu-se que os industriais tiveram uma grande preocupação a nível social, pelo que esse património também foi incluído.

Na procura do património habitacional o grande objetivo foi de encontrar propriedades com jardins interessantes do ponto de vista da arquitetura paisagista, não esquecendo o valor arquitetónico do edificado,

tendo sido encontradas casas intervencionadas por arquitetos como Marques da Silva e Homero Ferreira Dias (consultar **Anexo 8** – Biografias). No Vale do Ave encontraram-se quintas interessantes, com jardins de Jacintho de Mattos (consultar **Anexo 8** – Biografias). Fora do Vale do Ave, existem algumas grandes quintas, que não foram visitadas, mas que serão referenciadas pelo seu interesse.

Tal como as propriedades de habitação e recreio, as unidades empresariais encontram-se espalhadas entre o Porto e o Vale do Ave. As empresas que se encontram no Porto estão estimadas e são ícones da arquitetura da cidade: Palácio do Conde de Vizela, Palácio do Comércio e Hotel Infante Sagres. No vale do Ave e fora do vale a grande maioria as unidades fabris encontram-se em estado de ruína ou pré-ruína. Sabe-se que algumas das fábricas tiveram jardins e espaços agrícolas, mas grande parte desses espaços não se conservaram até hoje.

Para o património com jardins ou espaços exteriores relevantes, que foi possível visitar, foram realizadas tabelas de levantamento versando esses espaços, de forma a perceber os seus conteúdos, as vistas a partir e para os espaços, a sua envolvente e o seu estado de preservação. Têm como objectivo rever e analisar a informação recolhida de forma esquemática. Estas tabelas podem ser consultadas no anexo respectivo do seguinte património: Fábrica de Fiação do Rio Vizela; Casa do Médico; Fundação AEP; Sede da CCDRN; Quinta da Lameira; Quinta de Delfim Ferreira; Quinta da Terra Nova; Sampaio, Ferreira & Lda e Empresa Têxtil Elétrica.

2.4. Património da Família Cabral

O património analisado é apresentado nas tabelas seguintes e foi dividido entre património habitacional e empresarial, no Porto, Vale do Ave e Fora do Vale do Ave.

2.4.1 Património Habitacional

Esta família portuense viveu entre a zona de Cedofeita e dos Clérigos, possuindo terrenos na Rua de Serralves. Após o investimento de Carlos Alberto Cabral, a quinta de Serralves tornou-se no destino de veraneio da família. Para além desta propriedade também possuíam uma propriedade na Avenida Montevideu e na fábrica de Fiação do Rio Vizela.

Centro Regional de Segurança Social do Norte (Porto)	Antigo palacete de Diogo José Cabral, Conde de Vizela, localizado na Rua de Miguel Bombarda, nº 347, onde atualmente funciona do Centro Regional de Segurança Social do Norte. Foi alvo de intervenções da autoria do arquiteto José Marques da Silva. Consultar **Anexo 4** - **Capítulo 4.4.1.** para: Licença de Obra nº 188/1853; Licença de Obra nº 192/1928 (desenhos de Marques da Silva); excerto da Carta de Telles Ferreira de 1892; ortofotos de 1939 e 1991; imagem aérea atual e fotografias.
Casas em Cedofeita nº 254 a 262 (Porto) ∅	Segundo a Licença de Obra nº 129/1865, de 29 de Dezembro de 1864, António José Cabral seria proprietário de um conjunto de casas na Rua de Cedofeita: "Diz António José Cabral, senhor de uma propriedade de casas na Rua de Cedofeita nº 245 a 262, que é pertença desta propriedade uma mina que se dirige para o lado Norte e, atravessando a Rua dos Bragas, se ramifica na Quinta Sr. De Braga do lado Norte da mesma Rua (...)". Não se encontraram outras referências a estas casas, nem a sua localização atual.
Casa na Rua do Bonjardim (Porto) ∅	Segundo a Licença de Obra nº 918/1916, Diogo José Cabral foi proprietário de uma casa na Rua do Bonjardim, em Dezembro de 1916. A 30 de Julho de 1923, Diogo José Cabral, através da Licença de Obra nº 1115/1923, pede permissão para adicionar um andar e reparar o prédio, com desenhos do arquiteto Marques da Silva. O projecto ficou sem efeito. " Diz o Exmº Diogo José Cabral, Conde de Vizela, que desejando fazer o aumento de um andar ao prédio, sito na Rua do Bonjardim nº 15, d'esta cidade, de harmonia com o respectivo projecto e memória, vem solicitar da Exmª Câmara se digne conceder-lhe a necessária licença." Assume-se que esta casa já não exista, pois não foi encontrada nenhuma referência atual. Consultar **Anexo 4** - **Capítulo 4.1.2.** para desenho da Licença de Obra nº 918/1916 e da Licença de Obra nº 1115/1923
Casa na Rua da Boavista (Porto) ∅	O segundo Conde de Vizela, Carlos Alberto Cabral, possuía um prédio no cruzamento da Rua da Boavista com a Rua Augusto Luzo, de frente para o Hospital Maria Pia, não se sabendo se habitou neste prédio em algum momento. Consultar **Anexo 4** - **Capítulo 4.1.3.** para desenhos da Licença de Obra nº 1946/1935.
Propriedade nas Avenidas de Montevideu e Boavista (Porto)	Carlos Alberto Cabral dispunha de vastos terrenos entre as avenidas da Boavista e Montevideu onde, em 1928, mandou fazer uma garagem de um prédio a construir, a Vila Mirasol, com projeto de Marques da Silva, onde morava ocasionalmente.Construíu ainda neste terreno o Casal dos Pinheiros, que desejou regularizar e aumentar em 1940, com desenhos do arquiteto Marques da Silva, já que o projeto de arruamento de 1931 era impeditivo da construção desta obra. No extremo sul sobre a Avenida de Montevideu mandou edificar uma habitação, disfarçando um prédio com quatro habitações de maneira a que se parece-se como uma rica residência de uma família única. Foi projetada pelo arquiteto Homero Ferreira Dias, em 1942, sendo finalizada a construção em 1947. É nesta casa que o Carlos Alberto habitará com Madame Blanche, instalados no último andar, até à sua morte em 1968. Consultar **Anexo 4** - **Capítulo 4.1.4.** para: Licença nº 639/1929 (desenhos de Marques da Silva); Licença nº 39/1931 (desenho de Marques da Silva); Licença nº 615/1938 (desenho de Marques da Silva); excertos do Projeto de Urbanização junto ao Castelo do Queijo de 1945; ortofotos de 1939 e 1991; imagem aérea atual; fotografias dos anos 50 e 60 e fotografias atuais.

Casa na Fábrica de Fiação do Rio Vizela (Vila das Aves) 	Só se encontrou esta casa no Vale do Ave da família Cabral, inserida nos mesmos terrenos que a Fábrica do Rio Vizela, em Vila das Aves. Este facto faz sentido, visto que se tratava de uma família pequena e que esta era a sua única empresa no território do Vale do Ave. Apresenta semelhanças com o palacete na Avenida Montevideu. Tem uma piscina e está rodeada por jardins e campos agrícolas, apesar de estar inserida nos terrenos da fábrica. Existem outras casas próximas desta que seriam destinadas a alguns funcionários da empresa. Estas casas pertencem a mebros da família Machado Guimarães. Consultar **Anexo 4 - Capítulo 4.2.1.** para: imagem aérea atual e fotografias atuais.
Quinta da Trindade (Vila Praia de Âncora) 	Esta quinta de início do século XVIII, em Vila Praia de Âncora (concelho de Caminha), pertenceu a Diogo Eugénio Cabral, meio-irmão do 2º Conde de Vizela. Está inscrita no Sistema de Informação para o Património Arquitetónico com o número IPA.00015184. Incluí a capela da Santa Trindade do século XVII e possui estábulos, adega, eiras, piscina e diversas árvores de fruto. A imponente tília ao lado da casa é um elemento marcante nesta propriedade. Consultar **Anexo 4 - Capítulo 4.2.1.** para: imagem aérea atual e fotografias.

2.4.2. Património Empresarial

Oficina na Rua Miguel Bombarda (Porto) 	António José Cabral, declara em 1826 possuír uma pequena manufatura de tecidos de algodão e tinturaria com 26 operários (composta por mestres, oficiais e aprendizes). "Estes operarios dedicavam-se a diferentes tarefas, havia tecelões, dobadores, urdidores, rapazes para encher as canelas e ainda tintureiro. Para além do trabalho realizado no estabelecimento, este industrial possuía ainda vários teares dispersos pela cidade e uma oficina de tinturaira. Actualmente a antiga fábrica da familia Cabral no Porto já não existe, pois localizava-se no lado oposto do palacete da familia da rua do Rosário, tendo sido substituido por um edificio de habitação e comércio." Consultar **Anexo 4 - Capítulo 4.3.1.** para: Licença de Obra nº 2224/1923 e Licença de Obra nº 506/1928 (desenho de Marques da Silva)
Palácio do Conde de Vizela (Porto)	Edifício mandado projetar a Émile Boutin pelo primeiro Conde de Vizela, Diogo José Cabral, destinava-se a alojar os escritórios da Fábrica do Rio Vizela, lojas comerciais e o Clube Portuense. Localiza-se entre a Rua das Carmelitas, a Rua do Conde de Vizela e a Rua Cândido Reis. O arquiteto Marques da Silva assume a direção da obra, entre 1920 e 1923, sendo aprovado o projeto já da sua autoria em 1923. Atualmente, parte do edifício pertence ao Sindicato de Bancários do Norte. Consultar **Anexo 4 - Capítulo 4.3.2.** para: excerto da carta de Telles Ferreira de 1892; Licença de Obra 671/1917 e Licença de obra nº 72/1928 (desenhos de Marques da Silva); ortofoto de 1939 e 1991; imagem aérea atual e fotografias.
Fábrica de Fiação do Rio Vizela (Vila das Aves)	Esta fábrica marca o início do processo de industrialização no Vale do Ave, pois até ao seu surgimento, em 1845, a atividade têxtil caraterizava-se pela utilização de técnicas ancestrais de fiação e tecelagem, numa lógica doméstica de produção. A sua implementação teve um grande impacto social, dando novos

contornos a uma realidade fortemente ruralizada. A sua localização pretendia aproveitar a energia natural do rio Vizela. Possuí um espaço ajardinado na entrada da Fábrica, com alguns bancos originais.
Foi a única fábrica da família Cabral no Vale do Ave e a fonte da sua fortuna. Em 1973, a fábrica é adquirida por Narciso Machado Guimarães, industrial têxtil de Vila das Aves. Os seus familiares geriram-na até o seu encerramento, em 2001. Hoje ainda mantêm alguma dinâmica com o funcionamento de uma escola num dos pavilhões e atividades que decorrem ao longo do ano.
Grande parte do espaço da fábrica encontra-se em pré-ruína, no entanto o edifício dos escritórios encontra-se conservado, incluíndo o escritório do Conde de Vizela.

Consultar **Anexo 4 - Capítulo 4.4.1.** para: mais informação sobre a fábrica; algumas plantas; fotografias das décadas de vinte a cinquenta; imagem aérea atual e fotografias. Tabela com informações sobre o espaço exterior e fotografias.

2.5. Família Ferreira

2.5.1. Património Habitacional

Propriedade na Rua do Lindo Vale (Porto)

António Manuel Ferreira Braga, casado com Rita Ferreira Braga, possuíu uma propriedade na Rua do Lindo Vale (localização antiga). Esta família viveu na atual Casa do Médico, em Arca de Água, a partir dos anos vinte do século XX. Assim, pode-se concluír que esta habitação na Rua do Lindo Vale possa ter sido o local onde viveram antes da Villa de Arca d'Água. Não se conseguiu identificar o local onde esta casa se encontraria.

Consultar **Anexo 5** - **Capítulo 5.5.1** para desenho da Licença de Obra nº 582/1915.

Casa do Médico (Porto)

Localizada na Rua Delfim Maia, com frente para o Jardim de Arca d'Água, a propriedade está identificada na Carta de Valores arquitetónicos da atual Planta Topográfica da cidade do Porto, com o nº P11.
Esta propriedade pertenceu a Rita Ferreira Braga e ao seu marido António Manuel Ferreira Braga, tendo sido presumivelmente construida na década de 1920. Segundo a Tese de Douturamento da Professora Teresa Portela Marques, o jardim da casa é do horticultor portuense Jacintho de Mattos.

Consultar **Anexo 5** - **Capítulo 5.1.2.** para: excerto da Carta de Telles Ferreira de 1892; Licença de obra nº 495/1929; fotografia antiga; plantas e fotografias de 1984; ortofotos de 1939 e 1991; imagem aérea atual; fotografias actuais.
Tabela com informações sobre o espaço exterior e fotografias.

Fundação AEP (Porto)

Localizada na Avenida da Boavista, nº 2671, esta propriedade terá pertencido a Raúl Ferreira, Conde de Riba de Ave. Também foi sugerido que tenha pertencido ao seu irmão Manuel Ferreira, apesar dos dados encontrados no Arquivo Municipal do Porto suportarem que Raúl Ferreira foi o devido proprietário. A data de 1919 aparece inscrita na frontaria da casa, pelo que se pode assumir que

	tenha sido o ano da sua construção e dos seus jardins, possivelmente. Hoje em dia, alberga as instalações da Sede da Associação Empresarial de Portugal. Consultar **Anexo 5** - **Capítulo 5.1.3.** para: Licença de Obra nº 1329/1923; ortofotos de 1939 e 1991; imagem aérea atual; gravura de 1979 e fotografias atuais. Tabela com informações sobre o espaço exterior e fotografias.
Sede da CCDRN (Porto)	Com morada na Rua Rainha Dona Estefânea esta quinta pertenceu entre 1937 e 1979 à família Ferreira, sendo atualmente propriedade do Estado Português e Sede da CCDRN. A propriedade é adquirida pelo Estado em 1979, vendida pelos herdeiros de Raúl Ferreira. Raúl Ferreira adquire a propriedade em 1937 e, entre 1943 e 1952, esta é sujeita a várias obras de reparação e pequenas construções, pelo arquiteto Amoroso Lopes. Sabendo que o projeto dos jardins data dos anos de 1940 e que Jacintho de Mattos era o horticultor da família, pode-se supor que este tenha sido este o autor dos jardins. Consultar **Anexo 5** - **Capítulo 5.1.4.** para: mais informações sobre a casa; excerto da Carta de Telles Ferreira (1892); fotografia de 1897 e fotografias de ínico do século XX; Licença de Obra de 1943; excerto do Levantamento Aerofotogramétrico de 1979; ortofotos de 1939 e 1991; imagem aérea atual e fotografias atuais.Tabela com informações sobre o espaço exterior e fotografias.
Quinta do Engenheiro de Carvalho (Vila do Conde)	Grande propriedade pertencente a Sílvia Ferreira Carvalho, filha de Delfim Ferreira. Na altura da venda da Casa de Serralves ao Estado, foram trazidas para a quinta diversas coisas, entre as quais a fonte de remate do eixo principal. Não foi possível visitar esta quinta, mas o exterior revela um extenso pinhal. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.2.4.** para: imagem aérea atual.
Quinta da Lameira (Riba de Ave)	Esta quinta foi mandada construír por Alfredo Ferreira, um dos irmãos de Delfim Ferreira. Assume-se que o jardim date do ano de 1919 (data inscrita no interior da gruta do jardim). Os jardins foram projetados por Jacintho de Mattos. Quanto à casa não foi possível averigurar o arquiteto, mas pelas semelhanças à casa da Quinta da Terra Nova, pode ter sido um projeto de Amoroso Lopes. Hoje em dia, a casa encontra-se habitada por uma família de industriais têxteis de Riba de Ave (sem ligação à família Ferreira), que usufrui dos jardins e faz uso dos campos agrícolas para produção própria. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.2.1.** para: imagem aérea atual e fotografias. Tabela com informações sobre o espaço exterior e fotografias.
Quinta do Casal de S.José (Oliveira S. Mateus)	Esta quinta pertenceu a Raúl Ferreira. A construção da casa iniciou-se em 1916 e os jardins já estavam instalados em 1922, de acordo com as fotografias que ainda se conservam dessa data. "Este jardim terá tido uma modificação posterior, devido à construção de uma capela junto à casa, transformação essa ocorrida em 1925, como ficou registado num painel de azulejos com a imagem de S. José. (...) A casa mandada fazer por Raúl Ferreira não permetia a instalação de um jardim de grandes dimensões, devido à inclinação do terreno. Assim, Jacintho de Mattos criou um jardim linear, formado por uma sucessão de pequenos jardins formais. Associado a cada jardim, encontra-se uma estrutura decorativa ocupando uma posição central (...) Os jardins são acompanhados, ao longo de toda a sua extensão por um caminho, que servia também a circulação automóvel. (…) Uma estufa foi implementada na parte superior desta sucessão de jardins. (…) Os jardins encontram-se hoje muito simplificados embora subsistam algumas estruturas construídas do jardim original." [20]

Quinta de Delfim Ferreira (Riba de Ave)	A casa, construída no ano de 1938, foi habitada por Delfim Ferreira. Na propriedade foi ainda construída uma capela, onde se realizou o baptizado do seu primeiro filho. Delfim Ferreira foi viver para a Quinta do Cisne (Vila Nova de Gaia) no ano de 1942 e, posteirormente, mudou-se para Serralves, em 1953. No pós-25 de Abril, devido ao clima de instabilidade social, a família Ferreira vendeu a casa, mantendo-se até hoje com os mesmos proprietários. Estes vivem nos edifícios anexos à casa principal (em estado de pré-ruína) e em duas casas construídas de raíz depois da compra do espaço. Nos jardins, que pelas semelhanças às outras quintas se podem assumir da autoria de Jacintho de Mattos, preservam-se dois lagos, uma gruta e algumas floreiras, assim como algumas árvores notáveis. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.2.2.** para: imagem aérea atual e fotografias. Tabela com informações sobre o espaço exterior e fotografias.
Quinta da Terra Nova (Riba de Ave)	Esta quinta pertenceu a Joaquim Ferreira e, atualmente, é habitada pela sua neta e respectiva família. A casa é da autoria do arquiteto Amoroso Lopes e data de 1942. O espaço compõe-se por um jardim formal próximo da casa; uma pequena mata a sul e uma horta para consumo próprio. Uma parte da propriedade está ocupada com uma Associação para Animais, gerida pela atual proprietária. Nesta quinta, foi gravado o vídeo de casamento de Joaquim Ferreira, pelo cineasta Manuel de Oliveira. Segundo as informações prestadas pela proprietária, nesse vídeo é possivel observar os jardins com o desenho original e, visto que o estrato arbóreo ainda seria muito jovem na altura, as fábricas a partir do jardim. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.2.3.** para: imagem aérea atual e fotografias. Tabela com informações sobre o espaço exterior e fotografias.
Quinta do Castelo (Santa Marta de Penaguião)	Pertence à família Ferreira, sendo gerida pela Predial Ferreira & Filhos. A quinta, com cerca de 40 hectares, localiza-se perto do Rio Corgo.
Quinta do Cisne (Vila Nova de Gaia)	Localizada na Rua Fonte Arrependidos em Mafamude, foi adquirida por Delfim Ferreira e herdada pelo seu filho Delfim Alexandre, tendo sido doada por este em 1980 ao Instituto de Oncologia do Porto. Foi entretanto vendida e, atualmente, acolhe a Sociedade Agricola Quinta do Cisne. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.3.1.** para imagem aérea atual e fotografias.
Quinta dos Frades (Armamar)	Anteriormente conhecida como Quinta da Folgosa, é considerada uma das mais belas e emblemáticas propriedades do Douro vinhateiro, com cerca de 200 hectares. A propriedade tem 100 hectares de vinhas e cerca de 50% é de beneficio A, ou seja, das melhores uvas para o vinho do Porto. Foi comprada por Delfim Ferreira na década de 1940. Aquando da compra a quinta encontrava-se degradada e abandonada, sendo que as casas foram restauradas segundo um projeto do arquiteto Rogério de Azevedo (consultar **Anexo 8**). A Capela de S. Bernardo encontra-se dentro desta quinta. A propriedade mantém-se na posse da família Ferreira. Em 2011, Aquiles Brito, um dos herdeiros e responsável pela sua administração, abriu a quinta e a casa principal a um grupo de jornalistas nacionais, para a apresentação dos vinhos (Aquiles é também dono da empresa de sabonetes e perfumes Ach. Brito, firma que herdarou do avô, casado com uma filha de Delfim Ferreira). O projeto dos jardins é da autoria de Jacinto de Mattos de 1942. Neste jardim encontram-se também duas esculturas da autoria de Soares dos Reis. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.3.2.** para: projeto de Jacintho de Mattos; excerto de imagem aérea atual e fotografias.

Quinta do Barão (Cascais)	Classificada como Imóvel de Interesse Público e abrangido em ZEP, esta propriedade pertenceu a Raúl Ferreira e encontra-se atualmente para venda. Os terrenos da Quinta do Barão foram inicialmente adquiridos no século XVII por Jacinto Isidoro de Sousa, mestre de obras, reponsável pela direção das obras do Palácio do Marquês de Pombal, em Oeiras, e que construíu o primeiro edifício habitacional com os restos do material do Palácio do Marquês. Após a sua morte, a viúva vendeu a propriedade ao Barão de Moçâmedes, em 1794. Este fez alguns melhoramentos na casa, como a pintura dos brasões nos tectos, e a plantação da vinha. As adegas foram construídas em 1917. A adega e o vasilhame foram arranjados nas proporções requeridas para as enormes colheitas, já que a marca de vinhos «Quinta do Barão» data dessa época, tendo produzido até à década oitenta do século XX. Com as obras realizadas em 1944, a casa ganhou o seu aspecto atual, tendo sido ampliada e dotada de um conjunto de painéis azulejares setecentistas. Os jardins foram intervencionados por volta de 1951, exibindo apontamentos azulejares, esculturas e bustos diversos. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.3.3.** para: imagem aérea atual e fotografias.

2.5.2. Património Empresarial

Em relação ao património desta família no Vale do Ave verificou-se que a grande maioria das empresas se localizam em dois pólos: Riba de Ave e Vila do Conde. Riba de Ave e Caniços foram os locais onde o pioneiro desta família, Narciso Ferreira, implantou as suas fábricas, transformando o cariz paisagístico, económico e social da região. Vila do Conde, foi um pólo industrial associado a Delfim Ferreira, que ali implantou duas grandes fábricas e construiu infra-estruturas de cariz social.

Delfim Ferreira Lda. (Porto)	Empresa fundada por Delfim Ferreira. Não foi possivél reunir mais informação, mas sabe-se que se localizava no Porto.
Palácio do Comércio (Porto)	Localizado entre as ruas de Sá da Bandeira, Fernandes Tomás, da Firmeza e do Bolhão, este bloco de habitação e serviços é da autoria dos arquitetos David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva. No início dos anos quarenta, Delfim Ferreira compra todo o terreno para a edificação do Palácio. A construção do edifício estava condicionada pelas regras impostas pela Câmara Municipal, estando proibida a sua utilização para qualquer atividade fabril. O primeiro projeto, de 1940, por David Moreira da Silva apresenta um edificio sólido e compacto de seis andares, estando o piso térreo destinado ao comércio e três pátios ocupados por zonas ajardinadas. A fachada lembra soluções que já haviam sido utilizadas no quarteirão do Conde de Vizela, pelo arquiteto José Marques da Silva. A versão final do projeto é entregue em 1946, ficando a sua construção concluída em 1954. Trata-se de um alto edifício que é um ícone na paisagem urbana portuense. Servia uma elite burguesa requintada, contendo uma série de serviços e lazer. Neste edifício estavam sediadas algumas das empresas da família Ferreira, funcionando como pólo empresarial na cidade do Porto. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.4.1.** para: desenhos de David Moreira da Silva e

	Maria José Marques da Silva; fotografias de época; imagem aérea atual e fotografias.
Hotel Infante Sagres (Porto)	Inaugurado em 1951 na Praça Filipa de Lencastre, foi o primeiro hotel de luxo a ser construído na cidade do Porto. A sua construção começou em 1945, com um projeto do arquiteto Rogério de Azevedo por iniciativa do industrial Delfim Ferreira. A sala de jantar possui dois baixos relevos de Barata Feyo, uma tela de Abel Moura e uma de Artur da Fonseca. Da decoração fazem parte muitas peças vindas da Casa de Serralves. Um dos estabelecimentos, o Café Sical, alberga um dos mais belos painéis cerâmicos do Mestre Júlio Resende. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.4.2.** para: fotografias de época e atuais.
Sampaio, Ferreira & Lda. (Riba de Ave)	Fundada, em 1896, por Narciso Ferreira, tendo sido a primeira grande unidade industrial do concelho de Vila Nova de Famalicão, projetada como completa, ou seja, dotada de unidades de fiação, tecelagem, tinturaria e, mais tarde, acabamento. Iniciou a sua atividade com 200 teares e, em 1910, empregava 473 homens e 373 mulheres, gerando uma forte dinâmica entre a atividade industrial e a população local. A instalação desta fábrica constituíu um marco na industrialização do Vale do Ave e iníciou o pólo industrial de Riba de Ave. Esta fábrica é um marco da industrialização, mas também da desindustrialização do Vale do Ave. Encerrou no ano de 2005. Encontra-se num estado de pré-ruína, à excepção de dois pavilhões – um ginásio e um conjunto de salas alugáveis para escritórios ou salas de trabalho. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.5.1.** para: plantas; imagem aérea e fotografias. Tabela com informações sobre o espaço exterior e fotografias.
Empresa Têxtil Elétrica + Central de Caniços (Bairro)	Primeira fábrica eletrificada do país, inaugurada em 1905 por Narciso Ferreira. Idealizada para trabalhar a energia hidroelétrica produzida na própria fábrica e aproveitar os desperdicios de algodão da fábrica-mãe no fabrico de cobertores e cotins grossos. Localizada na confluência dos rios Ave e Vizela, esta empresa foi um dos mais importantes espaços produtivos têxteis e dos mais antigos da região. No entanto, é a mini-hídrica - Central de Caniços - que tanto pelo seu pioneirismo como pelo interesse da arquitectura que constitui uma referência do património industrial do Vale do Ave. Esta mini-hídrica integra hoje a rede energética da EDP. Actualmente, o espaço da antiga unidade fabril funciona como nicho de microempresas, sendo que grande maioria dos pavilhões se encontram ocupados, contribuindo para a preservação deste espaço. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.5.2.** para: aguarela do início do funcionamento da fábrica; fotografias de época; fotografia aérea atual; fotografias atuais. Tabela com informações sobre o espaço exterior e fotografias.
Oliveira, Ferreira & Lda. (Riba de Ave)	Fundada em 1909 por Narciso Ferreira, esta empresa era orientada para o fabrico de telas cruas e flanelas. Depois de quase um centenário de funcionamento, a empresa encerrou as suas portas em 2008. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.5.3.** para: publicidade da empresa; imagem aérea atual e fotografias.
Companhia Hidroelétrica do Norte de Portugal - CHENOP (Vila do Conde)	A CHENOP resultou da fusão das empresas Companhia Hidroeléctrica do Varosa (1907) e Companhia Electro Hidráulica de Portugal (1918), tendo sido constituída a 29 de Março de 1943. Esta empresa fornecia energia elétrica para os distritos de Braga, Bragança, Vila Real e Viseu, a entidades públicas e particulares (iluminação e usos domésticos e industriais). Foi nacionalizada passando a

	integrar a EDP – Eletricidade de Portugal, em 1975. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.5.4.** para: imagem aérea atual e fotografias.
Hidroelétrica do Ermal (Vieira do Minho)	Criada por iniciativa de Delfim Ferreira, concebida para um sistema de centrais no rio Ave e sustentada pela Companhia Hidroelétrica do Norte de Portugal. A Central de aproveitamento hidroelétrico do Ermal, é a mais importante do sistema em cascata do Ave, pertencente ao grupo EDP. A Albufeira da Barragem do Ermal foi finalista das 7 Maravilhas – Praias de Portugal e destaca-se pela grande beleza natural e pela prática de atividades aquáticas. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.5.5.** para: plantas, imagem aérea e fotografias.
Fábrica Mindelo (Vila do Conde)	Fundada por Delfim Ferreira em 1951. Levou à região progresso industrial e desenvolvimento económico, criando novos postos de trabalho. Por ter sido um dos maiores fornecedores de tecidos para as fardas do Exército Português, teve sucesso imediato. No entanto, findando a guerra colonial a empresa sofreu uma enorme crise financeira, direcionando a sua produção para novos mercados. Adotando uma política de vanguarda tecnológica desde início, manteve-se competitiva a nível europeu na produção de tecidos de sarja e de tecidos para camisas e gabardinas. Em relação ao apoio social, os seus funcionários dispunham de assistencia médica e social, cantina e instrução primária oferecida aos filhos dos colaboradores. Encerrou em 1996, decretando falência no ano de 2000. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.5.6.** para: imagem aérea atual e fotografias.
Narfil (Vila do Conde)	Fundada em 1926 pelos irmãos Delfim e José Ferreira, foi a segunda maior Fábrica Têxtil de Vila do Conde, operando nas áreas da fiação e tecelagem. Desde a sua fundação alterou de nome de Fábrica Ferreira e Irmão para Valfar e, finalmente, para Narfil, sendo conhecida como Fábrica da Estação. Nos anos 90, a crise económica dominou esta empresa, que declarou falência em 2004. Atualmente, resta somente a imponente chaminé com o nome NARFIL, existindo alguns projectos para o local da antiga fábrica. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.5.7.** para: imagem aérea atual; fotografia de época e fotografia atual.
Têxtil Algodoeira de Arcozelo (Vila Nova de Gaia)	Fundada por Delfim Ferreira, fazia parte do grupo empresarial da família Ferreira. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.6.1.** para: Licença de Obra nº 226/1932 e fotografias.
Empresa Nacional de Sedas (Vila Nova de Gaia)	Fundada por Delfim Ferreira. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.6.2.** para: Licença de Obra nº 20/1934
Fitela (Vila Nova de Gaia)	Fundada por António Manuel Ferreira Braga, marido de Rita Ferreira Braga. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.6.3** para fotografias.
Central do Varosa (Lamego)	Varosa é uma central de albufeira alimentada pelo rio Varosa, na freguesia de Cambres do concelho de Lamego. O grupo empresarial de Narciso Ferreira apostou na Central do Varosa, transportando a energia para o Vale do Ave, com a central térmica de apoio em Caniços e criando a hidroelétrica do Ermal. Nos anos 40, procedem à fusão Varosa/Ermal, criando a CHENOP. Atualmente, pertence à EDP e encontra-se desativada. Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.6.4.** para fotografias.

Predial Ferreira & Filhos (Lisboa)	A Predial Ferreira & Filhos nasceu em 1939, com o objetivo de agregar o vasto património imobiliário legado pelo seu fundador, Delfim Ferreira. Atualmente, o património da empresa é constituído por duas quintas no Douro (Quinta do Castelo e Quinta dos Frades) e 13 edifícios de habitação, comércio e serviços, situados no centro de Lisboa.

2.5.3. Equipamentos sociais

Riba de Ave	Cine-teatro Narciso Ferreira Antiga Estalagem de Riba de Ave Correios de Riba de Ave Moradias da Fundação Antiga Cantina da Fábrica de Riba de Ave Avenida Narciso Ferreira Mercado de Riba de Ave Busto de Narciso Ferreira	GNR de Riba de Ave Biblioteca de Riba de Ave Residências do Outeiro Edificio da Fundação Hospital Narciso Ferreira Quartel dos Bombeiros Igreja de Riba de Ave Parque dos Namorados
	Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.7.1.** para: mais informações; imagem aérea de localização e fotografias.	
Oliveira S. Mateus	Centro Residencial Conde de Riba de Ave Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.7.2.** para: mais informações.	
Vila do Conde	Palacete Melo Bairro Social Delfim Ferreira Consultar **Anexo 5 - Capítulo 5.7.3.** para: mais informações; imagem aérea de localização e fotografias.	

Património no Porto | Património no Vale do Ave | Património fora do Vale do Ave

Património interesse paisagístico | Património inexistente ou não encontrado

No **Anexo 5 – Capítulo 5.1.5.** pode ser consultado o projeto e uma fotografia atual do Jazigo de Delfim Ferreira. Esta obra do arquiteto Francisco de Oliveira Ferreira (consultar **Anexo 8** – Biografias) encontra-se no Cemitério do Prado do Repouso.

Consultar final do **Anexo 4** – Mapa do Património Existente da Família Cabral e final do **Anexo 5** – Mapa do Património Existente da Família Ferreira.

Consultar **Anexo 6** para uma cronologia entre as datas de nascimento dos membros das famílias Cabral e Ferreira e as datas da fundação das suas empresas. Nesse esquema, é possível perceber também qual a relação que os familiares mantinham com as empresas: administrador, acionista, fundador ou colaborador.

3. Proposta de um Roteiro de Paisagem

Depois da pesquisa efetuada e de organizar a informação recolhida, pela sua localização e pelo tipo de património, revelou-se necessário elaborar critérios de seleção desse património, seguindo-se à aplicação desses critérios o desenho do Roteiro de Paisagem e a definição de uma estratégia para a sua aplicação numa situação real.

Foram considerados os conceitos de "roteiro físico" e de "roteiro concetual". No primeiro caso, os visitantes são encaminhados para uma visita efetiva aos pontos de interesse, de duração variável, dando-se a conhecer o contributo para a história da industrialização do Vale do Ave pelas famílias Cabral e Ferreira, através de um passeio desde o Alto Ave até ao Baixo Ave, passando por locais que ilustram o período entre meados do século XIX e meados do século XX. Este passeio parte de Serralves, onde é feita uma breve visita e uma explicação daquilo que será visto usando os equipamentos do "roteiro concetual". Assim, este segundo conceito refere-se a uma série de materiais, como cartazes e brochuras, que se podem encontrar expostos numa sala e que convidam o visitantes a partirem eles próprios num passeio pelo Vale do Ave e a conhecer alguns locais importantes no percurso destas famílias, assim como outros sítios de interesse histórico e paisagístico que esta região tem para oferecer. A proposta aqui apresentada, no âmbito deste estágio, refere-se a uma solução possível para o "roteiro físico": *Serralves e o Vale do Ave – um Roteiro de Paisagem.*

Definiram-se dois conceitos: património e ponto de interesse. O primeiro refere-se a todos os locais encontrados – habitacionais, empresariais e equipamentos sociais – e o segundo àqueles considerados fundamentais para incluir no Roteiro de Paisagem, segundo os critérios estabelecidos. De forma a seleccionar os pontos de interesse que compõem o Roteiro, foram definidos os seguintes critérios:

- Possuir jardins, quintas ou relações privilegiadas com os Rios Ave ou Vizela (valor e contexto paisagístico);
- Estado de conservação;
- Ser visitável (não necessitar de autorização prévia para a sua visita);

Em relação ao estado de conservação, este critério foi dividido em três categorias: elevado, médio e baixo. Como património em estado de conservação elevado consideraram-se os locais onde os elementos arquitetónicos e paisagísticos se encontram maioritariamente conservados e caracterizados. Em relação ao património em estado de conservação médio, foram considerados os espaços que mantêm elementos originais e em bom estado de conservação, mas onde sensivelmente metade dos seus componentes já foram perdidos, estão muito descaracterizados ou em mau estado de conservação. Os locais considerados como estando em baixo estado de conservação, tratam-se dos que já não apresentam a grande maioria dos seus componentes ou que se encontram muito degradados.

FAMÍLIA CABRAL						
Património	Habitacional	Empresarial	Jardim / Quinta / Rio Ave ou Vizela	Estado de Conservação	Visitável	Ponto de interesse
Centro Regional de Segurança Social do Norte	x			médio	x	
Propriedade na Avenida de Montevideu	x		x	médio		
Casa e jardins na Fábrica do Rio Vizela	x		x	elevado		
Palácio do Conde de Vizela		x		elevado	x	
Fábrica de Fiação do Rio Vizela		x	x	médio	x	

FAMÍLIA FERREIRA						
Património	Habitacional	Empresarial	Jardim / Quinta / Rio Ave ou Vizela	Estado de Conservação	Visitável	Ponto de interesse
Casa do Médico	x		x	elevado	x	
Sede da AEP	x		x	elevado	x	
Sede da CCDRN	x		x	elevado		
Quinta do Engenheiro de Carvalho	x		x	-		
Quinta da Lameira	x		x	elevado		
Quinta do Casal de São José	x		x	-		
Quinta de Delfim Ferreira	x		x	médio		
Quinta da Terra Nova	x		x	elevado		
Palácio do Comércio		x		elevado	x	
Hotel Infante Sagres		x		elevado	x	
Sampaio & Ferreira		x	x	baixo	x	
Empresa Têxtil Elétrica		x	x	elevado	x	
Oliveira & Ferreira		x		médio		
CHENOP		x		elevado		
Hidroelétrica do Ermal		x	x	elevado	x	
Fábrica do Mindelo		x		médio	x	
Narfil		x		baixo	x	

Desta forma, tornou-se possível escolher os locais de maior interesse a serem incluídos na proposta. Pelo facto de se terem escolhido locais exclusivamente visitáveis no tempo presente, a seleção não inclui património habitacional no Vale do Ave, tendo sido feita a escolha dos locais entre o património empresarial no Vale do Ave. No Porto, o único local a visitar é a Fundação de Serralves, de forma a que a visita, com duração de um dia, possa abranger o Vale do Ave desde o Alto Ave até à Foz.

As quintas são também um ponto fundamental, pelo seu valor paisagístico e pelas intervenções do horticultor Jacintho de Mattos em alguns casos, assim como de arquitetos importantes. Deverão ser mencionadas aquando das visitas, visto que o Roteiro abrange estes locais.

A sugestão para a prática deste Roteiro é de o enquadrar na oferta de atividades da Fundação de Serralves, tratando-se de uma visita calendarizada ocasional. O seu principal fim é a divulgação de uma parte da

história destas famílias, enfatizando o seu património industrial, de forma a valorizar a paisagem do Vale do Ave, através de um aglomerado de alguns pontos que permite o reforço da identidade desta paisagem.

Na conceção do percurso foram considerados 5 núcleos: Serralves; Vila Nova de Famalicão (Vila das Aves, Riba de Ave e Bairro); Vieira do Minho (Ermal); Vila do Conde (Vila do Conde) e a Paisagem (Porto e Vale do Ave). Dentro dos quatro primeiros, os locais escolhidos foram a Fábrica de Fiação do Rio Vizela, a Fábrica Sampaio, Ferreira & Lda, a Empresa Têxtil Elétrica, a Central do Ermal, a Barragem do Ermal e respetiva Albufeira, a fábrica Narfil e a Fábrica do Mindelo. Para além destes, incluiu-se também o Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave e a Centro de Memória de Vila do Conde.

A Fábrica do Rio Vizela é um ponto crucial neste percurso já que foi a primeira grande fábrica no Vale do Ave e por ter sido a única unidade fabril da família Cabral nesta região. A sua imponência na paisagem e a sua relação com o Rio Vizela torna este espaço digno de contemplação, apesar do baixo estado de conservação de uma grande parte dos pavilhões da fábrica. A Fábrica Sampaio, Ferreira & Lda foi escolhida por ter sido a primeira empresa da família Ferreira, geradora do capital que permitiu a expansão do monopólio de empresas que esta família conseguiu criar, assim como pela sua proximidade ao Rio Ave e pela central de produção de energia que possui três quilómetros acima da fábrica (a central de Amieiro Galego). A Empresa Têxtil Elétrica, pela sua importância a nível nacional e para a prosperidade dos negócios da família Ferreira, faz parte deste Roteiro retratando uma fase de revolução do aproveitamento da força do rio através da introdução da energia elétrica. Para além disso, esta fábrica mantêm-se bem conservada atualmente, para além de estar posicionada ao longo do Rio Ave.

A Central do Ermal, e respetiva Barragem e Albufeira, foi selecionada pela sua relevância na distribuição de energia elétrica no Vale do Ave, consequência do investimento feito pela família Ferreira. Para além disso, a sua localização, quase a chegar à Serra da Cabreira, retrata a região do Alto Ave, num vale encaixado e absorvido pela natureza.

O que resta da Fábrica Narfil em Vila do Conde, ou seja, a sua chaminé, foi seleccionado para integrar o Roteiro devido à importância desta fábrica para os negócios de Delfim Ferreira e pelo seu enquadramento com o Mosteiro de Santa Clara e proximidade à Foz do Rio Ave e pela vizinhança com a CHENOP e o Bairro Social Delfim Ferreira. A Fábrica Mindelo encontra-se na estrada de regresso ao Porto, a N13, e pelo seu valor arquitetónico e pelo valor económico que já teve é um local que interessa visitar. Encontra-se neste momento a ser alvo de revitalização para dar lugar a um espaço comercial.

O Roteiro de Paisagem inicia-se em Serralves com uma breve visita à Fundação, onde é feito um enquadramento sobre a industrialização do Vale do Ave pelos industriais das famílias Cabral e Ferreira, apresentados os locais a conhecer e os principais conceitos a ter em conta: Serralves; indústria têxtil, industrialização do Vale do Ave; o intervalo temporal entre meados dos séculos XIX e XX; paisagem urbana, rural e industrial. É neste ambiente urbano da cidade do Porto, numa zona de excelência e onde a família Cabral decidiu fazer a sua casa de recreio, que começa o passeio entre Serralves e o Vale do Ave. A

paisagem altera-se quando se começa a deixar a zona metropolitana do Porto, com os campos agrícolas e as bouças a completar os espaços entre os aglomerados populacionais.

A visita ao Vale do Ave começa pelo Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave, em Famalicão. Este centro urbano, pela sua localização e proximidade ao Porto, foi e continua a ser casa de grandes indústrias, nomeadamente têxteis. No museu existe uma amostra de equipamentos de fiação e tecelagem em funcionamento, assim como uma exposição com algumas imagens da Fábrica do Rio Vizela, da Sampaio, Ferreira & Lda e da Empresa Têxtil Elétrica, tratando-se por isso de um ótimo local para aprofundar alguns conhecimentos sobre estas empresas, permitindo focar outros aspetos durante as visitas aos locais, como o enquadramento paisagístico e o valor dos espaços atualmente.

O museu localiza-se na zona do Vale do Ave correspondente ao Médio Ave, onde se destacam os núcleos urbanos de Famalicão e Guimarães, existindo uma fragmentação da paisagem por núcleos urbanos de menores dimensões e uma distinção entre monte plantado com pinheiro bravo e zonas planas e baixas agricultadas (maioritariamente culturas intensivas de milho e agricultura de subsistência). É nesta paisagem que se inserem as fábricas do Rio Vizela, Sampaio, Ferreira & Lda e Empresa Têxtil Elétrica, todas nas margens dos Rios Ave e Vizela.

Deste ponto, segue-se um passeio até ao Alto Ave, nomeadamente à Central do Ermal, em Vieira do Minho. Durante o percurso as alterações na paisagem são marcadas pela diminuição das áreas urbanas, existindo dois povoamentos importantes: Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso; uma topografia do terreno mais acidentada, com o Vale do Ave a tornar-se mais profundo e encaixado, distinguindo-se zonas de montanha com picos de vegetação rasteira, pequenas áreas de planalto e grandes diferenças de cota para as zonas de vale; o estrato arbóreo é maioritariamente constituído por pinhal e eucaliptal. Na central do Ermal existe um núcleo museológico, local onde se pode abordar a importância deste movimento da produção de energia para o Alto Ave, de forma a aproveitar a maior força do rio. A Praia do Ermal, na Albufeira, é um excelente local para descansar, num ambiente de contacto com a natureza entre a Serra da Cabreira e de Merouço.

Durante a descida entre Vieira do Minho e Vila do Conde, ou seja, desde o Alto Ave, passando pelo Médio Ave até ao Baixo Ave, nomeadamente à Foz do Rio, é possível observar as mudanças que esta paisagem sofre, muitas delas impostas pela indústria. Distinguem-se muitas fábricas abandonadas e em ruína, assim como empresas ainda em funcionamento, mas para além desta face mais directa da indústria, os equipamentos como os distribuidores de eletricidade são uma consequência da industrialização do Vale do Ave, pois sem a intervenção e o empreendorismo dos industriais entre meados do século XIX e meados do século XX, não teria existido um investimento tão grande na produção de energia a partir deste vale. A rede de caminho-de-ferro, também, foi influenciada por esses industriais, que fizeram com que fossem construídas e prolongadas as linhas para que pudessem escoar as suas mercadorias até ao Porto. Alguns dos aglomerados populacionais também cresceram devido às fábricas, já que, pela oferta de emprego que estas geravam, as pessoas iam morar para as suas proximidades, sendo seguidas pela criação de serviços e

estradas. Estes povoamentos estavam directamente ligados aos campos agrícolas, pela complementaridade da actividade agrícola de subsistência e o trabalho fabril.

Chegados ao Baixo Ave, em Vila do Conde, observa-se uma continuidade dos campos agrícolas de forma a aproveitar a grande fertilidade dos solos. Neste último núcleo, a visita começa pelo Centro da Memória, onde se encontra uma exposição sobre Delfim Ferreira e o seu contributo para o crescimento desta cidade através das suas indústrias de alta qualidade. As fábricas a visitar são a Narfil e a Fábrica Mindelo.

Consultar **Folha 3** – Serralves e o Vale do Ave – Um Roteiro de Paisagem.

O contributo do arquiteto paisagista para a valorização do património industrial pode ir além do planeamento de rotas e passar pela proposta de algumas soluções que valorizem o espaço exterior das mesmas. Assim, na Fábrica do Rio Vizela, é proposta a instalação de algumas mesas de merenda no jardim, como complemento ao serviço de restauração já existente.

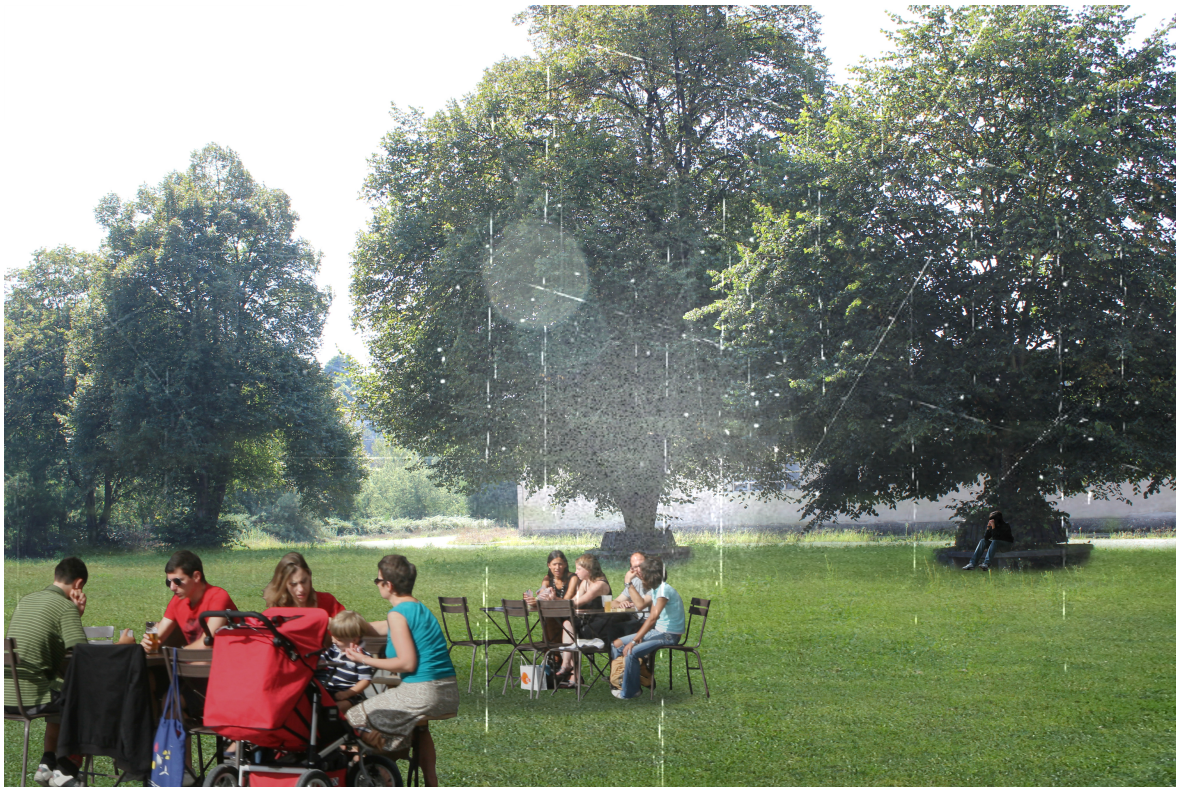


Figura 5 – Visualização 1: Recepção da Fábrica do Rio Vizela.

Para a Fábrica Sampaio, Ferreira & Lda propõe-se a construção de um deck em madeira onde se localizava a antiga varanda da fábrica, que permita a observação do Rio Ave e das suas margens, para além da valorização deste espaço com um contraste claro entre o material novo e o antigo.



Figura 7 - Visualização 2: Traseiras da Fábrica Sampaio, Ferreira & Lda – deck de observação do rio Ave.

Na empresa Têxtil Elétrica, a última deste núcleo, a sugestão é de criar zonas de sombra e conforto climático na entrada da fábrica, através da plantação de árvores em caldeira antes da entrada no complexo empresarial.



Figura 8 - Visualização 3: Entrada da Empresa Têxtil Elétrica.

O vale do Ave não se caracteriza somente pela atividade industrial, existindo outros locais apelativos a visitar, como por exemplo o mosteiro de S. Bento, em Santo Tirso, muito próximo da Fábrica do Rio Vizela. No **Anexo 7** – **Outro património no Vale do Ave** pode ser consultado um mapa esquemático com alguns locais a visitar. Estes pontos foram seleccionados de forma a sugerir algumas atividades que possam complementar o roteiro, ou seja, dar a conhecer um pouco mais daquilo que esta região tem para explorar, como a questão dos povoamentos castrejos, tão caracterizadores desta paisagem como a indústria.

Elaborou-se também uma sugestão de visita do património das famílias Cabral e Ferreira no Porto (consultar **Anexo 7** – **Serralves e o Porto**), começando em Serralves e passando pelo património habitacional das duas famílias, desde a propriedade na Avenida Montevideu à Casa do Médico, terminando nos dois prédios quarteirões, o Palácio do Conde de Vizela e o Palácio do Comércio, tão importantes nos negócios destas duas famílias e na manutenção da relação entre as fábricas no Vale do Ave e o centro urbano do Porto.

O Roteiro de Paisagem, como oferta turística e cultural, contribui para a divulgação do património no Vale do Ave e pode ser um impulsionador para que os responsáveis pelas estruturas que ainda restam das fábricas tomem iniciativas para dinamizarem o seu património e o revitaliza-lo, dando-lhe novas utilidades e mantendo-o vivo, preservando o que ainda resta. Podem não ser ofertas permanentes, optando-se por eventos temporários, como oficinas fotográficas, em que os artistas têm a oportunidade de explorar graficamente as ruínas.

4. Conclusões e Recomendações

Serralves, como instituição acolhedora, foi um local de estágio onde foi possível aprender além da formação académica, através da interacção com profissionais de outras áreas, nomeadamente biólogos e profissionais de jardinagem. Foi uma aprendizagem que deu bastante prazer pelo interesse e curiosidade que despertou.

Grande parte do período de trabalho foi dedicado à investigação do património das famílias em estudo, o que se revelou uma pesquisa extensa e que resultou na recolha de bastante informação gráfica, como fotografias históricas e licenças de obra.

Com a pesquisa para elaboração da proposta e a assistência ao Congresso Internacional sobre Património Industrial "Património, Museus e Turismo Industrial: uma oportunidade para o século XXI", na Universidade Católica Portuguesa, no Porto, foi possível perceber que a questão do turismo industrial, enquanto aproveitamento de antigas unidades fabris que não tiveram a capacidade de se adaptar aos tempos modernos e à evolução do mercado, é recente e está em expansão, com o objetivo de dar novos usos a estes espaços. Em Portugal, um caso notável desta adaptação é a Fundação Robinson, em Portalegre, numa antiga fábrica de rolhas de cortiça que atualmente desempenha um papel ativo no âmbito cultural. No Vale do Ave, a Fábrica Santo Thyrso é um projecto que resultou da adaptação da antiga fábrica têxtil num espaço de formação, investigação e divulgação cultural, nas áreas da moda, design e fotografia.

Existe, desta forma, uma necessidade de revitalizar espaços que, pelo seu interesse arquitectónico e paisagístico e pelas memórias que representam, necessitam de ser preservados. Aqui é importante apelar à criatividade para criar novos usos, sem perder o encanto destes locais e a sensação de movimento e trabalho que os caracteriza. Para além deste tipo de Turismo Industrial, também se pode praticar um outro, não menos interessante, que envolva visitas a fábricas que ainda se encontram em funcionamento.

A contribuição do arquiteto paisagista para esta valorização dos espaços industriais desativados pode passar pelo auxílio no planeamento de rotas e pela revitalização dos espaços exteriores destas fábricas. É importante estudar o que terão sido os jardins e, não sendo possível recriá-los, torná-los locais confortáveis e acolhedores, com zonas de sombra e de estadia, assim como algumas de merenda junto ao rio, no caso do Vale do Ave.

A proposta "Serralves e o Vale do Ave – Um Roteiro de Paisagem" é o resultado de uma profunda reflexão de como conduzir os visitantes pelo Vale do Ave, enfatizando a paisagem e as suas diferenças e a forma como a indústria aí se adaptou, com a produção de energia no Alto Ave, as primeiras fábricas dependentes da força do rio no Médio Ave e as fábricas mais modernas de Delfim Ferreira no Baixo Ave. Desta reflexão resultou um Roteiro que permite conhecer o património empresarial que foi considerado de maior importância, tanto pela sua história e arquitetura como pelos seus espaços exteriores e inserção na paisagem, fazendo um passeio que percorre praticamente todo o comprimento do rio, dando a conhecer o Vale do Ave e as suas principais caraterísticas.

5. Referências bibliográficas | Bibliografia | Fontes de imagens

5.1. Referências bibliográficas

[1] Ferreira, D. (2014). *Paisagem Industrial do Vale do Ave – da energia hidráulica à energia eletrica.* Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura sob orientação do Professor Doutor Paulo Providência e co-orientação do Professor Carlos Martins. Departamento de Arquitectura – Faculdade de Ciências e tecnologias da Universidade de Coimbra

[2] Olaio, N. & Moreira, A. (1995). *Comemoração dos 150 anos da Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela*. Câmara Municipal de Santo Tirso

[3] Santana, M. & Moreira, J. &Monteiro, R. & Dinis, M. (2005). *Propostas para o Itinerário Cultural no Douro*. http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9725.pdf, consultado a 14 de Maio de 2014 às 14:23h

[4] Santana, M. & Moreira, J. &Monteiro, R. & Dinis, M. (2005). *Propostas para o Itenirário Cultural no Douro*. http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9725.pdf, consultado a 14 de Maio de 2014 às 14:23h

[5] Almeida, M. & Almeida, J. & Nogueira, P. (2013). *Uma visita a Serralves.* Porto, Fundação de Serralves

[6] Fundação de Serralves (2014). Disponível em http://www.serralves.pt/pt/fundacao/a-fundacao/missao-visao-e-valores/

[7] Tavares, A. (2007) *Os fantasmas de Serralves*. Equações de Arquitectura, Dafne Editora

[8] Fernando, A. (1994). *RIBA D'AVE em TERRAS de ENTRE-AMBAS-as-AVES , Monográficos, II Volume,* Editora e Distribuidora - Biblioteca do Externato Delfim Ferreira – Riba d'Ave

[9] Fernando, A. (1994). *RIBA D'AVE em TERRAS de ENTRE-AMBAS-as-AVES , Monográficos, II Volume,* Editora e Distribuidora - Biblioteca do Externato Delfim Ferreira – Riba d'Ave

[10] Fernandes, F. (2003). *Fortunas e negócios – empresários portugueses do século XX*. Oficina do Livro

[11] Fernando, A. (1994). *RIBA D'AVE em TERRAS de ENTRE-AMBAS-as-AVES , Monográficos, II Volume,* Editora e Distribuidora - Biblioteca do Externato Delfim Ferreira – Riba d'Ave

[12] Tavares, A. (2007). *Os fantasmas de Serralves*. Equações de Arquitectura, Dafne Editora

[13] Ferreira, D. (2014). *Paisagem industrial do Vale do Ave – da emergia hidráulica à energia elétrica.* Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra

[14] Ferreira, D. (2014). *Paisagem industrial do Vale do Ave – da emergia hidráulica à energia elétrica.* Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra

[15] Ferreira, D. (2014). *Paisagem industrial do Vale do Ave – da emergia hidráulica à energia elétrica.* Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra

[16] Borges, N. (2012). *Narciso Ferreira – um Contemporâneo do seu tempo.* Fundação Narciso Ferreira

[17] Gonçalves, A. & Costa, F. (2002).*O vale do Ave: a sua geografia* in *Património e Indústria no Vale do Ave – Um Passado com Futuro*, coord. por Mendes J. & Fernandes, I. ADRAVE

[18] Ferreira, D. (2014). *Paisagem industrial do Vale do Ave – da emergia hidráulica à energia elétrica.* Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra

[19] Providência, P. (2002). *Um olhar sobre o Vale do Ave. Património e Indústria no Vale do Ave – Um Passado com Futuro*, coord. por Mendes J. & Fernandes, I. ADRAVE

[20] Marques, T. (2009). Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitetura paisagista em Portugal. Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia

[21] Ferreira, D. (2014). Paisagem Indutrial do Vale do Ave – Da energia hidráulica à energia elétrica. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura – Faculdade de Ciências e Técnologias da Universidade de Coimbra

[22] Marques, T. (2009). *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitetura paisagista em Portugal.* Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia

[23] Borges, N. (2012). *Narciso Ferreira, Um Contemporâneo do seu tempo*, Fundação Narciso Ferreira

[24] Marques, T. (2009). *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitetura paisagista em Portugal.* Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia

---

5.2. Bibliografia

Roteiro de paisagem

- Santana, M. & Moreira, J. &Monteiro, R. & Dinis, M. (2005). *Propostas para o Itinerário Cultural no Douro*. http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9725.pdf, consultado a 14 de Maio de 2014 às 14:23h

Serralves

- Almeida, M. & Almeida, J. & Nogueira, P. (2013). *Uma visita a Serralves.* Porto, Fundação de Serralves

- Almeida, J. (Coord.) (2013). *Parque de Serralves, Paisagem com Vida,* Catálogo da exposição *Parque de Serralves - Paisagem com Vida.* Porto, Fundação de Serralves
- Almeida, J. & Andresen, T. & Fernandes, M. (Coord.) (2011). *Jacques Gréber – Urbanista e Arquiteto de Jardins,* Atas da Conferências Internacional Jacques Gréber – Urbanista e Arquiteto de Jardins. Porto, Fundação de Serralves
- Fundação de Serralves. (2013). http://www.serralves.pt/pt/parque/projeto-de-recuperacao-do-parque/, consultado a 5 de Dezembro de 2012 às 12:23h
- Fundação de Serralves. (2013). http://www.serralves.pt/pt/fundacao/a-fundacao/missao-visao-e-valores/ , consultado a 5 de Dezembro de 2013 às 12:15h
- Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva. (2013). http://www.stcp.pt/fotos/conteudos/linha_22_15437907204fe2eb5195509.pdf , consultado a 5 de Dezembro de 2013 às 17:03
- Tavares, A. (2007). *Os fantasmas de Serralves*. Equações de Arquitectura, Dafne Editora
- Igespar. (2013). http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/74212/, consultado a 20 de Fevereiro de 2014
- Marques, T. (2009). *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitetura paisagista em Portugal.* Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia

As famílias Cabral e Ferreira

- Geneall. (2013). http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=117127&fview=e, consultado a 11 de Dezembro de 2013 as 16:00h
- Geneall. (2013). http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=54345, consultado a 18 de Dezembro de 13:55h
- Geneall. (2013). http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=442454, consultado a 18 de Dezembro de 2013 às 14:54h
- Olaio, N. & Moreira, A. (1995). *Comemoração dos 150 anos da Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela*. Câmara Municipal de Santo Tirso
- Dias, G. & Freitas, F. (Coord.). (2005). *Vila das Aves em Livro Aberto* Junta de Freguesia de Vila das Aves
- Fundação Narciso Ferreira. (2013). http://www.fnarcisoferreira.org/main.html, consultado a 11 de Dezembro d 2013 às 15:47h
- Fernando, A. (1994). *RIBA D'AVE em TERRAS de ENTRE-AMBAS-as-AVES , Monográficos, II Volume,* Editora e Distribuidora - Biblioteca do Externato Delfim Ferreira – Riba d'Ave

- Fernandes, F. (2003). *Fortunas e negócios – empresários portugueses do século XX*. Oficina do Livro
- Seixas, P. & Seabra, D. (2002). *Centro Residencial Conde Riba D'Ave. A produção simbólica de um espaço* in José Armando Mendes e Isabel Fernandes (Coords), património e Indústria no Vale do Ave – Um Passado com Futuro, Vila Nova de Famalicão: ADRAVE
- Geneall. (2013). http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=117127&fview=e, consultado a 12 de Dezembro de 2013 às 15:18h
- Diário de Noticias Online. (2014). http://www.dn.pt/gente/Interior.aspx?content_id=1235327, consultado a 28 de Março de 2014 às 15:23h

Condes de Campo Belo

- Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (2014). http://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1010614, consultado a 27 de Março de 2014 às 12:00h
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Conde_de_Campo_Belo, consultado a 27 de Março de 2014 às 12:08h
- Geneall (2014). http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=54763, consultado a 27 de Março de 2014 às 14:33h;
- Geneall (2014). http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=174251, consultado a 27 de Março de 2014 às 14:40h

Conde de São Salvador de Matosinhos

- http://www.museu-emigrantes.org/docs/titulados/Joao%20Jose%20dos%20Reis.pdf, consultado a 27 de Março de 2014 às 14:45h
- Geneall (2014). http://www.geneall.net/P/tit_page.php?id=311
- Geneall (2014). http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=43246
- Geneall (2014). http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=24285
- Geneall (2014). http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=37142

Porto

- Wikipedia (2014). http://pt.wikipedia.org/wiki/História_do_Porto, consultado a 12 de Março de 2014 às 16:00h
- Gravato, M. (2004). *Trajecto do Risco Urbano, A arquitectura na Cidade do Porto, nas dédacas de 30 a 50 do século XX, através do estudo do conjunto da Avenida dos Aliados è Rua de Ceuta – Volume 1 – Texto.* Dissestação de Mestrado em História da Arte em Portugal. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Orientador: Professor Doutor António Cardoso

- Jornal de Noticias Online. http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Option=Interior&content_id=3684348, consultado a 13 de Março de 2014 às 12:25h
- Tavares, R. (1992). *A Carta Topográfica da Cidade do Porto de 1892 – Uma base cartográfica para a gestão urbanística municipal.* Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto.

Vale do Ave

- Ferreira, D. (2014). *Paisagem Industrial do Vale do Ave – da energia hidráulica à energia eletrica.* Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura sob orientação do Professor Doutor Paulo Providência e co-orientação do Professor Carlos Martins. Departamento de Arquitectura – Faculdade de Ciências e tecnologias da Universidade de Coimbra
- http://www.museudaindustriatextil.org/txx.php?tp=3&co=37&cr=1&LG=0&SID=&mop=40, consultado a 17 de Dezembro de 2013 às 12:35
- Costa, F. *Geopatrimónio ligado à água - O caso do património industrial na bacia hidrográfica do rio Ave* - Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território; Departamento de Geografia da Universidade do Minho
- Gonçalves, A. & Costa, F. (2002).*O vale do Ave: a sua geografia* in *Património e Indústria no Vale do Ave – Um Passado com Futuro*, coord. por Mendes J. & Fernandes, I.
- Mendes, J. & Providência, P. (2002). *Um olhar sobre o Vale do Ave* in *Património e Indústria no Vale do Ave – Um Passado com Futuro*, coord. por Mendes J. & Fernandes, I.
- Dias, G. & Freitas, F. (2005). *Vila das Aves em Livro Aberto*. Junta de Freguesia de Vila das Aves
- Costa, F. *A gestão das águas Publicas – O caso da Bacia Hidrográfica do Rio Ave no período de 1902-1973.* Tese de Doutoramento em Geografia, Ramo de Geografia Física e Estudos Ambientais. Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais
- http://snirh.pt/junior/?menu=2.1&item=3, consultado a 29 de Janeiro de 2014 às 15:04h
- Marques, T. & Domingues, Á. *Breve caracterização do Vale do Médio Ave.* http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1510.pdf, consultado a 28 de Janeiro de 2014
- Costa, F. *A gestão das águas Publicas – O caso da Bacia Hidrográfica do Rio Ave no período de 1902-1973.* Tese de Doutoramento em Geografia, Ramo de Geografia Física e Estudos Ambientais. Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais
- Alves, J. (2002). *A Industria Têxti do Vale do Ave* in *Património e Indústria no Vale do Ave – Um Passado com Futuro*, coord. por Mendes J. & Fernandes, I.

- Refer (2014) http://www.refer.pt/MenuPrincipal/TransporteFerroviario/CaminhodeferroemPortugal.aspx, consultado a 16 de Janeiro de 2014 às 15:24h
- Cordeiro, J. (2001). *A industria e Energia na Bacia do Ave*. Separata de Cadernos do Noroeste, Série História 1 (Volume 15 (1-2) /2001)
- Alves, J. (2002). *A Industria Têxti do Vale do Ave* in *Património e Indústria no Vale do Ave – Um Passado com Futuro*, coord. por Mendes J. & Fernandes, I.
- Mendes, J. (2002). *A industria do Vale do Ave no contexto da industria nacional.* in *Património e Indústria no Vale do Ave – Um Passado com Futuro*, coord. por Mendes J. & Fernandes, I.
- Serén, M. (2002). *A industria, os insdustriais e os proprietários através da imagem fotográfica* in *Património e Indústria no Vale do Ave – Um Passado com Futuro*, coord. por Mendes J. & Fernandes, I.
- Mendes, J. & Providência, P. (2002). *Um olhar sobre o Vale do Ave* in *Património e Indústria no Vale do Ave – Um Passado com Futuro*, coord. por Mendes J. & Fernandes, I.
- Dias, G. & Freitas, F. (2005). *Vila das Aves em Livro Aberto*. Junta de Freguesia de Vila das Aves
- Universidade do Minho (2014). http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/22632/1/A%20INDÚSTRIA%20TÊXTIL%20NA%20BACIA%20HIDROGRÁFICA%20DO%20RIO%20AVE_%20FranciscoCosta.pdf, consultado a 29 de janeiro de 2014 às 12:14h
- Costa, F. *A gestão das águas Publicas – O caso da Bacia Hidrográfica do Rio Ave no período de 1902-1973.* Tese de Doutoramento em Geografia, Ramo de Geografia Física e Estudos Ambientais. Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais
- http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_V_Congresso_APG/web/_pdf/E5_6_1_Costa_Patrimonio_Agua.pdf, consultado a 29 de janeiro de 2014 às 11:01h

Vale do Rio Vizela

- Pinto, E. (2003). *Um olhar sobre Vizela.* Reviver Editora

Vale do Rio Este

- http://www.infopedia.pt/$rio-este, consultado a 25 de Junho de 2014 às 16:13h

Património da Família Cabral

Casa de Montevideu (Porto)

- Cardoso, A. (1997). *O arquiteto José Marques da Silva e a arquitetura no Norte do País na primeira metade do séc. XX.* FAUP$_{publicações}$

Quinta da Trindade (Âncora)

- Caminha – Jornal Digital Regional (2012). http://www.caminha2000.com/jornal/n589/cmc3.html, consultado a 20 de Fevereiro de 2014
- SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (2014). http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=15184, consultado a 20 de Fevereiro de 2014
- Imobiliária Luximos (2014). http://www.luximos.pt/imovel/venda/quinta/caminha/ancora/quinta-sec.-xviii---caminha--minho-litoral-/cs00021, consultado a 3 de Fevereiro de 2014-02-04

Palácio do Conde de Vizela (Porto)

- STCP (2013). http://www.stcp.pt/fotos/conteudos/linha_22_15437907204fe2eb5195509.pdf, consultado a 5 de Dezembro de 2013 às 17:03
- Jornal de Noticias. (2013). http://www.jn.pt/PaginaInicial/Cultura/Interior.aspx?content_id=1130651, consultado em 5 de Dezembro de 2013 às 17:47h
- Universidade do Porto. (2013). http://sigarra.up.pt/up/pt/album_geral.fotografia?p_id=376, consultado em 5 de Dezembro de 2013 às 18:04h
- Outras Cidades Blog. (2013). http://outrascidades.wordpress.com/close-up/palacete-do-conde-de-vizela/, consultado em 5 de Dezembro de 2013 às 18:17

Fábrica na Rua Miguel Bombarda (Porto)

- http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/88765/?q=diogo+jose+cabral, consultado a 22 de janeiro de 2014 às 17:41h
- http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/94698/?q=diogo+jose+cabral, consultado a 22 de janeiro de 2014 às 17:59h
- http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/101760/?q=diogo+jose+cabral, consultado a 22 de janeiro de 2014 às 18:10h

Fábrica de Fiação do Rio Vizela (Vila das Aves)

- Alves, J. & Lacerda S. (1995). *Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela - As origens*. In O TRIPEIRO, 7a série, ano XV
- Alves, J. (1996) *O Presente e o Futuro na Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela Lda.* In O TRIPEIRO , 7a série, ano XV
- Olaio, N. & Moreira, A. (1995). *Comemoração dos 150 anos da Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela*. Câmara Municipal de Santo Tirso
- Serén, M. (2002). *A industria, os insdustriais e os proprietários através da imagem fotográfica. Património e Indústria no Vale do Ave – Um Passado com Futuro*, coord. por José Armando Mendes e Isabel Fernandes; pp. 86-110

- Universidade de Coimbra. (2013). http://www.uc.pt/fluc/cegot/VISLAGF/actas/tema5/francisco, consultado a 6 de Dezembro de 2013, às 16:30h
- Jornal de Noticias Online (2013). http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=548447&page=-1, consultado a 10 de Dezembro de 2013 às 9:32h
- Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2013). http://aleph20.letras.up.pt/F/6I85DVVMIFP7PEIDPXVNLDAM1KMINDI34I72BMFU5R7D6VHGU2-12126?func=find-acc&acc_sequence=000857492, consultado a 10 de Dezembro de 2013 às 9:57h
- Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2013). http://aleph20.letras.up.pt/F/6I85DVVMIFP7PEIDPXVNLDAM1KMINDI34I72BMFU5R7D6VHGU2-12127?func=find-acc&acc_sequence=000857475, consultado a 10 de Dezembro de 2013 às 9:58h
- Universidade do Minho (2013). http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/22632/1/A%20INDÚSTRIA%20TÊXTIL%20NA%20BACIA%20HIDROGRÁFICA%20DO%20RIO%20AVE_%20FranciscoCosta, consultado a 10 de Dezembro de 2013 às 10:22h
- Rota do Ave. (2013). http://www.rotanoave.com/fabrica-fiacao-tecidos-rio-vizela.aspx, consultado a 17 de Dezembro de 2013
- Costa, F. *Geopatrimónio ligado à água - O caso do património industrial na bacia hidrográfica do rio Ave* - Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território; Departamento de Geografia da Universidade do Minho

Património Família Ferreira

Jardim de Alfredo Ferreira (Riba de Ave)

- Marques, T. (2009). *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitetura paisagista em Portugal.* Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia

Jardim de Raúl Ferreira (Riba d'Ave)

- Marques, T. (2009). *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitetura paisagista em Portugal.* Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia
- http://dani44ever.wix.com/vilanovadefamalicao#!riba-dave, consultado a 20 de fevereiro de 2014 às 17:39h

Parque de Manuel Ferreira (Riba d'Ave)

- Marques, T. (2009). *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitetura paisagista em Portugal.* Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia

Propriedade de Delfim Ferreira (Riba de Ave)

- http://videonoir.blogspot.pt/2011/04/casa-delfim-sampaio-ferreira-riba-dave.html, consultado a 3 de fevereiro de 2014 às 18:05h

Casa do Médico (Porto)

- Marques, T. (2009). *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitetura paisagista em Portugal.* Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia
- Justiniano, A. & Carvalho, F. & Gândia, L. (2011). *Casa do Médico – Obra inédita.* Ordem dos Médicos, Secção Regional do Norte

Sede da CCDRN (Porto)

- Marques, T. (2009). *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitetura paisagista em Portugal.* Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia

Fundação AEP (Porto)

- Marques, T. (2009). *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitetura paisagista em Portugal.* Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia

Jazigo de Delfim Ferreira no Prado do Repouso (Porto)

- http://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1005689

Palacete Melo (Vila do Conde)

- Igespar (2014). http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/74457/, consultado a 20 de janeiro de 2014, às 16:33h
- Igespar (2014). http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/74457/
- Carioca da Vila Blog (2011). http://carioca-carioca.blogspot.pt/2011/01/hotel-dos-banhistas.html
- Camara Municipal de Vila do Conde (2014). http://www.cm-viladoconde.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=41098&WMCM_Pag41102=3
- Wikipedia (2014). http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/41/Palacete_Melo.jpg
- Ateu de Vila do Conde Blog (2014). http://ateneuviladoconde.blogspot.pt/2013_06_01_archive.html, consultado a 21 de maio de 2014 às 11:48h

- *Estrela do Minho* - Domingo, 13 de Julho de 1947, Ano 52º, nº 2696

Quinta do Barão (Cascais)

- Igespar (2014). http://www.igespar.pt/en/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/72823/, consultado a 7 de Março de 2014 às 12:03h
- http://www.geocaching.com/geocache/GC3JV50_vinho-de-carcavelos, consultado a 7 de Março de 2014 às 12:14
- Câmara Municipal de Cascais (2014). http://www.cm-cascais.pt/quintas-historicas, consultado a 7 de Março de 2014 às 12:15h
- Câmara Municipal de Cascais (2014). http://www.cm-cascais.pt/plano-de-pormenor-do-espaco-de-reestruturacao-urbanistica-da-quinta-do-barao-0, consultado a 7 de Março às 12:52h

Cine-Teatro Narciso Ferreira

- Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão (2006). http://www.vilanovadefamalicao.com/_municipio_vai_recuperar_teatro_narciso_ferreira, consultado a 19 de Fevereiro de 2014 às 10.29h
- Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão (2007). http://www.cm-vnfamalicao.pt/_camara_reabilita_teatro_narciso_ferreira, consultado a 19 de Fevereiro de 2014 às 10:31h
- http://www.imprensaregional.com.pt/cidade_hoje/index.php?info=YTozOntzOjU6Im9wY2FvIjtzOjExOiJub3RpY2lhX2xlcil7czo5OiJpZF9zZWNjYW8iO3M6MToiNiI7czoxMDoiaWRfbm90aWNpYSI7czozOiIxODAiO30=, consultado a 19 de fevereiro de 2014 às 10:32h

Quinta dos Frades

- Público Online (2011) http://fugas.publico.pt/Noticias/282296_historica-quinta-dos-frades-estreia-se-com-um-grande-tinto-do-douro?pagina=-1, consultado a 20 de janeiro de 2014 às 17:17h
- Universidade do Porto. https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/2742, consultado a 20 de janeiro de 2014 às 17:14h
- Predial Ferreira e Filhos (2014). http://www.predialferreira.pt/patrimonio2/quinta-dos-frades, consultado a 20 de janeiro de 2014 às 16:30h
- Enoteca. http://www.enoteca.pt/content/quinta-dos-frades, consultado a 20 de janeiro de 2014, às 16:56h

Hotel Infante Sagres (Porto)

- Restos da Coleção Blog (2012). http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2012/01/hotel-infante-de-sagres.html, consultado a 20 de Janeiro de 2014, às 10:38h
- Wikipedia (2014). http://pt.wikipedia.org/wiki/Hotel_Infante_Sagres, consultado a 20 de Janeiro

de 2014 às 10:59

- Universidade do Porto (2014). http://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1005752, consultado a 20 de Janeiro de 2014 às 10:24h
- Gravato, M. (2004). *Trajecto do Risco Urbano, A arquitectura na Cidade do Porto, nas dédacas de 30 a 50 do século XX, através do estudo do conjunto da Avenida dos Aliados è Rua de Ceuta – Volume 1 – Texto.* Dissestação de Mestrado em História da Arte em Portugal. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Orientador: Professor Doutor António Cardoso

Palácio do Comercio (Porto)

- http://fims.up.pt/index.php?cat=15&subcat=17&proj=13, consultado a 16 de Maio de 2014 às 15:24h

Empresa Nacional de Sedas Lda (Vila Nova de Gaia)

- Fonte: http://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/73152/, consultado a 24 de Fevereiro de 2014
- http://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/71887/, consultado a 24 de Fevereiro de 2014

Têxtil Algodoeira de Arcozelo (Vila Nova de Gaia)

- http://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/72687/, consultado a 24 de Fevereiro de 2014

Sampaio, Ferreira Ca. Lda (Riba de Ave)

- Rota do Ave (2013). http://www.rotanoave.com/sampaio-ferreira.aspx, consultado a 17 de Dezembro de 2013 às 12:30h
- Fernandes, F. (2003). *Fortunas e negócios – Empresários Portugueses do século XX,* Oficina do Livro
- Serén, M. (2002). *A industria, os insdustriais e os proprietários através da imagem fotográfica. Património e Indústria no Vale do Ave – Um Passado com Futuro*, coord. por José Armando Mendes e Isabel Fernandes; pp. 86-110
- Costa, F. *A gestão das águas Publicas – O caso da Bacia Hidrográfica do Rio Ave no período de 1902-1973.* Tese de Doutoramento em Geografia, Ramo de Geografia Física e Estudos Ambientais. Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais

Central Amieiro Galego

- Borges, N. (2012). *Narciso Ferreira, Um Contemporâneo do seu tempo*, Fundação Narciso Ferreira
- http://www.waymarking.com/waymarks/WME3KE_Amieiro_Galego_V_N_Famalico_Portugal

- http://wikienergia.com/~edp/index.php?title=Electrificação_do_concelho_de_Vila_Nova_de_Famalicão
- http://www.aguas.ics.ul.pt/porto_smaves.html
- http://entre-ambos-os-aves.blogspot.pt/2009/12/amieiro-galego.html

Oliveira e Ferreira Lda. (Riba de Ave)

- Rota do Ave (2013). http://www.rotanoave.com/Item.aspx?Id=57, consultado a 20 de Março de 2014 às 11:56h

Predial Ferreira e Filhos

- http://www.predialferreira.pt/empresa/historia, consultado a 20 de Janeiro às 16:15h.

Empresa Têxtil Elétrica

- Costa, F. *A gestão das águas Publicas – O caso da Bacia Hidrográfica do Rio Ave no período de 1902-1973.* Tese de Doutoramento em Geografia, Ramo de Geografia Física e Estudos Ambientais. Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais

Central de Caniços

- Costa, F. *A gestão das águas Publicas – O caso da Bacia Hidrográfica do Rio Ave no período de 1902-1973.* Tese de Doutoramento em Geografia, Ramo de Geografia Física e Estudos Ambientais. Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais
- Câmara Municipal de Famalicão (2011). http://www.cm-vnfamalicao.pt/_famalicao_assinala_dia_internacional_dos_monumentos_e_sitios_visita_guiada_a_central_de_canicos_dia_16, consultado a 30 de Janeiro de 2014 às 16:32h
- Wikipedia (2014). http://wikienergia.com/~edp/index.php?title=Electrificação_do_concelho_de_Vila_Nova_de_Famalicão, consultado a 31 de janeiro de 2014
- Facebook (2014). https://www.facebook.com/oscar.onone/media_set?set=a.560415610653742.83619649.100000559236380&type=3, consultado a 27 de fevereiro de 2014 ás 14:01
- http://wikienergia.com/~edp/index.php?title=Electrificação_do_concelho_de_Vila_Nova_de_Famalicão, consultado a 28 de Maio de 2014, às 17:33h

Central Varosa

- Costa, F. *A gestão das águas Publicas – O caso da Bacia Hidrográfica do Rio Ave no período de 1902-1973.* Tese de Doutoramento em Geografia, Ramo de Geografia Física e Estudos Ambientais. Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais
- Wikipedia (2014). http://wikienergia.com/~edp/index.php?title=Centrais_eléctricas_no_Distrito_de_Viseu#Em_funcionamento, consultada a 27 de Fevereiro de 2014 às 17:22h

- Wikipedia (2014). http://wikienergia.com/~edp/index.php?title=Centrais_eléctricas_no_Distrito_de_Viseu, consultado a 31 de Janeiro de 2014 às 15:57h

Central do Ermal

- Costa, F. *A gestão das águas Publicas – O caso da Bacia Hidrográfica do Rio Ave no período de 1902-1973.* Tese de Doutoramento em Geografia, Ramo de Geografia Física e Estudos Ambientais. Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais
- http://www.anossaterra.pt/?co=1046&tp=15&ct=0&cop=11&LG=0&mop=1278&it=pagina_e, consultado a 27 de Fevereiro de 2014 às 17:11h
- http://www.rotanoave.com/Item.aspx?Id=43, consultado a 24 de Julho de 2014 às 11:02h
- http://boacamaboamesa.expresso.sapo.pt/nucleo-museologico-central-ermal-10320, consultado a 4 de Setembro de 2014.

Companhia Hidroelétrica do Norte de Portugal (CHENOP)

- http://www.wikienergia.pt/~edp/index.php?title=Companhia_Hidroeléctrica_do_Norte_de_Portugal, consultado a 27 de Fevereiro de 2014 às 17:00
- http://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/2452/?q=delfim+ferreira, consultado a 25 de Fevereiro de 2014, às 10:39h
- http://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/2438/, consultado a 25 de Fevereiro de 2014 às 10:42h
- http://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/2456/, consultado a 25 de Fevereiro de 2014 às 10:43h

Sociedade Industrial de Mindelo

- Arquivo Distrital do Porto (2014). http://pesquisa.adporto.pt/details?id=1295957, consultado a 26 de Maio de 2014 às 12:00h
- Jornal de Noticias Online (2008). http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=933381, consultado a 26 de Maio de 2014 às 12:33h

Narfil

- Atneu de Vila do Conde Blog (2012). http://ateneuviladoconde.blogspot.pt/2012_07_01_archive.html, consultado a 28 de maio de 2014 às 14:20h
- Geocaching (2014). http://www.geocaching.com/geocache/GC40NN5_narfil, consultado a 28 de maio de 2014 às 14:22h

Biografias

Jacques Gréber

- Almeida, M. & Almeida, J. & Nogueira, P. (2013). *Uma visita a Serralves.* Porto, Fundação de Serralves
- Almeida, J. (Coord.) (2013). *Parque de Serralves, Paisagem com Vida,* Catálogo da exposição *Parque de Serralves - Paisagem com Vida.* Porto, Fundação de Serralves
- Almeida, J. & Andresen, T. & Fernandes, M. (Coord.) (2011). *Jacques Gréber – Urbanista e Arquiteto de Jardins,* Atas da Conferências Internacional Jacques Gréber – Urbanista e Arquiteto de Jardins. Porto, Fundação de Serralves

Marques da Silva

- Fundação Instituto Marques da Silva. (2013). http://fims.up.pt/index.php?cat=45&subcat=2, consultado a 5 de Dezembro de 2013 às 16:44h
- Cardoso, A. (1997). *O arquiteto José Marques da Silva e a arquitetura no Norte do País na primeira metade do séc. XX.* $FAUP_{publicações}$
- Almeida, J. & Andresen, T. & Fernandes, M. (Coord.) (2011). *Jacques Gréber – Urbanista e Arquiteto de Jardins,* Atas da Conferências Internacional Jacques Gréber – Urbanista e Arquiteto de Jardins. Porto, Fundação de Serralves

Charles Siclis

- Almeida, J. & Andresen, T. & Fernandes, M. (Coord.) (2011). *Jacques Gréber – Urbanista e Arquiteto de Jardins,* Atas da Conferências Internacional Jacques Gréber – Urbanista e Arquiteto de Jardins. Porto, Fundação de Serralves
- Architecture de Collection. (2013). http://www.architecturedecollection.fr/bien.asp?ref=0000154&historique=1 , consultado em 6 de Dezembro de 2013 às 14:57h

Jacques Émile Ruhlmann

- Almeida, J. & Andresen, T. & Fernandes, M. (Coord.) (2011). *Jacques Gréber – Urbanista e Arquiteto de Jardins,* Atas da Conferências Internacional Jacques Gréber – Urbanista e Arquiteto de Jardins. Porto, Fundação de Serralves
- Camard, F. & Fernandes (2009). *J. Jacques Émile Ruhlmann e a Fraternidade das Artes.* Coord. de Cláudia Gonçalves. Porto, Fundação de Serralves
- Ruhlmann. (2013). http://www.ruhlmann.info/ruhlmann.php/t,E.J.Ruhlmann, consultado a 9 de Dezembro às 15:02h

Alfred Porteneuve

- http://www.iliadny.com/furniture/biographies/Porteneuve_bio.pdf, consultado a 9 de Dezembro de 2013, às 16:38h

Edgar Brandt

- Camard, F. & Fernandes (2009). *J. Jacques Émile Ruhlmann e a Fraternidade das Artes.* Coord. de Cláudia Gonçalves. Porto, Fundação de Serralves

René Lalique

- Lalique's official website. (2013). http://www.lalique.com/en_GB/esprit/lalique-spirit-1/rene-lalique-1#/en_GB/lalique-spirit/rene-lalique-1/rene-lalique-revolutionary-artist-en-gb-91 , consultado a 9 de Dezembro de 2013, às 17:03h

Jean Perzel

- http://www.perzel.com/htgb/0001.htm, consultado a 9 de Dezembro de 2013 às 17:28h

Rogério dos Santos Azevedo

- http://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=1005752
- Gravato, M. (2004). *Trajecto do Risco Urbano, A arquitectura na Cidade do Porto, nas dédacas de 30 a 50 do século XX, através do estudo do conjunto da Avenida dos Aliados è Rua de Ceuta – Volume 1 – Texto.* Dissestação de Mestrado em História da Arte em Portugal. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Orientador: Professor Doutor António Cardoso
- Fotografia de Rosto do Arquiteto: http://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=1005752

Jacintho de Mattos

- Marques, T. (2009). *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitetura paisagista em Portugal.* Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia
- *O Tripeiro* - Ano V, Série V, Nº 10, Fevereiro de 1950

Bibliografia consultada

- Carita, H.; Cardoso, H. (1998).*Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal ou da originalidade e desaires desta arte*. Livros Quetzal e Bertrand Editora
- Araújo, I. (1962). *Arte paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*. Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, Centro de Estudos em Urbanismo

Palácio de Cristal

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Jardins_do_Palácio_de_Cristal, consultado a 12 de Março de 2014 às 15:00h
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Palácio_de_Cristal, consultado a 12 de Março de 2014 as 15:36h
- http://www.infopedia.pt/$palacio-de-cristal, consultado a 12 de Março de 2014 às 15:40h
- http://balcaovirtual.cm-porto.pt/PT/cultura/patrimoniocultural/patrimonioarquitetonico/atividadesprojetos/jornadas%20europeias%20do%20patrimonio/Documents/Folheto_Massarelos.pdf, consultado a 12 de Março de 2014 às 16:03h

5.3. Fontes das imagens

Carlos Alberto Cabral, 2º Conde de Vizela.

- http://emuseum.serralves.pt/acac/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultDetailView/result.inline.list.t1.collection_list.$TspTitleLink.link&sp=14&sp=Sartist&sp=SfilterDefinition&sp=0&sp=X&sp=1&sp=SdetailView&sp=8&sp=Smodul&sp=SinlineBlock&sp=0&sp=T&sp=0&sp=SdetailList&sp=75&sp=T&sp=84

Narciso Ferreira com 24 anos, com a esposa e os três primeiros filhos.

- *RIBA D'AVE em TERRAS de ENTRE-AMBAS-as-AVES , Monográficos, II Volume,* Aurélio Fernando, Editora e Distribuidora - Biblioteca do Externato Delfim Ferreira – Riba d'Ave – 1994

Delfim Ferreira com a esposa Sílvia Ferreira.

- http://emuseum.serralves.pt/acac/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultDetailView/result.inline.list.t1.collection_list.$TspTitleLink.link&sp=14&sp=Sartist&sp=SfilterDefinition&sp=0&sp=X&sp=1&sp=SdetailView&sp=8&sp=Smodul&sp=SinlineBlock&sp=0&sp=T&sp=0&sp=SdetailList&sp=75&sp=T&sp=80



Anexo 1

Serralves – o Elo de Ligação

O Parque

A Quinta de Lordelo possuía uma típica casa burguesa oitocentista, com o seu jardim romântico adjacente prolongado até ao lago posicionado a meia encosta. Em finais de 1910/ inícios de 1920, Diogo Cabral, 1º Conde de Vizela, leva a cabo uma intervenção na Quinta de Serralves, que se supõe da autoria de Jacintho de Mattos.

Carlos Alberto Cabral, herda a Quinta de Lordelo em 1923 e dá inicio a um processo de compra e permuta que conduz ao seu alargamento até aos 18 hectares que a compõem actualmente e que se desenrola até à Primavera de 1941. Durante o período de obra, Cabral visitava com frequência Paris e passava temporadas de Verão na sua Villa Velleda em Biarritz.

Com a colaboração continua do arquiteto portuense José Marques da Silva, Carlos Alberto vai sintetizando os vários contributos e visões e acompanha criteriosamente tanto o projecto como a obra, pretendendo preservar apenas o essencial, integrando a estrutura dos jardins pré-existentes nos novos planos.

Nos vinte anos de construção da Quinta de Serralves, os jardins são criados num processo relativamente rápido, tendo como base os estudos de Marques da Silva, que já definiam algumas características posteriormente consubstanciadas. As plantas de Jacques Gréber para a Quinta de Serralves datam de 1932 e prevêem uma atualização e valorização da quinta de recreio como um todo, através da adopção de conceitos de grande atualidade já aplicados nos seus trabalhos pela Europa e América do Norte, internacionalizando este espaço até ao presente.

Sendo a grande transformação deste espaço num período histórico conturbado, a paisagem de Serralves estabelece-se como uma obra de grandes dimensões, dando forma a um conjunto harmonioso de cenários de estilos diversos, adaptado às condições biofísicas de suporte.

A **Alameda dos Liquidâmbares** é formada por quatro alinhamentos de árvores desta espécie, resultando na geometria e linearidade imperativas numa relação de aproximação à Casa e ao eixo principal.

Fazendo a ligação da Avenida Marechal Gomes Costa ao Parterre Central, a Alameda enfatiza o formalismo deste espaço. Convoca-nos ainda para o misticismo das grandes catedrais ogivadas, de acentuada verticalidade, através de um passeio ritmado, denso e sombrio.

O **Parterre Central** enquadra a frente da casa e é formado por jogos de água e clareiras relvadas emolduradas por orlas arbustivas. O elemento água assume particular importância neste Parterre, pois define as características de ordem cénica e compositiva e faz a transição dos diferentes espaços ao longo do seu eixo central. Este eixo que parte do interior da casa prolonga-se praticamente até à extremidade sul da propriedade, marcando a geometria do espaço anterior e sendo fundamental para a sua relação com a casa.

O Parterre Central cruza-se com a Alameda dos Liquidâmbares no chamado *grand terrace*. Na passagem do *grand terrace* para o patamar inferior encontra-se a Casa de Fresco, um espaço protegido e ensombrado, definido pelas escadarias laterais.

O **Parterre Lateral** tem particular importância pela sua relação com a Casa, tornando a paisagem participante na sua intimidade. Neste caso, a ideia de quarto ou sala exterior é reforçada pela compartimentação do espaço com sebes arbustivas topiadas.

Tendo servido anteriormente como horta, à data o **Roseiral** tem grande interesse enquanto espaço de contemplação e deambulação. Possuí uma luz extraordinária, resultante da sua exposição solar e do jogo de sombras criado pela estrutura arbórea envolvente. A pérgula de roseiras surge como elemento estruturante e escultórico, efectuando a transição entre a orla meandrizada superior e o patamar inferior que, atualmente, contata com o Museu de Arte Contemporânea. O ponto central deste jardim é ocupado por uma pequena fonte que fazia parte dos antigos jardins da Quinta de Lordelo e que Jacques Gréber integrou no seu desenho.

O **Campo de Ténis** foi um espaço adaptado aos costumes da época da sua construção, com balneário e bancadas, equipamentos essenciais. Atualmente, não serve a sua função original, sendo palco de diversas atividades da Fundação de Serralves e funcionando o antigo balneário como casa de chá. De salientar a pérgula das glicínias, cuja floração de início de primavera torna o espaço rico em cor.

Apelidado de **Jardim do Relógio de Sol** pela presença de um plinto central que supostamente serviu de suporte a um relógio de sol, onde se destacam os cromatismos dos canteiros e atmosfera conferida pela estrutura arbórea e arbustiva envolvente.

O **Jardim das Camélias** ocupa parte do antigo jardim da Quinta de Lordelo e é integrado no desenho de Jacques Gréber como continuação do Arboreto, partilhando alguns dos exemplares arbóreos de caráter distinto no seu centro. Plantado progressivamente com camélias em sebe talhada, o espaço vai ganhando o seu estatuto e ambiência, relacionando-se proximamente com a Capela a Nascente, preservada e incorporada no projecto da Casa.

Ocupando uma área hidricamente mais rica e geologicamente mais complexa, os **Bosques** são elementos importantes na articulação das diferentes áreas e da sua vivência como um todo vivo e dinâmico. São lugares exclusivos pela variedade de cenários que enquadram e incorporam; pelo seu carácter espontâneo e menos artificializado e pela sua contribuição para a diversidade ecossistémica.

O **Arboreto** integra parte da memória do antigo jardim romântico, de desenho irregular, canteiros relvados e açafates floridos. O projeto de Jacques Gréber absorve este espaço, organizando a sua diversidade florística num bosque que não perde o caráter exótico atribuído pelas espécies aí presentes. Esta diversidade advém do prazer pelo coleccionismo que se vivia em meados do século XIX. Faz parte deste espaço um conjunto de árvores notáveis, como a sequóia-gigante (*Sequoiadendron giganteus*), os cedros-do-atlas (*Cedrus atlântica*) e o castanheiro-da-Índia (*Aesculus hippocastanum*).

O **Bosque das Faias** funciona como uma fronteira imediata entre a Avenida Marechal Gomes da Costa e a Rua de Serralves. É um espaço de sombra pontuado por espaços abertos, onde se destaca o conjunto de exemplares de faias de quatro espécies diferentes: a faia-comum (*Fagus sylvatica*), a faia-de-folhas-

vermelhas (*Fagus sylvatica* 'Atropunicea'), a faia-pendula (*Fagus sylvatica* 'Pendula') e a faia-de-folhas-recortadas (*Fagus sylvatica* 'Asplenifolia'). O cromatismo, porte e singularidade que caracterizam esta espécie tornam este espaço único e dinâmico, devido à sua grande variabilidade sazonal.

O **Bosque do Lago** é um dos espaços originais da propriedade herdada por Carlos Alberto, tendo sido integrado no desenho de Jacques Gréber, na transição dos jardins formais com o espaço de produção do Mata-Sete e o Lago. Apresenta-se como uma unidade de grande valor cénico, localizada a meia encosta, onde a vegetação se carateriza pela associação de espécies autóctones e exóticas. As formas pitorescas do romantismo vão perdendo expressão, apesar de algumas reminiscências desse período, como o desenho naturalista do lago, a ilha central e o *grotto*. A escada que remata o Parterre Central organiza-se em torno de uma plataforma semicircular que serve de miradouro e espaço de transição. Aqui, o Lago apresenta-se como uma clareira reflectora da vegetação envolvente, com um carácter fechado e denso. A chegada ao lago é acompanhada por uma cascata, que acentua o efeito sensorial do espaço.

O **Mata-Sete** define a fronteira Sul da propriedade com as Ruas de Bartolomeu Velho e Dom João de Mascarenhas. Resulta do reordenamento do espaço pelo Conde de Vizela e é constituída pela Mata, os campos de cultivo e o Assento Agrícola. Diogo José Cabral, irmão do Conde de Vizela, adquire a propriedade da Quinta do Mata-Sete em 1918, sendo que com as permutas posteriores com Carlos Alberto permitem que este adquira esta propriedade e perfaça assim os 18 hectares de Serralves, sendo o projecto de reformulação deste espaço do arquiteto Marques da Silva.

O **Passeio da Levada** é um miradouro sobre os prados, avistando-se ao longe o Assento Agrícola, sendo o seu limite acompanhado por uma levada de água.

O **Assento Agrícola**, da autoria do arquiteto Marques da Silva, está organizado em diferentes pavilhões, com origem numa idealização do mundo rural e do espaço de produção. Atualmente, este espaço tem um carácter flexível e polivalente, albergando os serviços de Direcção do Parque e os espaços de suporte às actividades educativas, ambientais e culturais da mesma, assim como o espaço de investigação associado ao pólo do Mata-Sete.

Devido à construção do Museu de Arte Contemporânea na antiga horta da propriedade, em 1995, foi necessário seleccionar uma estratégia que suprimisse a perda patrimonial deste local que fazia parte do projecto contemporâneo da Casa. A solução passou pela construção do **Jardim das Aromáticas**, um espaço de produção e de fruição, que acolheu parte do património florístico da horta e da sua envolvente, como o laranjal, e ainda uma parte das suas infraestruturas, como a estufa que é hoje o ponto central deste jardim. O Jardim das Aromáticas localiza-se numa cota alta, com uma série de canteiros que se distribuem radialmente a partir da estufa, onde se combinam arbustos e herbáceas carateristicamente aromáticos, medicinais e com uso culinário, sendo um espaço de elevado valor pedagógico.

O **Jardim do Museu de Arte Contemporânea** constitui-se como um espaço de grande valor estético e ecológico, através de associações florísticas típicas do Norte de Portugal. Desenvolve-se em volta de três

espaços distintos: a Clareira das Bétulas, a Clareira dos Teixos e a Clareira das Azinheiras, rodeadas por sebes e bosquetes naturalizados que comunicam de forma permeável com a sua envolvente. A Clareira das Bétulas, a norte, formaliza a entrada no Museu, unindo-se ao percurso periférico que se abre na Clareira de Teixos, da qual se avista todo o edifício. Este espaço, pontuado por teixos colunares, faz a transição entre características formais distintas e associa-se à natureza de construção dos Jardins da Casa. A Clareira das Azinheiras encontra-se entre o Museu e o limite da propriedade e constitui um espaço de grande valor estético e riqueza ecológica.

Valores Naturais

O Parque de Serralves afirma-se pela diversidade do seu património arbóreo e arbustivo, composto por vegetação autóctone e alóctone. Entre a vegetação autóctone encontram-se algumas espécies raras, como o teixo, assim como o azevinho, o sobreiro e algumas espécies emblemáticas de carvalhos. O castanheiro destaca-se pela sua abundância e pelo porte extraordinário de alguns exemplares, como o do Roseiral. A flora alóctone assume no Parque um papel importante, tratando-se de um dos jardins do Porto com um maior número de camélias e onde sobressaem espécies como a sequóia e a sequóia-gigante, o tulipeiro-da-Vírginia, o cedro-do-Atlas e o cedro-do-Líbano, o castanheiro-da-Índia, os rododendros e as azáleas, as faias e o liquidâmbar.

Esta diversidade de origens da flora que se encontra no Parque, assim como a exuberância e o porte majestoso de alguns exemplares, contribuem para o caráter de excepção desta paisagem e para a particularidade dos espaços que a compõem.

Este espaço funciona como porto de abrigo para a sobrevivência da biodiversidade animal. As aves representam o grupo dos vertebrados com maior número de espécies no Parque. Em relação aos mamíferos, podem-se encontrar o morcego-anão, o morcego-hostelão, o rato-das-hortas e o musaranho-de-dentes-brancos. De anfíbios, conhecem-se a rã-verde, o tritão-de-ventre-laranja, o sapo-parteiro-comum e a salamandra-de-pintas-amarelas. Os répteis são representados pela lagartixa-de-Bocage e pelo Licranço.

O Mata-Sete é casa de uma grande variedade de espécies domésticas e promove a visibilidade de raças protegidas autóctones, como o burro de Miranda e os bovinos de raça Arauquesa, Barrosã e Marinhõa, entre outras.

A Casa

Possuindo uma fortuna que já poucos teriam em Portugal, Carlos Alberto teve a liberdade de projectar uma obra única no Porto, procurando uma visão que não a da burguesia sua contemporânea.

A Casa localiza-se no ponto mais alto da quinta e domina todo o parque. Adopta a mesma forma definida pela prática das *Beaux-Arts,* incorporando o espaço rural e o urbano, numa zona do Porto que ainda se estava a desenvolver e materializar.

O arquiteto Marques da Silva, convidado a projectar a ampliação da propriedade, começa um projecto que se vai complexando e adaptando as exigências e visões do seu proprietário. Marques da Silva elaborou desenhos que sugerem a ampliação da pequena casa herdada por Carlos Alberto para uma escala mais condigna das ambições de um industrial têxtil de sucesso.

O projecto inicial vai-se alterando sucessivamente, tanto pela evolução do próprio projecto como pela intervenção e influência de novos projectistas, nomeadamente o arquiteto Charles Siclis e o arquiteto decorador Jacques Émile Ruhlmann, ambos franceses.

Carlos Alberto convida Siclis a esboçar um desenho para a casa, ao que este responde prontamente, mandando em Dezembro de 1929 duas aguarelas com os alçados norte e sul. Nestes desenhos define-se já a cor cor-de-rosa como cor final dos acabamentos exteriores, as proporções dos volumes e das janelas e do hall. Inicia-se assim uma nova fase de projecto, sendo que apenas a capela original é preservada.

Ruhlmann, por outro lado, foi responsável pelo interior da casa, atribuindo-lhe características do neoclassicismo francês, elegante e sofisticado, assegurando a harmonia da construção como um todo. Foram também feitas encomendas a Edgar Brandt, René Lalique, Jean Perzel e Jacques Gréber.

Encarregado de sintetizar as varias propostas, Marques da Silva levou a cabo um processo ajustado à visão de Carlos Alberto. O primeiro desenho de conjunto é datado de 1930, dando origem ao projeto de licenciamento. Aqui as qualidades da Casa de Serralves, assim como foi construída, estão completamente formuladas, apesar de quase todos os aspetos do projeto terem sofrido transformações em obra.

A Casa organiza-se em função da cumplicidade com espaço exterior, orientando-se todos os compartimentos segundo dois eixos de simetria que se cruzam num hall de grande pé direito que une diversas salas. No piso superior localizam-se as suites e no inferior os serviços da casa, iluminados por pequenos pátios ingleses.

O projeto fica consolidado em 1935 e Porteneuve vai enviando desenhos de detalhe para o Porto, como por exemplo as casas de banho e a estereotomia dos pavimentos em pedra.



Interior da casa (imagem não datada).

Fonte: Fundação de Serralves (2014). Disponível em: http://www.serralves.pt/pt/fundacao/a-casa-de-serralves/historia/

A Fundação

Serralves afirma-se como instituição líder em Portugal no domínio da arte contemporânea; como espaço pluridisciplinar ao serviço da comunidade e como parte fundamental da estrutura ecologia da cidade. É ainda um pólo dinamizador do pensamento crítico e criativo.

As ações de Serralves desenvolvem-se em torno de cinco linhas orientadoras: a Criação Artística; a Sensibilização e Formação de Públicos; o Ambiente; a Reflexão Crítica sobre a Sociedade Contemporânea e as Indústrias Criativas. A Criação Artística desenvolve-se através da constituição de uma colecção internacional de arte contemporânea notável e de um programa de exposições de artistas nacionais e internacionais, assim como a programação de ciclos de música, artes performativas e cinema. O Parque é valorizado como espaço de fruição pública e pretexto para a abordagem de problemas ambientais do mundo de hoje, numa conjuntura mais ampla de relações da arte com a paisagem. Em relação às Indústrias Criativas, a INSERRALVES é a primeira incubadora de empresas nacional especializada nestas indústrias e contribui activamente para a sua constituição na região Norte, através da ADDICT.

Compra pelo estado português (1986)

Tendo sido concluído o processo da compra da Quinta de Serralves pelo estado português em 1986, esta aquisição adveio da necessidade de criação de um espaço onde o pensamento contemporâneo e as suas manifestações artísticas pudessem ter lugar. As qualidades espaciais e formais desta quinta, únicas na Cidade do Porto, levou a Secretaria do Estado da Cultura a escolher esta propriedade. Com esta escolha cumpriu-se um outro objetivo de preservação de um património de elevada qualidade e distinção.

Nesta altura foi composta uma Comissão Instaladora, encarregue da gestão do património confinado e pela execução das medidas necessárias à sua adaptação ao fim público.

A 27 de Junho de 1989 foi instituída a Fundação de Serralves, através do Decreto-Lei nº 240-A/89, estabelecendo-se uma parceria entre o Estado e a Sociedade Civil, entre empresas e particulares, com um vasto leque de Fundadores em continua expansão.

A abertura ao público exigiu a preservação do seu carácter e dos princípios que estiveram na origem da sua concepção, em busca de uma adaptação do espaço às novas necessidades e à passagem inevitável do tempo.

Abertura ao público

Com a transição de espaço privado para espaço público, foram imperativas algumas medidas de recuperação. Foi feita uma análise que permitiu perceber as oportunidades e os constrangimentos de uma série de condicionantes: patrimoniais, físicas, funcionais, estruturais e urbanísticas, resultando no Plano Diretor de Serralves de 1989.

Estabelecem-se assim as funções e usos dos diferentes espaços, controlando o desgaste provocado pelo acréscimo de visitantes; hierarquizam-se os acessos e os circuitos interiores e são referenciados os pontos de vista notáveis e a delimitação das áreas de manutenção.

A abertura da propriedade ao público exigiu uma adaptação programática, de forma a valorizar a componente educativa, lúdica e recreativa, mais especificamente através da participação de escolas e grupos de crianças. O parque tem uma missão patrimonial e pedagógica, que valoriza actividades de diversas naturezas, atraindo até si públicos novos e em crescimento.

O seu trabalho empenhado e activo, assente em equipas qualificadas e competentes, conquista em 1997 o prémio *Henry Ford Prize for the Preservation of the Environment*.

A casa foi o único espaço de exposição de arte e local de atividades culturais durante 11 anos, tratando-se do prelúdio do que viria a ser o Museu de Arte Contemporânea.

Museu (1999)

Projectado por Álvaro Siza Vieira, o Museu de Arte Contemporânea, imperceptível do exterior da propriedade, é resultado da ocupação da antiga horta, articulado em dois braços assimétricos orientados a Sul que definem um conjunto de pátios que dialogam com o jardim da autoria do arquiteto paisagista João Gomes da Silva.

A construção deste espaço dá inicio a um novo período na vida de Serralves, com uma intensa programação de exposições temporárias, colectivas e individuais, dando a conhecer parte da colecção de Serralves, assim como artistas da contemporaneidade, nacionais e internacionais.

A Biblioteca e o Auditório fazem parte do Museu, sendo espaços de estudo, debate e reflexão e palco de inúmeras actividades de âmbito cultural e artístico. Na Biblioteca destaca-se a escultura de Tobias

Rehberger, onde dezenas de candeeiros de vidro se prefiguram como gotas de chuva a cair sobre as mesas de leitura.

Projecto de Recuperação (2001-2006)

Com a alteração da função original de espaço habitacional, privado e exclusivo, a espaço de produção e divulgação de cultura público, tornou-se imperativa a necessidade de um Plano de Recuperação. Os estudos para este plano iniciam-se em 2001.

No âmbito deste projecto definiram-se seis categorias de intervenção: Reabilitação, Preservação, Reconstituição, Recriação, Redesenho, Estabilização e Consolidação, numa busca de definir e enfatizar a especificidade de cada um dos lugares, não comprometendo a sua integridade.

A área de intervenção abrangida pelo Projeto de Recuperação inclui o espaço do jardim projetado por Jacques Gréber e outras áreas da propriedade, excetuando-se apenas a envolvente do edifício do Museu de Arte contemporânea, assim como a Colecção de Plantas Aromáticas.

Os trabalhos de empreitada foram divididos em 14 áreas de execução temporal e espacialmente faseada, o que permitiu manter o Parque aberto ao público durante a obra, dando-lhe de uma função pedagógica.

A autoria do Projecto é partilhada entre Cláudia Taborda, Directora do Parque à data, e João Mateus, arquiteto paisagista escolhido por concurso para a sua realização. A sua concepção foi acompanhada por um Conselho Consultivo constituído pelos arquitetos paisagistas Aurora Carapinha, Teresa Andresen, Gonçalo Ribeiro Telles e Ilídio de Araújo.

Fotografias históricas



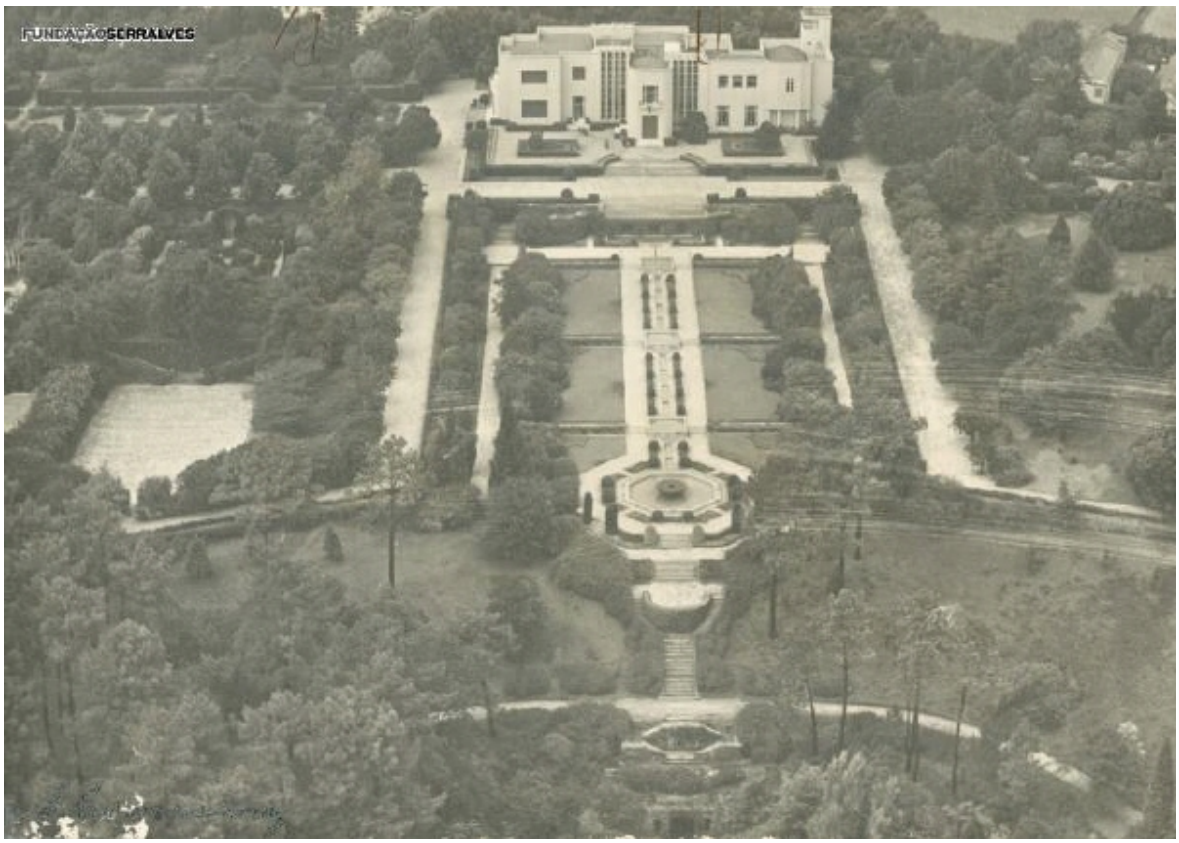
Antiga casa de Serralves e Rua de Serralves. Fonte: Acervo Carlos Alberto Cabral (2014).

http://emuseum.serralves.pt/acac/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultDetailView/result.inline.list.t1.collection_list.$TspTitleImageLink.link&sp=14&sp=Sartist&sp=SfilterDefinition&sp=0&sp=X&sp=1&sp=SdetailView&sp=8&sp=Smodul&sp=SinlineBlock&sp=0&sp=T&sp=0&sp=SdetailList&sp=50&sp=T&sp=51



Antiga ponte e cabana do Lago. Fonte: Acervo Carlos Alberto Cabral (2014).

http://emuseum.serralves.pt/acac/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultDetailView/result.inline.list.t1.collection_list.$TspTitleImageLink.link&sp=14&sp=Sartist&sp=SfilterDefinition&sp=0&sp=X&sp=1&sp=SdetailView&sp=8&sp=Smodul&sp=SinlineBlock&sp=0&sp=T&sp=0&sp=SdetailList&sp=50&sp=T&sp=54



Casa e jardins (1930/40). Fonte: Acervo Carlos Alberto Cabral (2014).

http://EMUSEUM.SERRALVES.PT/acac/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultDetailView/result.inline.list.t1.collection_list.$TspTitleLink.link&sp=14&sp=Sartist&sp=SelementList&sp=0&sp=2&sp=999&sp=SdetailView&sp=0&sp=Smodul&sp=SinlineBlock&sp=0&sp=T&sp=0&sp=SdetailList&sp=0&sp=T&sp=1



Parterre Lateral (1930/40). Fonte: Acervo Carlos Alberto Cabral (2014).

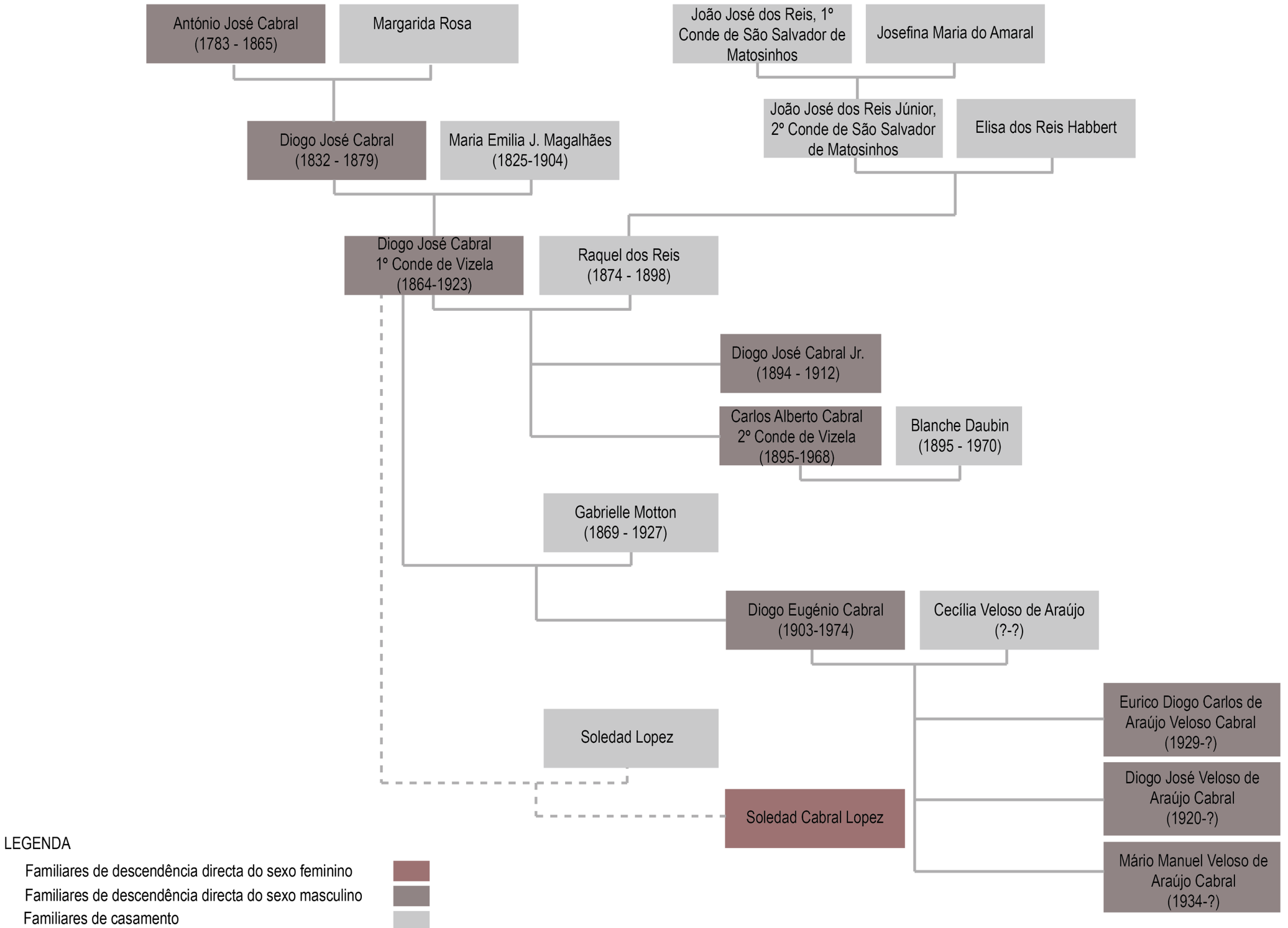
http://EMUSEUM.SERRALVES.PT/acac/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultDetailView/result.inline.list.t1.collection_list.$TspTitleImageLink.link&sp=14&sp=Sartist&sp=SelementList&sp=0&sp=2&sp=999&sp=SdetailView&sp=0&sp=Smodul&sp=SinlineBlock&sp=0&sp=T&sp=0&sp=SdetailList&sp=0&sp=T&sp=5



Anexo 2

As famílias Cabral e Ferreira

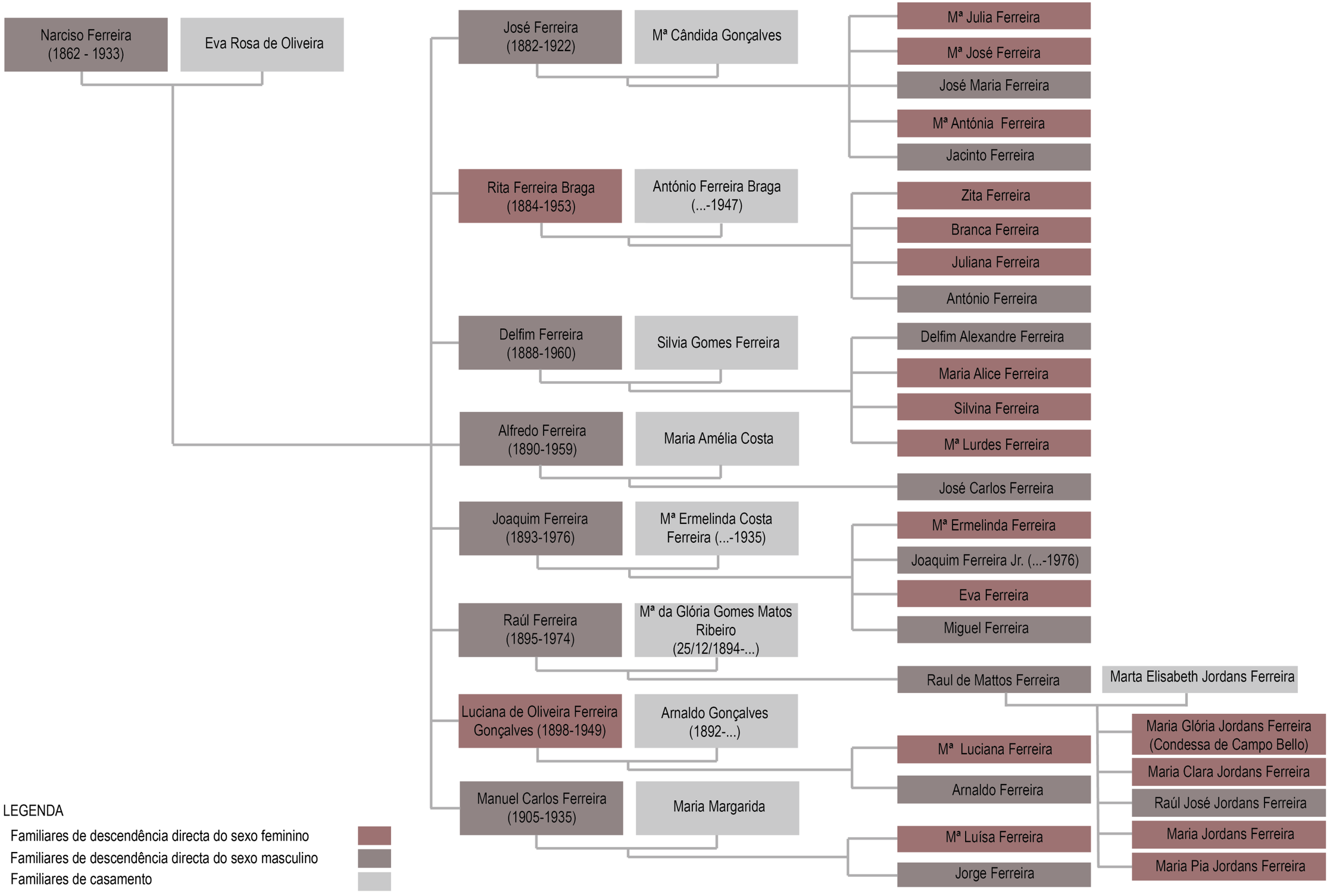
Familia Cabral - Genealogia



LEGENDA

- Familiares de descendência directa do sexo feminino
- Familiares de descendência directa do sexo masculino
- Familiares de casamento

Familia Ferreira - Genealogia



José Ferreira está presente na fundação de Sampaio, Ferreira & Lda, na Empresa Têxtil Elétrica e na fundação de Oliveira, Ferreira & Lda. Associou-se ainda aos empreendimentos do Varosa e às fábricas de Vila do Conde e Vila Nova de Gaia.

Rita de Oliveira Ferreira Braga casou com António Manuel Ferreira Braga, um dos mais destacados colaboradores da obra do seu sogro. Este forma sociedade com o seu cunhado Joaquim Ferreira, em 1938, fundando a firma J. Ferreira & Braga Lda., comprando à firma Sampaio, Ferreira & Lda o seu estabelecimento fabril em S. Mateus de Oliveira.
Em 1946, adquire a Fábrica de Fiação e Tecidos de Braga Lda. No mesmo ano, funda a Fitela – Fiação e Tecidos de Lavradores Lda.

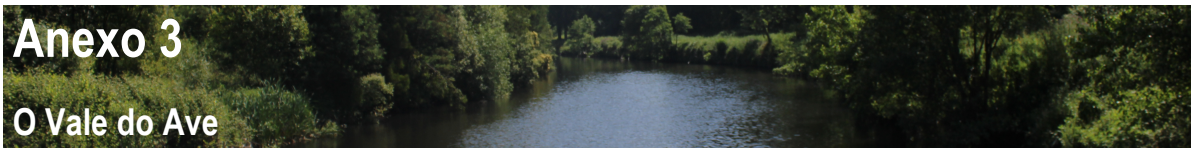
Alfredo Ferreira foi um importante continuador da obra do seu pai. Inicia a sua actividade industrial aquando da criação da firma Oliveira, Ferreira & Lda, deslocando-se pouco tempo depois para a gerência e orientação de Sampaio, Ferreira & Lda, onde trabalhou com o seu irmão Raúl Ferreira durante quase 50 anos.

Joaquim Ferreira estudou no Porto no Colégio de Santa Maria, estagiou nos escritórios de Riba de Ave e com dezoito anos trabalhava na firma Oliveira, Ferreira & Lda com o seu irmão Delfim Ferreira, dando inicio à sua carreira de industrial.
Manteve-se sempre à frente da firma Oliveira, Ferreira & Lda, como sócio e administrador, orientando-a para uma produção de tecidos de grande qualidade, com métodos de trabalho e relações comerciais de valor. Transformou a Empresa Têxtil Eléctrica numa fábrica remodelada e de larga projecção nos meios industriais. Foi também accionista na Companhia Hidroelétrica do Varosa.
Sendo um dos fundadores da fundação Narciso Ferreira, esteve envolvido na obra e sustentação do Hospital, na construção da Igreja Paroquial e nas benemerências de todo o tipo.
Foi condecorado pelo Governo da Nação com a comenda de Mérito Industrial. Foi também vereador e vice-presidente da Câmara de Famalicão.

Raul Ferreira ingressou na firma Oliveira, Ferreira & Lda, onde iniciou a vida de orientador industrial. Foi, no entanto, na firma Sampaio, Ferreira & Lda que se fixaria quase toda a vida como administrador industrial. Foi fundador e principal proprietário de outros estabelecimentos industriais, como a firma Raul Ferreira e da Fábrica de Fiação e Tecidos de Braga.
Criou a Fundação Narciso Ferreira, em homenagem ao seu pai, com o apoio dos seus irmãos e cunhados, e foi responsável por muitas obras realizadas em Riba de Ave, sendo considerado um urbanizador dinástico.
Foi agraciado por várias Ordens religiosas e mesmo pelo Vaticano, sendo lhe atribuído pelo Papa Piu VII, em 1947, o titulo de Conde de Riba d'Ave.

Luciana de Oliveira Ferreira Gonçalves casou com Arnaldo Gonçalves, societário das grandes firmas formadas pelo seu sogro, trabalhou na gerência da Empresa Têxtil Elétrica com os seus cunhados. Na direcção da Companhia Hidroelétrica do Norte de Portugal demonstrou-se um grande administrador. Em 1936, funda a Fábrica de Fiação e Tecidos da Ponte da Pedra, em Leça do Balio.

O último dos filhos de Narciso Ferreira, **Manuel Carlos Ferreira** casou com D. Margarida de Brito Ferreira, com quem teve dois filhos. Apesar da sua curta vida, chegou a prestar a sua inteligente colaboração na firma Oliveira Ferreira e Ca. Lda.

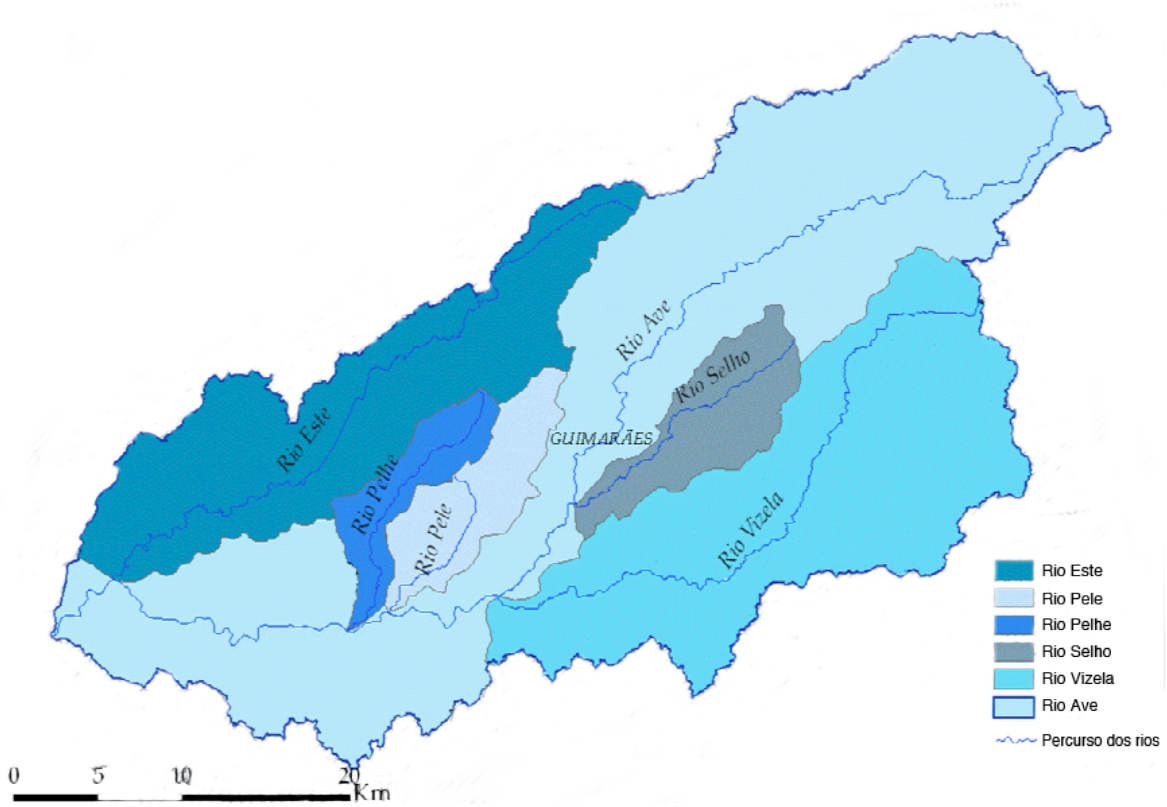


Anexo 3

O Vale do Ave

Rio Ave e sua bacia hidrográfica

Rio Ave	
COMPRIMENTO	90,9 km
REGIÃO	Norte
NASCENTE	Serra da Cabreira
FOZ	Vila do Conde
ALBUFEIRAS	Ermal-Guilhofrei | Açude Esperança | Travassos | Queimadela | Giestal
PRINCIPAIS AFLUENTES	ribeira da Granja | rio Este | ribeira de Friães | ribeira dos Peixes | ribeira da Aldeia | rio Trofa | ribeira de Beleco | rio Pelhe | rio Pele | rio Sanguinhedo | rio Vizela | ribeira do Selho | rio Pontes | rio Agrela | ribeira da Póvoa | rio Pequeno | ribeira de Tabuaças
SERRAS	Serra do Bougado | Serra do Marouço | Serra da Cabreira
GEOLOGIA	A partir da Carta Litológica do Atlas do Ambiente podemos constatar que a bacia do rio Ave é constituída principalmente por granitos (83%), ocorrendo igualmente xistos (14%); com menos frequência ocorrem areias, cascalheiras e aluviões (2%).
OCUPAÇÃO DO SOLO	Com base no Corine Landcover de 2000, a ocupação do solo na bacia hidrográfica do rio Ave é a seguinte: 42.6% de áreas agrícolas, 10.7% de áreas artificiais, 46.6% de florestas e meios semi-naturais, 0.2% de meios aquáticos e planos de água.
Bacia hidrográfica	
ÁREA	1391 km^2 (aproximadamente)
DECLIVE MÉDIO DA BACIA	13%
CAUDAL MÉDIO ANUAL	30.6 m^3/s
PRECIPITAÇÃO MÉDIA ANUAL	1522 mm
FRONTEIRAS	Norte: bacia hidrográfica do rio Cávado | Oriente: bacia hidrográfica do rio Douro | Sul: bacia hidrográfica do rio Leça.
INTEGRA	Guimarães e Vila Nova de Famalicão totalmente | Braga, Barcelos, Celorico de Basto, Fafe, Póvoa de Lanhoso, Vieira do Minho, Felgueiras, Lousada, Maia, Paços de Ferreira, Póvoa de Varzim, Santo Tirso e Vila do Conde parcialmente.



Bacia do Rio Ave e suas Sub-Bacias.

Fonte: Costa, F. (2007). *A gestão das Águas Públicas - O caso da Bacia Hidrográfica do Rio Ave no período de 1902-1973.* Tese de Doutoramento em geografia. Instituto de Ciências Sociais. Universidade do Minho

A bacia do Ave apresenta uma altitude média de 280 metros, sendo o ponto mais alto deste território o topo da Serra da Cabreira, no concelho de Vieira do Minho, com 1261 metros, de onde se avista todo o Alto Ave, assim como a Serra do Gerês.

O Vale do Ave, segundo a sua caracterização física do espaço natural, pode ser divido em três grandes áreas:

- Alto Ave: zonas de montanha, com picos de monte de vegetação rasteira, com pequenas áreas de planalto e grandes diferenças de cota para as zonas de vale;
- Médio Ave: área com clássica distinção entre o monte com pinheiro e as zonas planas da agricultura.
- Baixo Ave: planura e continuidade dos campos agrícolas, grande fertilidade dos campos e elevada rentabilidade agrícola.

No Vale do Médio Ave, constituído pelos concelhos de Guimarães, Vila Nova de Famalicão e Santo Tirso, a indústria, sobretudo a têxtil, impõe-se como a actividade por excelência desta região, tanto pelo volume da produção, como pelo emprego e rendimento que gera, desde meados do século XIX. As primeiras maquinofaturas do linho e do algodão foram coexistindo com a "indústria doméstica" e com o trabalho ao

domicílio. A este tecido difuso da produção artesanal ao domicílio e à coexistência de grandes empresas organizadoras da produção nos finais do século XIX e início do século XX, corresponde atualmente um modelo semelhante constituído por um aglomerado heterogéneo - empresas de dimensão considerável em torno das quais se encontram uma série de pequenas empresas.

A agricultura, pelo território que ocupa e pela marca que impõe na paisagem e não pelo número de pessoas que emprega, é outra das actividades fundamentais desta região. Lado a lado coexistem pequenas explorações para auto-consumo e grandes explorações empresariais especializadas, que recrutam uma mão-de-obra sazonal que, ocasionalmente, deixa a fábrica.

O comércio e os serviços, excetuando o comércio retalhista, estão sub-representados nesta região. A fragilidade do investimento do Estado Social explica a insuficiência da cobertura ao nível de equipamentos como creches, jardins de infância e ensino técnico e superior, o que não permite a fixação de um terciário significativo com estas características. O comércio retalhista como mercearias, cafés e mini-mercados, existe um pouco por todo o lado, acompanhando o padrão difuso do povoamento.

Contexto sócio-económico

De acordo com os censos de 2001 (INE) a NUT III Ave alberga 509 629 habitantes, representando cerca de 5,1% da população portuguesa, sendo os concelhos de Guimarães e Famalicão os mais populosos e Vieira do Minho o menos povoado. Esta concentração populacional é uma das maiores e mais antigas concentrações humanas da Península Ibérica. Atualmente, possui uma densidade demográfica superior a 400 hab./km^2, notando-se que no Médio Ave a densidade demográfica é significativamente superior à do Alto Ave.

Um aspeto marcante na realidade sócio-económica da bacia hidrográfica do rio Ave tem a ver com o lugar ocupado pela agricultura nas comunidades locais. Esta actividade assume um carácter marcadamente complementar, no âmbito de estratégias familiares de pluriactividade e plurirendimento. Assim, a estrutura agrária é fortemente marcada por pequenas ou microexplorações de base familiar. Para a grande maioria dos agregados domésticos são as fontes de rendimento exteriores à exploração agrícola que dominam. Desta forma, constitui-se um complexo tecido sócio-económico em que a indústria, a agricultura e a habitação se interpenetram.

Predomina a cultura do milho nas regiões baixas, associada à de feijão e abóbora (como culturas intercalares) e a do centeio e os prados de gramíneas. As parreiras e as “vinhas de enforcado” fazem os limites dos campos de milho, para lá dos quais se encontram pequenos olivais e as matas.

Atualmente, o sector secundário predomina de forma quase absoluta nesta região, decorrente da sua tradição industrial no ramo do têxtil/ vestuário. Esta atividade, intimamente relacionada com o modelo de emprego local, interliga as componentes sociais, económicas e culturais.

Acessos | Infra-estruturas

A disposição natural do terreno do Ave em Alto, Médio e Baixo Ave, assim como as ligações ao Douro Litoral e ao Minho foram decisivas tanto na produção e caracterização agrícola, como nos processos de industrialização. Neste sentido, a construção do Porto de Leixões em finais do séc. XIX, tal como as infra-estruturas de acesso e os atravessamentos ferroviário e rodoviário do Vale do Ave, aumentaram a vocação industrial do Médio Ave. Foi-se estabelecendo um sistema composto por unidades portuárias e agrícolas no Baixo Ave, unidades de produção no Médio Ave e produção de energia no Alto Ave.

Algumas datas importantes	
1845	Iniciam-se as estradas do Porto para Guimarães e Braga (concluídas em finais dos anos 50)
1875	Inauguração da linha férrea do Minho, variante Porto-Braga Inicio das obras da linha Porto-Póvoa de Varzim, com prolongamento para Famalicão em 1881
1884	Inauguração da linha Porto-Guimarães, com prolongamento a Fafe em 1907
1875	Abertura à exploração do troço entre Campanhã e Nine, na Linha do Minho e do Ramal de Braga
1883	Abertura à exploração do troço entre Trofa e Vizela, na Linha de Guimarães
1884	Abertura à exploração do troço entre Vizela e Guimarães, na Linha de Guimarães
1998	Reabertura ao tráfego ferroviário do troço Lousado - Santo Tirso, reconvertido em via larga e inauguração da Estação de Santo Tirso, na Linha de Guimarães
2004	Reabertura da Linha de Guimarães, após eletrificação e reconversão em via larga

Até aos anos vinte do século passado, os assentamentos industriais e engenhos localizavam-se sobre as margens dos rios Vizela, Ave e outros, sendo que a produção de energia elétrica permitiu a sua automatização dos cursos de água, fazendo com que a única diretriz que disciplinava os assentamentos industriais se perdesse. Desta forma, a localização das unidades fabris passa a depender da proximidade a infra-estruturas de escoamento (caminhos-de-ferro e estradas) ou da proximidade a locais onde haja um cruzamento importante destas vias, como Famalicão.

Assim, os acessos rodoviários e ferroviários realizados ao longo do século XIX e inícios do século XX acompanham a localização das unidades industriais existentes na altura, como a linha Famalicão – Guimarães ao longo do Rio Vizela, prolongada até Fafe em 1907 ou a EN 205 que liga os sistemas os sistemas de barragens às unidades industriais do Médio Ave.



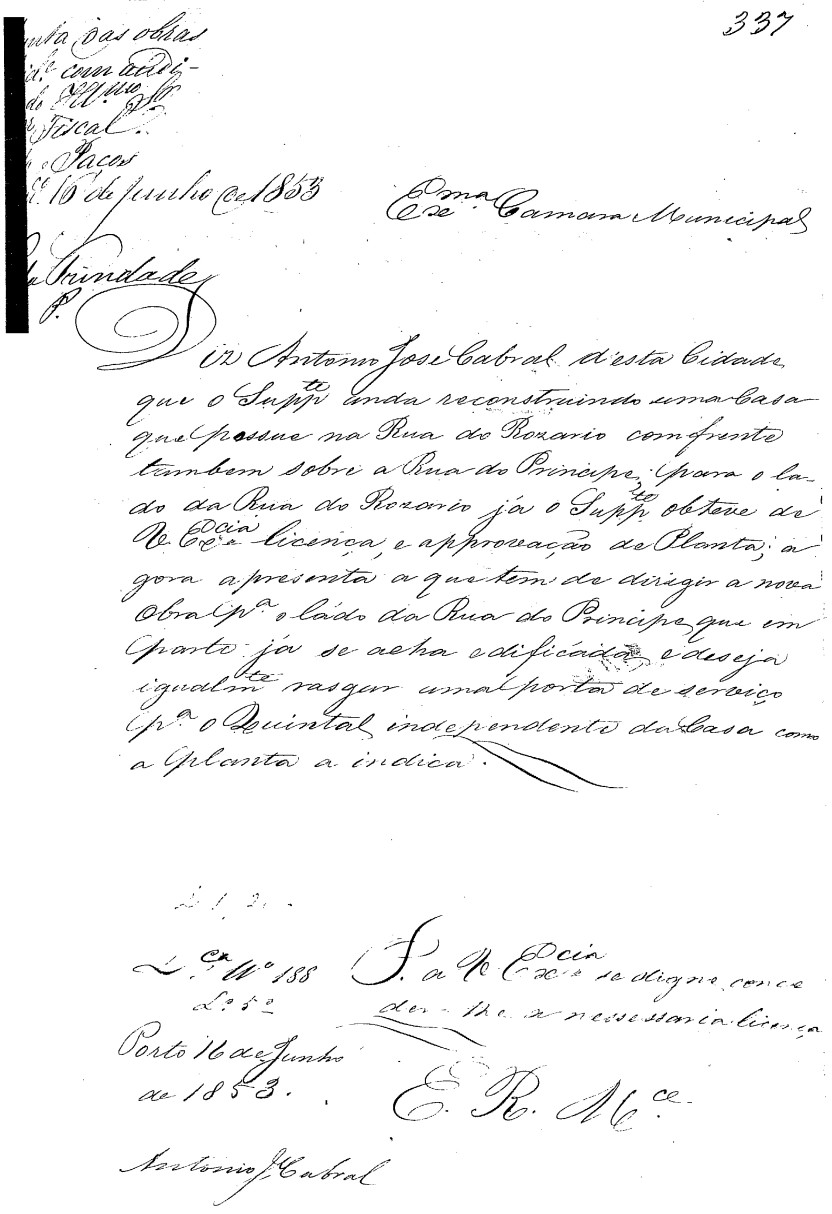
Anexo 4

Património da Família Cabral – Porto | Vale do Ave | Fora do Vale do Ave

4.1. Património habitacional – Porto

4.1.1. Centro Regional de Segurança Social do Norte (Porto)

Segundo a Licença de Obra nº 188/1853, de 16-06-1853, esta casa pertencia a António José Cabral, que em 1853 a pretendia remodelar. “Diz António José Cabral d’esta cidade, que anda reconstruindo uma casa que possue na Rua do Rosário com frente também sobre a Rua do Príncipe (...)”. A Rua do Príncipe é a atual Rua Miguel Bombarda. As seguintes imagens foram recolhidas no Arquivo Municipal e fazem parte da Licença de Obra:



337

...nta das obras
...de com addi-
...do Ill.mo Sr.
...Fiscal
...Paços
...16 de Junho de 1853

Ex.ma Camara Municipal

...Trindade
P.

Diz Antonio José Cabral d'esta Cidade que o Supp.te anda reconstruindo uma Casa que possue na Rua do Rozario com frente tambem sobre a Rua do Principe, para o lado da Rua do Rozario já o Supp.te obteve de V. Ex.cia licença, e approvação de Planta; agora apresenta a que tem de dirigir a nova Obra p.a o lado da Rua do Principe que em parte já se acha edificada e deseja igualm.te rasgar uma porta de serviço p.a o Quintal independente da Casa como a planta a indica.

L. 1. 2.

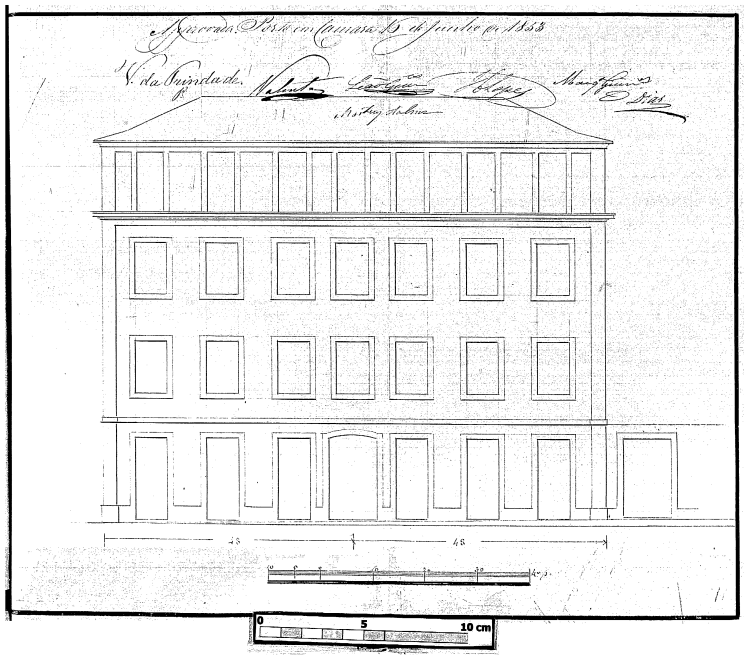
L.ca N.º 188
L.º 5.º

P. a V. Ex.cia se digne conceder-lhe a nessessaria licença

Porto 16 de Junho de 1853.

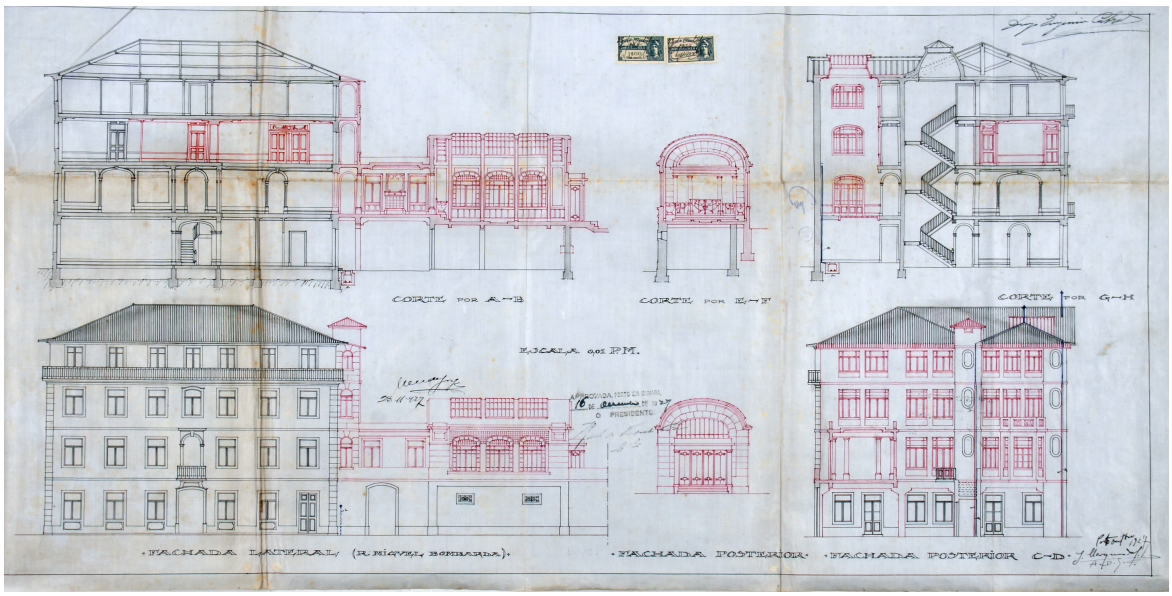
E. R. M.ce

Antonio J. Cabral



No ano de 1928, o proprietário do Palacete, Diogo Eugénio Cabral, pretende ampliar o prédio, como indica a Licença de Obra nº 192/1928, de 08-03-1928, "Diogo Eugénio Cabral, desejando recuperar e ampliar o seu prédio, sito nas Ruas do Rosário e Miguel Bombarda nº 347, de harmonia com o projecto que junta, em triplicado, vem pedir à Exmª Câmara se digne dar-lhe a respective licença.". Este projeto é da autoria do arquitecto José Marques da Silva.

A imagem seguinte trata-se do desenho que foi remetido como projeto de alteração do edifício, obtido através do Arquivo Municipal do Porto. Neste desenho, percebem-se as alterações propostas a carmim. O desenho atual do edifício mantêm-se muito semelhante atualmente.



No excerto da Carta de Telles Ferreira de 1892, a área marcada corresponde ao terreno onde se encontra o palacete atualmente. À data desta carta, António José Cabral já era proprietário da casa da esquina que tinha a fachada semelhante à atual. Não se percebe se as outras duas casas seguintes, no sentido Sul, seriam do mesmo proprietário. É possível observar que existiriam jardins nas traseiras destas casas.





Ortofoto de 1939, obtida no Arquivo Municipal do Porto.



Ortofoto de 1991, obtido na Mapoteca de Letras da Universidade do Porto.



Imagem atual, obtida através de Google Earth.

Na Ortofoto de 1939, conseguem-se distinguir alguns exemplares arbóreos, possivelmente pertencentes a um jardim que deverá ter existido nas traseiras da casa.

Entre as duas últimas imagens percebe-se que não houve grandes alterações no exterior do palacete, exceto um novo pavilhão criado nas traseiras. O telhado do palacete também foi remodelado.

Vê-se também o jardim do Museu Soares dos Reis, na sequência da remodelação de 2001 no âmbito do Porto 2001 – Capital da Cultura, antigo Velódromo D. Maria Amélia.

A fotografia que se segue ilustra o estado atual do palacete, que apesar de conservar a sua traça está muito modificado no seu interior, devido ao tipo de instalações que alberga. Os contentores de recolha do lixo estão posicionados em frente à entrada principal do palacete, o que faz com que se perca a leitura da sua fachada principal.

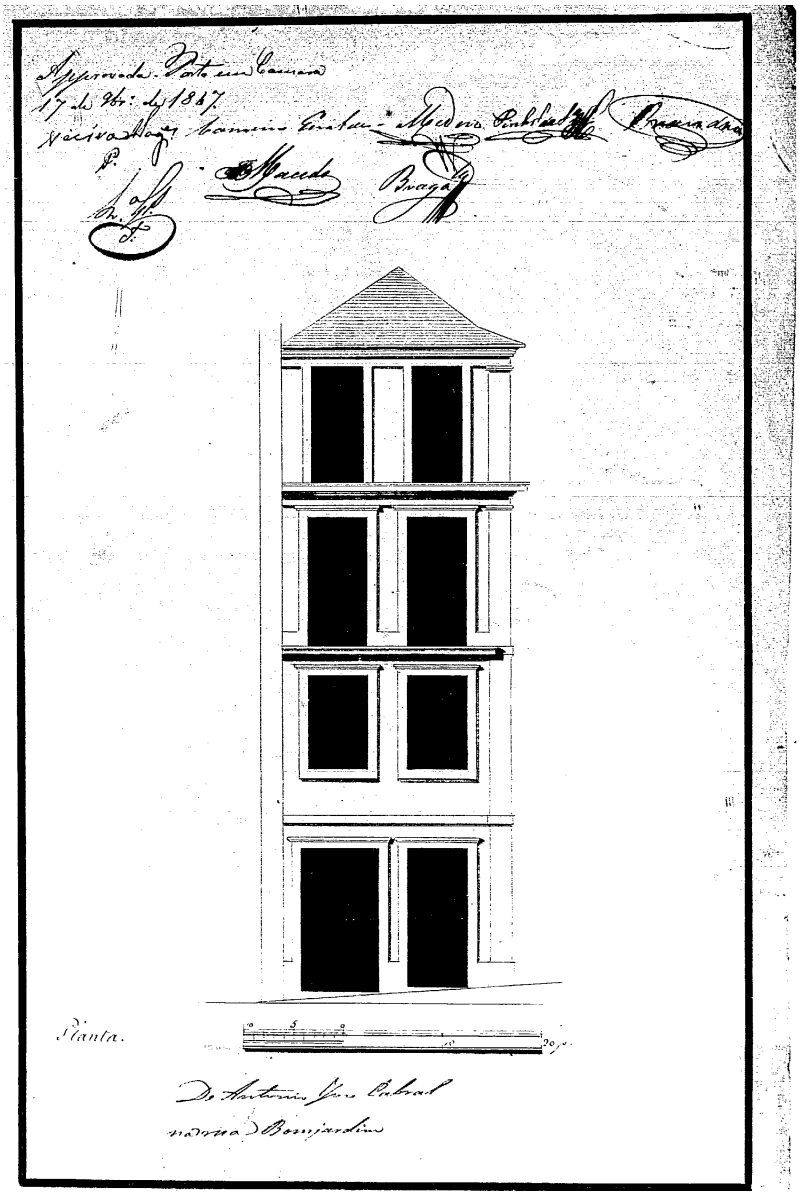


Imagem do estado atual do palacete.

Fonte: a autora.

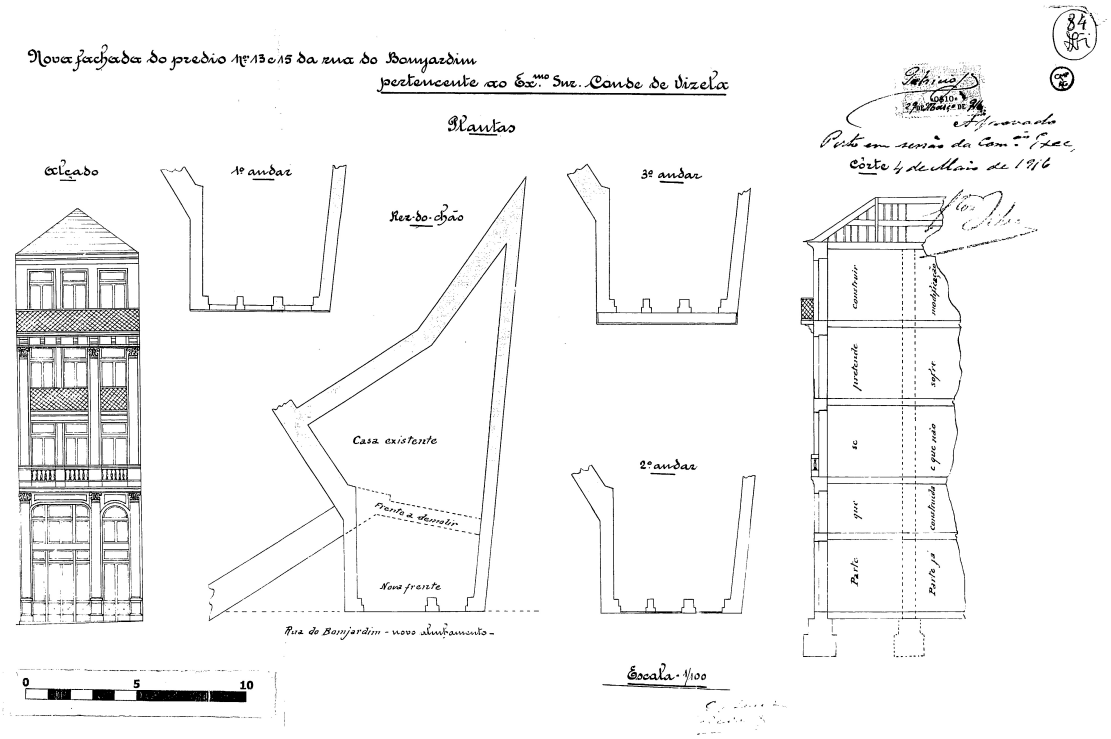
4.1.2. Casa na Rua do Bonjardim nº 13-15 (Porto)

Segundo a Licença de Obra nº 397/1848, "Diz António José Cabral (...) senhor de um terreno ou de uma velha propriedade sita na Rua do Bonjardim, (...) acaba de demolir a dita casa e pretende reconstrui-la segundo a planta incluza (...)".

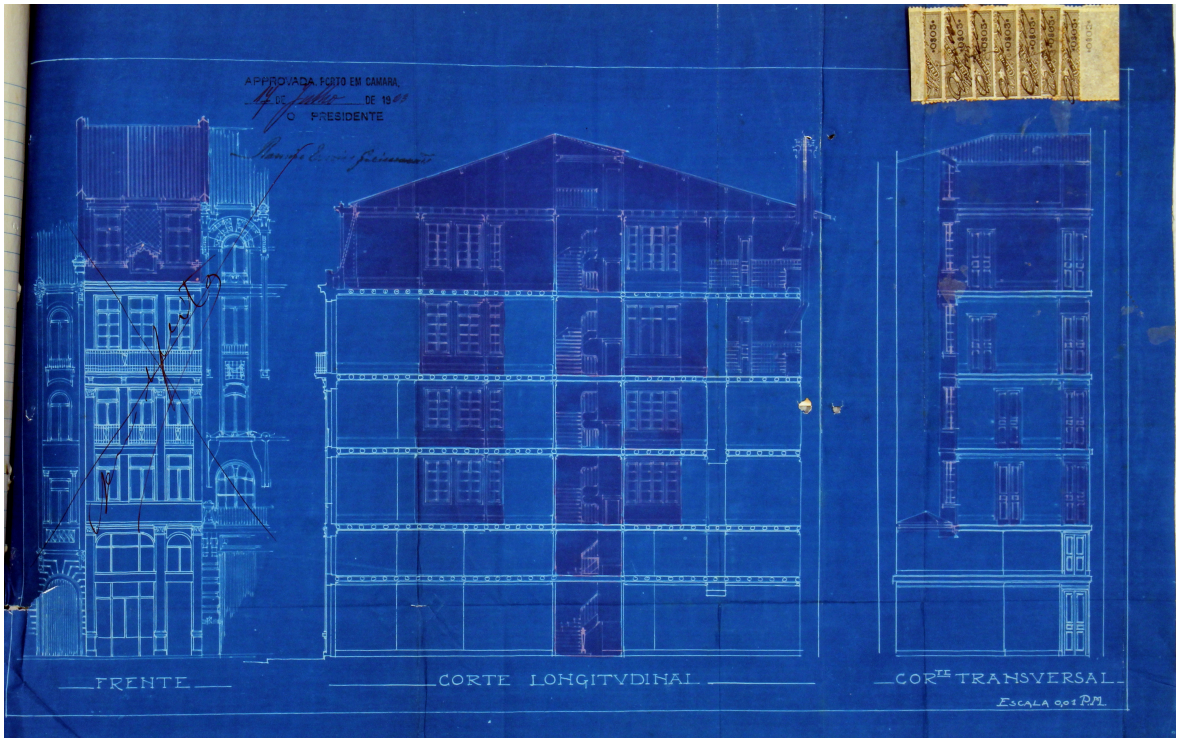


Na posse de Diogo José Cabral, é pedida a Licença de Obra nº 918/1916, para demolir e reconstruir a fachada do prédio, datada a 13 de Dezembro de 1916. O desenho seguinte, obtido no Arquivo Municipal do Porto, está anexado à respetiva licença, sendo visível a fachada da casa, assim como alguns detalhes da construção.

I

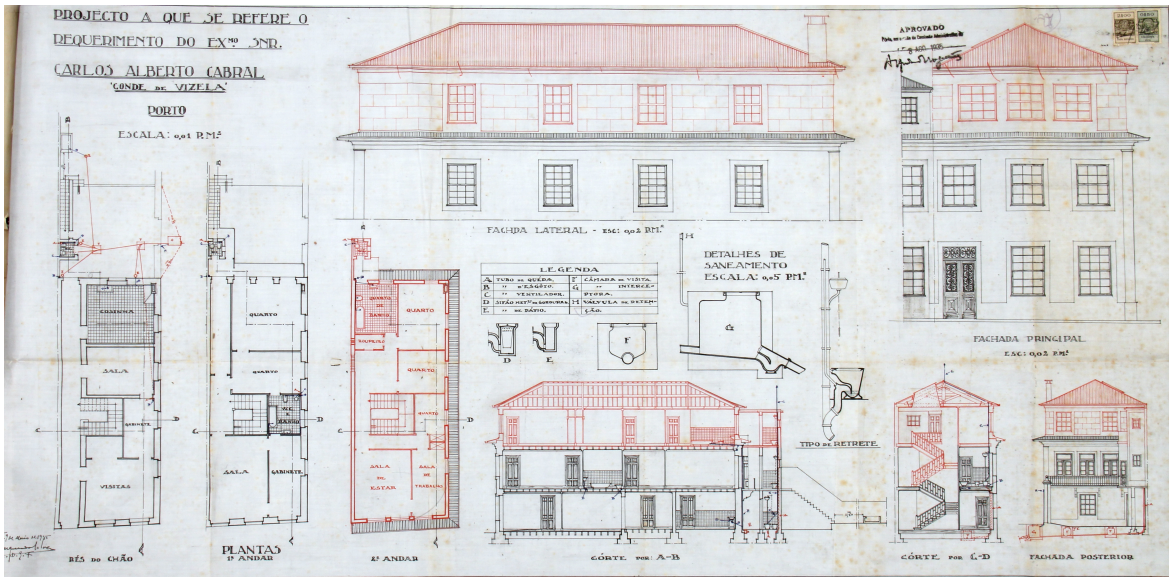


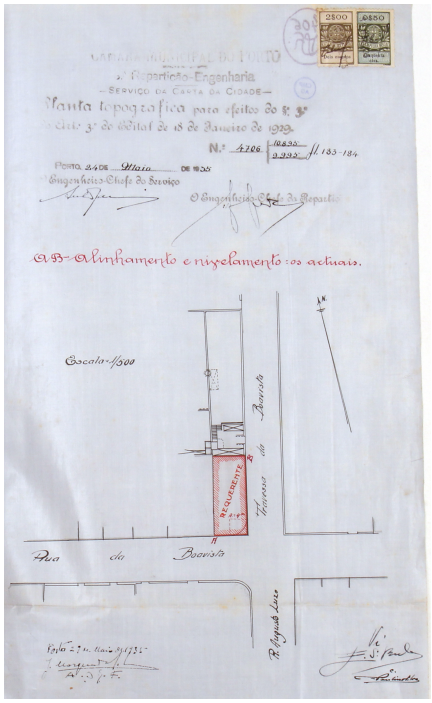
Em 1923, Diogo José Cabral remete a Licença de Obra nº 1115/1923, com um projeto do arquiteto Marques da Silva, para adicionar um andar. Este projecto não avançou, no entanto, apresenta-se a imagem do desenho do arquitecto a seguir.



4.1.3. Casa na Rua da Boavista (Porto)

Segundo a Licença de Obra nº 1946/1935, "Carlos Alberto Cabral, Conde de Vizela, sendo possuidor do prédio nº 490 da Rua da Boavista, desta cidade, e pretendendo reformar o segundo andar do ditto prédio e fazer a respective ligaçao á rede de saneamento d'harmonia com o projecto junto, vem rogar à Exmª Câmara lhe conceda a precisa licença." Este projecto foi da autoria do arquiteto José Marques da Silva, datado a 19 de Novembro de 1935.



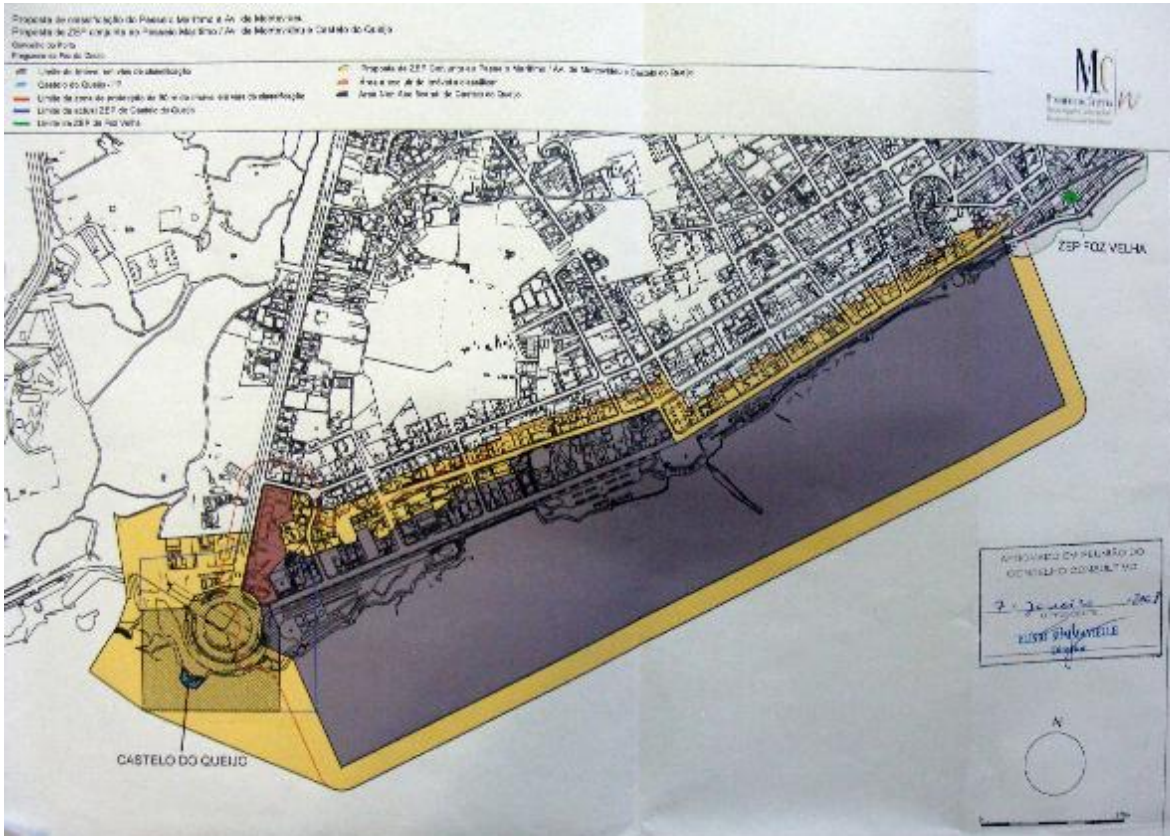


Os desenhos estão anexados à Licença de Obra, estando as alterações desenhadas a carmim.

A planta topográfica indica a localização do edifício, assim como qual a área correspondente ao requerente, Carlos Alberto.

4.1.4. Propriedade na Avenida Montevideu e Avenida da Boavista (Porto)

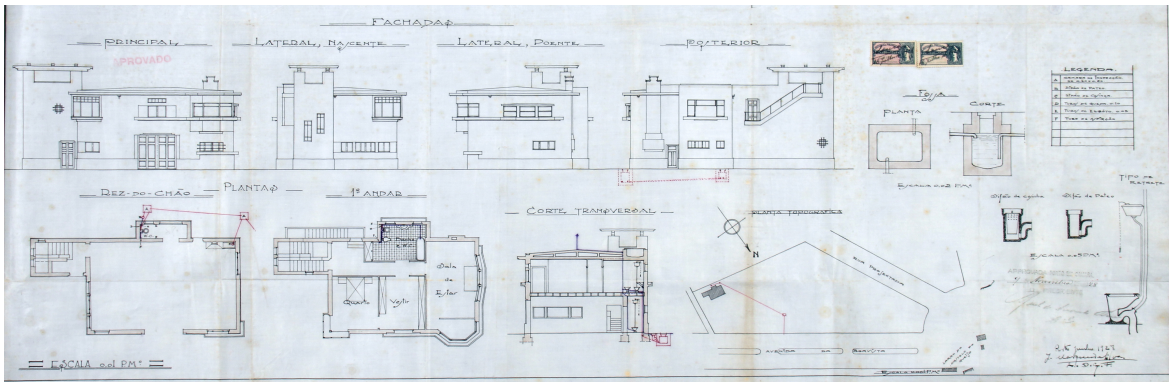
O Passeio Marítimo e parte da Avenida Montevideu, estão classificados como CIP - Conjunto de Interesse Público, sendo também abrangidos por uma Zona Especial de Protecção - ZEP. A área classificada corresponde a um momento específico do desenvolvimento urbano, no período dos anos 30-40 do século XX, entre a Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Quanto à tipologia das habitações, é uma zona que apresenta uma grande coerência urbanística, assente em três elementos essenciais: a frente urbana marítima; o jardim e as esplanadas. O primeiro constitui a zona habitacional e os dois últimos conjugam-se formando a zona de passeio público.

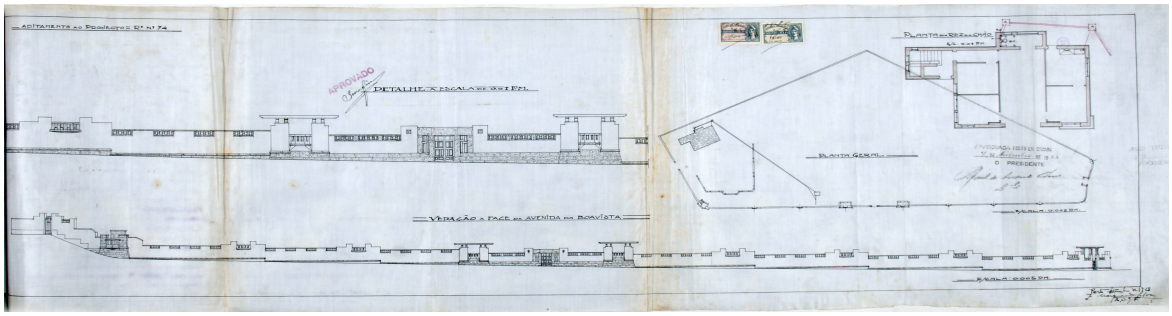


Fonte: http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/5194590/, consultado a 16 de Abril de 2014 às 14:47h

Em 1929, Carlos Alberto Cabral "desejando construir uma garagem no seu terreno situado no lugar do Castelo do Queijo, freguesia de Nevogilde, d'esta cidade, conforme o projecto respectivo, que junta, vem perante a Exmª Câmara pedir que lhe seja dada a mesma licença", segundo a Licença nº 639/1929, datada a 22-01-1929, consultada na Casa do Infante. Os técnicos de obra seriam José Marques da Silva (arquiteto), Joaquim da Silva (mestre de obras) e Francisco Xavier Esteves (engenheiro). A licença pedida, para além da

garagem, pede requerimento para construir o muro e vedação da propriedade do Conde de Vizela virada para a Avenida da Boavista, sendo as imagens seguintes os desenhos anexo à licença de obra.





No ano de 1931, Carlos Alberto, com a Licença nº 39/1931, pede a cedência do terreno da Rua Dr. Nunes da Ponte, uma rua projectada no Plano de Urbanização Junto ao Castelo do Queijo, que cortou o seu terreno, para poder fazer ligação com a Rotunda do Castelo do Queijo. Nessa mesma licença é feito o requerimento para a continuação da construção do muro da Avenida da Boavista, até à Avenida Montevideu, fazendo a esquina que está de frente para a Rotunda do Castelo do Queijo. Este projecto é da autoria do arquiteto José Marques da Silva, com Joaquim da Silva como mestre de obras. A licença está datada a 18 de Julho de 1931.

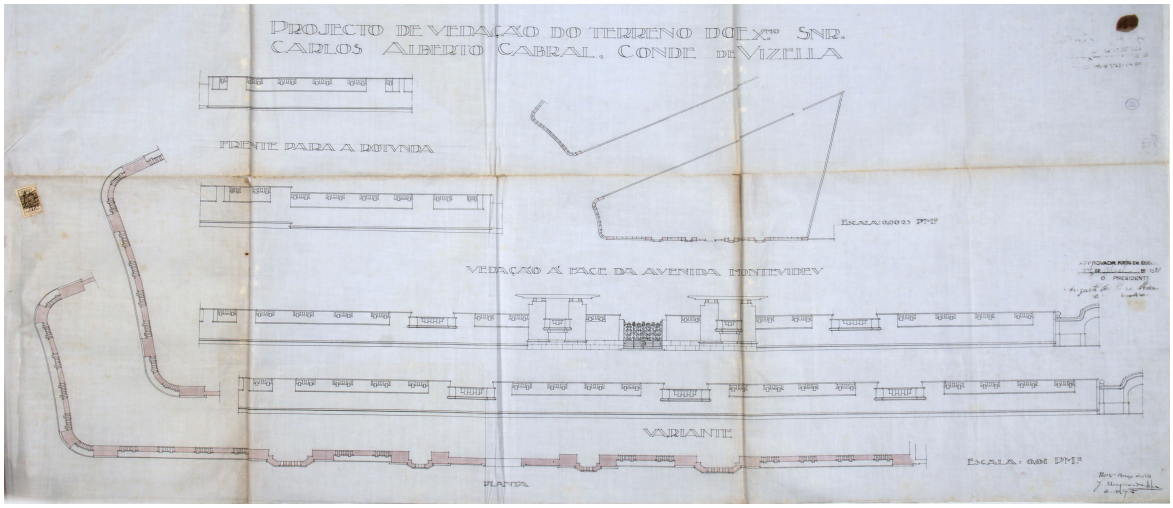
Este é um excerto da licença requerida pelo Conde de Vizela: "Carlos Alberto Cabral, Conde de Vizela, tendo adquirido um terreno na Avenida Montevideu, também com frente para a Rotunda do Castelo do Queijo e projectada Rua Dr. Nunes da Ponte, fazendo egualmente frente para esta ultima rua o seu terreno fronteiro dando para a Avenida da Boavista, pretende fazer a vedação do seu referido terreno, ultimamente adquirido, na orientação dada ao anterior mas para o fazer submete à apreciação da Exmª Câmara as seguintes considerações.

Os dois terrenos de sua pertença têm ambos frente para a Rotunda do Castelo do Queijo e são separados pela projectada Rua Dr. Nunes da Ponte fracionando-os lamentavelmente e impedindo que em qualquer um d'eles construa prédio contíguo como deseja.

Acha porém que sem conveniência para o trânsito público e com superiores condições estéticas, a citada Rua Dr. Nunes da Ponte poderia deixar de cortar a Rotunda, ficando desta sorte, mais proporcionados os trez talhões para edificações em que ela se divide. Pelo projecto da disposição das ruas do local, que tem a honra de apresentar, julga sem prejuízo dos vários interesses, as comunicações das diversas artérias convergentes à larga Praça ainda sem nome antes projectada e agora modificada se distribuem gradualmente e amplamente para as Avenidas da Boavista e Montevideu (...).

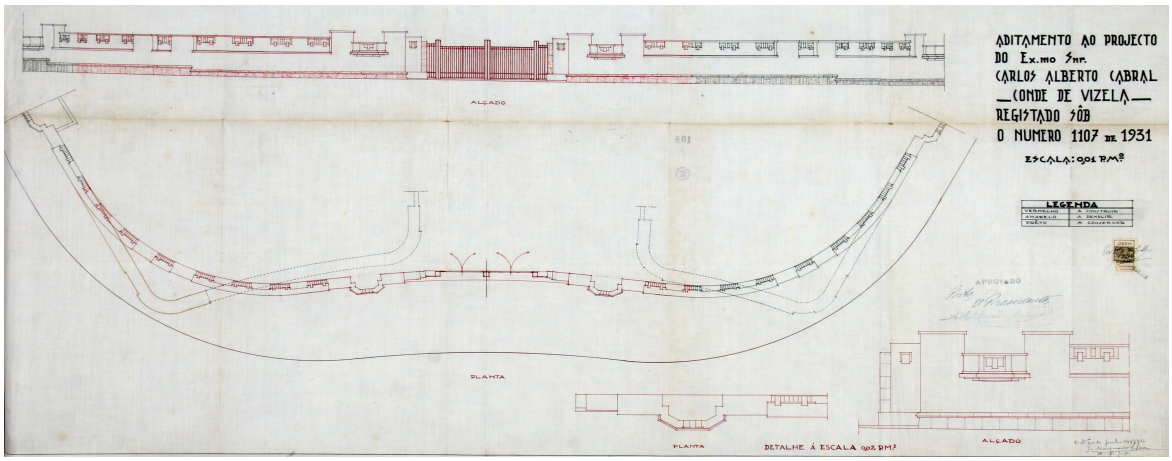
(...) pedindo portanto à Exmª Câmara a cedência do terreno da rua Dr. Nunes da Ponte, no espaço que ficou entre os seus terrenos, permitindo-lhe assim a possibilidade que agora não tem de levantar uma edificação na proporção do terreno e d'aquele belo e magnifico local".

A imagem seguinte é o desenho anexado a esta licença, da autoria de Marques da Silva.



Em 1938, visto terem sido cedidos os referidos terrenos da Rua Dr. Nunes da Ponte, que não chegou a ser feita, Carlos Alberto, através da Licença nº 615/1938, requer a permissão para terminar o seu muro de vedação, unindo assim a frente do muro virada para a Rotunda do Castelo do Queijo. Esta licença data de 24 de Maio de 1938 e diz: "Carlos Alberto Cabral, Conde de Vizela, tendo requerido, em tempos, para utilizar parte da rua Nunes da Ponte, que ficou entre os seus terrenos das Avenidas da Boavista e Montevideu, vem em adiantamento ao projecto aprovado das vedações d'esses terrenos registado sob o número 1107 de 1931 submeter à aprovação da Exmª Câmara o projecto da continuação d'aquelas vedações, no qual egualmente consta a modificação exigida pela Exmª Câmara do gaveto da Avenida da Boavista antes construido, que porventura incida sobre a pretenção do requerente."

O seguinte desenho é o projeto remetido em anexo nesta licença, da autoria do arquiteto José Marques da Silva.



A planta que se segue faz parte da pasta de Projectos de urbanização junto ao Castelo do Queijo, tratando-se da planta indicativa dos terrenos municipais e privados, incluindo o requerimento de Carlos Alberto Cabral solicitando a cedência do terreno da antiga Rua Dr. Nunes da Ponte. Nesta planta estão indicados a azul os terrenos pertencentes ao Conde de Vizela, a vermelho o terreno da dita Rua e a verde o expropriado pelo município.

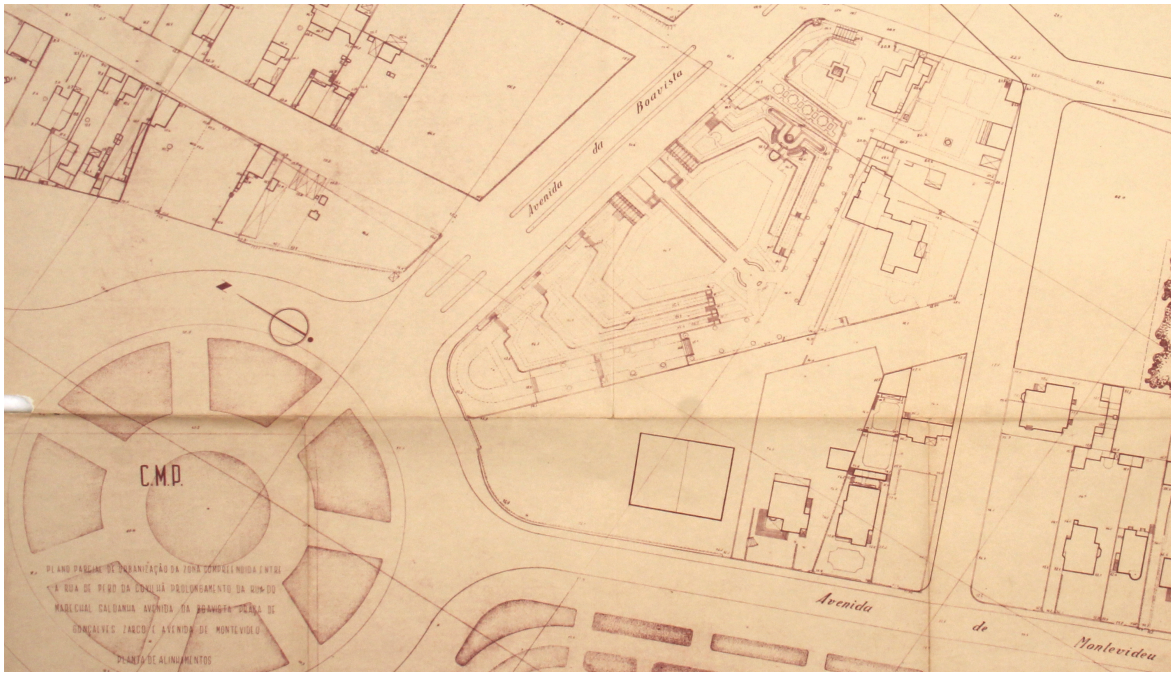


Na Ortofoto de 1939, apresentada a seguir, observa-se já um jardim de Carlos Alberto e os edifícios a Este, possivelmente a *Vila Mirasol* e o Casal dos Pinheiros, sendo que o palacete de Homero Dias virado para a Avenida Montevideu ainda não existe. Percebe-se que o jardim seria em socalcos a partir de Poente até uma grande zona central, possivelmente relvada, não sendo possível concluir o uso que era dado a este espaço. Observa-se também uma avenida a partir desse jardim, plantada de ambos os lados, que dava acesso à

casa a Este. A entrada principal era feita pela Avenida da Boavista, existindo ainda hoje essa entrada no muro do Arquitecto Marques da Silva, intacto até à data.



A Planta de Alinhamentos do Plano Parcial de Urbanização da zona compreendida entre a Rua de Pedro da Covilhã, prolongamento da Rua do Marechal Saldanha, Avenida da Boavista, Praça Gonçalves Zarco e Avenida de Montevideu, datada a 9 de Agosto de 1945. Nesta planta aparece um desenho detalhado do jardim do Conde de Vizela, onde já se verificam alterações em relação à ortofoto de 1939, nomeadamente o corredor que atravessa a grande área central, que se prevê relvada. Nesta planta, o palacete voltado para a Avenida Montevideu da autoria de Homero Dias já está marcado, encontrando-se nesta data ainda em construção.



Nesta fotografia dos anos 50, onde se vê o castelo do Queijo e respectiva rotunda e o cruzamento da Avenida Montevideu com a Avenida da Boavista, observa-se o palacete voltado ao mar finalizado e os jardins da propriedade, assim como alguns edifícios a nascente, pertencentes também ao Conde de Vizela.



Fonte: http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=443401&page=11

A fotografia que se segue data de 1962 e apresenta uma outra perspectiva da propriedade a partir do mar. Conseguem-se ver os edifícios que se encontram a nascente da propriedade do Conde de Vizela, assim como o seu jardim e o palacete voltado a poente, que conserva o mesmo aspecto atualmente.



Fonte: http://oficinadacultura.blogspot.pt/2011/05/parque-ocidental-da-cidade-do-porto.html

Na Ortofoto de 1991 observa-se a frente voltada para a Rotunda do Castelo do Queijo a sofrer uma forte intervenção, devido à construção de um grande prédio habitacional, pois a imagem foi feita durante o período de obras. Nesta altura, ainda é possível distinguir os contornos do jardim do Conde de Vizela, assim como a avenida que ligaria esse jardim à casa a nascente, casa essa que ainda é possível observar nesta imagem. O edifício imediatamente a poente desta casa ainda se conserva atualmente.



Ortofoto de 1991, obtido na Mapoteca de Letras da Universidade do Porto.

Na imagem de 2007 obtida através do GoogleEarth, é possível observar a nova Rotunda do Castelo do Queijo e o Parque da Cidade. Em relação à propriedade de Carlos Alberto, o terreno e a casa a nascente assim como parte do jardim estão ocupados com uma nova urbanização, permanecendo ainda o alinhamento da alameda que existia e a casa a Sul da propriedade.



Imagem aérea de 2007, obtida através do Google Earth.

Atualmente, como se observa na imagem obtida através do GoogleEarth, todo o terreno voltado para a Avenida da Boavista está urbanizado. O palacete da autoria do arquitecto Homero Dias conserva-se, assim como a casa a Sul da propriedade.



Imagem aérea atual, obtida através do Google Earth.

A seguinte fotografia trata-se de uma imagem atual do palacete voltado ao mar, conservado até ao momento e servindo de instalações para a Clínica Oftalmológica Rufino Ribeiro, S.A.



Fotografia do Palacete de Homero Dias atualmente.

Fonte: a autora.

4.2. Património habitacional – Vale do Ave

4.2.1. Casa na Fábrica de Fiação do Rio Vizela (Vila das Aves)

Cor-de-rosa como a Casa de Serralves e o palacete na Avenida Montevideu, apresenta semelhanças a estas duas casas e revela uma necessidade de possuir um local familiar e confortável para viver, mesmo no local de trabalho.



Fachada principal da casa.

Fonte: a autora.



Traseiras da casa.

Fonte: a autora.



Interior da casa (imagem autorizada pelos proprietários).

Fonte: a autora.

Esta casa possui uma piscina de 11x25m e está rodeada por jardins e campos agrícolas, o que permite assumir que a família passaria aqui algum tempo, sendo um local onde poderia usufruir do campo e da natureza, apesar de estar inserida nos terrenos da fábrica. Esta e as outras casas têm uma entrada a partir de uma rua que não faz ligação à fabrica, para que não seja necessário atravessar as unidades fabris. Possui também uma garagem e casa do motorista.

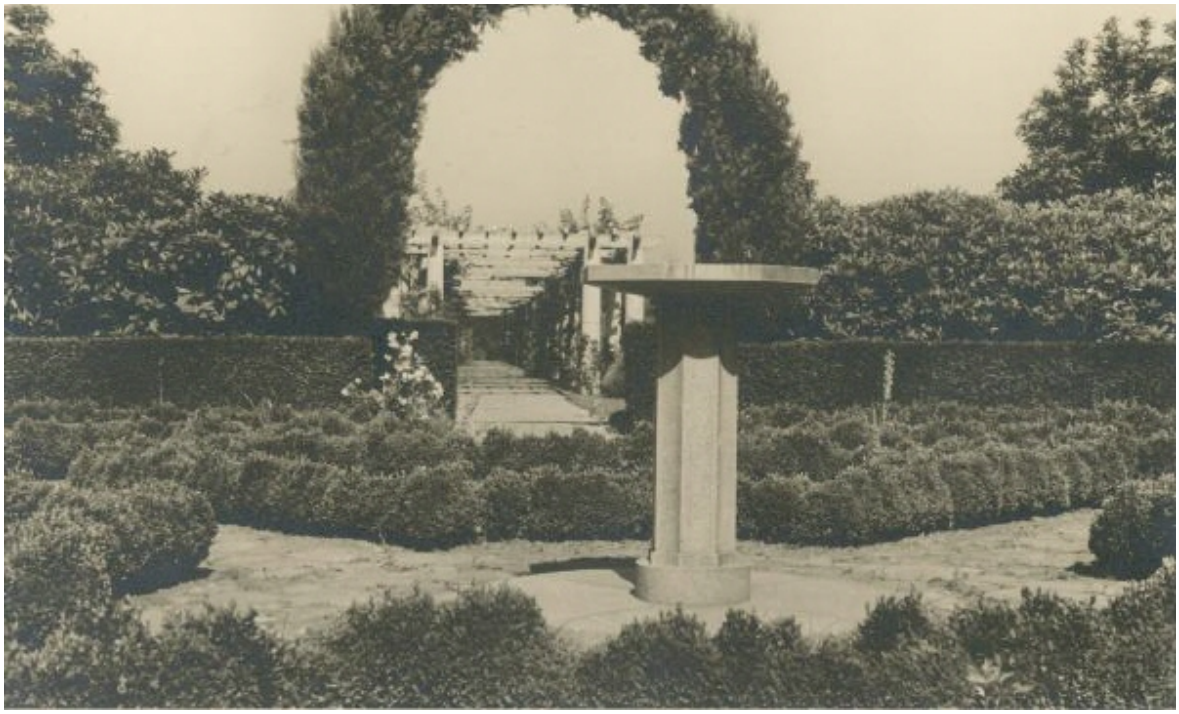




Piscina e antiga casa do motorista.

Fonte: autora.

Nos jardins, existe um relógio de sol em excelente estado de conservação. Pode-se especular que se trata do relógio de sol que completa o Jardim do Relógio de Sol, em Serralves.



Jardim do Relógio de Sol em Serralves (década de 40).

Fonte: Acervo Carlos Alberto Cabral
http://EMUSEUM.SERRALVES.PT/acac/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultDetailView/result.inline.list.t1.collection_list.$TspTitleImageLink.link&sp=14&sp=Sartist&sp=SelementList&sp=0&sp=2&sp=999&sp=SdetailView&sp=0&sp=Smodul&sp=SinlineBlock&sp=0&sp=T&sp=0&sp=SdetailList&sp=0&sp=T&sp=5



Relógio de Sol nos jardins da casa em Vila das Aves.

Fonte: a autora.

4.3. Património habitacional – Fora do Vale do Ave

4.3.1. Quinta da Trindade (Vila Praia de Âncora)

Quando Diogo Eugénio era morador nesta quinta, ofereceu a montagem do posto de transformação de alta tensão do caminho de Pedrouços à Sociedade Elétrica do Vale do Âncora (SEVA). Este acto valeu-lhe ser considerado pela Junta de Freguesia Cidadão Honorário da Freguesia de Âncora, pois sem o seu contributo teria sido muito difícil a sua electrificação.

A imagem aérea em baixo, recolhida através do Google Earth, percebe-se que a quinta é de grandes dimensões e maioritariamente ocupada por zonas agrícolas. A proximidade casa aparenta estar rodeada de exemplares arbóreos de alguma dimensão, possivelmente parte de um jardim de proximidade. No arboreto a sul encontra-se uma fonte. A quinta aparenta estar bem conservada e mantida.



Fotografia aérea atual, obtida através do Google Earth.



Imagens do interior e exterior da casa.

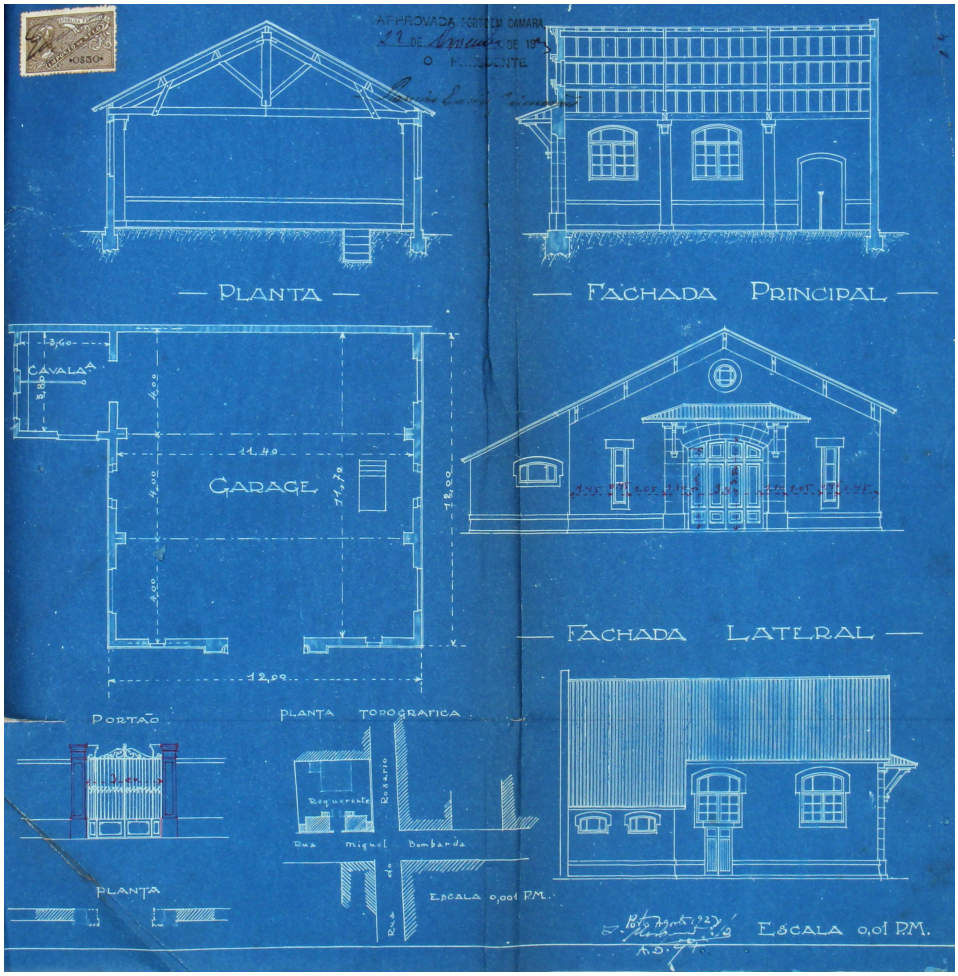
Fonte: http://www.luximos.pt/imovel/venda/quinta/caminha/ancora/quinta-sec.-xviii---caminha--minho-litoral-/cs00021

4.3. Património Industrial | Empresarial - Porto

4.3.1. Oficina na rua Miguel Bombarda (Porto)

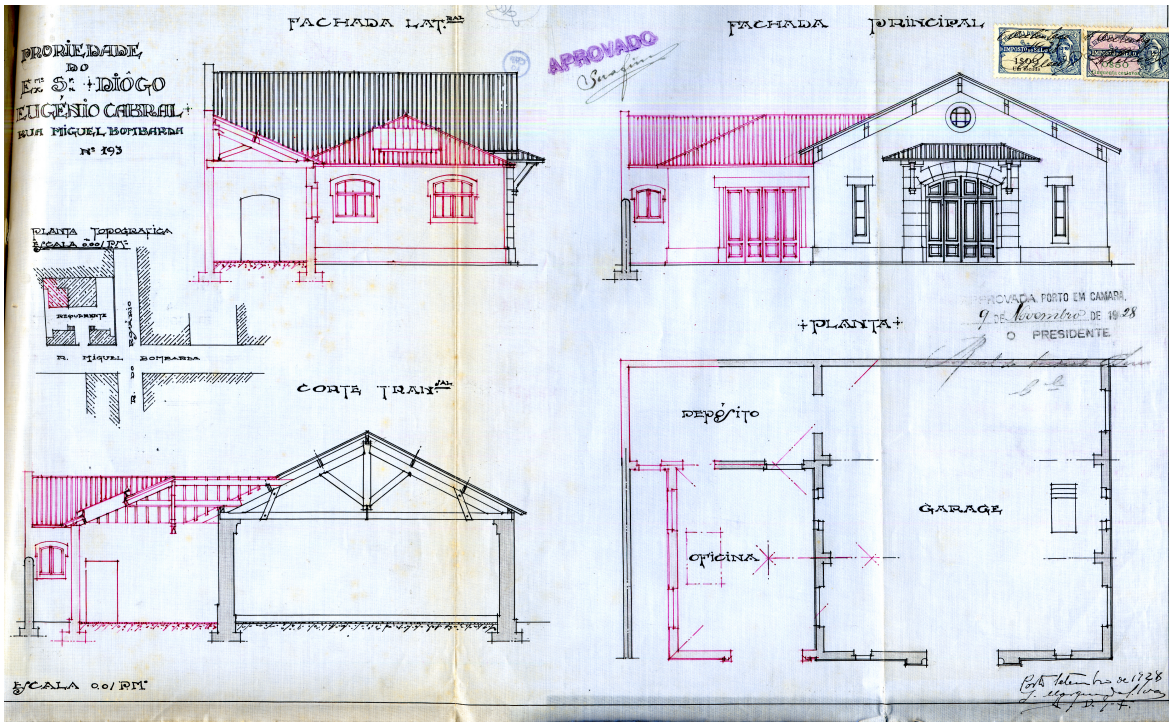
No arquivo Municipal do Porto, encontraram-se duas licenças de obra em nome de Diogo José Cabral, Conde de Vizela, e uma em nome do seu filho Diogo Eugénio Cabral. A Licença de Obra nº 141/1921 de 23 de Fevereiro de 1921, em nome de Diogo José Cabral, trata-se de um pedido para construir uma garagem no seu quintal, "Diogo José Cabral (Conde de Vizela) residente na Rua Miguel Bombarda nº 205 pretende autorização de V. Exª para construir um barracão no quintal da mesma rua nº193, desviado da via pública 9,00m, afim de guardar o automóvel por algum tmpo, paque que não esteja na via pública, de harmonia com os desenhos juntos. O barracão é construido em madeira e rebocado e caiado a cal, a cobertura a betumilha. Solicita a V. Exmª a aprovação deste e a competente licença como requer."

A Licença de Obra nº 2224/1923, também em nome de Diogo José Cabral e datada a 29 de Outubro de 1923, requer a alteração do projecto da garagem, com um projecto do arquiteto José Marques da Silva, representado no desenho que se segue. "Diogo José Cabral (Conde de Vizela) tendo obtido a licença nº 141 para a construção de uma garagem no seu terreno na Rua Miguem Bombarda nº- e desejando ampliar esse projecto conforme o adiantamento que tem o alvará de apresentar vem pedir à Exmª Câmara lhe dê a precisa autorização."

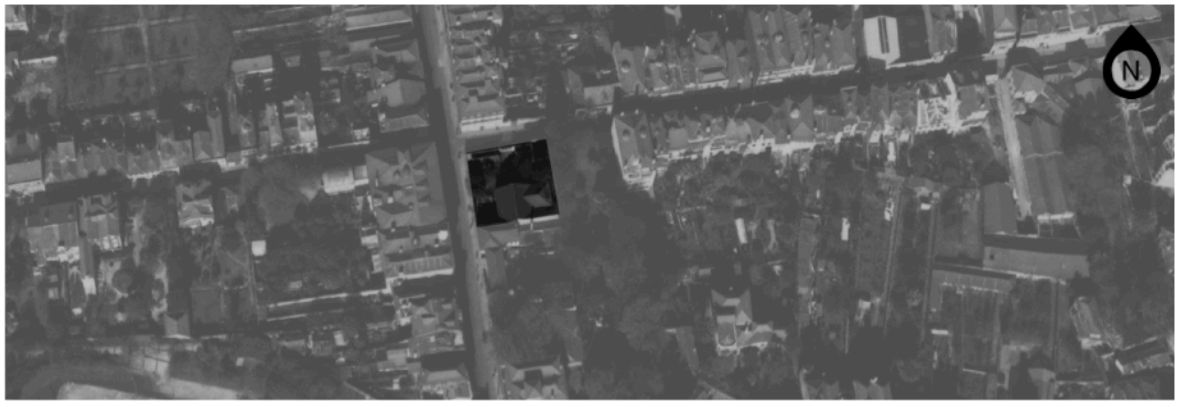


No ano de 1928, em nome de Diogo Eugénio Cabral, é remetida a Licença de Obra nº 506/1928, com o objectivo de ampliar a garagem no dito nº 193 da Rua de Miguel Bombarda, com um projecto do arquiteto José Marques da Silva. "Diogo Eugénio Cabral, que possuindo uma garage adentro do portal nº193 da Rua Miguel Bombarda desta cidade o desejando aumentar duas peças para colocar a oficina for a do espaço destinado aos carros, eplo modo indicado no projecto junto, vem perante a Exmª Câmara pedir a precisa licença."

Neste desenho, anexado à licença supra referida, vê-se uma planta topográfica com a localização desta propriedade, percebendo-se que se encontrava do lado oposto ao palacete da familia Cabral na esquina entre as ruas do Rosário e Miguel Bombarda.



Atualmente, esta oficina já não existe. No entanto, na fotografia aérea de 1939 (obtida no Arquivo Municipal do Porto) ainda se observa a unidade, não se sabendo quando é que este espaço terá sido demolido. Percebe-se claramente que se tratava de um espaço vizinho à casa que a família possuia na mesma rua.



4.3.2. Palácio do Conde de Vizela (Porto)

Edificado na Rua das Carmelitas, o Convento de S. José e Santa Teresa das Carmelitas Descalças foi demolido aquando da extinção das ordens religiosas, dando lugar ao Mercado do Anjo. No final do século XIX a Câmara decide construir um novo mercado neste lugar. Na Gravura da Cidade do Porto de Teodoro Maldonaldo, de 1789, estão marcados com o numero 22 os terceiros Carmelitas, junto à Igreja dos Clérigos, percebendo-se também o carácter rural da cidade e as muralhas a envolve-la.



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d8/Cidade_do_Porto_1789_Teodoro_Maldonaldo.jpg

É também planeada a construção de uma galeria com aproximadamente 10 metros de largura, coberta por vidro e ferro forjado, com a mesma estética das galerias de Milão e Paris. A primeira referência à Galeria de Paris foi num documento de 1903, atualmente Rua Galeria de Paris.

Desta forma, começa a ser projetado um novo bairro. Sendo o Conde de Vizela proprietário de alguns dos terrenos, propõe a compra e permuta de terrenos, o que permite a construção da Galeria de Paris.

Aquando destas permutas, há referência a um eventual projecto de construção de uma imponente fábrica, sendo que tal não seguiu em frente.

No entanto, o Conde contratou o arquiteto francês Emile Boutin, que desenhou um projeto com dez alas, com lojas, rés do chão, 1º e 2º andares e terraços. Este plano definia um 1º andar reservado à fabrica do Conde no Vale do Ave, onde seriam sediados os escritórios, um 2º andar alugado a serviços como lojas.

Devido a atrasos maioritariamente burocráticos, as obras prosseguiram muito vagarosamente, até Marques da Silva assumir a sua direção, em 1920. O palacete deve a este arquiteto as cúpulas dos torreões de ângulo e o revestimento em camadas de ardósia

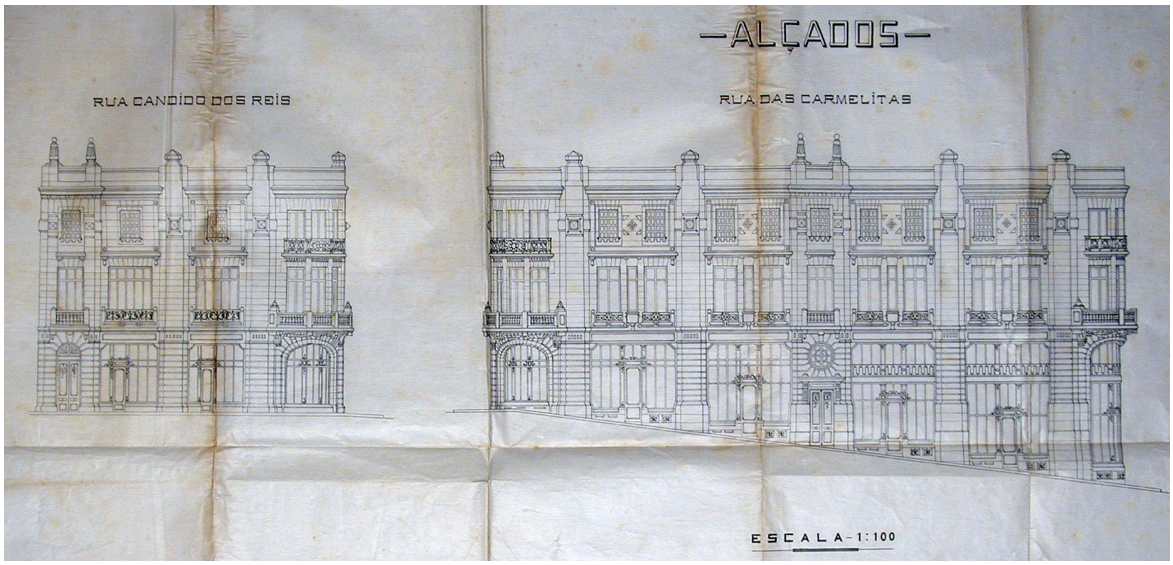
A Licença de Obra nº 320/1846, pedida por António José Cabral a 19 de Agosto de 1846, não é esclarecedora em relação a quais os terrenos que estariam na propriedade da família Cabral nesta altura, mas percebe-se que seriam de frente para o Largo dos Clérigos e que queria aproveitar esses terrenos para construir um armazém. "Diz António José Cabral d'esta cidade, que na propriedade que o mesmo possui com frente para o Largo dos Clérigos. E Viella do Correio, conservar o suporte um páteo devoluto para o lado Norte entesta sobre a dita Viella pela parte Nascente, e sobre o largo das Carmelitas pelo lado Poente; (...) deseja aproveitar parte desse páteo para um armazém, e apresenta a V. Exmª a frente do mesmo, que hade ter lugar sobre a Viella a exemplo de outros, e egualmente mostrar a planta de um portal que precisa meter sobre o muro voltado ao Correio atual (...)".

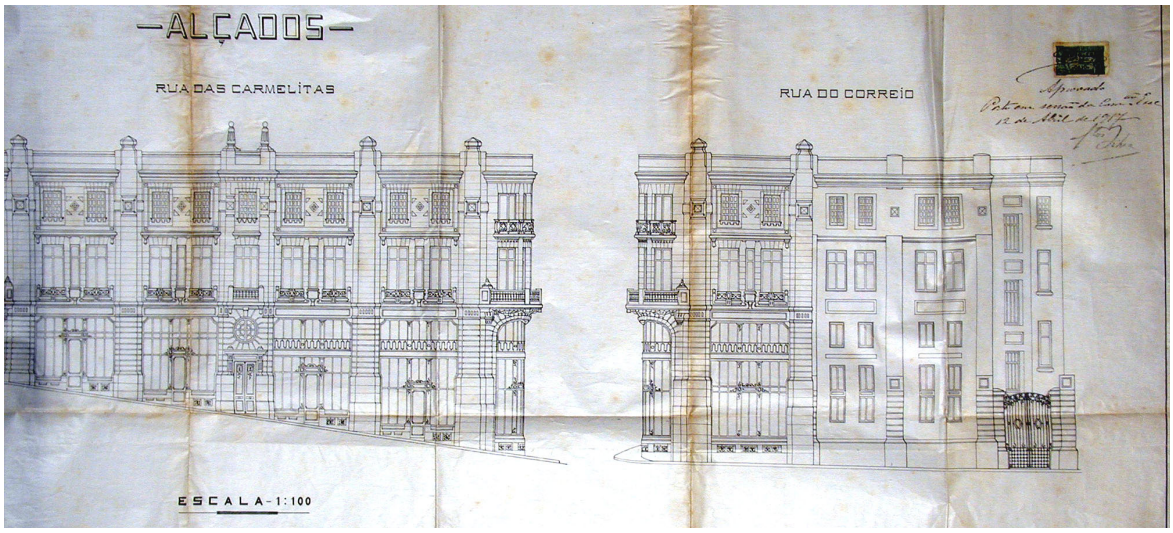
Na carta de Telles Ferreira de 1892, percebe-se que existiriam vários edifícios na área ocupada atualmente pelo Palácio do Conde de Vizela, sendo que o terreno mais a Sul seria propriedade da família Cabral. É possível distinguir também dois grandes jardins entre os edifícios.



Excerto da Carta de Telles Ferreira de 1892, obtida no Arquivo Municipal do Porto.

A 2 de Julho de 1917, já na posse de Diogo José Cabral, é pedida a Licença de Obra 671/1917, onde "Diogo José Cabral (Conde de Vizela), proprietário da casa na Rua dos Clérigos nº100 e com frente para as ruas Cândido dos Reis e Correio, desejando proceder ao apeamento do mesmo prédio e à sua reconstrução de harmonia com as plantas juntas, não podendo fazer sem a respective licença."



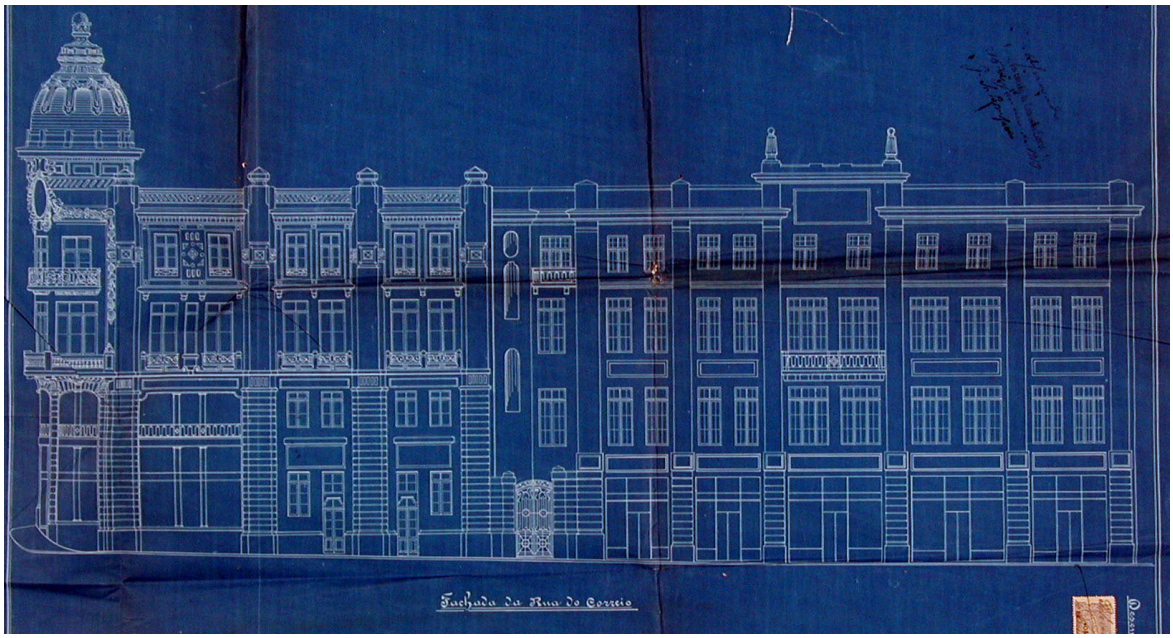


As imagens supra estão anexas à Licença de Obra 671/1917, tendo sido recolhidas no Arquivo Municipal do Porto.

Em 1919, o Diogo José Cabral remete um novo requerimento com alterações ao projecto inicial: "Diogo José Cabral (Conde de Vizela) residente na Rua Miguel Bombarda nº 205, tendo obtido licença de vossa Exmª para construção d'obras no quarteirão que abrange as ruas do Correio, Carmelitas e Cândido dos Reis, cujo projecto foi aprovado em sessão da Câmara de 12 de Abril de 1917 e a licença registada sob o número 671 passada a 2 de Outubro do mesmo ano: vem com o presente projecto, como adiantamento, em substituição do aprovado, por ter de alterar as obras em referencia, indicando todas as alterações a fazer neste projecto.", datado a 12 de Maio de 1919.

As imagens seguintes foram recolhidas no Arquivo Municipal do Porto, ilustrando as alterações pretendidas. Sabe-se que o quarteirão não foi construído de uma só vez, tendo sido mandado fazer por blocos sucessivos.


Desenho Nº 2
Fachada da Rua Candido dos Reis
Fachada da Rua dos Carmelitas

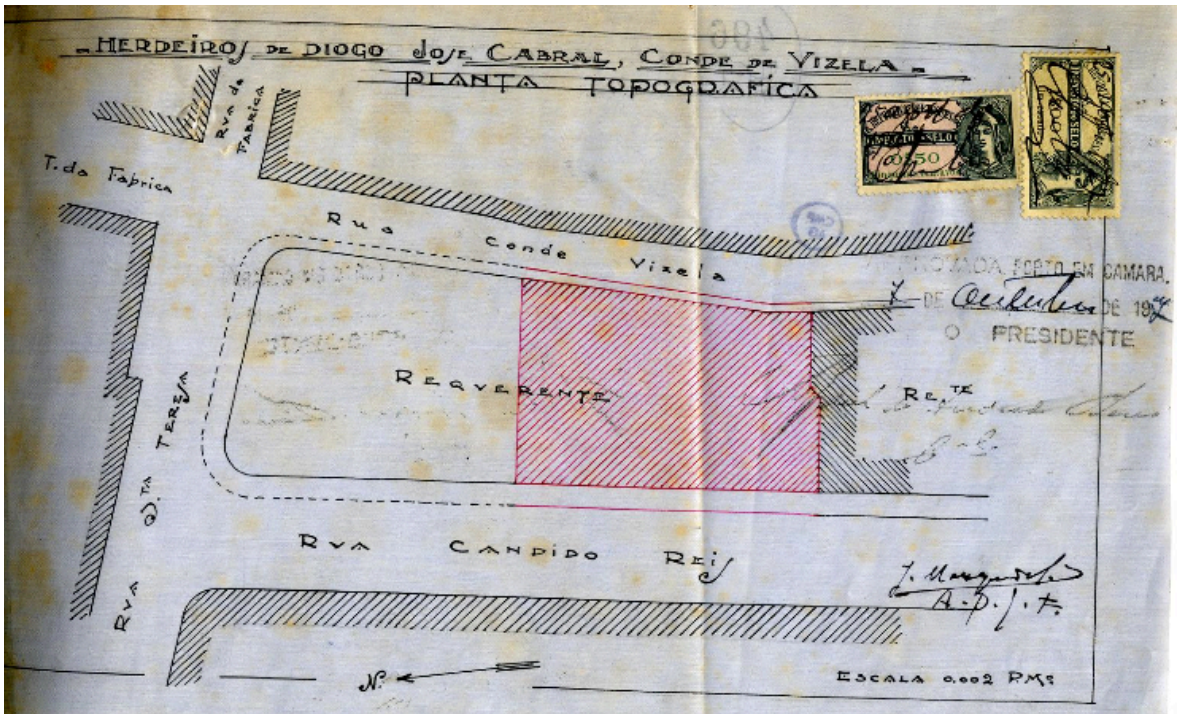


Em 1925, “Os herdeiros de Diogo José Cabral (Conde de Vizela) desejando construir o 3º grupo de casas na continuação dos prédios já construídos nas ruas das Carmelitas, Correio e Cândido dos Reis (...).”, pedindo a respetiva permissão com a Licença de Obra nº 1289/1925, datada de 21 de Setembro de 1925.

A Licença de obra nº 72/1928, remetida também pelos herdeiros de Diogo José Cabral, tem como técnicos de obra o arquiteto José Marques da Silva e o mestre de obras Joaquim da Silva e refere-se ao projecto de conclusão do edifício: “Refere-se esta memoria ao projecto do prosseguimento da construção da propriedade já em grande parte erigida e para a conclusão da qual, feita a obra do presente projecto, faltará apenas a parte extrema contornando a rua de S.ta Thereza.”

As seguintes imagens encontram-se anexadas à licença de obra:

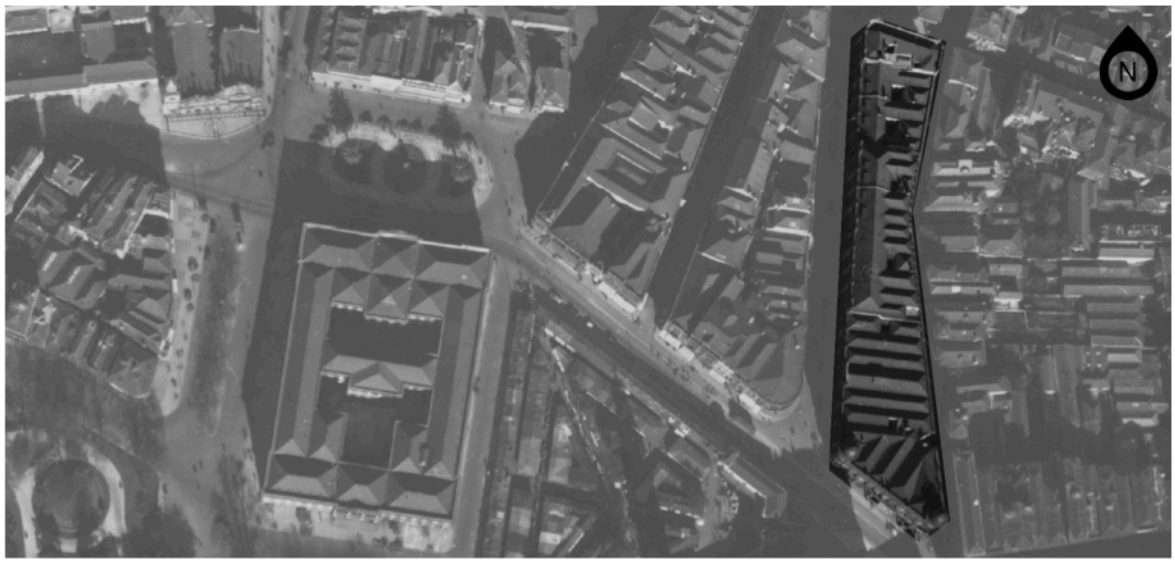




Desta forma, compreende-se que o bloco em questão na licença de obra supra está o marcado a carmim, sendo que o bloco da direita (que contorna a Rua das Carmelitas) já tinha sido construído, ficando a faltar o da esquerda.

Não tendo sido encontrada a licença referente à construção do último bloco, sabe-se que no ano de 1938 já se encontrava concluído, pois em 1938, na posse de Carlos Alberto Cabral, é remetida a Licença de Obra nº 248/1938 para proceder a reparações e à limpeza do prédio. "Carlos Alberto Cabral, Conde de Vizela, residente na Rua das Carmelitas, 26, deseja no prédio que possui nas Ruas das Carmelitas, Cândido dos Reis, Santa Teresa e Conde de Vizela (prédio de ângulo) mandar fazer algumas reparações e limpeza (…)."

Na Ortofoto de 1939, recolhida no Arquivo Municipal do Porto, percebe-se que nesta data o edifício já encontrava concluído, distinguindo-se as linhas do antigo Jardim da Cordoaria e a antiga Praça dos Leões.





Palácio do Conde de Vizela, imagem não datada.

Fonte:http://lh4.ggpht.com/_FkKgTDI7ngU/TH2TquW0jqI/AAAAAAAAIOc/HjZiY8PbG7Q/pec122_thumb%5B2%5D.jpg?imgmax=800



Palácio do Conde de Vizela, atualmente.

Fonte: a autora.



Ortofoto de 1991, obtida na Mapoteca da Faculdade de Letras.



Imagem aérea atual, obtida através do Google Earth.

Entre as duas imagens não se distinguem-se diferenças no Palácio do Conde de Vizela. No entanto, consegue-se ver parte do novo Jardim da Cordoaria, a nova Praça dos Leões e a nova Praça de Lisboa.

4.4. Património Industrial | Empresarial – Vale do Ave

4.4.1. Fábrica de Fiação do Rio Vizela (Vila das Aves)

Constituiu um dos mais precoces exemplos de modernização industrial do Norte de Portugal, tendo começado com o objectivo de responder ao aprovisionamento nacional de fio de algodão, à data importado da Inglaterra. Foi fundada com a vontade modernizadora de um grupo de industriais nortenhos dos meados do século XIX, que pretendiam ganhar independência em relação aos fornecedores ingleses e intervir decisivamente no mercado local naquele setor. A singularidade da Fábrica de Fiação de Negrelos não residia apenas em ter sido a primeira unidade industrial moderna da Bacia do Ave, mas também no fato de apresentar uma arquitectura típica da primeira fase da revolução industrial em Inglaterra, a qual não se repetiu em mais nenhuma outra fábrica que se veio a implantar na região.

Formou com outras fábricas o que viria a ser o núcleo da industria têxtil desta região, nomeadamente a Fábrica de Fiação de Algodão do Bugio (Fafe, 1873), a Fábrica de Fiação da Retorta (Vila do Conde, 1880), a companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães (Campelos, 1890) e a Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Tirso (Santo Tirso 1896).

A 12 de Setembro de 1845, onze homens de negócios portuenses selavam entre si o projeto de uma sociedade de parceria mercantil sem firma, com o objetivo de estabelecer uma fábrica de algodão movida a água nas margens do Rio Vizela – a *Sociedade de Fiação de Visella*. Esta sociedade com sede no Porto e estabelecimento no na margem esquerda do Rio Vizela, servia interesses de ordem diversa, como a dos industriais e comerciantes do sector têxtil, de investidores particulares como o desembargador Silvério da Silva Castro e de Eugénio Cauchiox.

Sócios Fundadores	**Quota**	**%**
Eugene Cauchoix, engº francês	13333$333 (66,51€)	33,33
Paulo José Soares Duarte	2666$667 (13.29€)	6,7
António Martins dos Santos	2666$667 (13.29€)	6,7
João António da Silva Guimarães	2666$667 (13.29€)	6,7
António José Gonçalves Agra	2666$667 (13.29€)	6,7
Silvério da Silva e Castro	2666$667 (13.29€)	6,7
Manuel Joaquim Machado	2666$667 (13.29€)	6,7
Joaquim Pereira Vilar	2666$667 (13.29€)	6,7
José de Araújo Guimarães	2666$667 (13.29€)	6,7
António José Cabral	**4000$000** (19.95€)	**10,0**
José António da Silva e Sousa	1333$333 (6.65€)	3,3
Total	40000$002 (199.52€)	100,0

Quadro 1: Sócios e participantes em 1846 (fonte: Jorge Fernandes Alves; Silvestre Lacerda - Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela - As origens. In O TRIPEIRO, 7a série, ano XV (1995), no 1-2 (Janeiro/Fevereiro), p. 41-46, e no 3, p. 84-88)

O Desembargador Silvério da Silva e Castro era o proprietário dos terrenos em Negrelos escolhidos para a construção da Fábrica, sendo essa a possível razão da sua participação.

Outros sócios tinham já fábricas com algumas centenas de operários, mas António José Cabral possuía apenas uma tecelagem modesta na Rua do Príncipe, com 22 operários. Irá ganhar destaque no interior da administração da empresa, chegando mesmo a ser condecorado por D. Maria II, com a comenda da ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo pelos serviços prestados aquando da sua deslocação a Santo Tirso em 1852. Após a sua morte, Diogo José Cabral, seu filho, ocupa esse cargo na direcção.

O engenheiro E. Cauchoix assegura uma destacada fatia de capital e assume a direcção da fábrica aquando do seu arranque. É também responsável pela direcção do trabalho das máquinas como mestre da fiação e como engenheiro, encarregando-se de todas as diretivas para a construção da fábrica e para o começo da fiação. O edifício ergueu-se junto à ponte S. Tomé de Negrelos na margem do Rio Vizela, sendo que o risco nesta altura foi quase totalmente assumido pelo engenheiro francês, sendo que os restantes sócios terão sido atraídos para garantirem o escoamento do produto final, uma vez que a maioria trabalhava na tecelagem com fio importado de Inglaterra.

Esta fábrica foi ganhando importância no conselho de Santo Tirso e a sua presença foi moldando e transformando a paisagem envolvente. O quotidiano rural à data da implantação da fábrica vai-se alterando com a adesão à atividade fabril. Em 1854, a população operária era de 155 homens, 151 mulheres e 92 rapazes. Nesta data, os administradores da fábrica eram três dos sócios: António José Cabral, Joaquim Pereira Vilar e Manuel Joaquim Machado, três industriais da tecelagem que asseguravam assim o abastecimento de fio das suas fábricas.

Nas décadas seguintes, realizaram-se grandes obras para a ampliação das instalações e modernização das máquinas: a fábrica estende-se para o outro lado do rio Vizela e multiplica o número de trabalhadores e encomendas; alarga também a sua atividade às colónias africanas e estende os seus contactos a Angola e Moçambique.

Deve-se a esta fábrica a chegada do comboio a Negrelos.

Em 1897, com o falecimento das duas familiares Emília Rosa Cabral e Maria Emília de Jesus Magalhães Cabral, **Diogo José Cabral Jr.,** pouco depois feito Conde de Vizela, concentra em si as cotas das suas familiares. Após a sua morte, em 1923, **Carlos Alberto II Conde de Vizela**, encarrega-se dos comandos da indústria da família e mantém-se à frente do conselho de administração da Fábrica do Rio Vizela até 1968, altura do seu falecimento.

Durante anos, a fábrica constitui-se como pólo industrial com inegável dinamismo em meio local, tornando-se o maior empregador da região, com milhares de operários. A administração da fábrica de Negrelos demonstrava uma preocupação social, patente na criação de um refeitório, de uma loja de venda de pão e de outra destinada à venda de tecidos. Em 1910, é criada a Associação de Socorros Mútuos dos Operários da

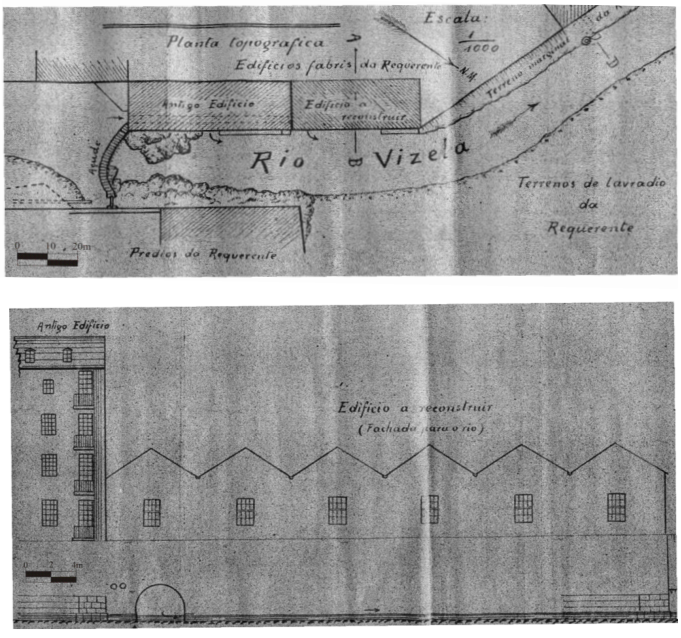
Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela. Honoré Vavasseur criou ainda, a banda de música que teve como primeiro maestro Evangelista Pereira da Conceição.

Em 1908, D. Manuel II desloca-se à fábrica de Negrelos. No ano anterior, falecia o director técnico Honoré Vavasseur e quatro anos depois, ocorre um grande incêndio que destruiu parte do edifício da fiação, tendo morrido dois operários, o que implicou uma reconstrução mais preocupada com as questões da segurança. Durante os anos trinta e quarenta do século XIX realizaram-se grandes obras de renovação do edifício fabril, tendo adquirindo o seu aspecto atual. Nos início da década de 1950, a Fábrica do Rio Vizela contava com 3000 operários.

Tendo sido a maior unidade têxtil da região sobre o domínio da família Cabral, nos anos 60 do século XX começa a perder o seu poder, até paralisar por completo. Em 1973, sob a tutela de Narciso Machado Guimarães e dos seus sucessores, transforma-se numa unidade redimensionada, atualizada e virada para o futuro.

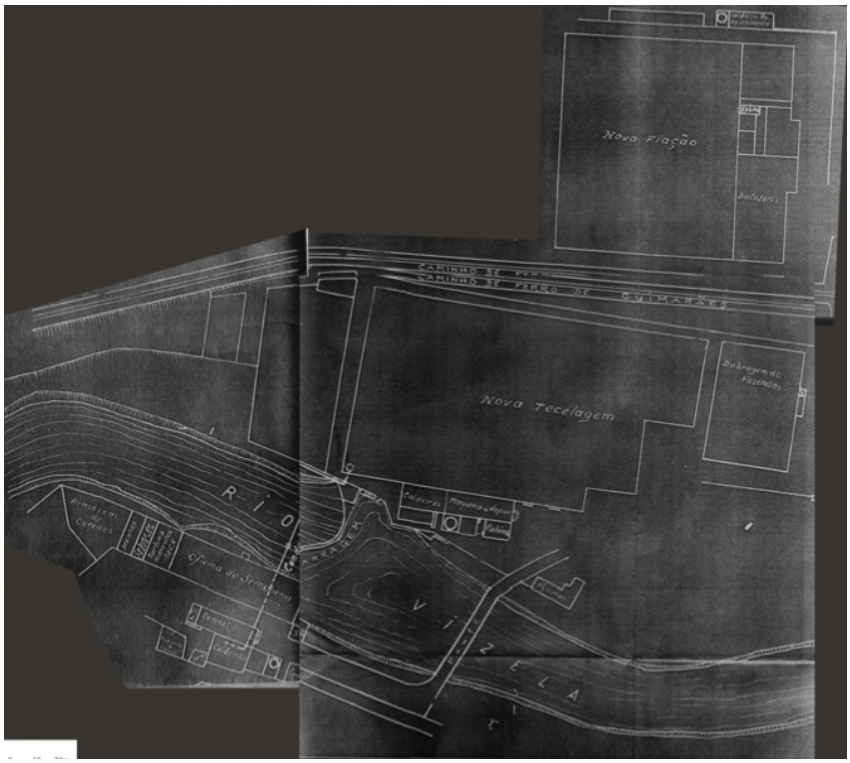
Aquando da comemoração dos 150 anos da fábrica, em 1996, criou-se um museu vivo que recebeu centenas de visitas durante um ano. Do sucesso desta iniciativa, pensou-se ali edificar o Museu da Indústria Têxtil de Santo Tirso, em parceria com a autarquia, mas tal ambição não se concretizou.

A enorme unidade fabril fechou as portas em 2001, declarando falência em 2004. No dia 31 de Maio de 2006, muitos dos móveis e equipamentos que compuseram a unidade foram leiloados.



Projecto do pedido de licenciamento para reconstruir parte do antigo edifício da primitiva fábrica, de 1922.

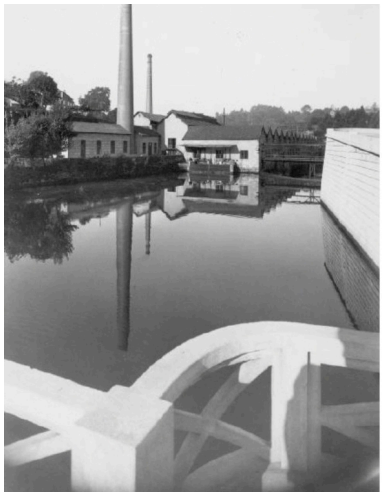
Fonte: Costa, F. *Geopatrimónio ligado à água - O caso do património industrial na bacia hidrográfica do rio Ave* - Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território; Departamento de Geografia da Universidade do Minho

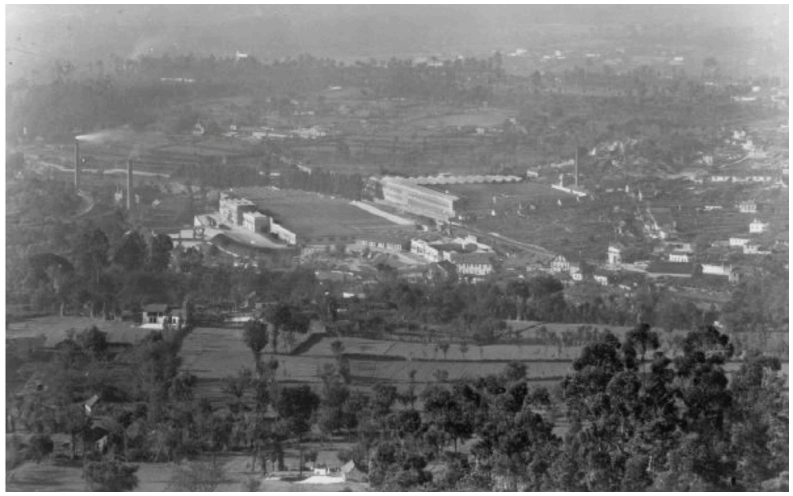


Projeto para uma dependência da fábrica, datado em 1942.

Fonte: Costa, F. *Geopatrimónio ligado à água - O caso do património industrial na bacia hidrográfica do rio Ave* - Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território; Departamento de Geografia da Universidade do Minho

As seguintes fotografias da Fábrica do Rio Vizela datam entre os anos de 1920 e 1950.





Fonte: Acervo Carlos Alberto Cabral

http://emuseum.serralves.pt/acac/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultDetailView/result.inline.list.t1.collection_list.$TspTitleLink.link&sp=14&sp=Sartist&sp=SfilterDefinition&sp=0&sp=X&sp=1&sp=SdetailView&sp=8&sp=Smodul&sp=SinlineBlock&sp=0&sp=T&sp=0&sp=SdetailList&sp=50&sp=T&sp=60

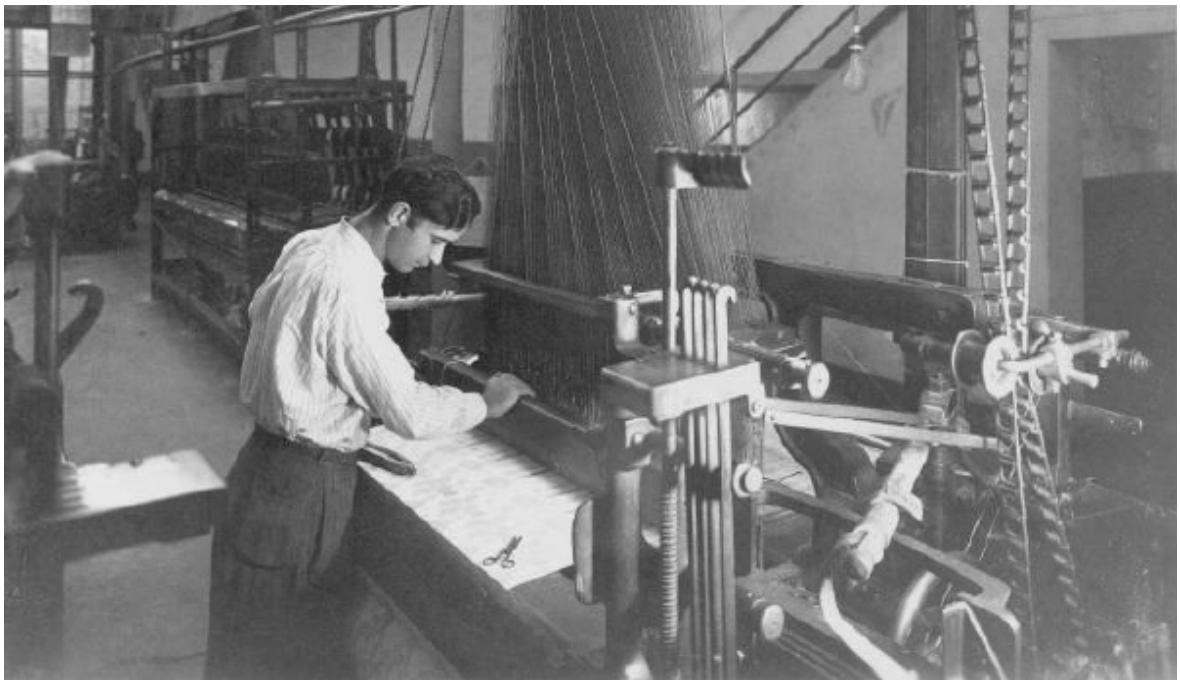
http://emuseum.serralves.pt/acac/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultDetailView/result.inline.list.t1.collection_list.$TspTitleLink.link&sp=14&sp=Sartist&sp=SfilterDefinition&sp=0&sp=X&sp=1&sp=SdetailView&sp=8&sp=Smodul&sp=SinlineBlock&sp=0&sp=T&sp=0&sp=SdetailList&sp=50&sp=T&sp=59



Vista para a fábrica.

Fonte: Acervo Carlos Alberto Cabral.

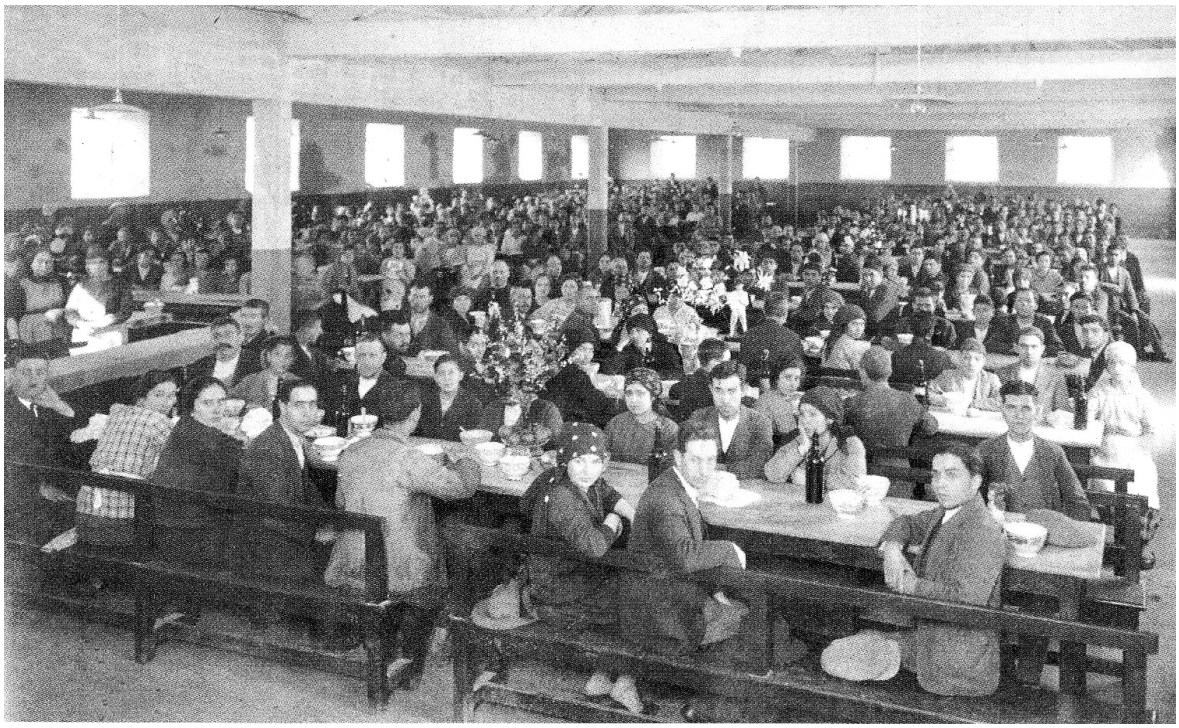
http://emuseum.serralves.pt/acac/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultDetailView/result.inline.list.t1.collection_list.$TspTitleLink.link&sp=14&sp=Sartist&sp=SfilterDefinition&sp=0&sp=X&sp=1&sp=SdetailView&sp=8&sp=Smodul&sp=SinlineBlock&sp=0&sp=T&sp=0&sp=SdetailList&sp=50&sp=T&sp=58



Funcionária a trabalhar na tecelagem.

Fonte: Acervo Carlos Alberto Cabral.

http://emuseum.serralves.pt/acac/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultDetailView/result.inline.list.t1.collection_list.$TspTitleLink.link&sp=14&sp=Sartist&sp=SfilterDefinition&sp=0&sp=X&sp=1&sp=SdetailView&sp=8&sp=Smodul&sp=SinlineBlock&sp=0&sp=T&sp=0&sp=SdetailList&sp=50&sp=T&sp=72



Cantina e seus operários.



Recepção ao Rei D. Manuel II (1908).

Fonte: https-//www.flickr.com/photos/



Mural em azulejo e acesso a um dos armazéns.

Fonte: Acervo Carlos Alberto Cabral.

http://emuseum.serralves.pt/acac/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultDetailView/result.inline.list.t1.collection_list.$TspTitleLink.link&sp=14&sp=Sartist&sp=SfilterDefinition&sp=0&sp=X&sp=1&sp=SdetailView&sp=8&sp=Smodul&sp=SinlineBlock&sp=0&sp=T&sp=0&sp=SdetailList&sp=50&sp=T&sp=74



Local onde era feita a venda ao público (atualmente).

Fonte: a autora.



Cozinha original (atualmente).

Fonte: a autora.



Equipamento antigo (atualmente).

Fonte: a autora.

Como se percebe pela imagem seguinte, dois grandes pavilhões da fábrica já ruíram. Os restantes encontram-se vazios e sem utilidade, à excepção do pavilhão ocupado por uma escola profissional ligada à indústria têxtil e de outros pequenos pavilhões alugados para oficinas. O edifício dos escritórios mantém-se intato e em bom estado de conservação. Mantêm-se também a funcionar a cantina, servida pela mesma cozinha que servia a cantina da fábrica.

O edifício marcado a cor-de-rosa é antiga casa do Conde de Vizela, habitada atualmente por descendentes do industrial Narciso Machado Guimarães. Para além desta casa, existem ainda mais três casas no terreno da fábrica, que seriam habitadas por colaboradores da fábrica.



Imagem aérea atual, obtida através do Google Earth.

Na fotografia panorâmica vê-se o edifico de escritórios (à direita), a ponte que atravessa o Rio Vizela e que liga os dois pólos da fábrica, uma antiga chaminé e pequeno pavilhão em pedra (è esquerda), o açude e parte do Rio Vizela. Hoje em dia, podem ser vistas lontras neste local, o que significa que a poluição do rio causada pela antiga industria já não é muito representativa.



Vista para a fábrica a partir da margem esquerda do Rio Vizela.

Fonte: a autora.



Escritório do Conde de Vizela.

Fonte: a autora.

O escritório do Conde de Vizela é um espaço amplo e com semelhanças à Casa de Serralves nos seus pormenores. A grande secretária para dois do lado direito seria a secretária do Conde de Vizela, sendo que a imagem por de trás se trata de uma fotografia aérea da fábrica nas primeiras décadas do século XX. Do lado direito, encontram-se retratos dos Condes de Vizela e um armário embutido com muito material de escritório antigo.

A peça chamada de *Bailarina*, foi trazida da Exposição Internacional de Paris de 1925, por Carlos Alberto Cabral e encontra-se no corredor de acesso ao seu antigo escritório.

Na cave dos escritórios está acumulado grande parte do espólio da fábrica (fotografias, livros, mapas, plantas, …) que se encontra, neste momento, a degradar.





Peça *Bailarina* e arrumos da fábrica.

Fonte: a autora.

FÀBRICA DE FIAÇÂO DO RIO VIZELA				AVE
Designação	Atual	Fábrica de Fiação do Rio Vizela		
	Outras designações	Fábrica de Fiação de Negrelos		
Localização	Distrito	Porto		Coordenadas GPS
	Concelho	Santo Tirso		41°21'23.48"N
	Freguesia	Vila das Aves		8°24'34.62"W
	Morada	Largo Fábrica do Rio Vizela		
Proprietário Actual	Nome	Família Machado Guimarães		Contacto
	Morada			
Uso	Actual			
	Anterior			
Classificação	Processo			
	Legislação de classificação / ZEP			
Traçado / Período	Século XIX			
Descrição	O espaço que compõe esta antiga unidade fabril divide-se entre as duas margens do Rio Vizela e entre as freguesias de Negrelos (Santo Tirso) e Vila das Aves (Famalicão). É também atravessado pela linha do caminho-de-ferro. As margens do rio ainda conservam a sua beleza natural, cobertas por vegetação e, a jusante, com pequenos moinhos. Este percurso é apenas interrompido pelo açude de aproveitamento da força do rio para produzir energia. Uma parte da propriedade é ocupada por vinha e é mantida regularmente. Nos tempos em que a fábrica funcionava, existia uma comunidade que vendia os produtos hortículas (que sobravam após serem utilizados pela cantina dos trabalhadores) aqui produzidos. Na zona onde se localiza a antiga casa do Conde de Vizela e dos colaboradores da fábrica, existe um jardim e alguns anexos.			
Acessibilidade	Tipo de Circulação (dentro dos limites)	Pedonal	x	É possível circular dentro dos limites da propriedade com segurança sobre pavimento em cubo de granito em bom estado de conservação.
		Mobilidade reduzida	x	
		Ciclável	x	
		Mecânica	x	
		Automóvel	x	
	Acessos do exterior	Existem três entradas, duas para o fábrica e outra para a zona habitacional.		
Acontecimentos	Proprietários	Família Cabral Família Machado Guimarães		
	Pessoas ou acontecimentos relacionados	1908 - D. Manuel II desloca-se à fábrica.		
Situação actual (estado de conservação)	Os pavilhões industriais encontram-se muito degradados e em estado de ruína, excepto o edificio dos escritórios, os pavilhões ocupados e a cantina e cozinha. Esta cantina serve refeições económicas para o pessoal que ainda trabalha nas instalações, encontrando-se aberta para o público em geral. As casas dos antigos administradores estão habitadas e conservadas, assim como os acessos, as vinhas e áreas agricolas.			

Levantamento das Componentes (Presente - x Ausente - o)	Edificio Principal	x
	Edificio Anexo	x
	Armazém	x
	Caminho-de-ferro	x
	Restauração	x
	Capela	o
	Ponte	x
	Açude	x
	Produção de energia	o
	Jardim de enquadramento	x
	Mata	x
	Relvado/ Prado	x
	Produção agrícola	x
	Banco	x
	Estátua	x

Paisagem envolvente	Descrição	A unidade divide-se por duas freguesias: Negrelos e Vila das Aves, com uma paisagem urbanizada - edificios habitacionais e industriais - em alternância com manchas verdes e agricolas.
	Fotografia panorâmica	
	Vistas do interior para o exterior	Da Fábrica consegue-se ver tanto para as freguesias de Negrelos como de Vila das Aves.
	Vistas do exterior para o interior	A partir da N105 (Negrelos) vê-se claramente para o terreno da Fábrica. Do lado das casas de habitação os muros são altos, no entanto vê-se bem para através dos portões.

Aspetos Biofósicos	A propriedade apresenta uma topografia relativamente plana. Em termos faunísticos, destacam-se os coelhos, raposas e lontras. Em termos florísticos, destacam-se algumas árvores de grande porte e a coleção de azálias na proximidade da casa.

Levantamento fotográfico



















Levantamento fotográfico



















Mapa do Património Existente da Família Cabral



Quinta da Trindade



Casa na Fábrica de Fiação do Rio Vizela



Fábrica de Fiação do Rio Vizela



Centro Regional de Segurança Social do Norte

Propriedade nas Avenidas de Montevideu e da Boavista



Palácio do Conde de Vizela

Rio Ave

Rio Vizela

Rio Douro

LEGENDA

- "Vale do Ave"
- 1 Vila do Conde
- 2 Trofa
- 3 Santo Tirso
- 4 Vila Nova de Famalicão
- 5 Vizela
- 6 Guimarães
- 7 Póvoa de Lanhoso
- 8 Fafe
- 9 Vieira do Minho
- Porto
- Oceano Atlântico

ESCALA
1:200 000



Anexo 5

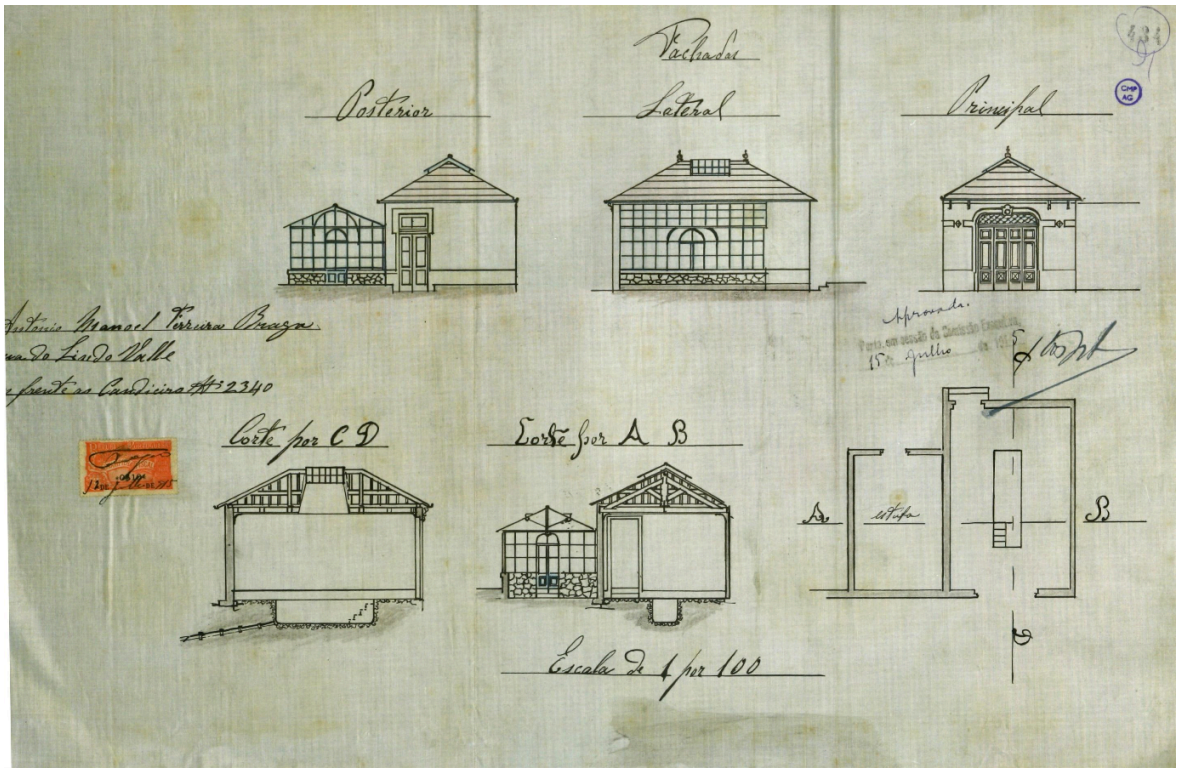
Património Família Ferreira – Porto | Vale do Ave | Fora do Vale do Ave

5.1. Património Habitacional – Porto

c

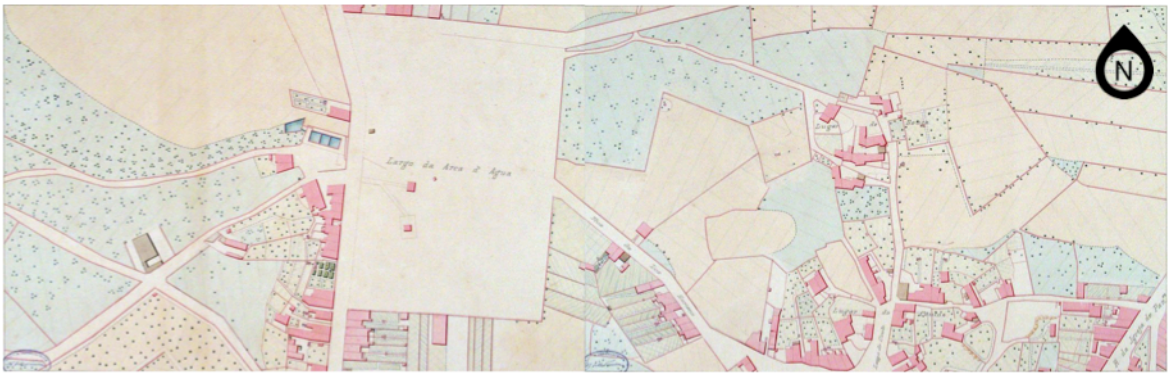
5.1.1. Propriedade de António Manuel Ferreira Braga na Rua do Lindo Vale (Paranhos)

Em 1915, António Manuel Ferreira Braga requer a Licença de Obra nº 582/1915, referente à construção de uma garagem na sua propriedade na Rua do Lindo Vale. "António Manuel Ferreira Braga querendo construir uma garagem no terreno que possui na Rua do Lindo Valle, em frente ao candieiro nº 2340, na freguesia de Paranhos, (...) vem solicitar da Exma Câmara se digne comendar-lhe a respectiva licença".
A imagem seguinte está anexada à licença de obra, consultada no Arquivo Municipal do Porto.

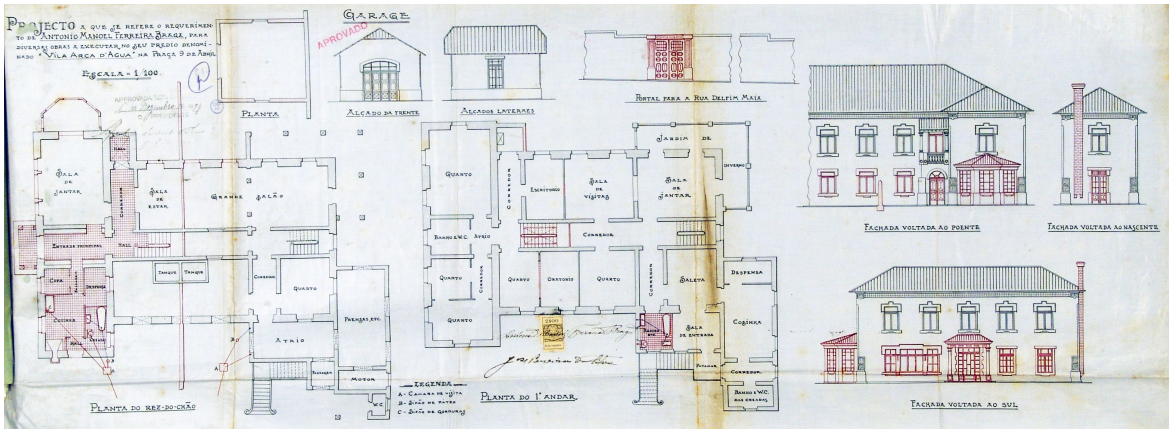


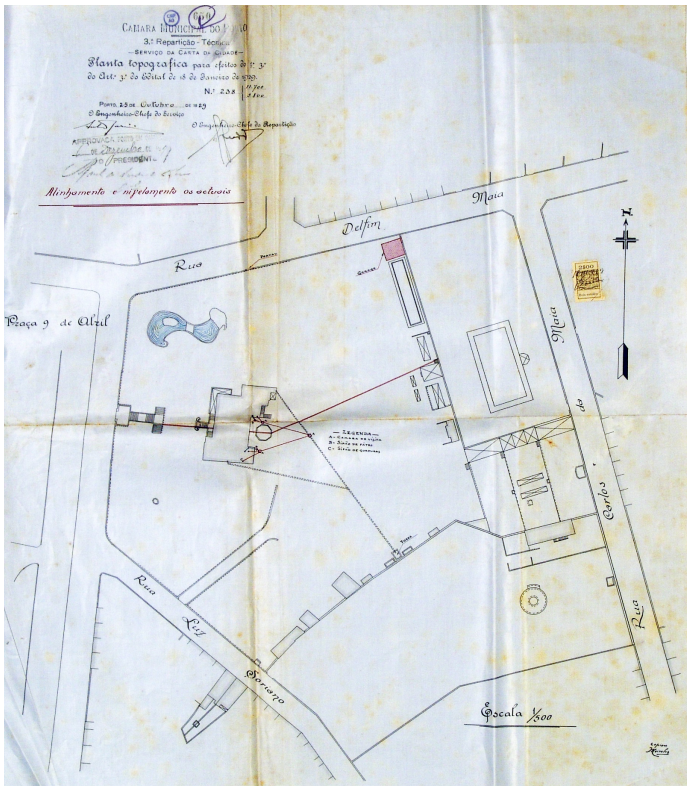
5.1.2. Casa do Médico (Arca d'Água)

Em baixo apresenta-se um excerto da Carta de Telles Ferreira de 1892, onde ainda não existe a Quinta de Arca dÁgua, mas onde já se percebe o desenho de algumas ruas e edifícios que se mantiveram e observa-se que a atual quinta se tratava de uma área essencialmente agrícola.



Consultada no Arquivo Municipal do Porto, a Licença de obra nº 495/1929 foi pedida por António Manuel Ferreira Braga a 13 de Novembro de 1929 para modificar o prédio e construir uma garagem: "Como residente na Villa de Arca d'Água sita na Praça 9 de Abril desta cidade, pretende executar no referido prédio obras que na planta junta em duplicado vão desenhadas a tinta carmim, incluindo as vedações interiors do terreno, uma nova garagem dentro do mesmo, e a abertura dum portão no muro voltado à Rua Delfim Maia (…)". Os desenhos anexados à licença são apresentados de seguida. Na planta topográfica é possível observar o desenho do lago e do escadório.



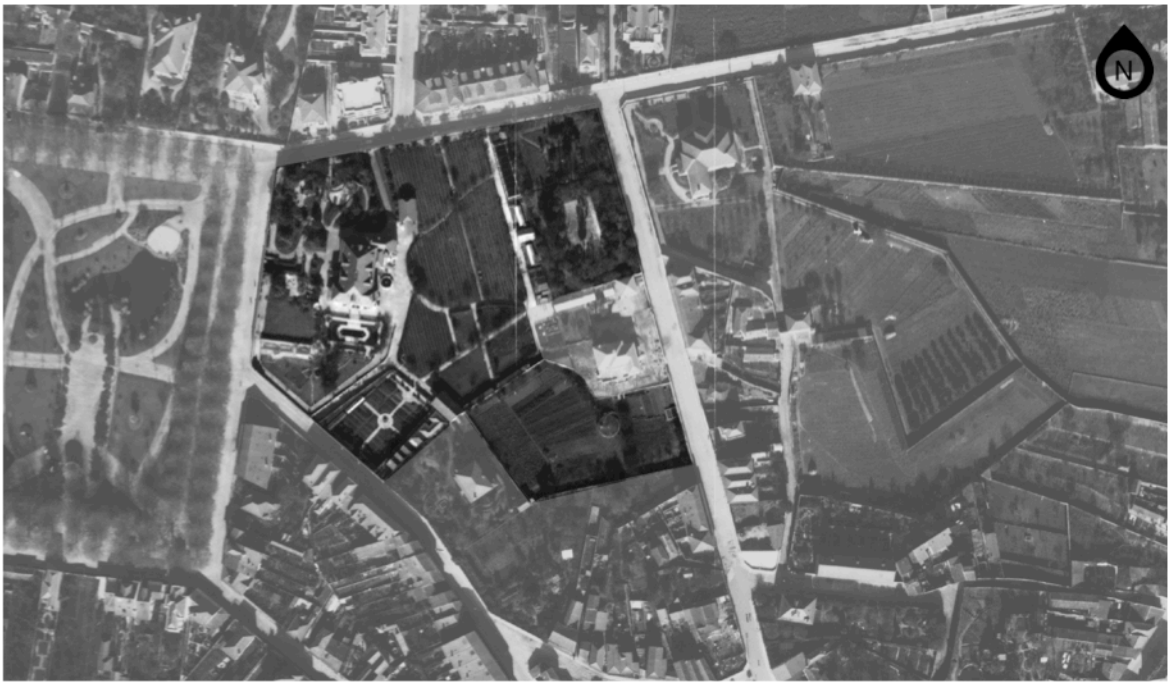




Villa de Arca d' Água, fotografia não datada.

Fonte: Marques, T. *Private Gardens in Porto: from the turn of the 20th century to the Serrales Park.*

Na Ortofoto de 1939, uma pequena área da Quinta de Arca d' Água a Sul, aparentemente, ainda não fazia parte da propriedade (lendo o traçado do muro de delimitação). Percebe-se claramente a casa e a garagem, assim como o desenho dos caminhos e do jardim e a área destinada às actividades agrícolas.

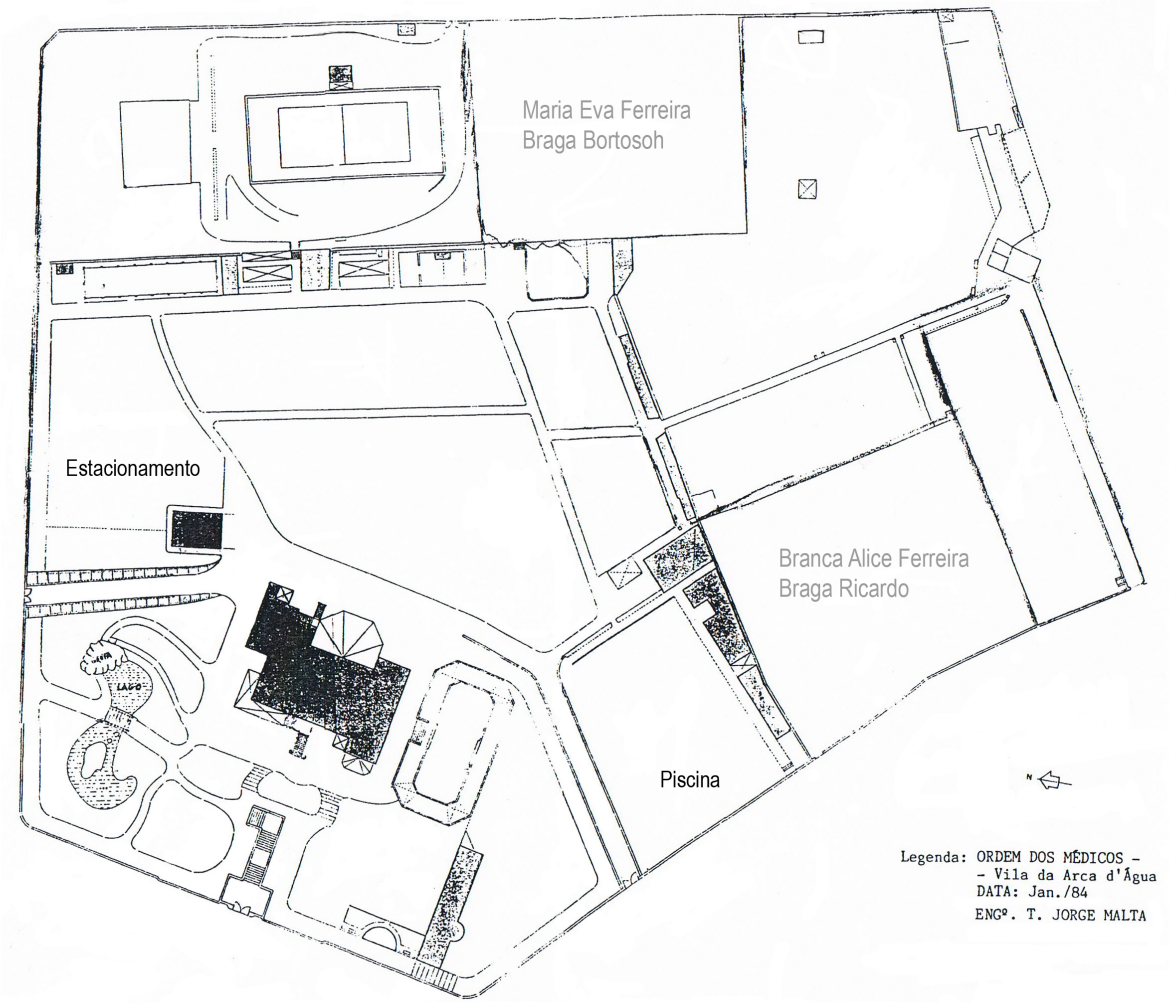


Ortofoto de 1939, obtida no Arquivo Municipal do Porto.

O projecto "Casa do Médico" nasceu a 15 de Maio de 1981, data em que a Assembleia Geral dos Médicos do norte aprovaram a compra dos terrenos onde se situam atualmente as instalações da Ordem dos Médicos no Norte. Nesta altura, verificou-se que a propriedade estava divida por vários descendentes, decidindo-se que a compra só seria feita caso os terrenos constituíssem um lote único. A escolha deste local resultou de diversos fatores, tais como a sua posição central e a proximidade aos hospitais, para além de que pelas suas dimensões e características permitia instalar a sede da SRNOM e os Colégios das Especialidades, assim como uma série de estruturas: um grande auditório, salas de conferências e convívio, um restaurante, bar, residências para médicos idosos, para médicos em trânsito e para médicos recém-formados, além de equipamentos desportivos, tudo enquadrado por um amplo espaço verde.

O contrato promessa de compra e venda foi assinado no dia 1 de Março de 1982. A oportunidade de realizar esta compra surgiu devido à solidariedade de um grupo de médicos, os Fundadores, a que se juntou um empréstimo bancário.

Na página seguinte pode observar-se a planta da propriedade no ano 1984 com algumas das alterações que o projecto da casa do médico trouxe a esta quinta, como a piscina e o parque de estacionamento.



Planta do propriedade em Janeiro de 1984, cedida pela Ordem dos Médicos.

As imagens seguintes tratam-se de fotografias da propriedade à data da compra pela Ordem dos Médicos e durante as obras de restauro, cedidas pela Ordem dos Médicos.









Percebe-se que na altura da compra a propriedade apresentava um aspeto abandonado e descuidado, apesar da casa aparentar estar bem conservada os jardins não estavam muito cuidados, assim como o campo de ténis e o muro de delimitação da propriedade.

Atualmente, o espaço que resta da antiga Quinta de Arca d' Água encontra-se bem conservado, apesar de ter sido feito um parque de estacionamento e um edifício de grandes dimensões, que se vê na imagem aérea atual. Este edifício alberga o auditório, as salas de conferência e as residências.



Ortofoto de 1991, obtido na Mapoteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.



Imagem aérea atual, obtida através do Google Earth.



Fotografia da fachada da casa voltada para a Praça 9 de Abril, nos dias de hoje.

Fonte: a autora.

CASA DO MÉDICO — PORTO

Designação	Atual	Casa do Médico		
	Outras designações	Villa de Arca d'Água		
Localização	Distrito	Porto		Coordenadas GPS
	Concelho	Porto		41º9'8.38"N
	Freguesia	Paranhos		8º37'54.60"W
	Morada	Rua Delfim Maia, 405		
Proprietário Actual	Nome	Sindicato dos Médicos do Norte		Contacto
	Morada	Rua Delfim Maia, 405		22 507 01 00
Uso	Actual	Casa do Médico; Centro de Cultura e Congressos		
	Anterior	Casa de habitação e quinta de recreio		
Classificação	Processo			
	Legislação de classificação / ZEP			
Traçado / Período	Século XX			
Descrição	Jardim do início do século XX da autoria de Jacintho de Mattos. O acesso pela frente da casa é feito por uma escadaria que supera o desnível entre a Praça 9 de Abril e a casa, enquanto que o acesso pela lateral é feito por uma alameda de *Cupressus sp.* Na frente da casa existe um pequeno relvado com alguns arbustos ornamentais e algumas palmeiras. A Norte, encontra-se um lago com uma gruta e uma pequena ponte. A Sul, existe um espelho de água com uma fonte e quatro pérgulas em volta; desnivelado em relação a este espelho de água segue-se uma pequena cascata. Nas traseiras da casa, existe um outro lago de pequenas dimensões e uma piscina (esta construída na reforma feita pelo Sindicato dos Médicos). Um pouco mais longe, depois do parque de estacionamento, encontra-se o campo de ténis.			
Acessibilidade	Tipo de Circulação (dentro dos limites)	Pedonal	x	Apesar de algumas escadas, o espaço não tem acesos condicionados no seu todo.
		Mobilidade reduzida	x	
		Ciclável	x	
		Mecânica	x	
		Automóvel	x	
	Acessos do exterior	O acesso pedonal e automóvel é feito pelo portão lateral, sem condicionamentos. Pelo portão principal a entrada é condicionada, devido à existência de uma escadaria.		
Acontecimentos	Proprietários	Rita Ferreira Braga António Manuel Ferreira Braga		
	Pessoas ou acontecimentos relacionados			
Situação actual (estado de conservação)	A casa e os edificios anexos originais encontram-se em excelente estado de conservação, assim como o jardim da frente da casa e na envolvente imediata. O Campo de Ténis também está conservado. Grande parte da propriedade encontra-se actualmente ocupada pelos edificios novos da Casa do Médico, como o Auditório e os edificios residenciais. No entanto, este projecto está em harmonia o mais possivél com os restantes elementos originais da propriedade.			

<table>
<tr><td rowspan="16">Levantamento das Componentes
(Presente - x
Ausente - o)</td><td>Edificio Principal</td><td>x</td><td>Campo de Jogos</td><td>x</td></tr>
<tr><td>Edificio Anexo</td><td>x</td><td>Espelho de água</td><td>x</td></tr>
<tr><td>Capela</td><td>o</td><td>Lago</td><td>x</td></tr>
<tr><td>Estufa</td><td>o</td><td>Tanque</td><td>o</td></tr>
<tr><td>Escadório</td><td>x</td><td>Piscina</td><td>x</td></tr>
<tr><td>Anfiteatro</td><td>o</td><td>Cascata</td><td>x</td></tr>
<tr><td>Jardim de Buxo</td><td>o</td><td>Fonte</td><td>x</td></tr>
<tr><td>Alameda</td><td>x</td><td>Capoeira</td><td>o</td></tr>
<tr><td>Roseiral</td><td>o</td><td>Banco</td><td>x</td></tr>
<tr><td>Horta</td><td>o</td><td>Pérgola</td><td>x</td></tr>
<tr><td>Pomar</td><td>o</td><td>Estátua</td><td>x</td></tr>
<tr><td>Mata</td><td>o</td><td>Azulejos</td><td>o</td></tr>
<tr><td>Relvado/ Prado</td><td>x</td><td>Ponte</td><td>x</td></tr>
<tr><td>Plantas exóticas</td><td>x</td><td>Gruta</td><td>x</td></tr>
<tr><td>Plantas Autóctones</td><td>x</td><td>Outro</td><td>o</td></tr>
<tr><td rowspan="4">Paisagem envolvente</td><td>Descrição</td><td colspan="3">Propriedade enquadrada por uma zona residencial de propriedades unifamiliares, maioritariamente. Muito próxim do Pólo Universitário e do Hospital de São João, assim como dos acessos às Auto-estradas.</td></tr>
<tr><td colspan="4">Fotografia panorâmica
  </td></tr>
<tr><td>Vistas do interior para o exterior</td><td colspan="3">Localizada a uma cota superior, a propriedade tem uma vista pri veligiada para o Jardim de Arca d'Água.</td></tr>
<tr><td>Vistas do exterior para o interior</td><td colspan="3">Do Jardim de Arca d'Água, vê-se a escadaria de acesso à casa pela frente principal e adivinha-se parte do jardim. A toda a volta não se consegue ver para dentro da propriedade.</td></tr>
<tr><td>Aspetos Biofósicos</td><td colspan="4">Apesar do desnível em relação à envolcente o espaço é maioritariamente plano, com alguns desníveis superados por escadas ou pequenas rampas.
Em termos faunísticos, podem ser encontrados patos nos dois lagos do jardim. Existem outros pássaros residentes nas árvores. Não se observaram outros animais.
Este espaço está pontuado por algumasgrandes árvores, possivelmente do jardim original, sendo que as que foram colocadas da reforma são na sua maioria Betula celtiberica. A pérgula adjacente à piscina esté envolvida por uma Wisteria floribunda.</td></tr>
</table>

Levantamento fotográfico







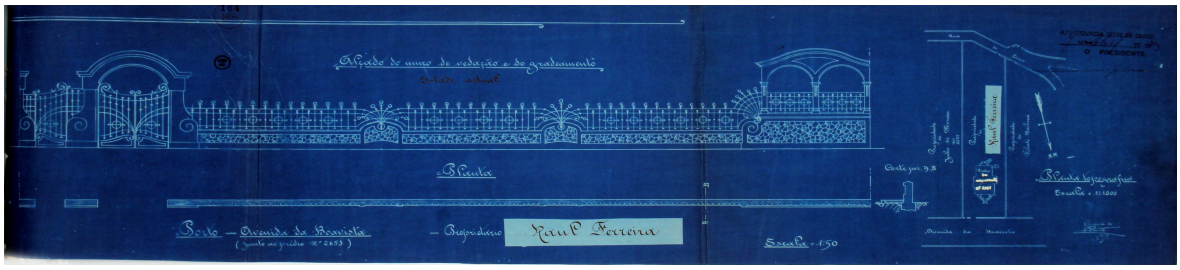







5.1.3. Fundação AEP (Lordelo do Ouro)

A Licença de Obra nº 1329/1923, remetida por Raúl Ferreira, diz "Raul Ferreira, proprietário e industrial, residente na Avenida da Boavista, 2671, desejando levantar 1,00m ao muro de vedação do jardim da sua residência (…)", o que significa que à data de 28 de Agosto de 1923 o Conde de Riba d'Ave habitava nesta casa. O desenho apresentado está anexado à licença e foi obtido no Arquivo Municipal do Porto.





Ortofoto de 1939, obtida no Arquivo Municipal do Porto.

Na Ortofoto de 1939, recolhida no Arquivo Municipal do Porto, vêem-se algumas diferenças entre a Avenida da Boavista e Marechal Gomes da Costa, comparativamente aos dias de hoje. Em relação à casa e aos jardins, percebe-se que o jardim teria um desenho diferente do atual e que o estrato arbóreo ainda não se encontrava muito desenvolvido.

A propriedade foi adquirida pela AEP (Associação Empresarial de Portugal) a 20 de Outubro de 1983, tendo sido vendida por José Osvaldo Laranjeira Rodrigues Gomes e Maria Helena Rego Ferreira da Silva Rodrigues Gomes.

Em 2011, a Fundação AEP faz uma reforma nos jardins, com vista a torná-los mais acessíveis a automóveis e com mais lugares de estacionamento, para além de restaurar pavimentos, abater alguns exemplares arbóreos em mau estado fitossanitário e demolir alguns elementos antigos e mal conservados. Existia um anexo nas traseiras, feito na década de 1980 para receber as formações dadas pela AEP, que foi removido aquando desta intervenção; existia uma fonte original da casa, mas que se encontrava em mau estado e sem funcionar e, por isso, foi removida; a casa tinha mais árvores e alguns canteiros, sendo tudo removido de forma a depurar mais o espaço e criar melhores acessos. Segundo a Fundação AEP, o pavimento existente no momento em que a casa foi adquira tratava-se de um betuminoso escuro pouco interessante. Na reforma de 2011, o projectista optou pelo uso de cubo de granito 0,10mx0,10m aproximadamente, resultando numa solução esteticamente mais interessante e duradoura.

O jardim da frente da casa, como se pode ver pela comparação entre uma gravura de 1979 (quadro obtido em leilão exposto na Fundação AEP) e uma fotografia recente da casa, foi simplificado na alteração de 2011, tendo sido retirada a sebe de buxo, uma palmeira, que na altura estava doente, e alguns arbustos, acrescentando-se um elemento em pedra com três suportes para hastear bandeiras.



Entre a ortofoto de 1991 e a imagem atual obtida através do GoogleEarth, percebem-se claramente as alterações feitas pela Fundação AEP em 2011: novo pavimento em cubo de granito, limpeza de vegetação em torno da casa, demolição do barracão nas traseiras para construção do parque de estacionamento ordenado e a esplanada do restaurante nas traseiras da casa, com uma pequena área relvada.



Ortofoto de 1991, obtida na Mapoteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.



Imagem atual, obtida através do Google Earth.

FUNDAÇÂO AEP					**PORTO**
Designação	Atual	Fundação AEP			
	Outras designações				
Localização	Distrito	Porto			Coordenadas GPS
	Concelho	Porto			41º9'43.54''N
	Freguesia	Lordelo do Ouro			8º39'18.12''W
	Morada	Avenida da Boavista, 2671			
Proprietário Actual	Nome	Associação Empresarial de Portugal			Contacto
	Morada	Avenida Doutor António Macedo, Leça da Palmeira			22 998 1500
Uso	Actual	Escritórios, salas de trabalho e salas de reunião			
	Anterior	Casa de habitação e jardim privado			
Classificação	Processo				
	Legislação de classificação / ZEP				
Traçado / Período	Século XX				
Descrição	Jardim do início do século XX da autoria de Jacintho de Mattos. Apesar de se encontrar bem estimado, o jardim actual está muito descaracterizado em relação ao original. Existia uma fonte em pedra que já desapareceu, assim como canteiros em volta da casa que também já não existem. O jardim da frente também esté bastante simplificado. As traseiras não mantêm nenhum elemento original, tendo sido feito um parque de estacionamento e uma esplanada de apoio ao restaurante AEP.				
Acessibilidade	Tipo de Circulação (dentro dos limites)	Pedonal	x	Pavimento exterior em cubo de granito (0,10x0.10m aprox.) em excelente estado de conservação. O aceso principal da casa é feito por uma escadaria, tendo entradas secundárias acessiveis a pessoas de mobilidade reduzida.	
		Mobilidade reduzida	x		
		Ciclável	x		
		Mecânica	x		
		Automóvel	x		
	Acessos do exterior	O acesso é feito por um único portão principal, tanto para acesso pedonal como automóvel.			
Acontecimentos	Proprietários	Raúl Ferreira, Conde de Riba d'Ave			
	Pessoas ou acontecimentos relacionados				
Situação actual (estado de conservação)	Casa, anexo e portão estão em excelente estado de conservação, assim como o interior da casa que apenas sofreu as alterações necessárias ao tipo de actividade que desenvolve actualmente.				

Levantamento das Componentes (Presente - x Ausente - o)	Edificio Principal	x	Campo de Jogos	o
	Edificio Anexo	x	Espelho de água	x
	Capela	o	Lago	x
	Estufa	x	Tanque	o
	Escadório	o	Piscina	o
	Anfiteatro	o	Cascata	o
	Jardim de Buxo	x	Fonte	o
	Alameda	x	Capoeira	o
	Roseiral	o	Banco	x
	Horta	o	Pérgola	x
	Pomar	o	Estátua	x
	Mata	x	Azulejos	o
	Relvado/ Prado	x	Casa de Fresco	o
	Plantas exóticas	x	Gruta	o
	Plantas Autóctones	o	Outro	o

Paisagem envolvente	Descrição	Frente principal voltada para a Avenida da Boavista (muito próximo do cruzamento com a Marechal Gomes da Costa. De ambos os lados têm casas suas contemporâneas, sendo que as traseiras fazem fronteira com o pátio de um prédio recente.
	Fotografia panorâmica	
	Vistas do interior para o exterior	Vistas para A avenida da Boavista e, nas traseiras, para o prédio vizinho.
	Vistas do exterior para o interior	Vista desafogada para a propriedade a partir da frente principal da mesma, sendo que das restantes frentes a vista é congestionada pelos muros e por sebe de cedros.
Aspetos Biofósicos	Em relação à Avenida da Boavista, esta casa está a uma cota ligeiramente superior, sendo este desnível vencido por uma rampa entre o portão de entrada e a cota a que a casa se encontra. Por não possuir muita variedade floristica, é possível que esta propriedade não tenha muita diversidade faunística. Para além disso, tem muito movimento automóvel e uma grande área pavimentada.	

Levantamento fotográfico











5.1.4. Sede da CCDRN (Massarelos)

De acordo com as informações cedidas pela CCDRN, a propriedade começou por pertencer à Colegiada de Cedofeita, que em 1805, renova o prazo da propriedade com D. Ana Claudina dos Santos Guimarães. Em 1811, George Sandeman, fundador da Casa Sandeman Londrina, adquire o que viriam a ser as Caves Sandeman, na ribeira de V.N. de Gaia. Hugh Spencer Ponsonby (1865-1934), gestor da Sandeman & Cª, e a sua esposa Anitha Magdalene Feuerheerd (1873-1938) viveram nesta Casa entre 1855 e 1910. De 1910 a 1942, viveu nesta casa Hubert Walter Jennings (1880-1950), gestor da Sandeman & Cª (1910-1945), casado com Ruth Margaret Tait (1887-197?).

No excerto da Carta de Telles Ferreira (1892) apresentado em baixo e adquirido no Arquivo Municipal do Porto, percebe-se que a propriedade tinha um caráter agrícola, assim como a sua envolvente. Lêem-se também a antiga rede de caminhos e um espelho de água inexistente atualmente.



A fotografia seguinte, datada de 1897, foi feita a partir do último andar da casa, à data ainda na posse da família Sandeman. Ilustra claramente o carácter rural do Porto da época, avistando-se ao longe o antigo Palácio de Cristal.



Imagem cedida pela CCDRN.

Na ortofoto de 1939, adquirida no Arquivo Municipal do Porto, apesar de não se distinguirem muito bem os elementos próximos da casa, percebe-se o desenho de um jardim formal a sul da casa. Aqui a propriedade ainda mantém o seu carácter agrícola.

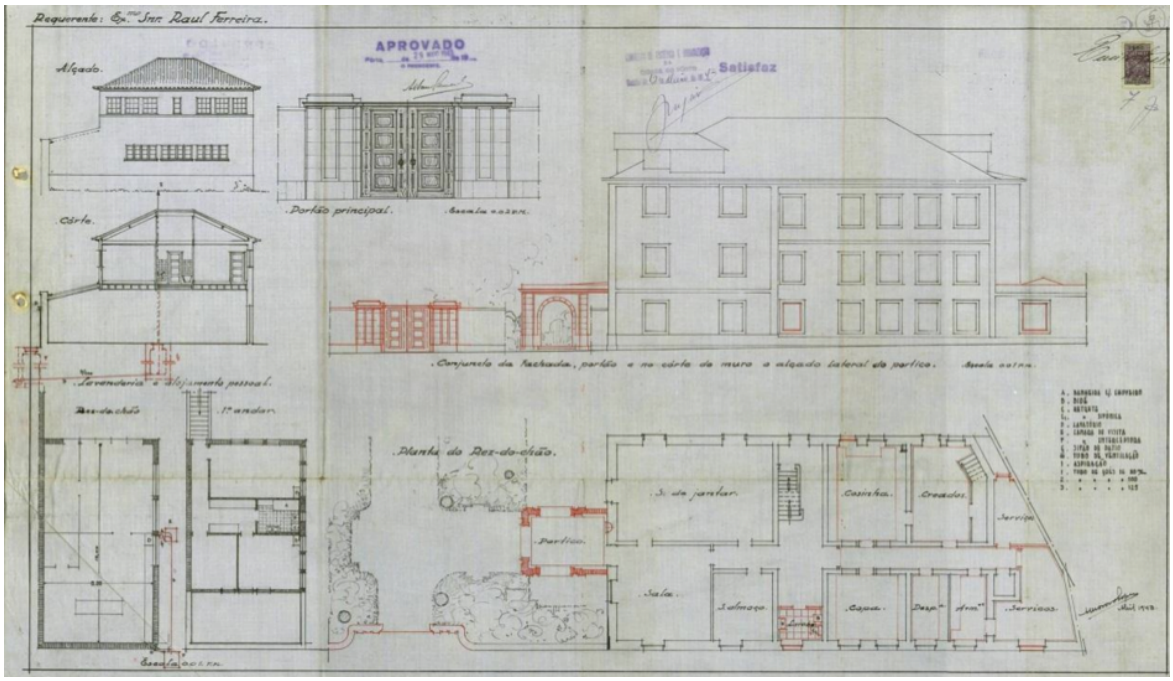


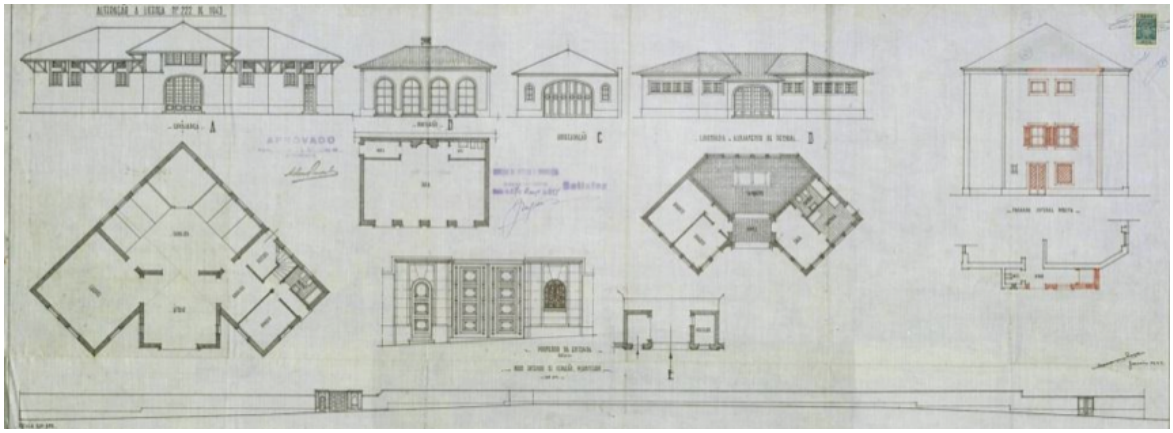


Nas imagens supra, não datadas, percebe-se que a antiga Rua do Campo Alegre, atual Dona Estefânia, passava tangente à casa, situação modificada por Raul Ferreira em 1943.

Uma Licença de Obra de 1943, em nome de Raúl Ferreira e com projecto do arquitecto Amoroso Lopes, diz: "Raúl Ferreira casado e residente na Rua de Passos Manuel I78 D.E.G. Porto, desejando proceder a obras

de reparação no seu prédio e pequenas construções no terreno da sua propriedade e sito à Rua do Campo Alegre 251 e de acordo com o projecto junto, pede a V. Ex. Se digne conceder a respectiva licença (…)". Os desenhos seguintes ilustram alterações propostas para a casa e o portão principal. Para além disso, é apresentado o desenho para o anexo que se situa a norte da propriedade.





Entre os dois desenhos da página seguinte, percebe-se que, no primeiro, a parcela de terreno em frente ao portão principal da casa ainda não tinha sido adquirida e, no segundo, com uma alteração ao projecto de 1944, o terreno já tinha sido comprado, estando representadas as alterações nos caminhos, a localização das novas construções e os novos limites da propriedade.





No Levantamento Aerofotogramétrico de 1979, já estão presentes os novos edifícios que integram o complexo da CCDRN atualmente e os limites da propriedade são os mesmos dos dias de hoje.



A ortofoto de 1991, recolhida na Mapoteca de Letras da Faculdade de Letras do Porto, e a imagem atual obtida através do GoogleEarth não diferem no que toca à propriedade em si. A única diferença é a conclusão da construção da Faculdade de Letras da Universidade do Porto entre os dois períodos.



Ortofoto de 1991, obtida na Mapoteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.



Imagem aérea atual, obtida através do Google Earth.

SEDE DA CCDRN					**PORTO**
Designação	Atual	Sede da CCDRN			
	Outras designações				
Localização	Distrito	Porto			Coordenadas GPS
	Concelho	Porto			41°10'20.04''N
	Freguesia	Massarelos			8°36'37.79''W
	Morada	Rua Rainha Dona Estefânea			
Proprietário Actual	Nome	Estado Português			Contacto
	Morada				226 086 300
Uso	Actual	Escritórios, salas de trabalho e salas de reunião			
	Anterior	Casa de habitação e quinta de recreio			
Classificação	Processo				
	Legislação de classificação / ZEP				
Traçado / Período	Século XIX				
Descrição	O jardim que ainda existe atualmente pode ser da autoria de Jacintho de Mattos e conserva alguns elementos do jardim de proximidade da casa, como o canteiro da entrada e o caramanchão com trepadeiras de *Wisteria sinensis* nas traseiras da casa. Parte da rede de caminhos mantêm-se sendo que alguns foram modificados, como na zona do lago. Esta propriedade possui a segunda maior coleção de fetos arbóreos do País. Em frente à entrada principal da casa encontra-se uma grande árvore notável - *Cinnamomum camphora.*				
Acessibilidade	Tipo de Circulação (dentro dos limites)	Pedonal	x	A circulação pedonal/ mobilidade condicionada automóvel e mecânica faz-se pelos mesmo acessos.	
		Mobilidade reduzida	x		
		Ciclável	x		
		Mecânica	x		
		Automóvel	x		
	Acessos do exterior	O acesso pedonal e automóvel é feito pelo mesmo portão principal, controlado por um segurança.			
Acontecimentos	Proprietários	Família Sandeman; Hugh Spencer Ponsonby Raúl Ferreira, Conde de Riba d'Ave			
	Pessoas ou acontecimentos relacionados				
Situação actual (estado de conservação)	A casa conserva-se em óptimo estado. Os edifícios construídos para servir as necessidades da CCDRN ocupam uma parte da propriedade. O pavimento encontra-se degradado, devido ao grande volume de circulação automóvel e ao estacionamento ao longo dos caminhos.				

Levantamento das Componentes
(Presente - x
Ausente - o)

Edificio Principal	x	Campo de Jogos	o
Edificio Anexo	x	Espelho de água	x
Capela	o	Lago	x
Estufa	x	Tanque	o
Escadório	o	Piscina	o
Anfiteatro	o	Cascata	o
Jardim de Buxo	x	Fonte	o
Alameda	x	Capoeira	o
Roseiral	o	Banco	x
Horta	o	Pérgola	x
Pomar	o	Estátua	x
Mata	x	Azulejos	o
Relvado/ Prado	x	Casa de Fresco	o
Plantas exóticas	x	Gruta	o
Plantas Autóctones	x	Outro	o

Paisagem envolvente

Descrição	Com uma fachada para a Rua do Campo Alegre e entrada na auto-estrada, esta propriedade encontra-se numa zona de grande movimento da cidade do Porto.

Fotografia panorâmica



Vistas do interior para o exterior	Só é possível ver para o exterior a partir do 1º piso da casa ou a partir do portão.
Vistas do exterior para o interior	Para o interior da propriedade só é possível ver a partir do portão de entrada.

Aspetos Biofósicos

A propriedade apresenta uma topografia relativamente plana.
Em termos faunísticos, é possivél que exista uma grande quantidade de aves e pequenos mamíferos, pela quantidade de árvores e arbustos presentes deste espaço.
Em termos florísticos, destacam-se algumas árvores de grande porte e a coleção de azálias em volta da casa.

Levantamento fotográfico












5.1.5. Jazigo de Delfim Ferreira, Cemitério do Prado do Repouso (Bonfim)

Delfim Ferreira remete a Licença de Obra nº 892/1933 para a construção de um jazigo de família. "Delfim Ferreira, proprietário e morador na Rua Hereia de Chaves, 227 d'esta cidade, desejando mandar construir no terreno que possui no Cemitério Oriental, um jazigo conforme o projecto junto, pede lhe seja passada a licença indispensável". Este projecto é da autoria do arquiteto Francisco de Oliveira Ferreira (consultar **Anexo 8**). A imagem seguinte encontra-se anexada à licença e foi consultada no Arquivo Municipal do Porto.

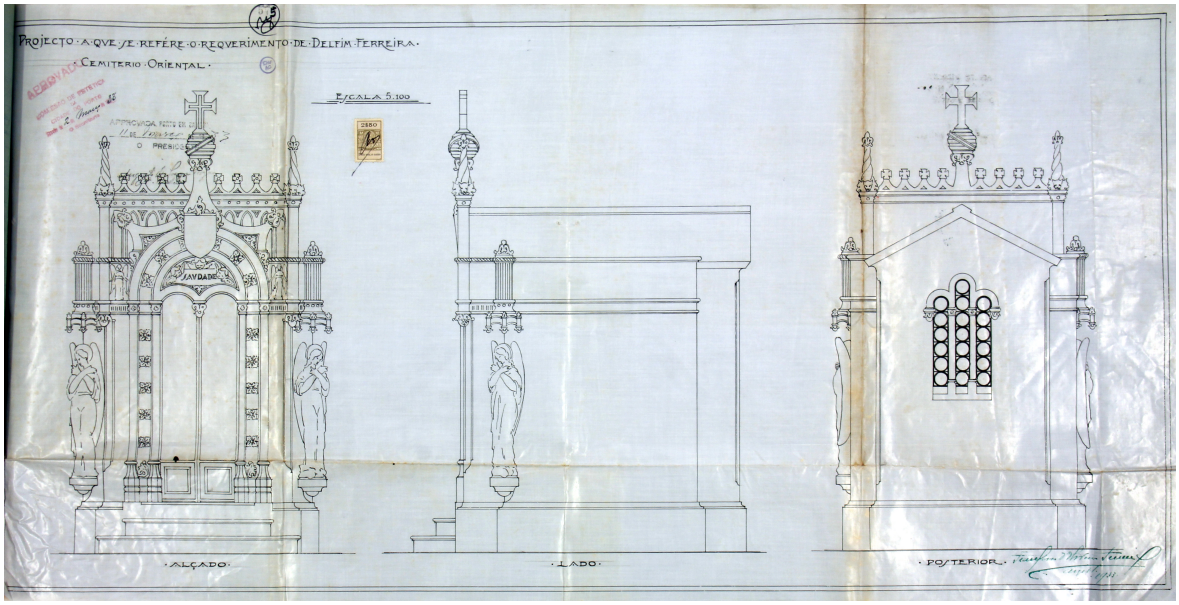




Imagem atual do Jazigo.

Fonte:http://amen10.no.sapo.pt/AlbumCemiterio%20Prado%20do%20Repouso/slides/BonfimCemiterio%20do%20Prado%20do%20Repouso%20(5).html

5.2. Património Habitacional – Vale do Ave

"Serão da segunda metade da década de 1910 os projectos de Jacintho de Mattos para os jardins da família Ferreira em Riba d'Ave.

Merecem particular referência porque revelam a participação de Jacintho de Mattos na construção de todo o espaço exterior de novas quintas de recreio, nomeadamente das de Raul e de Alfredo Ferreira. É, hoje, impossível determinar o seu nível de envolvimento no ordenamento fundiário dessas quintas, que assumiam um papel importante ao nível da produção agrícola, dadas as suas grandes dimensões. Contudo, imagens da época e os levantamentos de campo confirmam a participação de Jacintho de Mattos ao nível, quer das construções quer das plantações, das áreas agrícolas dessas quintas.

Ao nível dos jardins, Jacintho de Mattos demonstra, nestes projectos, uma significativa consistência formal. Jacintho de Mattos terá encontrado, nestas casas de Riba d'Ave, condições únicas para desenvolver e aplicar coerentemente e, possivelmente, num curto espaço de tempo, as suas ideias sobre a concepção de jardins."

Marques, T. (2009). *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitetura paisagista em Portugal.* Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia

5.2.1. Quinta da Lameira (Riba de Ave)

Neste jardim, "Jacintho de Mattos explora modelos idênticos aos dos jardins de Raul Ferreira, nomeadamente utilizando uma linguagem decorativa diversa, conjugando estatuária figurativa e elementos classicistas com paisagens de pendor naturalista, resultando num modelo extremamente eclético".[22]



Imagem aérea atual, obtida através do Google Earth.



Fachada lateral da casa (à direita), fonte e salão de festas (à esquerda).

Fonte: a autora.



Campos agrícolas da quinta. A mancha verde ao fundo e à esquerda faz parte da Quinta de Raúl Ferreira.

Fonte: a autora.

QUINTA DA LAMEIRA					**AVE**
Designação	Atual	Quinta da Lameira			
	Outras designações				
Localização	Distrito	Braga			Coordenadas GPS
	Concelho	Vila Nova de Famalicão			41º23'17.97''N
	Freguesia	Riba de Ave			8º23'27.59''W
	Morada	Rua Conde de Riba de Ave			
Proprietário Actual	Nome				Contacto
	Morada				
Uso	Actual	Casa de habitação e quinta de recreio			
	Anterior	Casa de habitação e quinta de recreio			
Classificação	Processo				
	Legislação de classificação / ZEP				
Traçado / Período	Século XX				
Descrição	Jardim de ínicio do século XX, da autoria de Jacintho de Mattos. Admite-se que date de 1919, pois é a data gravada na parede da gruta do jardim. O jardim envolvente à casa é composto por um jardim formal e por uma zona de mata a Sul (aproximadamente um terço da quinta), onde se encontra a Capela e alguma estatuária. O actual campo de futebol pensa-se que pode ter sido um campo de ténis na altura da família Ferreira. Na próximidade da casa encontram-se um salão de festas e os balneários de apoio ao campo de futebol, à piscina e ao ginásio, construídos recentemente. A produção agrícola ocupa cerca de um terço da quinta, localizada a cota inferior em relação à casa e ao jardim. Aí encontram-se alguns equipamentos como um tanque, uma casa de máquinas e as cavalariças. Existem também alguns painéis de azulejos.				
Acessibilidade	Tipo de Circulação (dentro dos limites)	Pedonal	x	Existem alguns desníveis vencidos por escadas, mas com alternativa acessível. Os pavimentos estão em óptimo estado.	
		Mobilidade reduzida	x		
		Ciclável	x		
		Mecânica	x		
		Automóvel	x		
	Acessos do exterior	O acesso pedonal e automóvel pode ser feito por duas entradas.			
Acontecimentos	Proprietários	Alfredo Ferreira			
	Pessoas ou acontecimentos relacionados				
Situação actual (estado de conservação)	O jardim encontra-se muito bem conservado, sendo mantido por uma equipa de dois jardineiros que fazem uma manutenção quase diária do espaço.				

Levantamento das Componentes (Presente - x Ausente - o)	Edificio Principal	x	Campo de Jogos	x
	Edificio Anexo	x	Espelho de água	o
	Capela	x	Lago	x
	Estufa	x	Tanque	x
	Escadório	o	Piscina	x
	Anfiteatro	o	Cascata	o
	Jardim de Buxo	x	Fonte	x
	Alameda	x	Capoeira	x
	Roseiral	o	Banco	x
	Horta	x	Pérgola	o
	Pomar	x	Estátua	x
	Mata	x	Azulejos	x
	Relvado/ Prado	x	Casa de Fresco	o
	Plantas exóticas	x	Gruta	x
	Plantas Autóctones	x	Outro	x

Paisagem envolvente	Descrição	A quinta encontra-se numa cota superior em relação à freguesia de Riba de Ave, numa zona residencial com casas unifamiliares e pequenos prédios e na estrada de acesso a Vila das Aves.
	Fotografia panorâmica	
	Vistas do interior para o exterior	A partir do patamar da casa, a vista prolonga-se até à freguesia de Oliveira S. Mateus.
	Vistas do exterior para o interior	Visto que a quinta é murada em toda a sua envolvente, do exterior não é possível ver para o interior da quinta, excepto a partir dos portões.
Aspetos Biofósicos	Em relação à topografia do terreno da quinta, distinguem-se dois grandes patamares: o da casa, do jardim e da mata e o dos campos agrícolas, num nível mais baixo. É possível que exista alguma diversidade faunística, para além dos animais domésticos e para consumo. Existe alguma variedade florística, mais evidente na mata.	

Levantamento fotográfico











Levantamento fotográfico

















5.2.2. Quinta de Delfim Ferreira (Riba de Ave)

Nas imagens seguintes, observa-se o estado de degradação da casa atualmente, mas também o seu grande interesse arquitetónico. Na imagem da direita, está desenhado no vidro as letras D, de Delfim, e S, de Sílvia (sua esposa). O mesmo símbolo pode ser observado no azulejo da fachada principal da casa.




Interior da casa.

Fonte: http://videonoir.blogspot.pt/2011/04/casa-delfim-sampaio-ferreira-riba-dave.htm



Azulejos na fachada principal da casa com as iniciais de Delfim Ferreira e da esposa.

Fonte: a autora.

Através da imagem aérea, percebe que esta quinta tem uma dimensão bastante grande, dividindo-se em jardim de proximidade à casa (com lago, gruta, estufa e canteiros), zona agrícola e arboreto (com árvores notáveis e um segundo lago, onde se encontra a capela e as casas dos antigos trabalhadores).

Como se pode observar na imagem abaixo, a casa principal (marcada a azul) encontra-se voltada para a Avenida Narciso Ferreira e o terreno da quinta é maioritariamente agricultado. É na parcela mais à direita que se encontra o arboreto e a capela. Percebe-se, também, que este espaço está muito próximo às Fábricas Sampaio, Ferreira & Lda e Oliveira, Ferreira & Lda, mantendo uma relação visual directa com as fábricas.



Imagem aérea atual, obtida através do Google Earth.



Relação entre o espaço habitacional e as fábricas. A chaminé visível pertence à antiga Oliveira, Ferreira & Lda.

Fonte: a autora.

QUINTA DE DELFIM FERREIRA					**AVE**
Designação	Atual	Quinta de Delfim Ferreira			
	Outras designações				
Localização	Distrito	Braga			Coordenadas GPS 41° 23'33.60''N 8°23'35.30''W
	Concelho	Vila Nova de Famalicão			
	Freguesia	Riba de Ave			
	Morada	Avenida Narciso Ferreira (N310)			
Proprietário Actual	Nome				Contacto
	Morada				
Uso	Actual	Habitação, quinta de recreio, produção agrícola			
	Anterior	Habitação, quinta de recreio, produção agricola			
Classificação	Processo				
	Legislação de classificação / ZEP				
Traçado / Período	Século XX				
Descrição	Esta quinta de início do século XX, pode ter tido como projetista dos seus jardins Jacintho de Mattos, devido às semelhanças com as restantes quintas da família. A propriedade, de dimensões consideráveis, divide-se em duas grande zonas: de recreio e agrícola. A primeira ainda conserva alguns dos elementos iniciais, como a gruta e o lago, a estrutura em ferro da estufa e alguns canteiros. Ainda se conservam também algumas árvores notáveis de grande porte, como um imponente pinheiro manso (*Pinus pinea*) e uma grande faia (*Fagus sylvatica purpurea*). Uma alameda faz o acesso entre a casa principal e a casa do motorista. No arboreto ao lado da capela, existe um outro lago redondo.				
Acessibilidade	Tipo de Circulação (dentro dos limites)	Pedonal	x	Os pavimentos encontra-se em bom estado e é relativamente fácil circular dentro do espaço, não existindo grandes obstáculos a qualquer tipo de circulação.	
		Mobilidade reduzida	x		
		Ciclável	x		
		Mecânica	x		
		Automóvel	x		
	Acessos do exterior	Existem várias entradas principais para a propriedade pela Avenida Narciso Ferreira e uma secundária que faz a ligação à antiga casa do motorista.			
Acontecimentos	Proprietários	Delfim Ferreira e Sílvia Ferreira			
	Pessoas ou acontecimentos relacionados				
Situação actual (estado de conservação)	A capela encontra-se bem conservada. A casa principal está num estado de degradação avançado, principalmente no seu interior. Estima-se que o seu arquitecto tenha sido um discípulo de Rogério de Avezedo. Os jardins mantêm algumas das suas características, mas mesmo os elementos que subsistem, como a gruta, encontram-se degradados. Trata-se de um espaço com bastante uso e mantido regularmente, mas que está a perder o seu carácter original.				

Levantamento das Componentes (Presente - x Ausente - o)	Edificio Principal	x	Campo de Jogos	o
	Edificio Anexo	x	Espelho de água	o
	Capela	x	Lago	x
	Estufa	x	Tanque	x
	Escadório	o	Piscina	o
	Anfiteatro	o	Cascata	o
	Jardim de Buxo	x	Fonte	o
	Alameda	x	Capoeira	o
	Roseiral	o	Banco	x
	Horta	x	Pérgola	o
	Pomar	x	Estátua	x
	Mata	x	Azulejos	o
	Relvado/ Prado	x	Casa de Fresco	o
	Plantas exóticas	x	Gruta	x
	Plantas Autóctones	x	Outro	x

Paisagem envolvente	Descrição	Esta quinta, entre as que foram estudadas, é a única que possui a casa muito próxima da estrada e directamente voltada para ela. Tem um grande peso visual na Avenida Narciso Ferreira, tanto pela entrada para a casa como para a capela.
		
	Vistas do interior para o exterior	Visto que os muros são bastante altos, só é possivel ver do interior para o exterior através de um dos portões ou das janelas dos pisos superiores da casa.
	Vistas do exterior para o interior	Só é possivel ver do exterior para o interior através de um dos portões.

Aspetos Biofósicos	A propriedade apresenta uma topografia suave, existindo um desnível entre a frente voltada à rua e as traseiras voltadas para a antiga Fábrica Oliveira & Ferreira. Em relação à flora, a quinta preserva algumas árvores imponentes e uma extensão considerável de vinha. Relativamente à fauna, para além dos animais domésticos, é possível que existam muitos pássaros e pequenos mamíferos.

Levantamento fotográfico



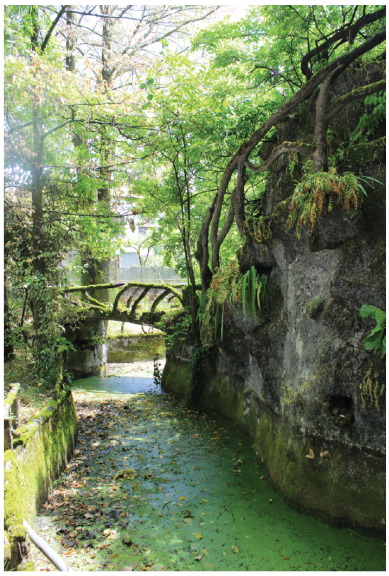









Levantamento fotográfico












5.2.3. Quinta da Terra Nova (Riba de Ave)



Imagem aérea atual, obtida através do Google Earth.



Fachada principal da casa.

Fonte: a autora.

QUINTA DA TERRA NOVA					AVE
Designação	Atual	Quinta da Terra Nova			
	Outras designações				
Localização	Distrito	Braga			Coordenadas GPS 41º23'39.27''N 8º23'39.82''W
	Concelho	Vila Nova de Famalicão			
	Freguesia	Riba de Ave			
	Morada	Avenida Narciso Ferreira (N310)			
Proprietário Actual	Nome				Contacto
	Morada				
Uso	Actual	Habitação, quinta de recreio, produção agrícola			
	Anterior	Habitação, quinta de recreio, produção agrícola, acolhimento de animais			
Classificação	Processo				
	Legislação de classificação / ZEP				
Traçado / Período	Século XX				
Descrição	Esta quinta localiza-se na mesma Avenida que a Quinta de Delfim Ferreira, mesmo em frente a esta. O arquiteto da casa foi o arq. Amoroso Lopes, não sendo conhecido o responsável pelo desenho dos jardins. Em volta da casa existe um roseiral e alguns anexos, assim como uma pequena mata que se estende até à entrada da quinta. Nas traseiras, estão montadas as instalações da Associação para Animais, a funcionar neste espaço. Um dos anexos, uma pequena casa, funciona agora como casa para os caseiros. Adjacente a esta casa, localiza-se a horta.				
Acessibilidade	Tipo de Circulação (dentro dos limites)	Pedonal	x	Os pavimentos variam entre terra batida e calçada em cubo de granito, ambos em bom estado. Os acessos são fáceis e permitem qualquer tipo de circulação.	
		Mobilidade reduzida	x		
		Ciclável	x		
		Mecânica	x		
		Automóvel	x		
	Acessos do exterior	A entrada é feita por um único portão voltado para a Avenida Narciso Ferreira.			
Acontecimentos	Proprietários	Joaquim Ferreira			
	Pessoas ou acontecimentos relacionados				
Situação actual (estado de conservação)	A quinta encontra-se bem conservada, tanto os materiais inertes como a vegetação. O espaço exterior é mantido diariamente por uma equipa de jardineiros.				

Levantamento das Componentes (Presente - x Ausente - o)	Edificio Principal	x	Campo de Jogos	o
	Edificio Anexo	x	Espelho de água	o
	Capela	o	Lago	o
	Estufa	x	Tanque	x
	Escadório	o	Piscina	o
	Anfiteatro	o	Cascata	o
	Jardim de Buxo	x	Fonte	o
	Alameda	x	Capoeira	x
	Roseiral	x	Banco	x
	Horta	x	Pérgola	o
	Pomar	x	Estátua	x
	Mata	x	Azulejos	x
	Relvado/ Prado	x	Casa de Fresco	o
	Plantas exóticas	x	Gruta	o
	Plantas Autóctones	x	Outro	o

Paisagem envolvente	Descrição	Esta quinta está voltada para o vale do rio Ave. A frente da casa está volta para a Avenida Narciso Ferreira.
	Fotografia panorâmica	
	Vistas do interior para o exterior	A partir deste espaço, é possível avistar a margem direita do Rio Ave e a antiga fábrica Sampaio & Ferreira.
	Vistas do exterior para o interior	Do exterior apenas é possível ver o interior da quinta a partir do portão principal, sendo que essa vista é imediatamente cortada pela vegetação.
Aspetos Biofósicos	O terreno da propriedade tem uma inclinação descendente a partir do portão até às traseiras, concordante com o vale do Rio Ave. As tílias que compõem a alameda de acesso entre o portão e a casa encontra-se protegidas por lei e o restante coberto vegetal aparenta estar bem conservado. Em termos faúnisticos, existem muitos animais a viver diariamente neste espaço, sendo que é possível que também exista uma comunidade de pássaros e pequenos mamíferos.	

Levantamento fotográfico









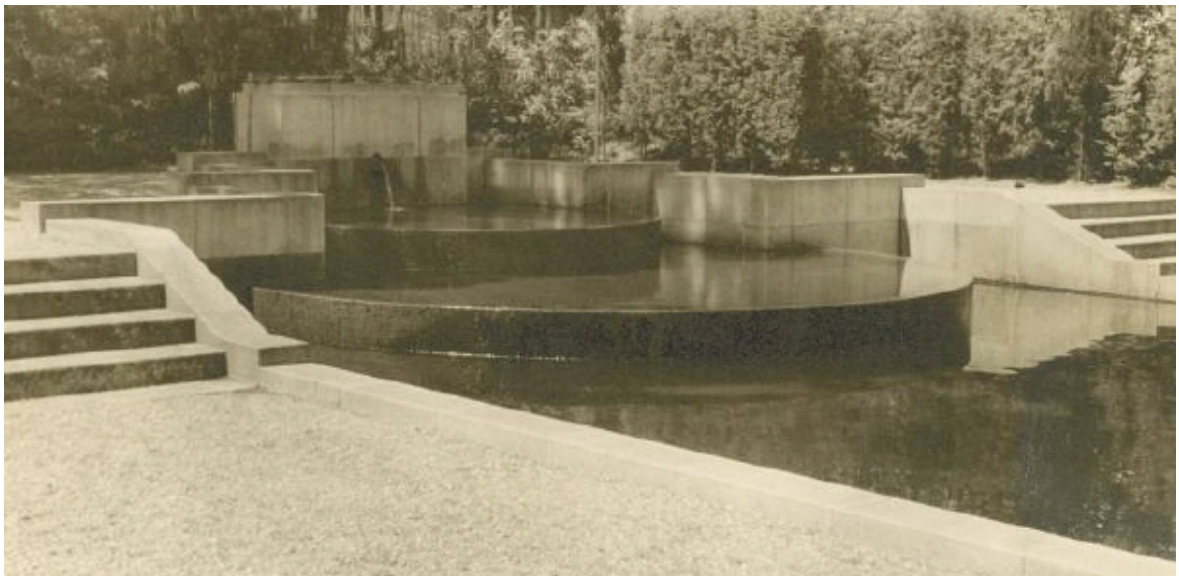




5.2.4. Quinta do Engenheiro Carvalho (Vila do Conde)



A imagem acima, obtida através do sistema GoogleEarth, representa uma vista aérea do estado atual da propriedade. Próximo ao mar, consegue-se ver uma grande fonte original de Serralves que rematava o eixo principal desde a casa. A piscina é cheia com água do mar trazida através de tubos existentes entre a casa e o mar.



Fonte de remate do eixo principal de Serralves

Fonte: Acervo Carlos Alberto Cabra

5.3. Património Habitacional – Fora do Vale do Ave

5.3.1. Quinta do Cisne (Vila Nova de Gaia)



Na imagem a cima, obtida através do Google Earth, percebe-se que a quinta está tangente à A1 (à esquerda da propriedade) e numa zona extremamente povoada de Vila Nova de Gaia e próxima do Porto. Cerca de metade da quinta está ocupada por actividades agrícolas, avistando-se uma piscina de frente para a casa e um grande arboreto a Sul.

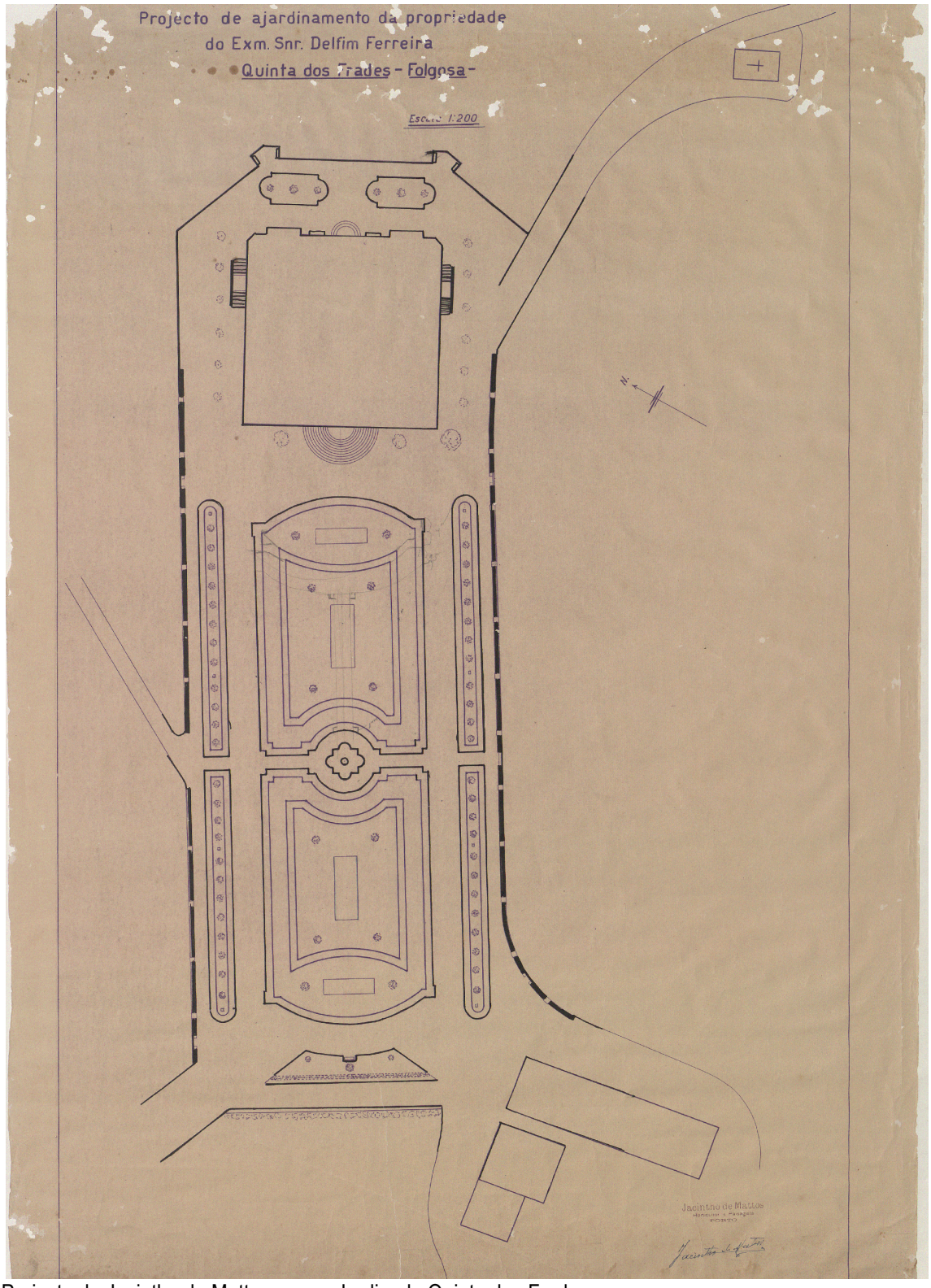




Exterior da quinta e portão principal.

Fonte: a autora.

5.3.2. Quinta dos Frades (Armamar)



Projecto de Jacintho de Mattos para o Jardim da Quinta dos Frades

Fonte: Repositório da Universidade do Porto (2014). Disponível em: http://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/2742

Na primeira fotografia é possível ver as copas das duas grandes árvores de frente para a fachada principal, assim como das que compõem os alinhamentos no restante jardim. Na segunda, percebem-se os montes e os vales que compõem a paisagem que acolhe esta quinta, com características típicas do Douro vinhateiro.



Fonte: http://www.jornaldevinhos.com/uploads/images/QUINTA%20DOS%20FRADES%20025.JPG



Fonte: http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/298478/?q=quinta+dos+frades



Fonte: http://www.predialferreira.pt/patrimonio2/quinta-dos-frades

Não se sabendo os limites da propriedade ao certo, apresenta-se em baixo uma imagem recolhida no GoogleEarth, que incluí parte da quinta e onde se consegue perceber o desenho do jardim de Jacintho de Mattos em frente à casa.



Imagem aérea atual, obtida através do Google Earth.

5.3.3. Quinta do Barão (Cascais)

O Plano de Pormenor do espaço de reestruturação urbanística da Quinta do Barão tem como objectivos principais a sua reformulação e definição da ocupação urbanística, bem como a Rua Dr. Baltazar Cabral e os prédios situados a Noroeste compreendidos entre esta e a Via Variante à Estrada Nacional 6 -7 e a Via Longitudinal Sul e o espaço de cedência para equipamento de utilização coletiva, resultante do Alvará de Loteamento n.º 1206.

Constituem objectivos deste plano a criação de um Parque Urbano compatível com a preservação da Reserva Ecológica Nacional e a Reserva Agrícola Nacional; a reabilitação e requalificação do conjunto edificado da Quinta do Barão; os remates urbanos de fecho das malhas existentes; o restabelecimento e reperfilamento da Rua Dr. Baltazar Cabral; a construção do troço da ciclovia, que ligará a zona da Praia de Carcavelos ao Bairro de S. Miguel das Encostas. Constituem os objectivos específicos do Plano: a definição de uma área de produção vitivinícola com cerca de 5,0 hectares, para constituir uma alegoria à produção do Vinho de Carcavelos; a recuperação do Solar e anexos para Hotel tipo Resort; a recuperação da Adega e respectivos anexos para Museu da Vinha e do Vinho; a constituição de mais dois lotes destinados à edificação urbana; a Construção da sede da Associação das Guias de Portugal; a reformulação das acessibilidades viárias e pedonais.

O Plano foi desenvolvido com uma parceria entre a Câmara Municipal de Carcavelos - representada pelo Departamento de Planeamento Estratégico (DPE), Divisão de Ordenamento do Território (DORT) - e a empresa Raúl Ferreira e Filho, Lda., de acordo com os protocolos celebrados a 26 de Fevereiro de 2004 e a 2 de Maio de 2005, alterado a 12 de Abril de 2006.



Imagem aérea atual, obtida através do Google Earth.

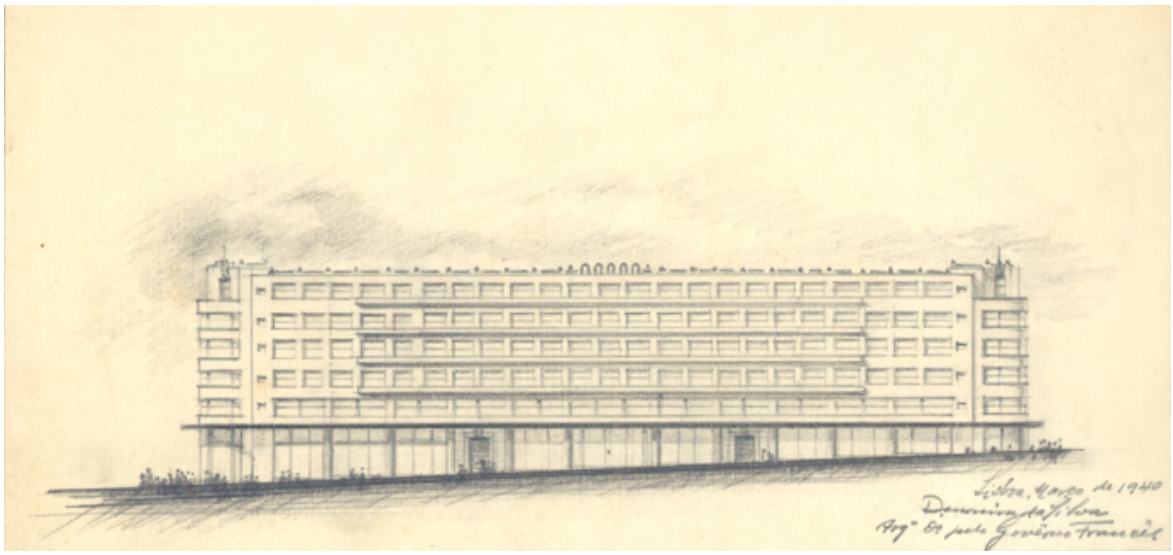
Nas fotografias percebe-se que apesar da casa aparentar estar bem conservada, os jardins e os restantes elementos, como a adega e os anexos, possuem um aspeto abandonado. A piscina encontra-se vazia, mas a sua envolvente bastante arborizada aparenta ser interessante e observam-se alguns elementos de estatuária no jardim. Na última imagem vêem-se pormenores do interior da Capela de S.Bernardo.



Fonte: http//www.sothebysrealtypt.com/imoveis/quinta-20-quartos-cascais-carcavelos_pt_8300

5.4. Património Industrial | Empresarial - Porto

5.4.1. Palácio do Comércio (Porto)



Fachada lateral Nascente voltada para a Rua Sá da Bandeira, projecto assinado por David Moreira da Silva, Março de 1940

Fonte: http://fims.up.pt/index.php?cat=15&subcat=17&proj=13



Fachada lateral Nascente voltada para a Rua Sá da Bandeira, projecto assinado por David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva, Setembro de 1944

Fonte: http://fims.up.pt/index.php?cat=15&subcat=17&proj=13



Fotografias da exposição de homenagem a Marques da Silva realizada em 1953.

Fonte: http://fims.up.pt/index.php?cat=15&subcat=17&proj=13



Palácio do Comércio, atualmente.

Fonte: http://photos1.blogger.com/blogger/831/420/1600/palaciocomercio2.jpg

5.4.2. Hotel Infante Sagres (Porto)














Imagens de época do Hotel de Infante Sagres.

Fonte: http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2012/01/hotel-infante-de-sagres.html

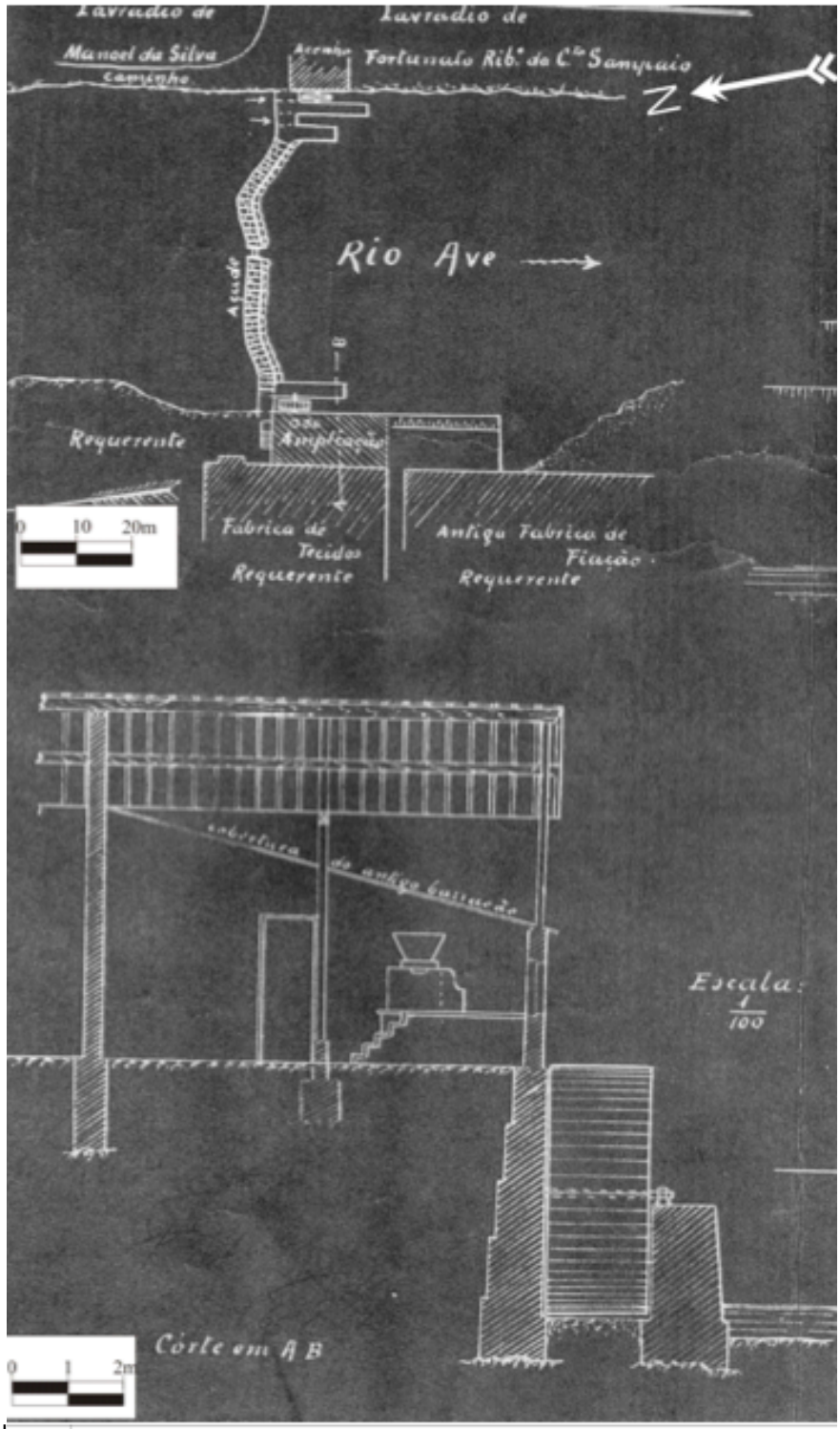


Logradouro do Hotel, atualmente.

Fonte: a autora.

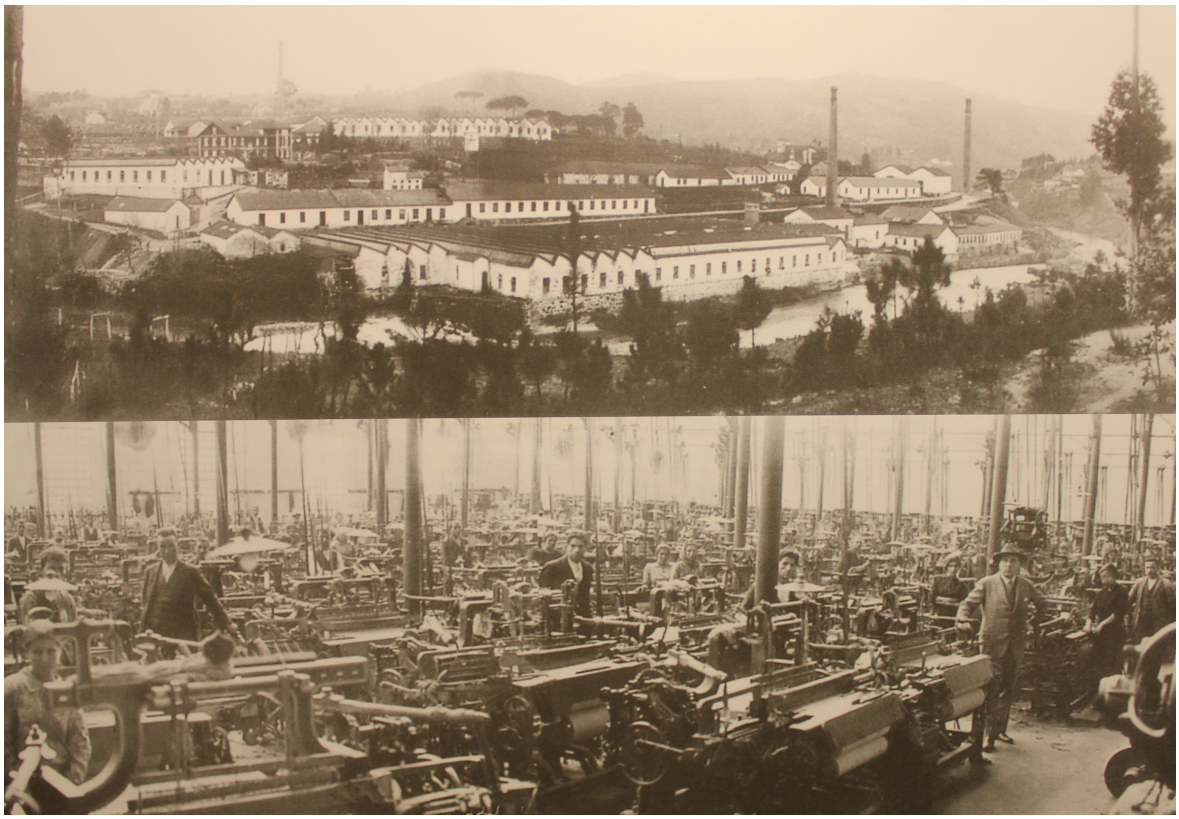
5.5. Património Industrial | Empresarial – Vale do Ave

5.5.1. Sampaio, Ferreira & Lda (Riba de Ave)



Lavradio da empresa Sampaio e Ferreira.

Fonte: *A gestão das águas Publicas – O caso da Bacia Hidrográfica do Rio Ave no período de 1902-1973.* Francisco da Silva Costa. Tese de Doutoramento em Geografia, Ramo de Geografia Física e Estudos Ambientais. Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais



Salão de tecelagem e edifício da Fábrica de Fiação e Tecidos Sampaio, Ferreira & Lda.

Fonte: Museu da Industria Têxtil da Bacia do Ave.



Anúncio publicado no jornal "Estrela do Minho", 1936.

Fonte: Museu da Industria Têxtil. (2001) *Riba d'Ave, Na memoria da Indústria Algodoeira*



A imagem acima, obtida através do Google Earth, representa a vista aérea da unidade fabril atualmente. Percebe-se a proximidade ao Rio Ave, assim como a escala desta empresa. É um marco na paisagem, não só pelo seu tamanho como pelas suas chaminés que ainda se mantêm.

Na fotografia abaixo, retratada a partir da freguesia de Oliveira S. Mateus na margem direita do Rio Ave, compreende-se a relação da fábrica com a vila e como ela fazia e faz ainda hoje parte integrante deste espaço. É uma memória fixa de uma época de grande prosperidade deste lugar.



Fotografia da antiga fábrica.

Fonte: a autora.

SAMPAIO & FERREIRA					**AVE**
Designação	Atual	Sampaio e Ferreira, Lda			
	Outras designações				
Localização	Distrito	Braga			Coordenadas GPS 41°23'29.93''N 8°23'51.89''W
	Concelho	Vila Nova de Famalicão			
	Freguesia	Riba de Ave			
	Morada	Avenida Narciso Ferreira (N310)			
Proprietário Actual	Nome				Contacto
	Morada				
Uso	Actual				
	Anterior				
Classificação	Processo				
	Legislação de classificação / ZEP				
Traçado / Período	Século XIX				
Descrição	Esta fábrica localiza-se em frente ao lugar onde se encontrava a casa de Narciso Ferreira (entretanto demolida), na Avenida com o mesmo nome, ao longo da margem esquerda do Rio Ave. Foi a instituição que permitiu a Riba de Ave a ambição de se tornar numa "vila industrial", pois foi o berço do monopólio da Família Ferreira. Mantêm uma relação visual com a margem direita do rio, com um aspeto naturalizado. Os seus espaços exteriores, à excepção da entrada da fábrica, encontram-se, tal como a maioria da unidade, degradados. A estátua em homenagem a Narciso Ferreira localiza-se à entrada da fábrica. É possível que esta fosse uma zona de ponto de encontro, pois possuí bastantes bancos, em pedra, e uma vista priveligiada tanto sobre o rio como sobre a Avenida.				
Acessibilidade	Tipo de Circulação (dentro dos limites)	Pedonal	x	Na zona de recepção os pavimentos encontra-se conservados e é facilmente acessível. O resto da fábrica tem os seus acessos um pouco limitados, por vegetação em crescimento livre e pelo estado de degradação do espaço.	
		Mobilidade reduzida	o		
		Ciclável	x		
		Mecânica	x		
		Automóvel	x		
	Acessos do exterior	A entrada é feita por um único portão voltado para a Avenida principal de Riba de Ave.			
Acontecimentos	Proprietários	Família Ferreira			
	Pessoas ou acontecimentos relacionados				
Situação actual (estado de conservação)	Apesar da revitalização do espaço que está a ser feita, a grande maioria encontra-se em estado de pré-ruína, sendo visível o vandalismo a que deve ter sido sujeito. Conservam-se ainda alguns elementos interessantes, como o monumento de homenagem a Narciso Ferreira e as chaminés originais, assim como alguns pavilhões.				

Levantamento das Componentes (Presente - x Ausente - o)	Edificio Principal	x
	Edificio Anexo	x
	Armazém	x
	Caminho-de-ferro	o
	Restauração	o
	Capela	o
	Ponte	o
	Açude	o
	Produção de energia	o
	Jardim de enquadramento	o
	Mata	o
	Relvado/ Prado	o
	Produção agrícola	o
	Banco	x
	Estátua	x

Paisagem envolvente	Descrição	Paisagem urbanizada e movimentada. A poucos metros conserva-se o jardim da casa de Narciso Ferreira, com o nome de Parque dos Namorados.
	Fotografia panorâmica	
	Vistas do interior para o exterior	Do interior da antiga fábrica, é possível ver parte da Avenida, assim como o Rio Ave e a freguesia de Oliveira São Mateus.
	Vistas do exterior para o interior	É possível ter uma vista desimpedida para a unidade a partir da sua frente principal e da freguesia de Oliveira São Mateus.
Aspetos biofísicos	Os pavilhões da fábrica acompanham a topografia do terreno, descendente em direção ao Rio Ave. Em termos floristicos e faunísticos, não se observam elementos importantes.	

Levantamento fotográfico











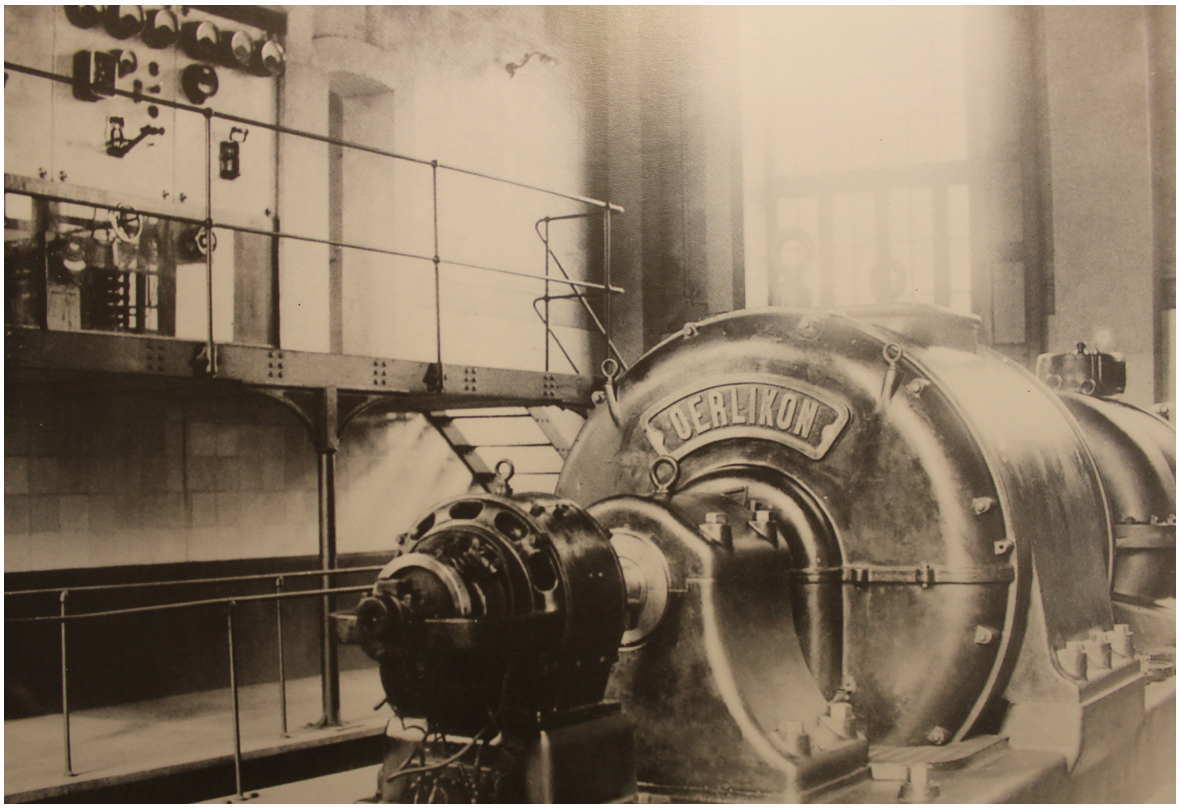






Esta unidade fabril possuía a sua própria central termoeléctrica, a **Central de Amieiro Galego**, instalada a 3 km da fábrica e que chegou a atingir uma potência de 640 kW. Esta central foi instalada depois da central de Caniços, visto ter-se tratado de uma experiência bem sucedida, pelo que Narciso Ferreira decidiu eletrificar a sua primeira fábrica. Começou a funcionar no ano de 1909, facilitando o trabalho por turnos na fábrica, graças à iluminação eléctrica, e permitiu electrificar a freguesia de Riba de Ave, que assim passou a ser uma das primeiras freguesias do concelho de Famalicão a possuir energia eléctrica para consumo doméstico.

"As peças de ferro fundido que chegavam ao porto marítimo de Leixões vindas de Inglaterra, eram trazidas através do comboio, vindas do Porto até à estação de Lordelo, concelho vizinho de Guimarães, e daí eram transportadas por carros de bois, chegando a Riba de Ave pela estrada de Guardizela, uma vez que a Ponte de Santa Ana, era na época muito estreita. Ainda assim, ao longo do percurso desta estrada, foi necessário destruir muros, cortar árvores e ramadas, alargar curvas, definindo um novo trajecto da estrada tal como a conhecemos atualmente." [23]



Alternador da Turbina da Central de Amieiro Galego.

Fonte: Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave



Central de Amieiro Galego, atualmente.

Fonte: http-//img.groundspeak.com/waymarking/4cc7e079-8626-4a43-8008-95898e685d69



Central de Amieiro Galego, atualmente.

Fonte: http-//img.groundspeak.com/waymarking/86fd1423-867d-4018-8ba8-8c696b703448

5.5.2. Empresa Têxtil Elétrica | Central de Caniços (Bairro)

Da Fábrica Têxtil Sampaio, Ferreira & Lda surge a Empresa Têxtil Eléctrica, em 1905, sendo a primeira fábrica no país a movimentar-se a energia eléctrica produzida por uma central hidráulica, destinada à produção de cotins grossos e cobertores.



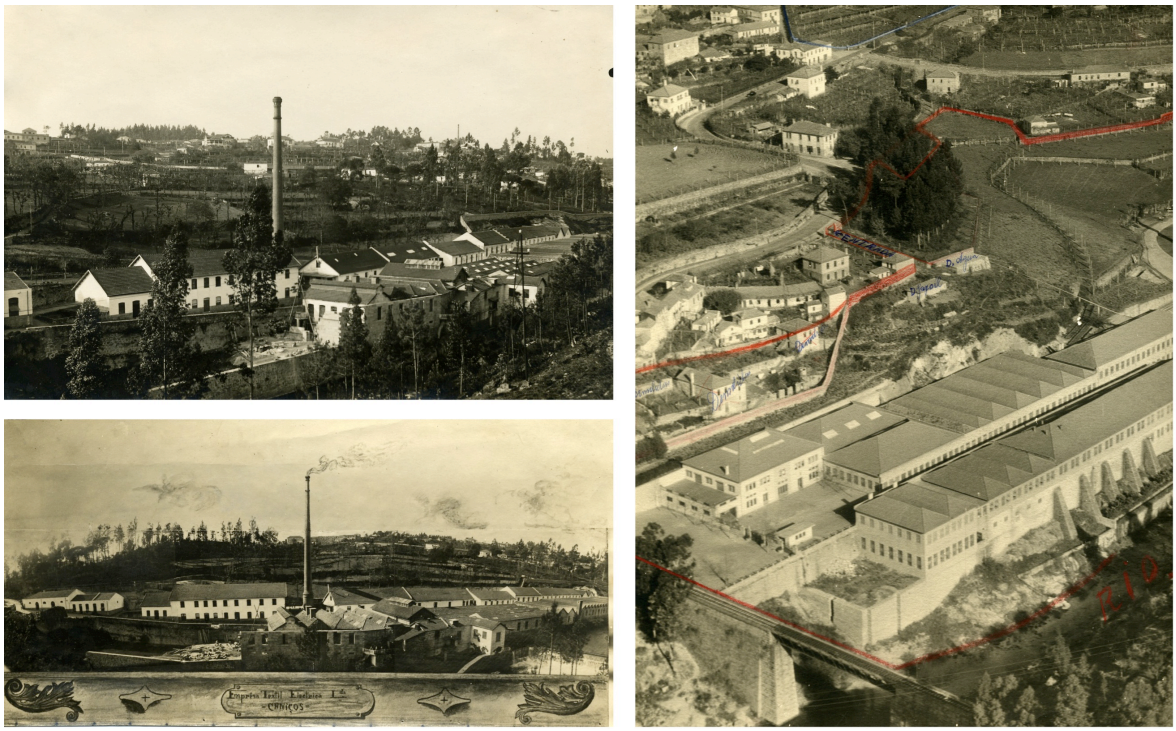
Aguarela da empresa do início do seu funcionamento, exposta numa das microempresas que funcionam no espaço atualmente.





Antigo catálogo da empresa com amostras de tecidos.

Fonte: http://bairroantigo.webnode.pt/album/galeria-de-fotos/a00011-jpg/



Empresa Têxtil Elétrica, na década de 1920.

Fonte: http://bairroantigo.webnode.pt/album/galeria-de-fotos/e%20t%20e%20%20caniços%20anos%2020%20001-jpg/



Anúncio publicado no jornal "Estrela do Minho", 1936.

Fonte: Museu da Industria Têxtil. (2001) *Riba d'Ave, Na memoria da Indústria Algodoeira*

Na vista aérea, percebe-se que a fábrica foi construída ao longo do rio Ave, com grandes pavilhões alinhados com o rio.



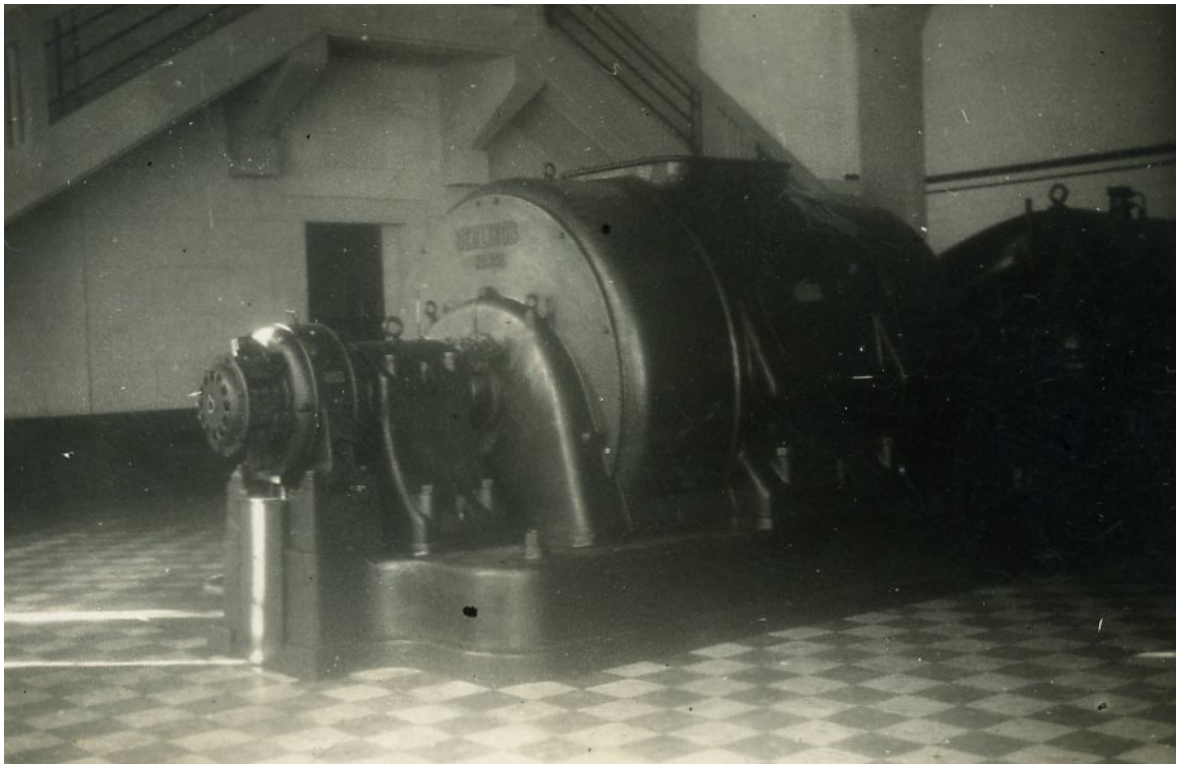
Imagem aérea atual, obtida através do Google Earth.



Empresa Têxtil Elétrica (direita) e Central de Caniços (esquerda).

Fonte: a autora.

A **Central de Caniços** nasceu com a Empresa Têxtil Eléctrica, constituindo um marco no património da região, tendo sido a primeira experiência de produção e utilização de energia elétrica no Vale do Ave – foi construída uma mini-hidrica que, a partir de uma barragem instalada no Rio Ave e com um gerador de 500 volts, accionava a fábrica. Forneceu energia elétrica a vários consumidores industriais e para consumo público (a partir de 1909), sendo um exemplo da primeira fase de produção de energia elétrica a partir do carvão no país. No ano de 1931, obteve uma licença para atravessar com três linhas aéreas de alta tensão, ligando a Central Hidráulica da Varosa à Central Térmica de Caniços e desta para Riba de Ave, a fim de accionar as fábricas. Com a fusão na Companhia Hidroelétrica do Norte de Portugal (CHENOP), em 1943, passa a trabalhar paralelamente com as centrais de Chocalho, Guilhofrei, Ermal e Ponte da Esperança.
Em 1944, esta Central encontrava-se entre as dez maiores centrais de Portugal.



Turbina no interior da Central.

Fonte: http://bairroantigo.webnode.pt/galeria-de-fotos/#bairro-chenop004-jpg



Construção da central.

Fonte: http://bairroantigo.webnode.pt/galeria-de-fotos/#a29-04-2012-14-16-31-jpg



Fonte: a autora.

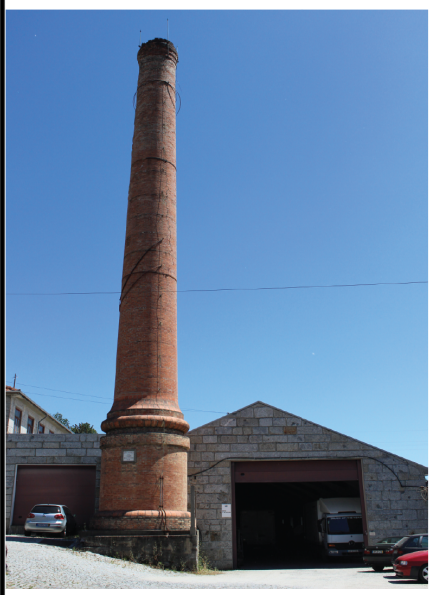
EMPRESA TÊXTIL ELÉTRICA					**AVE**
Designação	Atual	Empresa Têxtil Elétrica			
	Outras designações				
Localização	Distrito	Braga			Coordenadas GPS 41º21'50.01''N 8º25'49.16''W
	Concelho	Vila Nova de Famalicão			
	Freguesia	Bairro			
	Morada	Rua Zona Industrial ETEL			
Proprietário Actual	Nome				Contacto
	Morada				
Uso	Actual				
	Anterior				
Classificação	Processo				
	Legislação de classificação / ZEP				
Traçado / Período	Século XX				
Descrição	Esta fábrica, actuamente um nicho de pequenas empresas, tratou-se da primeira fábrica eletreficada do país. Assim, a Central de Caniços, ainda em funcionamento, é uma parte fundamental deste espaço. O açude assume um peso visual importante, por ser a ponte de ligação entre o verde da margem esquerda do rio e o cinzento da fábrica na margem direita. Depois de terminado o terreno da antiga unidade fabril, ambas as margens estão igualmente ocupadas por vegetação.				
Acessibilidade	Tipo de Circulação (dentro dos limites)	Pedonal	x	O pavimento encontra-se em bom estado de conservação, não existindo entraves a qualquer tipo de circulação.	
		Mobilidade reduzida	x		
		Ciclável	x		
		Mecânica	x		
		Automóvel	x		
	Acessos do exterior	O acesso pedonal e automóvel é feito pelo mesmo portão principal.			
Acontecimentos	Proprietários	Família Ferreira			
	Pessoas ou acontecimentos relacionados				
Situação actual (estado de conservação)	Os pavilhões encontram-se em bom estado, uns mais conservados que outros, e alguns dos telhados originais ainda se conservam. A solidez das paredes destes pavilhões reside no facto de terem sido construidos em pedra, extraída de uma pedreira vizinha. A chaminé original também se encontra conservada até aos dias de hoje.				

Levantamento das Componentes (Presente - x Ausente - o)	Edificio Principal	x
	Edificio Anexo	x
	Armazém	x
	Caminho-de-ferro	x
	Restauração	x
	Capela	o
	Ponte	x
	Açude	x
	Produção de energia	x
	Jardim de enquadramento	o
	Mata	o
	Relvado/ Prado	o
	Produção agrícola	o
	Banco	x
	Estátua	o

Paisagem envolvente	Descrição	Para além da relação com o Rio Ave, o caminho-de-ferro tem um grande impacto visual na envolente deste espaço, sendo que nos tempos de funcionamento da fábrica existiam pelo menos duas viagens diárias para o transporte da correspondência entre a fábrica e os escritórios no Porto.
	Fotografia panorâmica	
	Vistas do interior para o exterior	A partir desta fábrica é possível avistar o Rio Ave e a linha do caminho-de-ferro.
	Vistas do exterior para o interior	A vista é bastante desimpedida a partir da entrada da fábrica e da margem esquerda do rio.
Aspetos biofísicos	O terreno onde está implantada a fábrica é praticamente plano e não se observaram elementos florísticos ou faunísticos importantes.	

Levantamento fotográfico









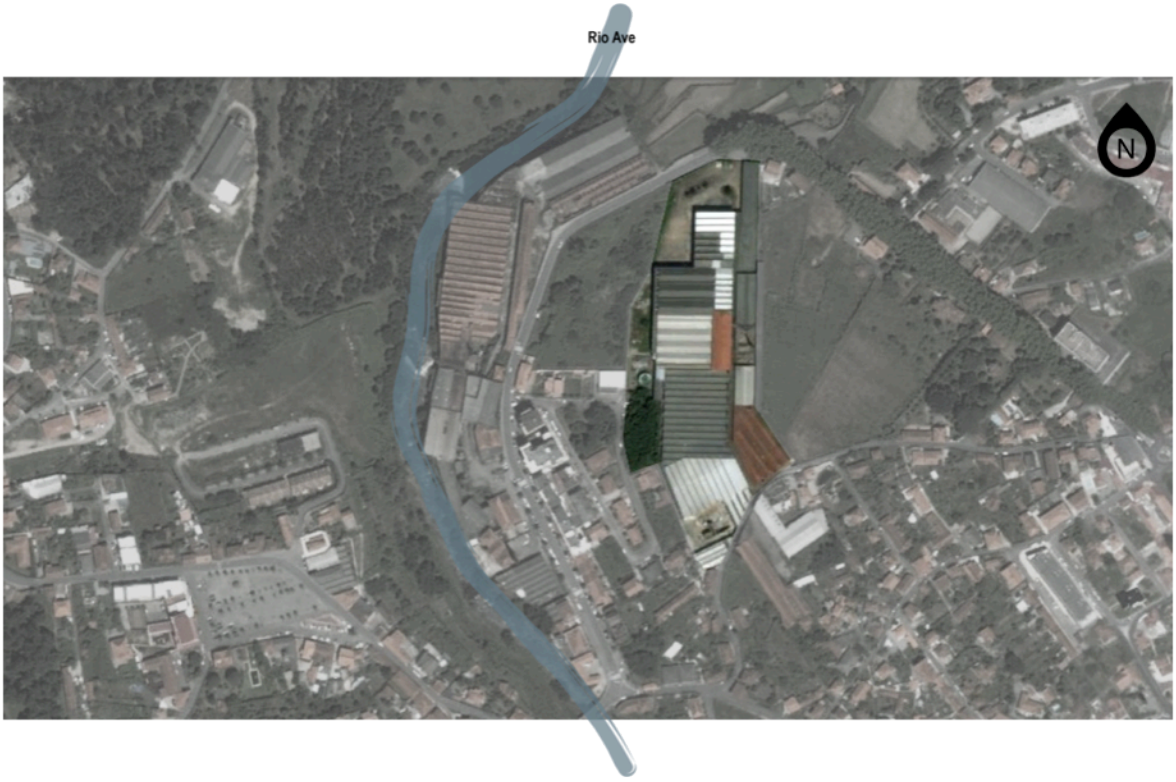


5.5.3. Oliveira, Ferreira & Lda e Ca. Lda (Riba de Ave)



Publicidade da empresa Oliveira, Ferreira & Lda, incluindo os preços.

Fonte: Pereira, A. (2002). *História da industria do vale do Ave (1890/2001).* Santo Tirso



Na imagem aérea, obtida através do Google Earth, entende-se que esta unidade fabril fica bastante próxima da empresa Sampaio, Ferreira & Lda e tem dimensões semelhantes. Encontra-se adjacente à quinta de Delfim Ferreira. Atualmente, acolhe em alguns dos seus pavilhões pequenas empresas.



Fotografia da fachada principal da fábrica (atualmente).

Fonte: a autora.

5.5.4. Companhia Hidroelétrica do Norte de Portugal – CHENOP (Vila do Conde)



Imagem aérea atual, obtida através do Google Earth.



Imagem atual das instalações da CHENOP em Vila do Conde.

Fonte: a autora.

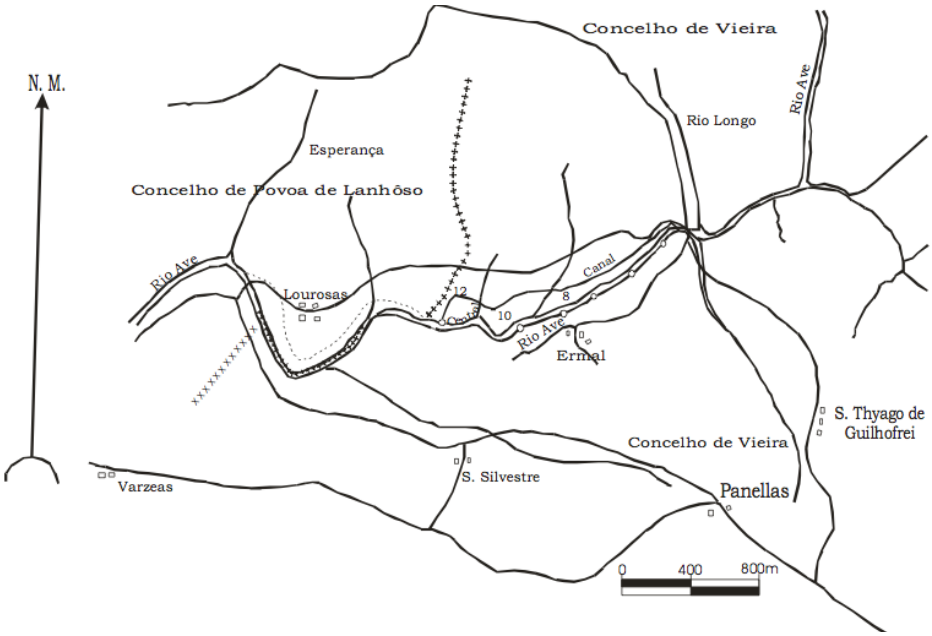
5.5.5. Central do Ermal (Vieria do Minho)

Esta central é a mais importante do sistema em cascata do Rio Ave e pertence atualmente à EDP. De montante para jusante, os aproveitamentos que compõem esta unidade dispõem-se da seguinte forma: Barragem e Central "pé-de-barragem" (1939); Central do Ermal (1937), Central da Ponte de Esperança (1942) e Barragem das Andorinhas e Central da Senhora do Porto (1945).

A Central anterior à que existe atualmente, data de 1932. Com o novo projecto energético do Ave em 1937, iniciativa da empresa CHENOP, entra ao serviço a nova Central do Ermal. O seu funcionamento baseia-se no aproveitamento dos caudais turbinados pela Central de Guilhofrei, transportado através de um canal de adução para duas condutas forçadas que alimentam dois grupos geradores da central do Ermal, sob uma queda de 82m.

Nesta central encontra-se o Núcleo Museológico da Central do Ermal.

A Barragem de Guilhofrei ou Ermal trata-se da obra de engenharia hidráulica mais importante da Bacia Hidrográfica do Ave e já constituiu a albufeira principal do sistema hidroelétrico em cascata do Rio Ave. Pertence, atualmente, à EDP e desempenha um importante papel do ponto de vista da integração e riqueza paisagística, existindo um percurso pedestre até à Central do Ermal.



Planta que acompanha pedido de licenciamento para estabelecer uma oficina de produção de energia elétrica aproveitando as quedas do rio Ave (1915).

Fonte: Costa, F. *A gestão das águas Publicas – O caso da Bacia Hidrográfica do Rio Ave no período de 1902-1973.* Tese de Doutoramento em Geografia, Ramo de Geografia Física e Estudos Ambientais. Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais

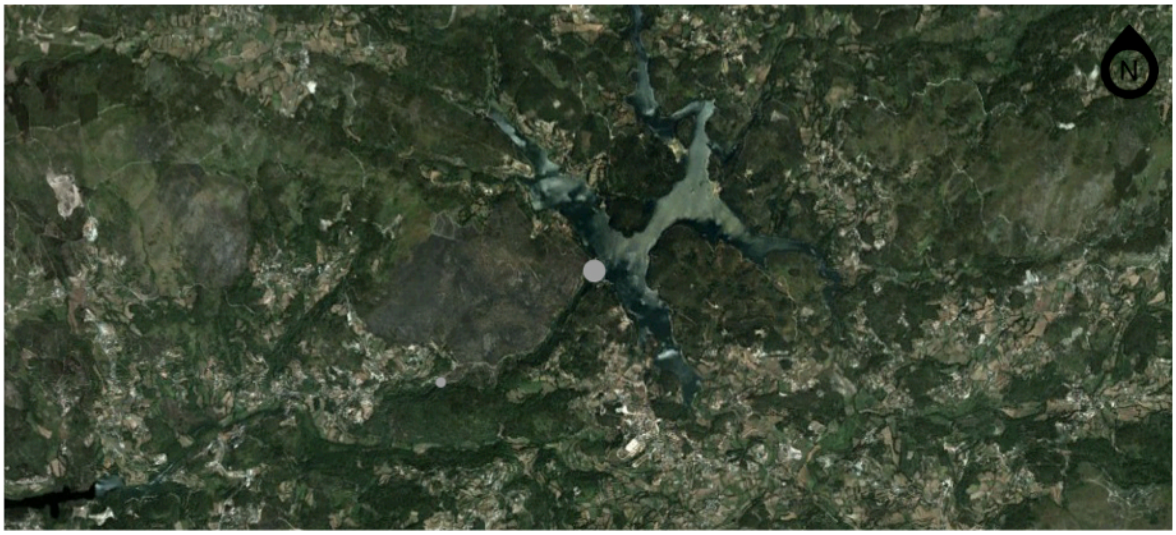
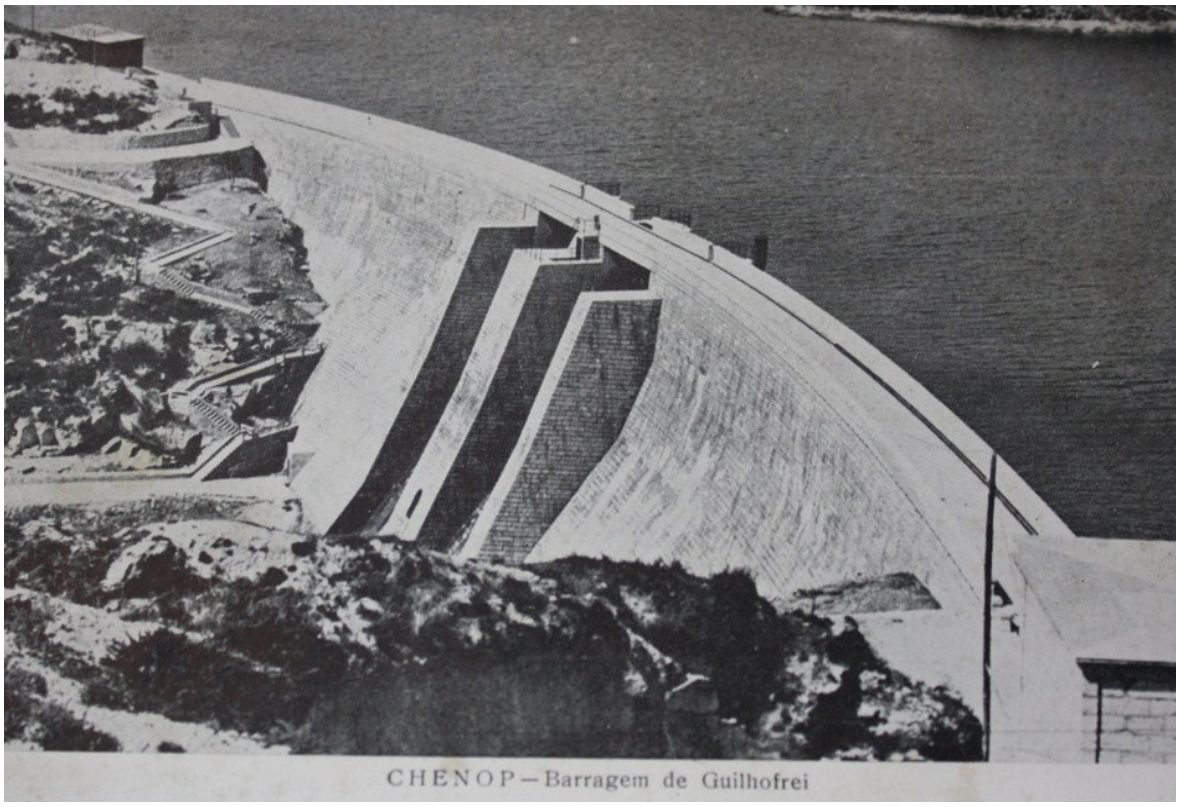


Imagem aérea atual, obtida através do Google Earth (central e barragem assinaladas a cinzento).



Central do Ermal.

Fonte: http-//boacamaboamesa.expresso.sapo.pt/nucleo-museologico-central-ermal-10320



Postal da Barragem de Guilhofrei, não datado.

Fonte: http-//osotaodatiabecas-postais.blogspot.pt/2012/12/chenop-barragem-de-guilhofrei



http-//cnpgb.apambiente.pt/gr_barragens/gbportugal/Guilhofrei

5.5.6. Fábrica Mindelo – Sociedade Industrial do Mindelo (Vila do Conde)

O Arquivo Distrital do Porto dispõe de um fundo documental que esteve à guarda do Centro de Memória da Câmara Municipal de Vila do Conde, sob responsabilidade do Gabinete de Arqueologia Municipal. Foi incorporado neste arquivo no seguimento de um projecto de estudo e inventariação do património industrial do município, iniciado em 2005 pelo Gabinete de Vila do Conde. A doação foi efectuada pela Câmara Municipal de Vila do Conde ao Arquivo Distrital do Porto a 26 de Maio de 2010.
Este fundo compreende documentação desde 1942 a 1997, referente às actividades da Sociedade Industrial de Mindelo. É constituído maioritariamente por documentos e registos de natureza financeira, contabilística, técnica - catálogos e amostras de tecidos produzidos - e de gestão de pessoal. Inclui documentos gráficos, como plantas, desenhos e projectos relativos a edifícios e maquinaria.

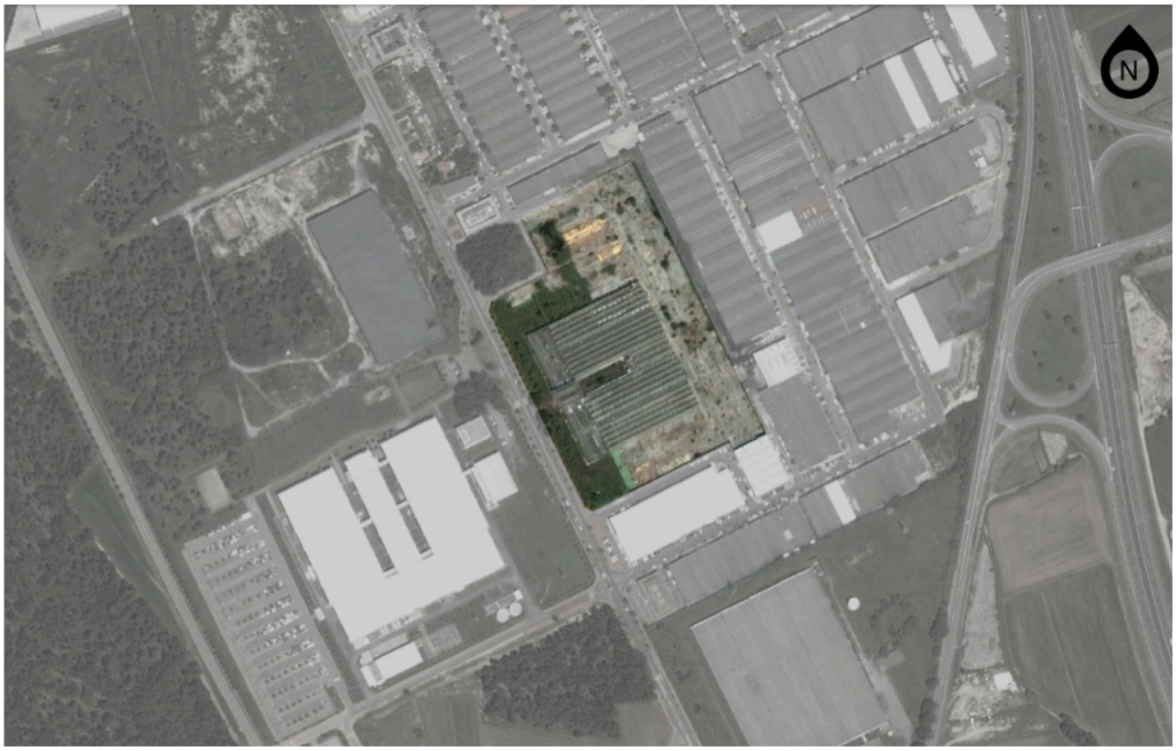


Imagem aérea atual, obtida através do Google Earth.

Nas páginas seguintes encontram-se algumas imagens da fábrica em funcionamento na década de 1940, assim como algumas imagens atuais.



Fonte: https-//c1.staticflickr.com/5/4124/5057645482_9b0d7b0a85_z



Fonte: https-//www.flickr.com/photos/biblarte/5057646592/sizes/o/in/photostream/



Fonte: https-//c1.staticflickr.com/5/4129/5057645992_b4d23d38a0_z



Fonte: https-//www.flickr.com/photos/biblarte/5057030855/sizes/o/in/photostream/



Fonte: http://photos1.blogger.com/blogger/447/1427/1600/Cpia%20de%20Imagem %20m1.jpg



Fonte: http://photos1.blogger.com/blogger/447/1427/1600/m2.jpg



Fonte: http://photos1.blogger.com/blogger/447/1427/1600/m5.jpg



Vitral.

Fonte: http://photos1.blogger.com/blogger/447/1427/1600/m31.jpg

5.5.7. Narfil (Vila do Conde)



Imagem aérea de 2003, obtida através do Google Earth. É possível visualizar os pavilhões da fábrica e Vila do Conde antes da chegada do metro e das novas vias ferroviárias e rodoviárias.

Na imagem seguinte, obtida através do GoogleEarth, percebe-se que seria um espaço indutrial bastante grande e bem localizado – próximo do caminho-de-ferro e do rio.



À esquerda da antiga fábrica e mesmo em frente ao rio Ave, localiza-se o Mosteiro de Santa Clara.

Esta antiga fábrica está próxima da Quinta do Engenheiro de Carvalho e do Palacete Melo, onde se pode assumir que os irmãos Delfim e José Ferreira ficassem algum tempo, para além da época de verão.

Na fotografia seguinte (não datada), observa-se o antigo complexo industrial, com a mesma chaminé que ainda resiste hoje em dia. Observa-se também o Bairro Social Delfim Ferreira, à esquerda.



Fonte: http-//www.geocaching.com/geocache/GC40NN5_narfil



Imagem atual do espaço onde se encontrava a unidade fabril.

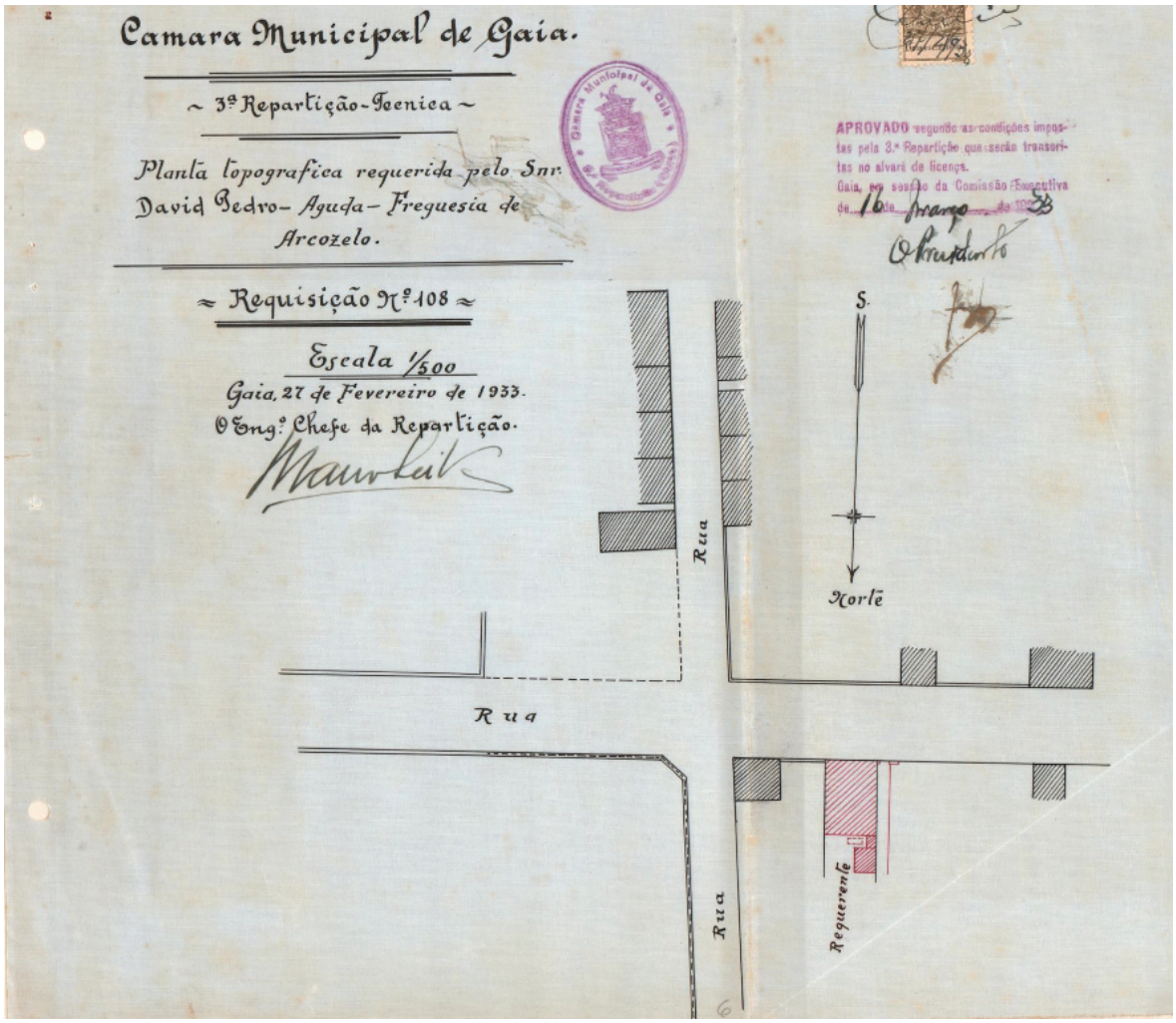
Fonte: a autora.

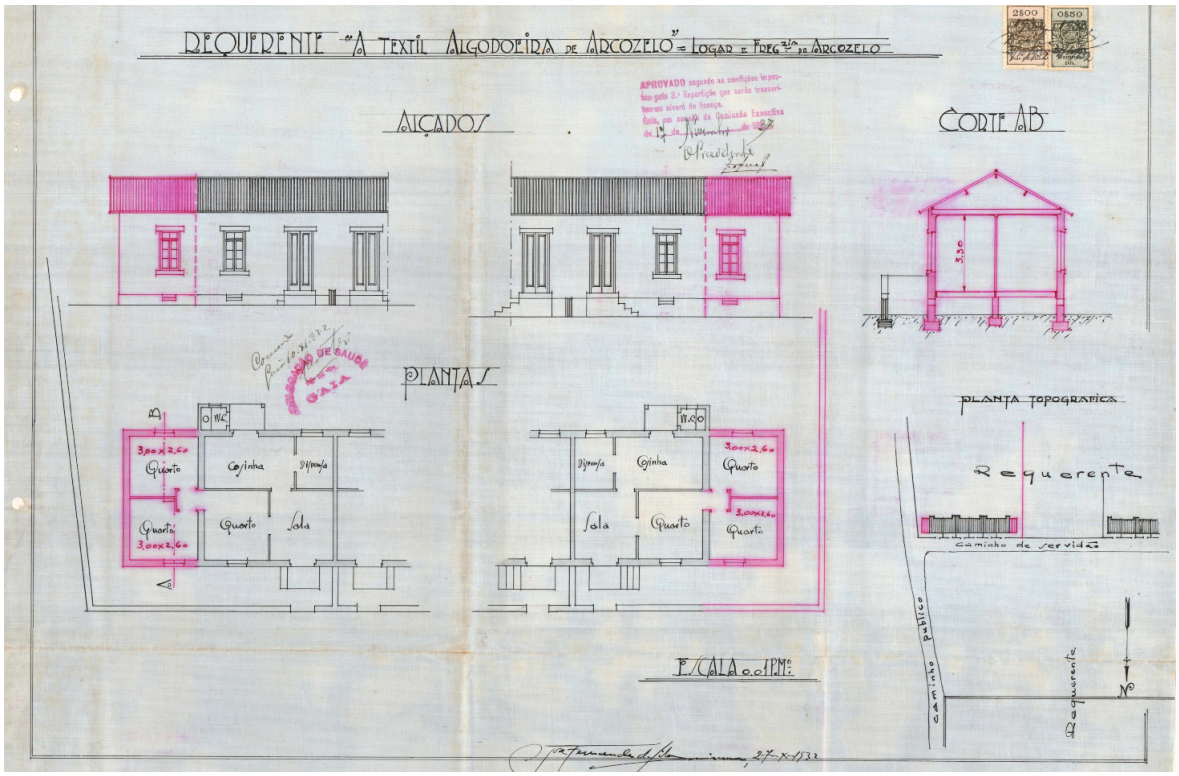
5.6. Património Industrial | Empresarial – Fora do Vale do Ave

5.6.1. Têxtil Algodoeira de Arcozelo (Vila Nova de Gaia)

Fundada por Delfim Ferreira, fazia parte do grupo empresarial da família Ferreira.

O seguinte Processo de Obras Particulares em nome da Têxtil Algodoeira de Arcozelo de 1932 foi consultado na plataforma online do Arquivo Municipal de Vila Nova de Gaia. "A Têxtil Algodoeira de Arcozelo, com sede no logar e freguezia de Arcozelo, deseja obter licença para mandar aumentar um dos seus bairros destinados ao s/ pessoal, no logar e freguezia acima indicados, conforme indicam os traços a carmim do desenho junto, e bem assim fazer 51.00 ml de muro de vedação."





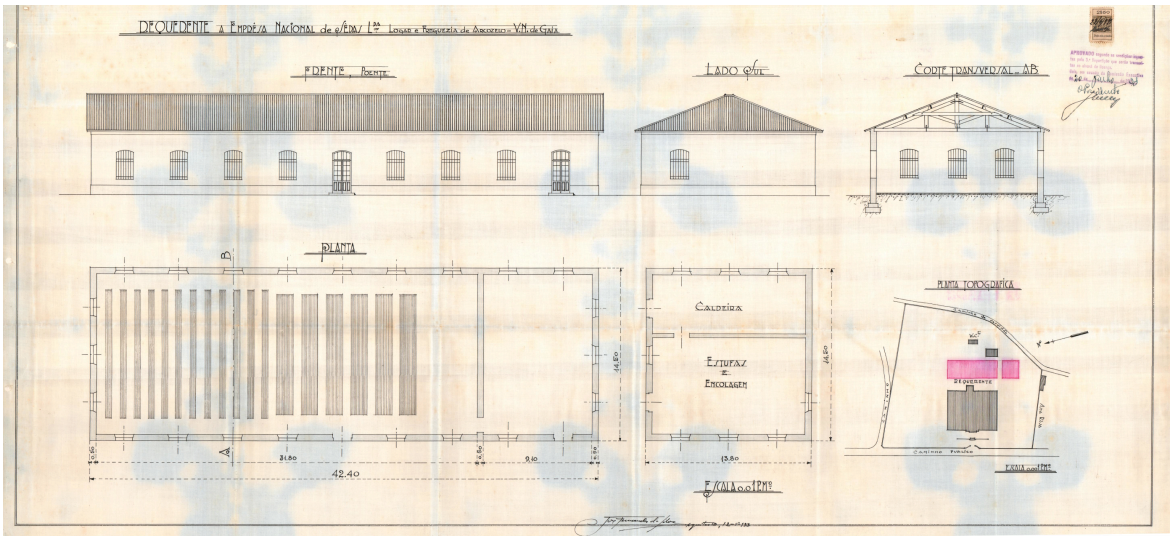


Fábrica de Arcozelo, atualmente. Imagem obtida através do Google Earth.

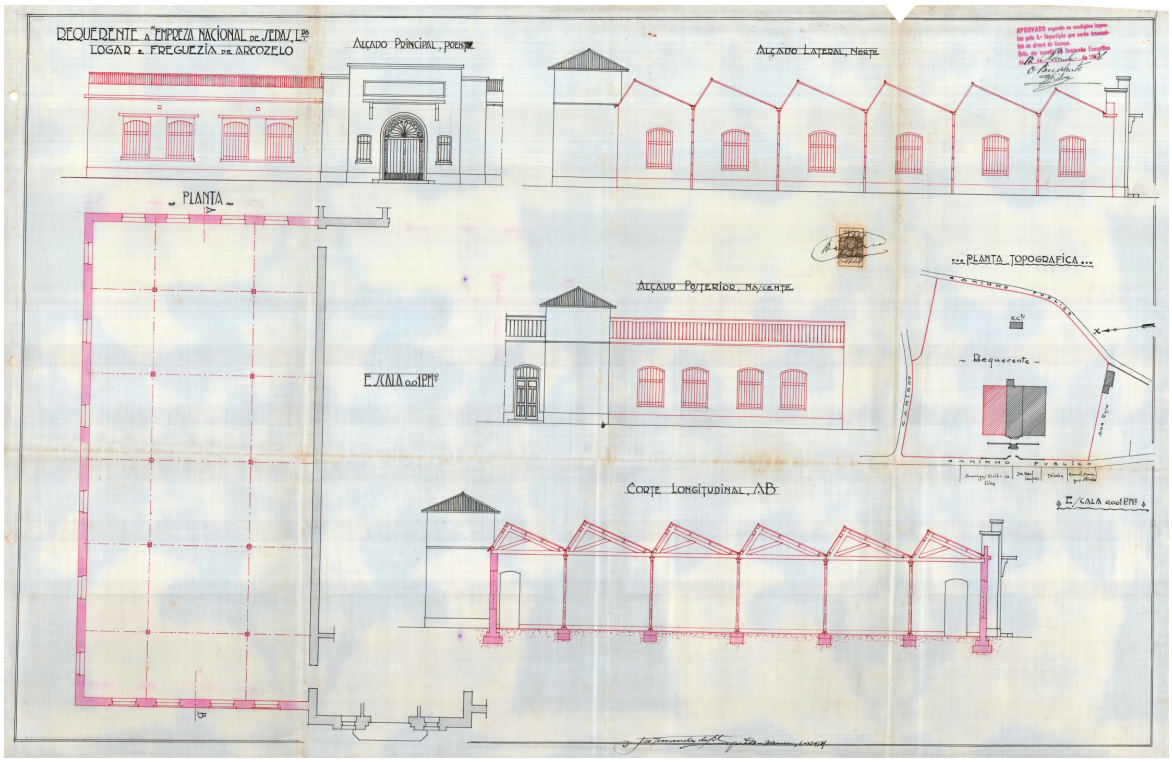
5.6.2. Empresa Nacional de Sedas (Vila Nova de Gaia)

Sabe-se que esta empresa foi fundada por Delfim Ferreira, fazendo parte do grupo empresarial da família Ferreira.

Do ano de 1931-32, encontrou-se no arquivo de Vila Nova de Gaia um Processo de Obras Particulares em nome de Empresa Nacional de Sedas, Lda., requerendo o aumento da fábrica e a construção de muros de vedação. "A Empresa Nacional de Sedas Ldª, com sede no logar e freguesia de Arcozelo deste concelho, pretende obter licença para mandar aumentar a sua fabrica; sita no logar e freguesia acima citados, conforme o projecto junto.



Existe também no Arquivo Municipal de Vila Nova de Gaia um processo de Obras Particulares em nome da Empresa Nacional de Sedas, Lda. do ano de 1933-34, requerendo a licença para o aumento da fábrica. "A firma Empresa Nacional de Sedas Ldª, com sede no logar e freguesia de Arcozelo, deste concelho, deseja obter licença para aumentar a sua fábrica, sita no logar de Arcozelo, freguesia de Arcozelo, conforme os traços a carmim do projecto junto, e bem assim mandar fazer os muros de vedação.



5.6.3. “Fitela” – Fiação e Tecidos de Lavradores Lda. (Vila Nova de Gaia)



Fonte: a autora.



Fonte: a autora.

5.6.4. Central do Varosa (Lamego)



Fonte: http://www.edp.pt/en/media/bancodeimagens/Pages/BancodeImagens.aspx?ImageSubCategoryTitle=Hidroeléctricas



Ponte de pedra, construída para suportar uma linha de caminho-de-ferro entre a Régua e Lamego que nunca foi acabada e onde os comboios acabaram por nunca circular.

Fonte: http://www.forumbtt.net/showthread.php?13566-Cr%F3nica-Prunus-avium-Durius-I

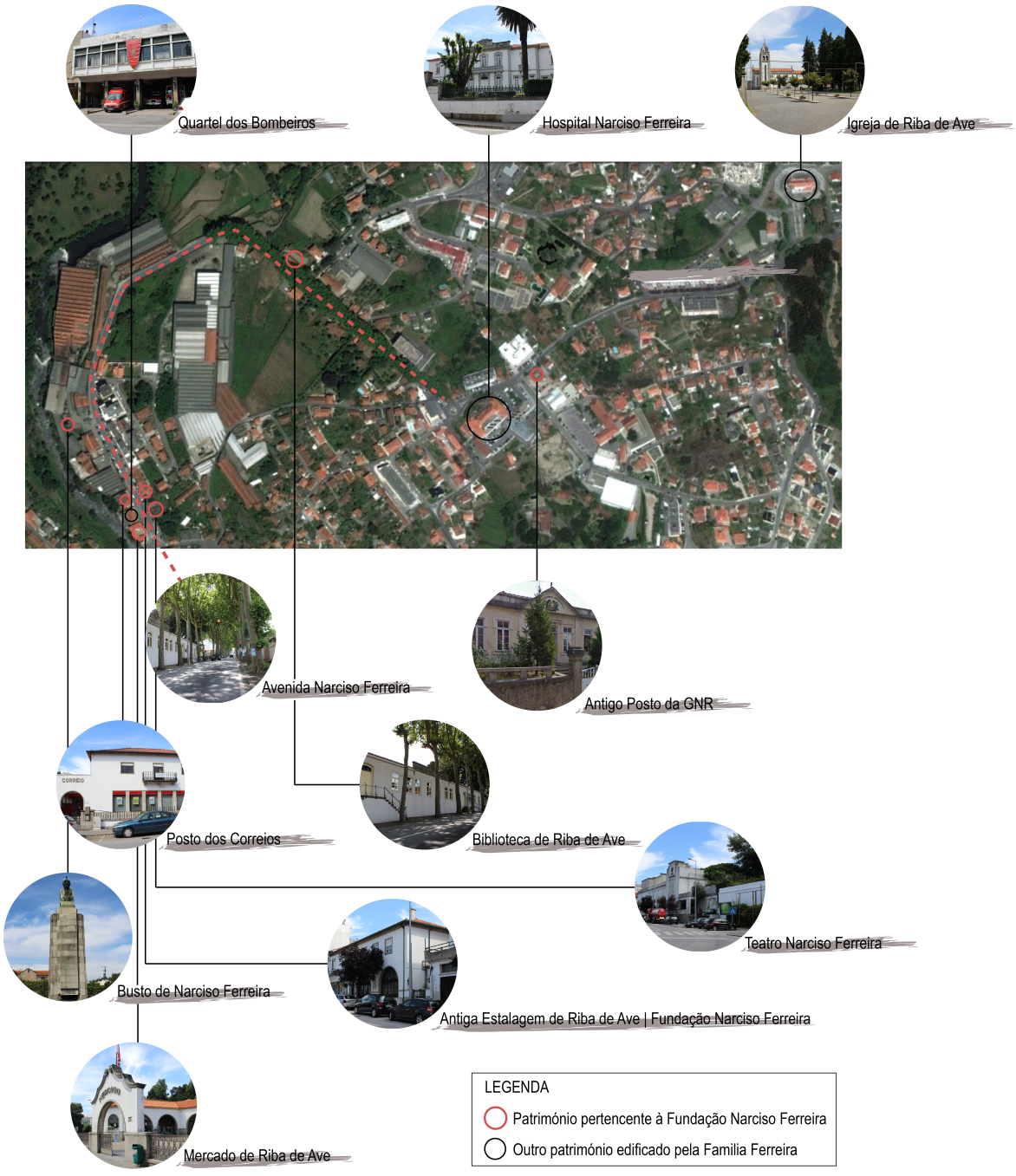


Anúncio publicado no jornal “Estrela do Minho”, 1936.

Fonte: Museu da Industria Têxtil. (2001) *Riba d’Ave, Na memoria da Indústria Algodoeira*

5.7. Equipamentos sociais

5.7.1. Riba de Ave



A família Ferreira foi responsável por grande parte dos serviços da freguesia de Riba de Ave, muitos destes pertencentes hoje à Fundação Narciso Ferreira:

- Património da Fundação
    - Cine-teatro Narciso Ferreira,
    - Antiga Estalagem de Riba de Ave (Estalagem S. Pedro),
    - Correios de Riba de Ave,
    - Moradias da Fundação,
    - Antiga Cantina da Fábrica de Riba de Ave,
    - Avenida Narciso Ferreira,
    - Mercado de Riba de Ave,
    - Busto de Narciso Ferreira,
    - GNR de Riba de Ave,
    - Biblioteca de Riba de Ave,
    - Residências do Outeiro,
    - Edifício da Fundação,
- Hospital Narciso Ferreira (pertence à Santa Casa da Misericórdia),
- Quartel dos Bombeiros,
- Igreja de Riba de Ave.

O **Cine-teatro Narciso Ferreira** foi construído nos anos de 1940 e esteve em actividade até ao final do século XX, altura em que o espaço cultural foi encerrado por não oferecer condições de segurança para a realização de espectáculos.

Em 2006, a Câmara de Vila Nova de Famalicão anunciou a intenção de reabilitar e transformar o Teatro Narciso Ferreira num pólo da Casa das Artes de Famalicão. Esta notícia foi dada depois do executivo camarário ter aprovado a proposta de constituição deste espaço cultural a favor da autarquia, durante 30 anos, consoante um acordo feito com a Fundação Narciso Ferreira, a quem pertence o imóvel.

O principal objectivo desta obra é descentralizar o acesso aos eventos culturais, já que para além de Riba de Ave, outras freguesias do concelho, como Bairro e Oliveira S. Mateus, iram beneficiar deste pólo cultural.

Em Julho de 2007 foi assinada a escritura de atribuição do direito de superfície do teatro a favor do município, ou seja, a Fundação Narciso Ferreira cedeu este direito gratuitamente durante um período de 30 anos. Durante a cerimónia de assinatura, o Presidente da Câmara, Armindo Costa, expressou a sua vontade de concluir as obras até ao final desse ano.

Esta cerimónia contou com a presença do presidente da Fundação Narciso Ferreira – Raúl Ferreira - e o presidente da Junta de Freguesia – Armando Carvalho.

Segundo a escritura assinada, a Fundação Narciso Ferreira terá de suportar os custos de obras de remodelação no Mercado Narciso Ferreira, num prazo limite de três anos, ficando a gestão entregue à Junta de Freguesia de Riba de Ave.
Em 2013, na altura das comemorações dos 150 anos do nascimento de Narciso Ferreira, as obras no Teatro ainda não tinham avançado. O vereador da Educação, Leonel Rocha, explicou que ainda não tinha existido capital para o investimento que as obras requerem. A Câmara Municipal de Famalicão tentou um co-financiamento da União Europeia, mas sem sucesso. Assim, os custos deverão cair a totalidade sobre a autarquia.
O aquiteto Noé Diniz, que projectou o Parque da Devesa, deverá ser o arquitecto responsável por esta obra.

Em relação à **Antiga Estalagem de Riba de Ave**, onde atualmente se encontram as instalações da Fundação Narciso Ferreira, existem alguns documentos que podem ser consultados no Arquivo Distrital do Porto:

- Secção de Alojamentos, contendo correspondência, do período entre 1977 e 1978 – Cota G/22/2/4-13.4,
- Processo relativo à Estalagem S. Pedro que inclui facturas, termos de responsabilidade e mapas das pessoas que se encontravam hospedadas, entre 27/02/1978 e 10/04/1978 – Cota G/20/2/2-6.8

O **Busto de Narciso Ferreira** encontra-se à entrada da antiga Sampaio, Ferreira & Lda e é uma afirmação da sua importância. O monumento assinala o local de origem da fortuna desta família, situando-se no interior da fábrica, que foi crescendo em seu redor e engolindo campos. Exemplar no serviço e apoio social, a fábrica é uma pequena cidade, vigiada pelo monumento do carismático chefe de linhagem. No jornal *Estrela do Minho* de Domingo, 3 de Outubro de 1949 (Ano 55º, nº 2812) lê-se: “Mais do que um símbolo, o bronze de Narciso Ferreira que encima o monumento de granito que em sua homenagem os filhos fizeram erguer, no coração de Riba d’Ave, dominando a entrada desse templo de trabalho que soube construir a golpes de talento e de vontade, mais do que um símbolo, como dizíamos, o bronze de Narciso Ferreira é uma afirmação de presença cuja sombra estimula e protege os continuadores da sua obra grandiosa e revolucionária.”

O **Parque dos Namorados**, em Riba de Ave, foi o jardim da casa de Narciso Ferreira e é atuamente um pequeno jardim público. Apesar de descaracterizado, ainda conserva a gruta original do jardim de Narciso Ferreira.



Parque dos Namorados.

Fonte: a autora.

5.7.2. Oliveira São Mateus – Centro Residencial Conde de Riba de Ave

Inaugurado no dia 28 de Junho de 1969, este centro residencial foi construído numa antiga quinta (Quinta do Quinteiro) de Raúl Ferreira, Conde de Riba de Ave.

No jornal *Estrela da Manhã* de Sábado, 28 de Junho de 1969 (Ano X, nº 483) lê-se o seguinte: "É hoje inaugurado o Centro Residencial Conde de Riba d'Ave pelo Sr. Presidente da Republica. (...)

E o que é este Centro Residencial?

A cidade nova que se implantou na Quinta do Quinteiro, propriedade do Senhor Conde de Riba d'Ave, em S. Mateus de Oliveira, é um conjunto de duas centenas de casas elegantes, cómodas e funcionais, com suas ruas graciosas, pavimentadas a bom asfalto, e árvores cheias de frescura; e tapetes de verdura; e seu centro cívico; e sua zona comercial; e seu parque de jogos; e sua escola; e sua monumental Igreja!

Esta obra, este Centro Residencial, esta *cidade nova* que surge, é fruto do coração de um Homem que se chama Conde de Riba d'Ave, e é o Presidente devotado e ilustre da administração de Sampaio, Ferreira & Cª, Ldaª, da Casa-Mãe por ter sido a que primeiro fundou essa figura gigantesca e saudosa que foi Narciso Ferreira."

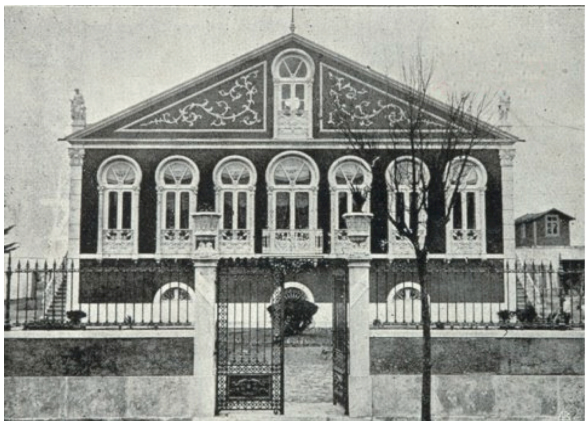
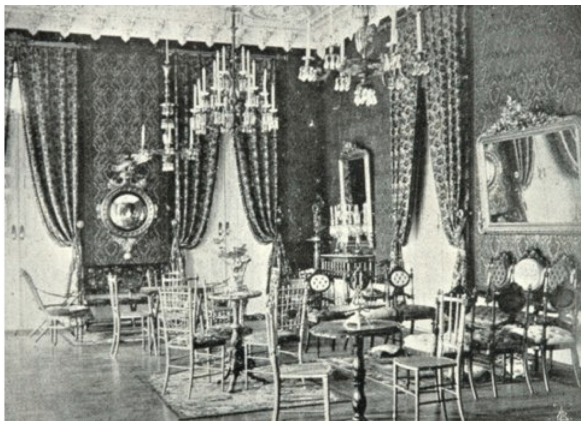
5.7.3. Vila do Conde



O **Palacete Melo** localiza-se na Avenida de Bento de Freitas, em Vila do Conde, muito próximo da Quinta do Engenheiro de Carvalho. Serviu de habitação nas temporadas que a família Ferreira passava na praia de Vila do Conde.

Mais tarde funcionou neste palacete a colónia balnear da Fundação Narciso Ferreira para os filhos dos seus operários.

O edifício data de 1887, quando foi inaugurado como *Hotel dos Banhistas,* pertencendo na altura a Joaquim Luís de Sousa. Está contextualizado numa época em que a construção de chalés era a melhor propaganda deste bairro balnear. O Palacete Melo é testemunha de uma época no inicio do século XX onde havia um grande entusiasmo pela praia de Vila do Conde, retratando a ideia romântica da estância balnear do fim de século XIX.

Fachada do palacete enquanto Hotel dos Banhistas e interior do Salão Nobre.

Fonte: http://carioca-carioca.blogspot.pt/2011/01/hotel-dos-banhistas.html

O conjunto de que faz parte este palacete é um raro exemplo de estância balnear, pois exemplares semelhantes que existiam na Póvoa de Varzim foram destruídos. É um edifício romântico, orientado a Sul, com acesso por uma escadaria na fachada Oeste.

Começou por pertencer ao Comendador Maria de Mello, altura em que tinha o nome de Villa Josefina e funcionava como Hotel dos Banhistas (até 1918, data da inauguração do Hotel Avenida). Do Comendador Mello passou para Bento d'Aguiar, antes de pertencer ao Conde de Riba de Ave.

A 13 de Julho de 1947, o jornal *Estrela do Minho* lança a seguinte noticia:

Como noticiamos no último número, partiram no dia 2 para a Colónia Balnear da Póvoa de Varzim, vinte e cinco crianças da "Fundação Narciso Ferreira" e outras turmas se seguirão até Outubro, época em que terão beneficiado dos ares do mar nada menos de 250 crianças de Riba d'Ave, confiadas ao carinho da "Fundação Narciso Ferreira", formidanda obra social a quem Raul Ferreira empresta o melhor do seu generoso coração.

(...)

Rapazes – Em nome da "Fundação Narciso Ferreira" quero saudar-vos na vossa partida para a Colónia Balnear que acabamos de organizar na Póvoa de Varzim.

As instalações que ràpidamente conseguimos, são provisórias, mas mesmo assim, contamos poder mandar para lá, até ao fim de Outubro próximo, cerca de 250 crianças.

Este número já recebeu e está ainda a receber o beneficio da vacina contra o tifo e varíola.

Coube-vos a vós a vez de ir inaugurar a Colónia.

Ides encontrar conforto, com óptimas camas, boas roupas para vestir, boa alimentação, médico, enfermeira, prefeito para vos acompanhar e pessoal competente para vos tratar. Nada vos deve faltar; bem alimentados e com os ares e banhos que ides tomar, tereis umas bonitas férias e será um grande bem para a vossa saúde.

Fazei por ser respeitadores das ordens que vos forem transmitidas, para assim honrardes a casa que vos vai receber e ficarem os vossos nomes registados para voltarem no próximo ano.

A "Fundação Narciso Ferreira", sente-se satisfeita por ver os seus planos a serem metòdicamente executados.
Montou uma Maternidade, e, assim, as Mães dessa Riba d'Ave, não podem ter receio de alguma coisa lhes vir a faltar, quando dessa casa carecerem.
Montou um posto médico para crianças, as quais se podem utilizar dele, sem a mais pequena despesa.
Está a tratar, em conjunto com o Hospital " Narciso Ferreira", da construção de um grande bairro, o qual será composto por um bonito grupo de casas que dará prazer àqueles que nelas forem viver.
Breve serão iniciadas as obras para a Cantina Escolar.
No próximo ano espera fazer as instalações do Asilo para velhinhos e assim com o hospital, que já possuímos, vemos protegidos os recèm-nascidos, as crianças, os velhos, os doentes e auxiliaremos os pobres.
Temos a nossa igreja quase concluída e assim, com Fé em Deus, lutando sempre pelo Bem e adandonando os mal-intencionados, esperamos que nada nos falte neste cantinho isolado do País.
Tenho pena de estar longe de vós, neste momento, pois muito desejava ver-vos partir, mas a minha saúde não me permitiu e, por isso, aqui de longe, faço um voto de boa viagem e que Nossa Senhora de Fátima vos proteja.

Raúl Ferreira

Atualmente, o palacete encontra-se em posse da Câmara Municipal de Vila do Conde, estando classificado como IIP – Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto n.º 1/86, DR, I Série, n.º 2, de 3-01-1986. A Câmara Municipal de Vila do Conde pretende instalar o Museu do Emigrante nesta casa.



Imagem aérea atual, obtida através do GoogleEarth. A mancha verde que se vê a noroeste faz parte do arboreto da Quinta Engenheiro de Carvalho.

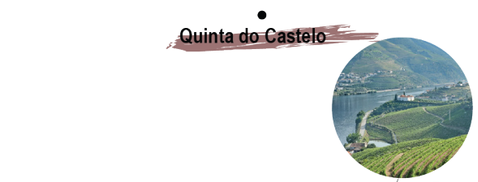
O **Bairro Social Delfim Ferreira** encontra-se em frente à antiga Narfil e foi construído para os trabalhadores desta fábrica, no ano de 1951. Numa placa afixada numa das fachadas pode-se ler: "Bairro Social Delfim Ferreira, inaugurado solenemente por sua excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, Doutor José Soares da Fonseca e benzido por sua Excelência Reverendíssima o Arcebispo Primaz de Braga D. António Bento Martins Júnior, em 27 de Maio de 1951."
Nos dias de hoje, bairro encontra-se bem conservado e as suas casas estão habitadas.



Fotografia atual do Bairro Social Delfim Ferreira.
Fonte: a autora

Pouco tempo depois da inauguração do Bairro Social, o concelho de Vila do Conde organizou e recebeu as celebrações em honra de Delfim Ferreira. No jornal *Estrela do Minho* de Domingo 3 de Junho de 1951 (Ano 56º, nº 2899) pode ler-se: "Há acontecimentos que se observam uma só vez na vida e o espectáculo de surpreendente beleza que Vila do Conde nos ofereceu a todos no pretérito domingo, pertence ao número daqueles que não podem repetir-se, (...).
(...)
Foi verdadeiramente apoteótica a chegada do homenageado, dos ministros, dos prelados e das autoridades, em luzido e entusiástico cortejo, à Câmara municipal, em cujo salão nobre, onde se encontravam já os ilustres familiares do sr. Delfim Ferreira (esposa, filhos e netos) e as individualidades de maior destaque na sociedade, na cultura, na politica e na industria local, do Porto, Famalicão, Guimarães, Braga e Póvoa, se realizou a sessão solene. (…)"

Mapa do Património Existente da Família Ferreira


Quinta do Castelo

Quinta dos Frades

Rio Douro

Rio Varosa


Central do Varosa


Sampaio & Ferreira


Central do Ermal


Quinta do Casal de S.José


Fábrica de Mindelo


Narfil


Empresa Têxtil Elétrica


CHENOP


Oliveira & Ferreira

Rio Ave


Barragem do Ermal ou Guilhofrei

Rio Vizela


Quinta da Terra Nova


Quinta de Delfim Ferreira


Quinta da Lameira


Fundação AEP


Palácio do Comércio


Casa do Médico


Jazigo Delfim Ferreira


CCDRN


Hotel Infante Sagres


Fitela


Quinta do Cisne


Têxtil Algodoeira de Arcozelo

Rio Douro

LEGENDA

- "Vale do Ave"
- 1 Vila do Conde
- 2 Trofa
- 3 Santo Tirso
- 4 Vila Nova de Famalicão
- 5 Vizela
- 6 Guimarães
- 7 Póvoa de Lanhoso
- 8 Fafe
- 9 Vieira do Minho
- Porto
- Oceano Atlântico

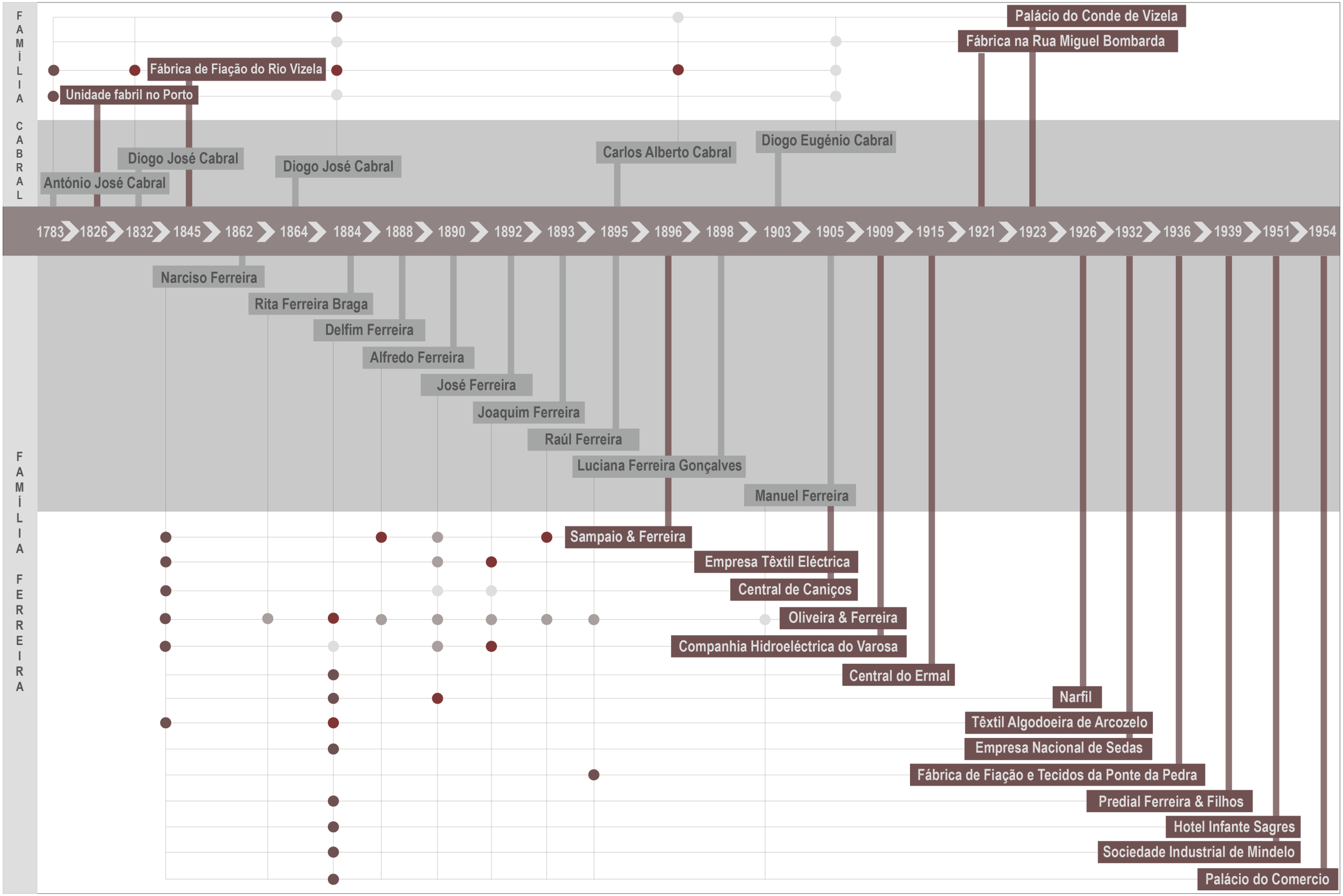
ESCALA
1:200 000



Anexo 6

Famílias Cabral e Ferreira e o seu Património Industrial - Cronologia

Famílias Cabral e Ferreira e o seu Património Industrial - Cronologia



LEGENDA

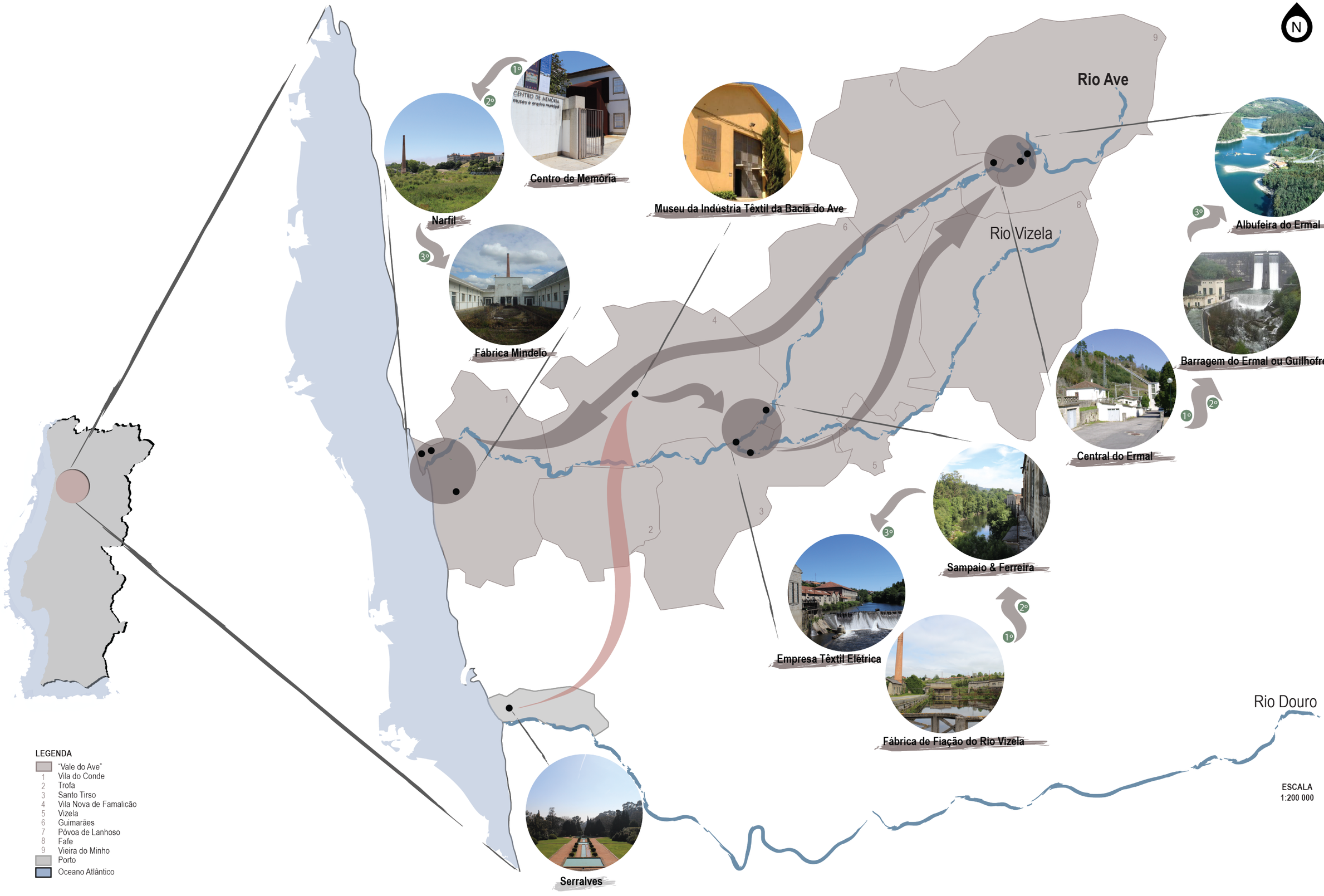
- Administrador
- Accionista
- Fundador | Comprador
- Colaborador
- Familiares (ano de nascimento)
- Empresas (ano de fundação)



Anexo 7

Proposta

Serralves e o Vale do Ave - Um Roteiro de Paisagem



Serralves e o Porto



Propriedade nas Avenidas de Montevideu e da Boavista



Fundação AEP



Casa do Médico



CCDRN



Palácio do Comércio



Hotel Infante Sagres



Serralves



Palácio do Conde de Vizela

LEGENDA

- Porto
- Oceano Atlântico
- Rio Douro

Outro património no Vale do Ave



Parque da Devesa

Convento de Santa Clara



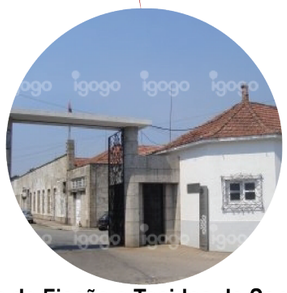
Serra da Cabreira



Parque Aventura Diverlanhoso



Citânia de Sanfins



Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Tirso



Mosteiro de S. Bento

Rio Ave

Rio Vizela

Rio Douro

N

LEGENDA

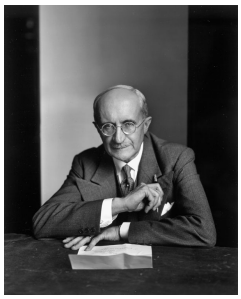
- "Vale do Ave"
- 1 Vila do Conde
- 2 Trofa
- 3 Santo Tirso
- 4 Vila Nova de Famalicão
- 5 Vizela
- 6 Guimarães
- 7 Póvoa de Lanhoso
- 8 Fafe
- 9 Vieira do Minho
- Porto
- Oceano Atlântico



Anexo 8

Biografias

Jacques Gréber (1882-1962)



Urbanista, arquiteto, criador de parques e jardins, Jacques Gréber observou atentamente as modificações sofridas pelas cidades ao longo do século XIX e inicio do século XX.

Estudou na escola de arquitetura da École des Beaux-Artes de Paris, sendo grande apologista da escola francesa. O seu trabalho, apesar de sustentado por conceitos europeus, ganha relevo pela concepção de parques para descendentes da Revolução Industrial Americana, durante uma época designada por *Country Place Era,* que termina com a Grande Depressão de 1929. Gréber regressa à Europa, onde passará a leccionar no Institut d'Urbanisme de Paris.

Dos seus projectos nos Estados Unidos destacam-se: Miramar, da senhora Hamilton Rice, em Newport, no estado de Rhode Island; Harbor Hill, de Clarence H. Mackay, em Roslyn, Long Island, no Estado de Nova Iorque; os parques de Whitemarsh Hall, de Edward Stotesbury, em Chestnut Hill, e Lynnewood Hall, de Peter Widener, ambos nos arredores de Filadélfia, Pensilvânea, e realizados conjuntamente com o arquiteto Horace Trumbauer (1868-1938).

Paralelamente a Serralves, todos estes espaços se estabeleceram como símbolos de opulência, prestígio e validação social, impregnados na cultura clássica. Com o *crash* de 1929, os capitalistas americanos não conseguiram manter as suas propriedades, tendo sido irremediavelmente comprometidas, exceptuando-se Miramar. Desta forma, Serralves apresenta-se como um excepcional repositório de uma história intercontinental, preservando um jardim que dá conta da mestria de Jacques Gréber.

Enquanto urbanista, destaca-se a intervenção de Gréber em Filadélfia nos planos do Benjamin Franklin Parkway, entre 1917 e 1922, no que foi um dos maiores projectos públicos do movimento *City Beutiful.*

Salienta-se ainda a sua posição de arquiteto-chefe da Exposição Internacional de Paris em 1937, onde foi comissário e publicou o catálogo da exposição *Jardins Modernes*.

Fonte da imagem: http://data2.archives.ca/e/e332/e008293327-v6.jpg

---

Marques da Silva (1869-1947)



Marques da Silva moldou a fisionomia da cidade do Porto durante o início do século XX, tendo contribuído decisivamente para a constituição da identidade urbana que atualmente é associada à cidade, sendo a sua primeira obra com grande significado urbano a Estação de São Bento (1986-1916). Esta marca a reconfiguração urbana originada pela chegada do caminho-de-ferro ao centro da cidade. Marques da Silva, enquanto arquiteto municipal, coordenou o plano para a Avenida dos Aliados e desenhou alguns dos seus edifícios.

Projectou outras obras para o centro da Cidade, nomeadamente o Teatro Nacional de São João (1910-1920),

a conclusão do Palácio do Conde de Vizela (1929-1923), o Edifício das Quatro Estações (1905), os Liceus Alexandre Herculano (1914-1930) e Rodrigues de Freitas (1919-1933).

Formou-se primeiro no Porto na Academia de Belas Artes (1882-1889) e depois em Paris, na École Nationale de Beaux-Arts (1889-1896). Aquando do seu regresso ao Porto para dar inicio à sua atividade profissional, manteu uma integridade disciplinar muito estável, sem trair a sua filiação beaux-arts, adaptando a sua prática para corresponder às aspirações da sociedade.

Entre 1913 e 1939, dirigiu a Escola de Belas Artes do Porto, onde foi mestre de várias gerações de arquitetos.

Fonte da imagem: http://fims.up.pt/imagens/arquiteto_marques_da_silva.jpg

---

Charles Siclis (1889-1942)



Arquiteto de origem francesa, estudou na École dês Beaux Arts em Paris, tendo começado a trabalhar no estúdio de Jean-Louis Pascal.

A carreira profissional de Siclis inicia-se com a construção de casas de férias no País Basco, afirmando-se devido à sua habilidade de articular uma noção de modernidade com os gostos dos seus clientes. Internacionalizou a sua carreira trabalhando em vários países europeus, como Portugal e Espanha, e na América do Sul e Estados Unidos da América, onde esteve emigrado durante a Segunda Grande Guerra.

O ano de 1929 foi marcante para este arquiteto. Em Fevereiro inaugurou em Paris o Teatro Saint-Georges e em Junho inaugurou o Teatro Pigalle, que se tornou a obra mais marcante da sua carreira nesse ano.

Fonte da imagem: http://www.georgejefferybooks.com/shop_image/product/009150_dc802fd3f9f0de058cf3356d2eda217f.jpg

---

Jacques Émile Ruhlmann (1879-1933)



Filho de François Ruhlmann e Valentina Septant, Ruhlmann era parisiense de nascença, tendo vivido no bairro do Marche Saint-Honoré. Em 1907, após a morte do seu pai, assumiu os negócios da família e, em 1910, teve a sua primeira experiência em design de móveis para o seu novo apartamento e expôs publicamente a sua mobília. Em 1919, fundou uma outra empresa com Pierre Laurent, que desenhava desde papeis de parede a mobiliário.

A sua inspiração mais forte pode ter vindo de elementos do design clássico e dos ideais de artesanato encontrados no mobiliário do século XVIII.

Ruhlmann tornou-se o decorador mais luxuoso e requintado da sua contemporaneidade, em Paris. Serviu-se da industrialização e das artes corporativas para a produzir peças únicas e com qualidades especificas.

Fonte da imagem: http://www.jacques-emile-ruhlmann.de/images/artist/501413.jpg

Alfred Porteneuve (1896-1949)

Formado em arquitetura pela Ecole Nationale Superieure des Beaux Arts, em Paris, Porteneuve é conhecido como sobrinho e colaborador do designer francês Jacques-Emile Ruhlmann.

Com Ruhlmann, participou no projeto do Hotel du Collectionneur - pavilhão na 1925 Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes, Paris.

Porteneuve abriu o seu próprio estúdio após a morte de Ruhlmann, em 1933. Decorou e mobilou numerosas residências particulares, bem como escritórios comerciais e instalações do governo.

Edgar Brandt (1880 – 1960)

Nascido em Paris, entra com 14 anos para a escola profissional de Vierzon, especializada nos ofícios da construção em metal, ganhando uma sólida formação de técnico e de ferreiro.

A sua habilidade manual, o seu engenho criativo, o seu gosto pelo desenho e o seu interesse pela arte decorativa levam-no a dedicar-se a uma carreira artística independente. Na *Exposition dês Arts Décoratifs* de 1925 Brandt tem direito ao seu próprio pavilhão.

Rulhmann encarrega-o da realização do duplo portão em ferro forjado dourado e patinado que abre o salão do Hôtel du Collectionneur, sendo esta obra adquirida posteriormente pelo Conde de Vizela para a sua residência em Portugal.

Em 1926, Brandt inaugura no Boulevard Malesherbes, em Paris, uma galeria onde expõe os seus modelos, assim como obras dos seus colegas. Com o *crash* de 1929, Edgar Brant dedica-se exclusivamente às suas fábricas de armamento, em plena atividade dtá 1945. Refugia-se na Suíça e após a Segunda Grande Guerra realiza a sua ultima reconversão: a industria dos electrodomésticos.

René Lalique (1860-1945)

René Lalique foi um artista revolucionário, admirado e considerado excêntrico, sendo a sua arte ainda encantadora, tornando-se intemporal.

Nascido a 6 de Abril de 1860, na região de Champagne, em França, passou a maior parte da sua infância em Paris.

Tornou-se aprendiz do joalheiro Louis Aucoc, em Paris, ao mesmo tempo que estudava arte na Ecole dês Arts Décoratifs em Paris. Começou a desenhar jóias em estilo freelance e apresentou o seu trabalho a famosos joalheiros como Cartier, Jacta e Boucheron. Em 1886, assumiu a liderança da oficina de Jules Destape, em Paris, onde pode realizar os seus próprios projectos, recebidos com grande sucesso pelo público.

Foi premiado em 1897 com o prémio *Croix de Chevalier de la Légion d'honneur.*

Em 1909, abre uma fábrica de vidros em Combs-La-Ville, a leste de Paris. Logo depois,, abandona o design de jóias para se dedicar inteiramente ao vidro. Foi tal o sucesso, que em 1921 abriu uma segunda fábrica em Wingen-sur-Moder, em Alsácia, no leste de França.

Na *Exposition dês Arts Décoratifs* de 1925 , exibiu uma grande variedade de objetos de vidro, tendo um elevado sucesso. O estilo LALIQUE expressava-se principalmente pelo contraste entre vidro fosco e esmaltes ou coloração no próprio vidro.

A sua fábrica em Alsácia foi ocupada pelo exercito alemão aquando da Segunda Guerra Mundial. Lalique falece a 1 de Maio de 1945, em Paris, sem nunca ter visto o reacender dos fornos da sua fábrica e a produção das duas obras de arte.

Jean Perzel (1898-1986)

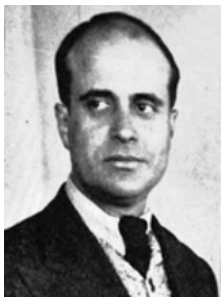
Perzel nasceu a 2 de Maio de 1892 em Bruck, Baviera, Alemanha. Forma-se com 16 anos, chegando a Paris, em 1910, onde encontra emprego em oficinas e aprende diferentes técnicas. Arranja emprego com um mestre vidreiro que o envia para Argel para realizar um trabalho importante, regressando a Paris em 1914 durante a Primeira Grande Guerra.

Alista-se na Legião Estrangeira e é desmobilizado em 1919, quando se torna cidadão francês.

Continua a trabalhar como pintor de vidro e, em 1923, começa a especializar-se na concepção de candeeiros para interiores. Em 1928, ganha o prémio *Concours Eclairage* no âmbito da exposição *Salon des Décorateurs* e, em 1936, ganha quarto primeiros prémios no *Concours du Luminaire.*

Rogério dos Santos Azevedo (1898 – 1983)

Nascido no Porto, em 25 de Junho de 1898, com 14 anos de idade iniciou o curso na Escola de Belas Artes do Porto, concluído cinco anos depois. No entanto, teve de o repetir na sequência da reforma do ensino.



Depois de tantos anos de estudo, obteve o Diploma de Arquitectura pela Escola de Belas Artes do Porto, em 1926, e estagiou com o arquiteto Marques da Silva.

No início da sua carreira de arquiteto, projectou obras consideradas modernas para o tempo, como a Garagem do Comércio do Porto, em 1932. Mais tarde, optou um estilo mais tradicionalista, patente em obras como o edifício d' O Comércio do Porto, na Avenida dos Aliados (1933); o primitivo edifício da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, projectado em colaboração com Baltazar de Castro (1935); o Hotel do Infante Sagres (1945) e a reforma na Quinta dos Frandes, em Armamar.

Durante os anos 30 e 40 leccionou as disciplinas de Desenho de Construção, Projecções e Tecnologias no ensino técnico, no Porto e em Viseu. Integrou a Comissão de Estética da Câmara Municipal do Porto (de

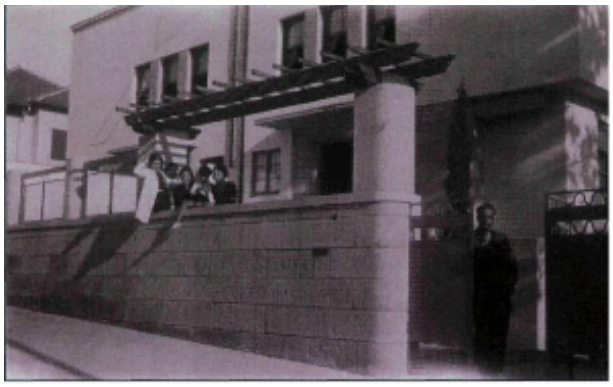
1935 a 1938); dirigiu a secção do Porto da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (1936 a 1940) e também se dedicou ao estudo e restauro de monumentos históricos. Foi, também, da sua autoria o arranjo da área envolvente do Castelo de Guimarães (1939) e o estudo do restauro do Paço dos Duques de Bragança, também em Guimarães (1942). Em 1940, Rogério dos Santos Azevedo foi nomeado presidente da Secção Regional do Norte da Associação dos Arquitetos.

Foi Vereador da Câmara Municipal do Porto, cargo empossado em 1955, tendo votado, com declaração de voto, contra a demolição do Palácio de Cristal.

A par das suas principais actividades profissionais como arquiteto e professor, Rogério dos Santos Azevedo manteve sempre o gosto pela Arqueologia e pela Música, áreas nas quais produziu e publicou diversos trabalhos de grande valia.

Faleceu em 1983, com 85 anos.

Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro projectaram duas moradias geminadas de 1933 e a eles destinadas, localizadas na Avenida Marechal Gomes da Costa, nova avenida à data numa fase de consolidação do tecido construído da cidade.



Frente da casa



Traseiras da casa

Fonte:Gravato, M. (2004). *Trajecto do Risco Urbano, A arquitectura na Cidade do Porto, nas dédacas de 30 a 50 do século XX, através do estudo do conjunto da Avenida dos Aliados è Rua de Ceuta – Volume 1 – Texto.* Dissestação de Mestrado em História da Arte em Portugal. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Orientador: Professor Doutor António Cardoso

---

Jacintho de Mattos (? – 1948)



"O tripeiro não pode deixar de lembrar nas suas colunas o portuense qualificado que, pelo seu estudo, excelência de carácter, merecimentos artísticos, apaixonado fluricultor, conhecimento técnico de horticultura em todos os ramos, soube com brilho e inteligência salientar-se na arte de jardinagem como mestre de escol e pode situar em grau elevado a horticultura portuguesa a rivalizar com a estranha. (…)

As suas estadias na Bélgica, França, Holanda, Alemanha e em Londres, frequentado estabelecimentos hortícolas oficiais e particulares, trouxeram tão úteis e invulgares conhecimentos da

especialidade em que se educara à sua já comprovada competência de longos anos, no Horto que seu pai fundou (…), que o tornaram um dos primeiros jardineiros portugueses, senão o primeiro dos seus pares, sem igual, e categorizado organizador de exposições colectivas, das quais sempre saia vitorioso e medalhado, (…).

Pela sua cultura, amor da flora, requintada sensibilidade artística e de esteta, foi, entre nós, como jardineiro paisagista, o inovador do jardim rural ou campestre (…).

Era um dominado das flores, por amor das quais fazia sacrifícios.

(…)

Em quantos do seu convívio e em cada cliente contava um sincero amigo, pois, bondoso por índole, modéstia e afabilidade alegre no trato, justificada confiança na sua arte capaz de satisfazer-lhes inteiramente as pretensões e comprovada isenção de interesse material, tinha o poder natural de conquistar-lhes o coração sem reserva. Todos eles, e eram tantos, sempre e em qualquer ocasião lhe mostravam o seu afeto e gratidão.

Como foi manifesta, tocante de sinceridade, a amizade que lhe tributavam os beneméritos condes de Riba de Ave (…) na visita que lhe fizeram semanas antes da sua morte, numa crise da doença que o acometera havia tempos e sobressaltava todos. Vinham da sua casa de Vila do Conde, de inaugurar naquele ano, a abertura da Colónia Marítima Infantil, dos pobrezinhos de Riba de Ave.

Ao cumprimenta-lo cada um por sua vez, com comovente abalo, estreitando-lhe demoradamente entre as mãos a destra do amigo cego e efermo, foram, com evidente enternecimento, do melhor acrisolado afeto e extremo carinho, as palavras de conforto que lhe dirigiram, indagando com desvalado interesse do seu estado de saúde.

(…)

O seu Horto (…) não era somente , como tantos outros, para venda de flores em vasos e cortadas para ramos, sementes e arbustos de jardim.

Era um grande estabelecimento de horticultura, bem provida de vastíssimos viveiros de ar livre, de estufas envidraçadas e estufins, onde não faltava nada para a sua industria, nem para a fruticultura e vinicultura, acrescido duma completa secção técnica para elaborar e desenhar projectos de jardins e parques em que se especializara e na organização dos correspondentes orçamentos e efectuação de tais trabalhos.

(…)

Ensinou muitos jardineiros (…).

Da memoria desse notável mestre, a atestar a sua personalidade inconfundível de horticultor, fica indelével, espalhada por todo o país e na Galiza, uma obra de jardinagem e arte de real valor (…). “

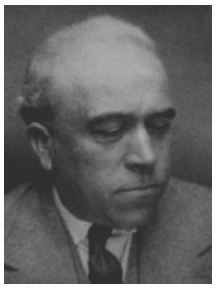
No texto supra de um amigo de Jacintho de Mattos, Abel Magro, escrito em Setembro de 1949 e publicado no jornal *O Tripeiro* - Ano V, Série V, Nº 10, Fevereiro de 1950, são descritas as qualidades pessoais e

profissionais deste horticultor portuense, assim como uma visita da família Ferreira a Jacintho de Mattos pouco antes da sua morte.

Em relação aos jardins, nas primeiras imagens disponíveis de jardins realizados no fim do século XIX e inicio do Século XX "mostram uma preferência pelo jardim florista na proximidade da casa, de traçado fundamentalmente informal embora se verifique o recurso a pequenas alamedas rectilíneas que se articulam com caminhos de curvaturas acentuadas, formando, respectivamente, canteiros de traçados rectilíneos e sinuosos, bem definidos pelo corte do relvado junto aos caminhos. Nos relvados, abrem-se maciços de plantas diversas e açafates-mosaico e plantam-se árvores quer isoladas, particularmente espécies exóticas de grande interesse formal (palmeiras, araucárias, etc), quer formando conjuntos. Nesta fase da sua actividade como projectista, Jacintho de Mattos realiza, também, lagos de formas naturalizadas dando-lhes particular relevo nos seus catálogos." [24]

Este horticultor portuense acompanhou os seus contemporâneos e e as mudanças de gostos, aderindo aos modelos classicistas no inicio do século XX.

Francisco de Oliveira Ferreira (1884-1957)



Nasceu no Porto, mudando-se com a família para Vila Nova de Gaia aos quarto anos de idade. Após terminar os estudos primários, estudou na Escola Industrial Passos Manuel em Gaia.

Entre 1901 e 1906 foi aluno do curso de Arquitectura Civil na Academia Portuense de Belas Artes. Durante esse período foi aluno de Marques da Silva, José Sardinha, José de Brito e José Teixeira Lopes.

Montou o seu atelier no Porto, na Rua Alexandre Herculano. Colaborou com o arquiteto José Teixeira Lopes e trabalhou com o irmão, o escultor José de Oliveira Ferreira. Foi com o irmão que ganhou o concurso para o Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular a construir em Lisboa em 1909.

Integrou a Fundação dos Amigos do Mosteiro da Serra do Pilar e foi autor dos primeiros trabalhos de restauro deste edifício.

Francisco de Oliveira Ferreira esteve atento às correntes arquitectónicas do século XX, como a Arte Nova. Aí inspirou-se para a produção de projectos inovadores e marcantes no norte do país, nomeadamente a "Clínica Sanatorial Heliantia" (1926-1930) em Vila Nova de Gaia. Foi o arquiteto do Jazigo da família de Delfim Ferreira.

Francisco Ferreira foi um excelente desenhador e demonstrou sempre um grande interesse pela Arte e pela Arqueologia, chegando a fazer uma reconstituição da muralha gótica da cidade do Porto.



Anexo 9

Eventos Participados

16/01/2014

Debate sobre “Agricultura vs. Conservação da Natureza, uma sinergia viável?”, inserido no programa “Conversas sobre o ambiente”, na Fundação de Serralves.

26/01/2014

Café com Ciência com Rubim Almeida: “Botânica Aplicada – couves para todos”.

05/02/2014

Formação de Utilizadores na Biblioteca Municipal do Porto, em S. Lázaro.

10/02/2014

Quarta sessão do ciclo “Fernando Távora: História de vida(s)”, com o tema “Escola, ensino, educação”. Esta acção esteve integrada na programação da *Figura Eminente U. Porto 2013: Fernando Távora*, iniciativa conjunta da Universidade do Porto, Fundação Instituto Marques da Silva e Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e decorreu no Palacete Lopes Martins, sede da Fundação Instituto Marques da Silva.

11/02/2014

Workshop de SketchUp I, com o arquiteto Cláudio Folha, no âmbito da I Semana de Arquitetura Paisagista da UP, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

12/02/2014

Workshop de SketchUp II, com o arquiteto Cláudio Folha, e no Workshop de Rega, com a arquiteta Ana Lindeza, no âmbito da I Semana de Arquitetura Paisagista da UP, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

14/02/2014

Participação na Conferencia “Do Projeto à obra: as realidades dos espaços verdes contemporâneos”, realizada na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, numa parceria entre a Associação Portuguesa de Espaços Verdes e a PLANEAR.

31/03/20114

Participação no concurso Vibeiras de Jovens Arquitetos Paisagistas, categoria Estudante.

03/05/2014 e 04/05/2014

Colaboração em regime de Voluntariado no Projeto BIOBLITZ SERRALVES 2014.

22/05/2014 a 24/05/2014

Participação no Congresso Internacional sobre Património Industrial "Património, Museus e Turismo Industrial: uma oportunidade para o século XXI", na Universidade Católica Portuguesa, no Porto.

31/05/2014

Participação no workshop de "Introdução ao Coaching", com Sandra Ribeiro, na casa da Juventude de São Mamede Infesta.

12/06/2014

Assistência do filme "Revolução Industrial" de Frederico Lobo e Tiago Hespanha, no cinema Passos Manuel, sobre a revolução industrial no Vale do Ave.